

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

**"Da mãe e amiga Amélia": cartas de uma baronesa para sua
filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX)**

Débora Clasen de Paula

São Leopoldo

2008.



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Débora Clasen de Paula

**“Da mãe e amiga Amélia”: cartas de uma baronesa para
sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em História na área de concentração em Estudos Históricos Latino-Americanos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina

Deckmann Fleck

São Leopoldo, fevereiro de 2008.

Débora Clasen de Paula

“Da mãe e amiga Amélia”: cartas de uma baronesa para sua filha (Rio de Janeiro
– Pelotas na virada do século XX)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em História, na área de concentração em Estudos Históricos Latino-Americanos.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt / Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos / Universidade do Vale do Rio dos
Sinos

Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina Deckmann Fleck / Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Ficha Catalográfica

P324m Paula, Débora Clasen de

Da mãe e amiga Amélia: cartas de uma Baronesa para sua
filha

(Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX) / Débora
Clasen

de Paula – 2008.

264p.

Dissertação(mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos

Sinos

(Unisinos/RS).

“Orientação: Prof.^a Dr.^a Eliane Cristina Deckmann Fleck

1.História de Pelotas 2. Baronesa dos Três Serros 3.

Bibliotecária: Viviane Vahl Bohrer CRB10/1648

Para Irene, Juarez, Eliana, Sablina e Eduardo.

Porto Alegre, verão de 2008.

Querido leitor,

Escrevo-te estas poucas linhas apenas para contar o que me aconteceu num certo domingo do ano passado. Era um dia ensolarado e eu, encerrada no apartamento, às voltas com meu tema de pesquisa. Me debruçava, na ocasião, sobre o livro "A Arte da conversação", que traz em sua capa a pintura intitulada "Moça lendo carta", de Jean Vermeer. Após uma térmica de chimarrão, decidi dar uma rápida caminhada para retomar o pique de leitura. Pensei em aproveitar o tempo para visitar um lugar que há muito planejava conhecer: a Capela Positivista, que fica a poucas quadras de minha casa. Ao chegar à capela, constatei que muitas pessoas lá estavam e não quis entrar, deixando a visita para uma outra ocasião. Não é que, como já escrevia a Baronesa Amélia, isto me pareceu "*providencial*"?!

A fim de não perder a caminhada, pensei em dar uma passadinha num lugar imperdível, o Brique da Redenção. Olha daqui, olha dali aquela infinidade de objetos e quinquilharias, e o que eu encontro? A reprodução da pintura de Vermeer. Aquela que ilustrava a capa do livro que eu havia fechado antes de sair de casa! Podes até me dizer que foi mera coincidência, porém, como estou a perscrutar as cartas de uma mulher espírita... tudo é possível! Obviamente, comprei o quadro, que era até bem bonito e custava a mísera quantia de dez reais! E, para dizer como Amélia: "*Que tal da gaita?*"

Minha intenção ao te escrever, querido leitor, foi a de compartilhar contigo a inspiradora e forte [e, às vezes, inexplicável] presença de Amélia em minha vida nestes últimos meses. É a confluência [nem sempre tão explícita] entre a vida de Amélia e a minha que irás ler a partir de agora. E, utilizando, mais uma das tantas expressões que usava em suas cartas, me despeço: "*Por hoje, não posso ir além, por isso faço ponto.*"

Com carinho,

Débora

AGRADECIMENTOS

As cartas escritas por Amélia me proporcionaram momentos encantadores que não me permitiram guardá-las só para mim. Todos que estavam ao meu redor tomaram conhecimento de, pelo menos, um pouquinho da vida da baronesa, e me ouviram repetir suas frases e ditados. Estes dois anos de intensas mudanças em minha vida foram fundamentais para que eu pudesse pensar sobre quem era a Amélia que escrevia, e assim tentar responder algumas perguntas que me fazia. Logo, a dissertação também foi escrita por vocês.

Dalila Müller e Dalila Hallal, vocês lembram, não é? Escrever um pouco de minha história com vocês nesta nova cidade e novo lar foi um prazer! Obrigada pela companhia, carinho e discussões de temas de trabalho ao longo deste tempo em que consolidamos nossa amizade.

À singular equipe do Museu da Baronesa, com a qual pude compartilhar inesquecíveis experiências e amizades. Foi neste Museu que conheci Amélia e assim, parti para sua escrita, sob a provocação do professor e amigo Benito Schmidt. Vim a Porto Alegre para encontrá-lo e discutir o projeto. Lembras disto Benito? Saí "carregada" de livros e idéias. Obrigada pela atenção e pelo carinho de sempre.

Ao retornar para Pelotas, encontrei a professora e amiga Lorena Gill, de braços abertos e disposta a me auxiliar nas revisões e nos últimos retoques. Obrigada por tua acolhida e amizade sincera.

Nestes dois anos de mestrado tive a oportunidade de conhecer a professora e, posteriormente, minha orientadora e amiga Eliane Fleck, alguém que todos deveriam conhecer e por quem tenho dificuldade de expressar o que sinto. Meu afeto por ti jamais caberá em palavras, assim como não cabia o de "nossa Amélia". Mas, para que todos que lerem este trabalho tenham uma vaga idéia: Obrigada pela tua incansável dedicação, por eu ter me sentido "abraçada" durante esses dois anos, pelo olhar atento e criterioso a cada ponto. Já estou com saudade de nossas longas cartas, quero dizer, e-mails. Espero que eles continuem, tal como as Cartas de Amélia no seu ritmo descontínuo e cíclico.

Tenho algumas pessoas a quem devo agradecer pela amizade e auxílio não apenas na dissertação, mas na mudança para Porto Alegre. Meu querido amigo Mauro Tavares: nossa amizade só pode vir de uma "afinidade espiritual"! Obrigada pelas longas horas de discussão e pela leitura dos capítulos quando a tranqüilidade me escapava. Agradeço a ti e ao Antônio Pedro pelo carinho e acolhida assim que cheguei a Porto Alegre. Da mesma forma agradeço ao meu amigo Artur e seus pais pela amizade e acolhida durante o processo de seleção. Muito obrigada por tudo!

Aos colegas de mestrado, querida Lílian Carlos, Ramon Tissot, Fabrício Gomes e Jovani Scherer, pela amizade e discussões sobre os temas de trabalho. Lílian e Ramon, os dois meses de intensa convivência em Tandil foram muito bons!

Querida Andrea Reguera, obrigada pela amizade, pelas longas horas de discussão e pelo carinho, és "increíble"! Estendo meu abraço também a Mónica Blanco, Valeria D'Agostino, Luciano Barandiaran, Valeria Palavecino, Blanca Zeberio e Juan Padrón que tornaram memorável a minha estada em Tandil.

Cristiano Gastal, sem palavras para expressar minha gratidão e meu afeto. Obrigada por se fazer presente, pela paciência, pelas palavras de carinho, sem contar o enorme auxílio na pesquisa e correção.

Caiuá Al-Alam, grande amigo! Te agradeço por estares sempre tão perto da casa e do coração. Pela empolgação, inquietação e, até mesmo, pelo silêncio! Agora é a minha vez de te colocar nestas páginas, tu és incrível!

A vocês, meus queridos amigos de longa data e que estão sempre por perto, Aristeu Lopes, Aline Lima, Graziela Clasen, Beatriz Crizel, Cláudia Tomaschewski, Andréa Cristine, Ricardo Rutz, Viviane de Paula e Viviani Tavares, Daiane Fonseca, Mariluci Vargas, Fernanda Oliveira, Angela Pomati Carla Gabriela Bontempo e Patrícia Garcia. A amizade de vocês é simplesmente preciosa!

Agradeço à querida Beatriz Loner, que me oportunizou os primeiros passos na pesquisa durante a graduação e que junto com Paulo Koschier fazem do Núcleo uma casa de amigos, que me recebe sempre de braços abertos. Também estendo os agradecimentos aos professores Adhemar Lourenço e Paulo Pezat, pelas eventuais conversas sobre meu tema de trabalho.

À Annelise Montone, pelo carinho e por me permitir o livre acesso ao Acervo do Museu da Baronesa. Junto com D. Zilda e Jesus, meu muito obrigada!

À D. Sônia, Cássia e Nádia, pela amizade, atenção e maravilhoso trabalho que fazem na Biblioteca Publica Pelotense.

À Viviane Bohrer, pela amizade e colaboração no trabalho. À querida Núbia Barreto e ao Marcelo Gill, pelas discussões sobre o Espiritismo.

Ao PPG de História da Unisinos, pela acolhida do tema de pesquisa e também pelas ótimas discussões que me proporcionaram as professoras Ana Silvia Scott, Marluza Harres, Eliane Fleck e Maria Cristina Martins.

À Jana, pelo carinho de sempre.

Deixo aqui, ainda, o meu agradecimento ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil, que me concedeu bolsa e tornou possível cursar o Mestrado em História.

E à minha família, vó Irene, pai, mãe e Bibi. Obrigada por todo amor que vocês me dedicam, de longe e de perto! Vocês são meu porto seguro, permitindo que eu alce vôos mais altos... Sem o amor de vocês eu nada seria!

“A vida vem em pedaços. Podia ser fragmento, mas a palavra mais abrangente e crua é pedaço. Fragmentos reservam mistérios, mais acadêmicos que mágicos. Não diz quase nada do que a vida vem sendo ou é. A incapacidade de contemplar o todo ou o absoluto faz parte ativa e radical da construção da história”.

Antonio Paulo Rezende

RESUMO

Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel – a Baronesa de Três Serros – escreveu um total de cento e cinquenta e uma cartas, no período compreendido entre 1885 e 1918. A maioria delas foi remetida por Amélia após sua viuvez e transferência para o Rio de Janeiro e teve como destinatária a filha mais velha Amélia Aníbal Hartley Maciel, mais conhecida como Sinhá, que permaneceu em Pelotas (RS), morando no solar da família. A análise que empreendemos dessa “escrita de si” – e que apresentamos nesta Dissertação – fornece valiosas informações sobre como Amélia mantinha e estreitava seus vínculos familiares, sobre como administrava seu patrimônio e o orçamento doméstico, sobre seus sentimentos diante da doença, da morte e da velhice, sobre seus posicionamentos políticos, sobre suas leituras e vivência social, bem como sobre suas crenças e espiritualidade. As linhas escritas por Amélia, no entanto, mais do que reconstituir a trajetória de sua vida, revelam as nuances do modo de vida e do pensamento de um segmento social privilegiado do início do século XX, enfocando o âmbito do privado, do íntimo e do pessoal, pouco explorado pela historiografia. É, nesta perspectiva, que acreditamos que o trabalho de investigação que realizamos contribui – de forma inovadora – para a reconstituição da história da família Antunes Maciel e do Museu Municipal Parque da Baronesa, reconhecido local de memória da cidade de Pelotas (RS).

Palavras-chave: Baronesa de Três Serros, escrita de si, história das mulheres, cartas, Pelotas.

ABSTRACT

Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel – Baroness of Três Serros – wrote 151 letters between 1885 and 1918. Most of them were sent by Amélia after becoming a widow and being moved to Rio de Janeiro, to her oldest daughter Amélia Aníbal Hartley Maciel, known as Sinhá, who remained in Pelotas (RS) in her family's manor.

Our analysis of these “writings of herself” – which are shown in this work – provides valuable information about how Amélia kept her family links and made them closer, about how she ran her properties and her household budget, about her feelings towards her illness, death and old age, her politic positions, her readings and social life, as well as her beliefs and spirituality.

However, more than reconstructing her life, these writings show us the shades of the way-of-life of privileged people in the beginning of the 20th Century focusing on the private and personal aspect, which is of little interest in historiography. In this perspective, we believe that our investigations contributes in a innovative way for the reconstruction of the history of family Antunes Maciel and Baroness Park City Museum, well known in the City of Pelotas (RS).

Key-words: Baroness of Três Serros, writings of herself, history of the women, letters, Pelotas.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
CAPÍTULO 1 – Uma escrevente entre Pelotas e a capital da República	29
1.1 “Quando te escrevo, me parece estar conversando contigo e, por isso, não tenho vontade de parar!”	30
1.2 “Não pertencerá essa senhora, á família Maciel, de Pelotas?”	47
1.3 “Manda-me uma nóta dos dias de annos das pessôas da familia ahi.”	64
1.4. “Lembra-te que tua mãe já está bem velha, e doente, e que cuidando da tua saúde, cuidas a d’ella.”	77
CAPÍTULO 2 – O Arame no bico da pena	107
2.1 “Não podes calcular o quanto fiquei satisfeita com esse negocio”	107
2.2 “Não podes calcular, minha querida filha, a lucta que tenho tido, a procura de casa!”	124
2.3 “Tem que ir tudo mt.º tentiadinho.”	159
CAPÍTULO 3 - Uma leitora e sua crença espírita	180
3.1 “Já comecei a lêr”	180
3.2 “Satyat nasli paro dharmah (Não ha religião mais elevada que a verdade)”	198
3.3 “Eu felizmente, abraçada às minhas crenças, não me assusto”	212
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	234
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	240
FONTES PRIMÁRIAS.....	249
ANEXOS.....	256

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história que passo a narrar tem como um de seus palcos uma casa erguida na segunda metade do século XIX. Construída nas proximidades do centro urbano de Pelotas, o “velho casarão” – hoje Museu Municipal Parque da Baronesa – foi tombado e considerado local de memória da cidade¹. Frequentado por milhares de pessoas, o museu revive, ainda hoje, para cada visitante, os hábitos e costumes da elite pelotense do final do XIX. Servindo como cartão postal, figura como único museu histórico e público da cidade de Pelotas.

Inicialmente, como uma visitante, e, posteriormente, como bolsista vinculada a um projeto que ligava o curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Pelotas à Secretaria Municipal de Cultura, passei a – durante dois anos – contar aos visitantes do Museu um pouco sobre a história da cidade e sobre os antigos moradores da casa. O grupo de trabalho que se formou, e do qual tomei parte, se propunha a inovar e a aplicar pressupostos da *Nova Museologia*, transformando o museu num espaço de reflexão social². Inicialmente, havia a intenção de trabalhar apenas com as crianças da terceira série da rede pública de

¹ A propriedade serviu de residência para três gerações da família Antunes Maciel sendo habitado desde 1864 até o final da década de 1960. A entrega da propriedade à Prefeitura Municipal de Pelotas no início de 1980 resultou de um acordo estabelecido entre o poder público e a família, que previa a transformação do solar em museu. Inaugurado em 25 de abril de 1982, o prédio foi tombado como Patrimônio Histórico em 4 de julho de 1985. A reprodução das fotografias encontram-se no anexo 1.

² Este aspecto não foi levado em consideração na análise feita recentemente por Noris Leal que priorizou apenas um olhar sobre a instituição. LEAL, Noris. *Museu da Baronesa: acordos e conflitos na construção da narrativa de um Museu Municipal – 1982 a 2004*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. (Dissertação de Mestrado em História).

ensino, mas ao final, já havíamos abraçado uma série de novos projetos, como os que previam visitas guiadas para a terceira idade, dias de entrada livre e abertura do museu à noite para receber as escolas noturnas. Para tornar possível todas estas atividades que pretendíamos implementar, optamos por definir e por representar alguns personagens que circulariam pelo Museu. Seriam eles, um barão, uma baronesa, uma ama-de-leite e um escravo, que contariam a história de Pelotas, a partir de sua perspectiva. E este foi o início da minha ligação com a Baronesa Amélia.

Ainda que o casarão de mais de 140 anos tenha sofrido profundas modificações impostas não só pela família que lá morou, mas também pelo poder público, que o administra desde a década de 1980, seus ambientes, móveis, fotos e objetos continuam nos remetendo a outros tempos.

Perambular por uma casa-museu permitiu que todos nós que trabalhávamos lá, tivéssemos uma vivência única, algo realmente muito particular. Preparar a casa para receber dezenas de pessoas e para contar um pouco da “história” de uma família abastada, nos levou não só a um exercício prático de pesquisa histórica, mas também a uma reflexão mais profunda sobre seu significado para a cidade de Pelotas. A pesquisa sobre a vida dos proprietários da casa previa, sobretudo, suprir as lacunas que surgiam na montagem das exposições, especialmente, em relação às outras pessoas que circulavam por aquele espaço, como o copeiro Fortunato, a costureira D. Eulália, as amas-de-leite Anastácia, Bibiana, Castorina e Jozefa, além de outros criados que lá viveram.

Era quando fechávamos as janelas e íamos apagando as luzes daquela casa com mais de vinte cômodos, passada toda a agitação das visitas mediadas, que eu me sentia mais intrusa. Paredes, peças, móveis e objetos selecionados e/ou deixados pelas gerações da família Antunes Maciel nos ofereciam indagações constantes sobre os sujeitos que entre elas viveram e os usaram. Entre as “marcas do passado” estão as cento e cinqüenta e uma cartas escritas por Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel, a Baronesa de Três Serros. É sobre estas cartas amareladas pelo tempo, com marcas de dobras, de ferrugem – devido ao uso de cliques metálicos –, e, por vezes, também corroídas pela tinta, que me debruço nesta dissertação³.

Amélia as escrevia numa letra desenhada, na maioria das vezes, caprichada, e a bico de pena com tinta preta, parecendo querer aproveitar todos os espaços do papel que usava para contar novidades e cobrar notícias.

O primeiro contato com as cartas escritas por Amélia se deu com a organização da vasta e dispersa documentação existente no Museu. Foi necessário, diante da diversificação dos documentos, separá-los primeiramente em dois fundos: o *institucional*, relativo às administrações do Museu desde a sua criação, e o *histórico*, que reunia um número de documentos provenientes não somente da família Antunes Maciel – a quem pertencia a casa – como também de outras famílias pelotenses. Entre os documentos arquivados estão fotos, livros de literatura, partituras musicais, cadernos de despesas, anotações, bilhetes e cartas das três gerações da família que moraram na casa. As mais antigas foram escritas pela

³ Nos anexos 2 e 3, encontra-se um exemplar das cartas.

Baronesa de Três Serros, quando esta já viúva, se transferiu para o Rio de Janeiro. Dentre elas, se destacam as cartas enviadas à filha, escritas entre os anos de 1899 e 1918.

Após a transcrição das “Cartas de Amélia” por funcionários e bolsistas do Museu, foi efetuado o processo de limpeza, organização e armazenamento das mesmas, a fim de serem conservadas. Esclareço que para a realização da pesquisa que resultou nesta dissertação, providenciei o *escaneamento* da totalidade das cartas, evitando assim o manuseio e o conseqüente desgaste dos originais.

Amélia cultivava o hábito de escrever cartas, dedicando-se a ele de maneira bastante regular. Elas foram, em sua maioria, remetidas à filha mais velha, Sinhá, que morava em Pelotas, na casa que anteriormente lhe pertencera. Isso nos leva a crer que as cartas nunca deixaram a casa, o que garantiu que fossem preservadas, por não terem se dispersado⁴. O fato de a casa ter se mantido como propriedade da família durante três gerações, antes de ser entregue ao poder público municipal – com a finalidade de se transformar em Museu –, também deve ser levado em conta: *“Le matériau donné à l'historien enregistre la succession des gestes qui, de génération en génération, ont constitué une partie de toutes les lettres écrites et reçues en témoins de l'identité familiale.”*⁵

⁴ Como lembram Dauphin e Pouban, a ocupação de vastas residências facilitou o processo de arquivamento de documentos familiares. DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de Escrever, Maneiras de Viver: Cartas Familiares no Século XIX. In: *Destinos das Letras: História, Educação e Escrita Epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 75-87.

⁵ “O material dado ao historiador grava a sucessão de gestos, que de geração em geração, constituíram uma parte de todas as cartas escritas e recebidas em testemunho da identidade familiar. CHARTIER, Roger. Préface. DAUPHIN, Cécile; LEBRUN-PÉZERAT, Pierrette e POUBLAN, Danièle. *Ces bonnes lettres: une correspondance familiale au XIX^e siècle*. Tradução livre de Jair F. Dupont. Paris: Albin Michel, 1995. p. 13.

Pode-se dizer que Sinhá, filha e destinatária das cartas de Amélia, acabou assumindo o papel de “*porte-parole*” ou “*archivité de la mémoire familiale*”⁶, já que o Museu possui também cartas enviadas por seus filhos, quando estes se encontravam no Rio de Janeiro ou em viagem pela Europa. Entretanto, consegui resgatar apenas uma das inúmeras cartas enviadas por Sinhá à Amélia e uma parte – porém expressiva – da totalidade das cartas enviadas por esta à filha. Roger Chartier, ao escrever sobre a preservação das cartas ressalta,

*qu'une correspondance familiale est toujours le résultat d'une construction, donc de tris, de destructions, d'archivages [...] Le hasard peut avoir son rôle dans les disparitions et les conservations mais il ne faut pas l'exagérer. Toutes les lettres, en effet, n'ont pas une égale chance de survie.*⁷

Para Cécile Dauphin e Danièle Poublan, a classificação e a conservação de determinadas cartas pode estar relacionada à intenção de mostrá-las aos herdeiros, reforçando sentimentos e valores a serem compartilhados pela família⁸. Assim, creio que se deva atentar para as intenções e para as decisões que levaram à constituição e à preservação do acervo familiar como uma coleção, já que um

⁶ CHARTIER, Roger. Préface. DAUPHIN, Cécile; LEBRUN-PÉZERAT, Pierrette e POUBLAN, Danièle. *Ces bonnes lettres...*p. 13.

⁷ “que uma correspondência familiar é sempre o resultado de uma construção, logo de seleções, de destruições e de arquivamentos [...]. O acaso pode ter seu papel nos desaparecimentos e nas conservações, mas não se pode exagerá-lo. Todas as cartas, em efeito, não têm a mesma chance de sobrevivência.” CHARTIER, Roger. Préface. DAUPHIN, Cécile; LEBRUN-PÉZERAT, Pierrette e POUBLAN, Danièle. *Ces bonnes lettres...* op. cit., p. 11-15.

⁸ DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. *Maneiras de Escrever, Maneiras de Viver: Cartas Familiares no Século XIX...* op. cit., p.87.

conjunto das cartas investe-se de um significado diferente daquele que se pode atribuir quando as consideramos uma a uma⁹.

E, cada vez mais, me sentia uma intrusa que, dentro do “velho casarão”, espreitava as cartas de Amélia por sobre os ombros de sua filha Sinhá. Devo esclarecer que do universo epistolar de cento e cinquenta e uma cartas: duas foram endereçadas a uma prima, duas foram remetidas ao genro Lourival e as demais tiveram como destinatária a filha Amélia Aníbal Hartley Maciel, a Sinhá¹⁰.

Enquanto fazia a leitura das muitas cartas de Amélia, especialmente, das menções que fazia ao recebimento das cartas da filha [“Escusado é dizer-te com que ansiedade as li, pois estava á muito sem noticias de vocês”]¹¹, percebi que elas me remetiam ao quadro “*Moça lendo carta*”, pintado por Jean Vermeer, que de forma tão sensível, registra o instante em que uma carta é recebida.

Neste quadro, Vermeer consegue expressar toda essa ansiedade da personagem, que fica evidente na forma como a cesta de frutas aparece jogada, enquanto a moça se concentra unicamente na leitura da carta recebida. O ambiente escuro – e preservado da rua pelas grossas cortinas – nos remete a sua leitura privada, solitária, íntima¹², auxiliada pela luminosidade proveniente de uma das janelas.

⁹ “*Si les lettres prises séparément peuvent être rapportées au seul moment de leur rédaction et de leur envoi, leur rassemblement dans une même archive exige un autre déchiffrement, attentif aux significations dont est investi le geste de la collection.*” CHARTIER, Roger. Préface. DAUPHIN, Cécile; LEBRUN-PÉZERAT, Pierrette e POUBLAN, Danièle. *Ces bonnes lettres...* op. cit., p. 13

¹⁰ No anexo 4 encontra-se a reprodução das fotografias de Amélia, Sinhá, Lourival e do Barão de Três Serros.

¹¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903. Grifo nosso.

¹² O pintor holandês Jean Vermeer dedicava-se à pintura de interiores domésticos, primando pela luz em suas telas. Segundo Luciene de Oliveira “há ‘uma poesia de sua visão’ e a presença de um ‘esplendor da luz’ no que ele capta.” OLIVEIRA, Luciene Guimarães de. *A bela e a fera, de Jean Cocteau*: cinema e artes plásticas.

Se a cada nova linha de uma carta que se lê, tem-se a sensação de que muito do que nos diz Amélia nos escapa, o mesmo não se pode dizer do envolvimento afetivo com aquela que as escreveu. Trata-se de uma leitura agradável, permeada da expressão de sentimentos da Baronesa em relação aos eventos e às pessoas de suas relações. De acordo com Ângela de Castro Gomes, trabalhar com cartas é, ao mesmo tempo, tarefa fácil e agradável, mas também difícil e complexa¹³, necessitando de um adequado e cuidadoso tratamento teórico-metodológico, a fim de que se enfrente a questão da dimensão subjetiva deste tipo de documento. A historiadora também nos alerta para os efeitos do “feitiço da fonte” que podem nos conduzir a assumir a ótica de quem escreve e a pensar ter descoberto o mais íntimo, a “verdade” sobre ele¹⁴. Assim a categoria,

verdade passa a incorporar um vínculo direto com a subjetividade/ produtividade desse indivíduo, exprimindo-se na categoria sinceridade e ganhando, ela mesma, uma dimensão fragmentada e impossível de sofrer controles absolutos.¹⁵

Já Roger Chartier nos chama a atenção para o fato de que as interpretações “remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais,

Disponível em <<http://www.revista.art.br/site-numero-04/trabalhos/09.htm>> Consultado em 28 de agosto de 2007.

¹³ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, A. de C. (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 21.

¹⁴ GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados. *Estudos Históricos*. Vol. 11, nº 21. Rio de Janeiro, 1998.

¹⁵ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História... op. cit., p. 14

institucionais, culturais)” se encontram “inscritas nas práticas específicas que as produzem”¹⁶.

Em meu propósito de reconstituir parte da vida de Amélia, tendo por base a sua “escrita de si”, pude constatar que suas cartas perseguiram uma demanda por estabilidade e por equilíbrio ao longo do tempo. Mas, como bem lembrado por Gomes, justamente por não contemplarem o “eu” harmônico nem contínuo é que as “produções de si” se tornam tão relevantes para a pesquisa histórica¹⁷.

Em termos metodológicos estive, também, atenta ao que Pierre Bourdieu chamou de “ilusão biográfica”, ou seja, a vida não como uma história ou um todo construído coerente objetiva ou subjetivamente¹⁸.

Nesta análise da “escrita de si” – as “Cartas de Amélia” – é fundamental considerar, ainda, o vínculo sentimental que se estabelece entre remetente e destinatário. Pode-se dizer que havia nelas uma relação de diálogo implícito que pressupunha reciprocidade, na medida em que revelava, em “linguagem simples” e “próxima da oral”, como dito por Gomes, o compartilhar das vivências cotidianas e de sentimentos de quem escreve e de quem lê: “escrevendo, é possível estar junto, próximo ao ‘outro’ através e no objeto carta, que tem marcas que materializam a intimidade e com a mesma força, evidenciam a existência de normas e protocolos compartilhados e consolidados.”¹⁹.

¹⁶ CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.26.

¹⁷ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História... op. cit., p. 13.

¹⁸ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: RERREIRA, Marieta M. e AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

¹⁹ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História... op. cit., p.20.

Uma incursão teórica no campo da história das sensibilidades foi, em razão disso, bastante pertinente e proveitosa, ao possibilitar a reflexão sobre os modos de expressão dos sentimentos e das maneiras de sentir num dado período histórico, isto porque as sensibilidades se constituem nas “formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber [...] por meio das emoções e dos sentidos”²⁰.

Para capturar o mais sensível do indivíduo – sem cair no “feitiço das fontes” – tomei as cartas como documentos importantes para “a tradução externa de tais sensibilidades geradas a partir da interioridade dos indivíduos” e considerei que as emoções e os sentimentos podem sim ser resgatados pelo historiador quando “expressos e materializados em alguma forma de registro”²¹ que permite a leitura e a interpretação do sensível, pois como ressaltou Eliane Fleck:

Talvez, a única forma de medir sensibilidades se dê por uma avaliação de sua capacidade mobilizadora, isto porque demonstram sua presença ou eficácia pela reação que são capazes de provocar, através das nuances e formas de exteriorizar ou de esconder os sentimentos.²²

Penso que se pode identificar esta “capacidade mobilizadora” do sentimento em uma das linhas de Amélia: “As saudades, e os cuidados, fizeram-me passar um telegramma á Lourival, pedindo noticias”²³. E a seguir, a reação que este

²⁰ PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.57.

²¹ Id. *Ibid.*, p.57-58.

²² FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Cartografia da sensibilidade: a arte de viver no campo do outro (Brasil, séculos XVI e XVII). In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder e PARENTE, Temis Gomes. (Orgs.). *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006, p.219.

²³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1899. Grifo nosso. Optamos por manter, em toda dissertação, a grafia original das cartas de Amélia.

PROVOCOU: “dando eu graças ao nosso bom Deus, por estarem todos bons, segundo a resposta do mesmo.”²⁴.

Apesar de esta dissertação não ter pretendido produzir uma biografia de Amélia, não deixamos de considerar a “permanente *tensão* entre o personagem e os constrangimentos/possibilidades de sua época”, uma vez que os indivíduos que vivenciam determinadas experiências em suas vidas num tempo passado têm um futuro incerto e inédito pela frente, a ser vivido, experienciado por caminhos não evidentes, cabendo aos historiadores compreender as “margens de liberdade individual diante dos sistemas normativos”²⁵.

No que refere a historiografia local, diversos são os estudos que vêm sendo produzidos sobre o final do século XIX e início do século XX, destacando-se o trabalho de Beatriz Loner sobre a formação da classe operária²⁶ e o de Marcos dos Anjos que abordou os estrangeiros no processo de modernização da cidade²⁷. Sobre os efeitos destas modernizações e intervenções urbanísticas sofridas pelos populares, temos o trabalho da arquiteta Rosa Moura²⁸. Já a historiadora Lorena Gill analisou as epidemias que assolavam a maioria da população no momento em que Pelotas vivia a crise em seu modelo econômico²⁹. Recentemente, foram escritos

²⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1899. Grifo nosso.

²⁵ SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História Unisinos*. Vol. 08, nº 10, São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 137-139.

²⁶ LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Universitária, 2001.

²⁷ ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed.UFPel, 2000.

²⁸ MOURA, Rosa M. Garcia Rolim de. *Habitação Popular em Pelotas (1888-1950) entre políticas públicas e investimentos privados*. Porto Alegre: PUCRS, Tese de Doutorado, 2006.

²⁹ GILL, Lorena Almeida. *O mal de século: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890-1930*. Pelotas: EDUCAT, 2007.

mais duas dissertações. A primeira delas, de Caiuá Al-Alam³⁰, se refere à primeira metade do século XIX e abordou a pena de morte, a construção da primeira Casa Correccional e a formação da Guarda Municipal Permanente, atentando para a reação dos populares; e a segunda, defendida por Cláudia Tomaschewski³¹, enfocou a assistência prestada aos pelotenses pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Este trabalho aponta, entre suas conclusões, que os dirigentes dessa irmandade, pertencentes à elite da cidade, controlavam o auxílio prestado aos mais pobres, bem como as mudanças na prestação deste auxílio, ao final da década de 1880, momento em que elite local começava a perder poder na política regional. O trabalho detecta a atuação dos Barões de Arroio Grande – que pertenciam à família Antunes Maciel – na Santa Casa, e mantinham estreita relação afetiva com Amélia.

Em relação aos trabalhos realizados sobre as charqueadas pelotenses, temos os da arquiteta Ester Gutierrez³² e, mais recentemente, o de Denise Ognibeni³³, que abordou a formação e a manutenção das propriedades por parte do núcleo charqueador, a partir da família. Em suas investigações, utilizou-se largamente dos inventários e testamentos, constatando a importância dos apadrinhamentos e, principalmente, dos casamentos na manutenção das propriedades.

³⁰ AL-ALAM, Caiuá. *A negra força da princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)*. São Leopoldo: UNISINOS. Dissertação de Mestrado em História, 2007.

³¹ TOMASCHEWSKI, Cláudia. *Caridade e filantropia na distribuição da assistência: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas – RS (1847-1922)*. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação de Mestrado em História, 2007.

³² GUTIERREZ, Ester. J. B. *Barro e sangue: mão de obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)*. Porto Alegre: PUCRS. Tese de Doutorado, 1999. Id. *Negros, charqueadas e olarias. Um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas: ed. UFPel, 2001.

³³ OGNIBENI, Denise. *Charqueadas pelotenses no século XIX: cotidiano, estabilidade e movimento*. Porto Alegre: PUC, Tese de Doutorado, 2005.

Considerando que são relativamente poucos os estudos produzidos sobre a elite pelotense, apesar dos muitos já escritos sobre a atividade charqueadora e sobre o papel político desempenhado por sua elite econômica, a investigação que realizei – ao resgatar e analisar um acervo documental inédito – se integra ao esforço de outros pesquisadores gaúchos e preenche uma lacuna historiográfica, ao focar uma personagem fortemente presente no imaginário pelotense e ao conferir ao Museu da Baronesa um sentido distinto daquele que sempre lhe foi atribuído.

O primeiro trabalho produzido sobre a família Antunes Maciel data de 1984, pouco tempo depois da fundação do Museu, e se propunha a “contar a história dos Barões de Três Serros”³⁴. Caracterizando-se por uma narrativa romanceada³⁵ e pela falta de rigor metodológico³⁶, a monografia dedicava-se a exaltar as virtudes do Barão e de sua família, como se pode constatar nessa passagem:

Mas este homem tão rico, com tantos bens, e com tantos prestígios, não teve tudo isso sem nada fazer. Tudo resultou como fruto de seu trabalho, abençoado por Deus, pois ele antes de tudo foi extremamente caridoso e preocupado com a necessidade de outras pessoas.³⁷

³⁴ GONÇALVES, Ladi Maria da Silva. *Os Barões de Três Serros*. Pelotas: UCPel, 1984. (Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Católica de Pelotas).

³⁵ Faço uso deste termo para expressar que o trabalho se utiliza fortemente de idealização sem explicitar as fontes além de se apresentar entremeado por juízos de valor.

³⁶ A monografia apresenta incorreções em relação a datas e outras informações retiradas de cartas e jornais, além de não realizar qualquer crítica às fontes.

³⁷ GONÇALVES, Ladi Maria da Silva. *Os Barões de Três Serros...* op. cit., p. 17.

Além de justificar os gastos públicos com a restauração do solar e a fundação do museu, a monografia desempenharia um papel fundamental na construção de uma memória local e na glorificação da história dos “grandes homens” pelotenses³⁸.

³⁸ “O Barão, embora tão distante de nós, deixou viva a sua história, provando assim, que os homens bons não passam com o tempo, pois eles estarão sempre presentes, fazendo a nossa história.” GONÇALVES, Ladi Maria da Silva. *Os Barões de Três Serros* op. cit. p., 22-23.

Quanto aos arquivos e fontes que utilizei nesta dissertação, além das cartas³⁹, das fotografias⁴⁰, do livro “Nobiliário Sul-riograndense” (genealogia das famílias

³⁹ Os trabalhos acadêmicos atuais que se utilizam de cartas como fontes e objeto de investigação vêm crescendo pelo menos desde a última década não somente no âmbito da História, mas também nas áreas da Educação e das Letras. Vejam-se: MIGNOT, Ana C; BASTOS, Maria H; CUNHA, Maria T (Orgs.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella. *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chystina Venâncio. (Orgs.). *Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. No âmbito da história destacamos a importante contribuição do Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas e o Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas. O CPDOC em alusão a comemoração de seus 25 anos de existência publicou em 1998 na Revista Estudos Históricos, número 21, o dossiê intitulado “Arquivos Pessoais”. Os textos podem ser acessados no site: <http://www.cpdoc.fgv.br>. A partir, aproximadamente deste período, ocorreu um enorme crescimento nas publicações de caráter biográfico e autobiográfico que priorizam a utilização desta fonte e/ou objeto de pesquisa. Destacamos, como foi referido anteriormente, a contribuição de Ângela de Castro Gomes ao organizar a coletânea “Escrita de si, escrita da história” que reuniu uma série de diversificados artigos sobre intelectuais, gênero e política resultante de parte de trabalhos concluídos ou em andamento. GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Deste mesmo ano temos o livro organizado por Renato Lemos intitulado “Bem traçadas linhas: a história do Brasil em cartas pessoais” em que o organizador propõe, de forma inédita, após expor um breve contexto, deixar à mercê dos remetentes - famosos e anônimos - a tarefa de contar a história do Brasil. LEMOS, Renato (Org.). *Bem traçadas linhas: a história do Brasil em cartas pessoais*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004. Tendo como principal fonte as cartas apontamos também o trabalho de Roderick Barman que estruturou seu estudo a partir da classificação das cartas de acordo com os ciclos de vida da Princesa Isabel. BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: Unesp, 2005. No artigo escrito para obtenção do título de especialista em História do Brasil pela Universidade Federal de Pelotas discuti de maneira mais aprofundada o uso das cartas como fonte e objeto de pesquisa. PAULA, Débora Clasen de. *O desejo de ritmar o escoamento do tempo: as correspondências como fonte e objeto da história*. Pelotas: UFPel, 2007. São inúmeros e, cada vez mais diversos, os estudos sobre as correspondências que ganham espaço em simpósios e congressos nacionais como, por exemplo, o III Simpósio Nacional de História Cultural realizado em Florianópolis de 18 a 22 setembro de 2006 com o mini-simpósio: “A epistolografia em foco: os usos das correspondências pelos trabalhos acadêmicos”. Além disso, são diversos os trabalhos que, a partir desta fonte compõem - como não poderia deixar de ser - os simpósios temáticos sobre memórias, narrativas (auto) biográficas e invenções de si presentes de maneira marcante nos Simpósios Nacionais de História. O que não encontramos com tanta facilidade ao passar os olhos pelos cadernos de resumos dos encontros gaúchos de história.

⁴⁰ A significativa e diversificada quantidade de fotografias existentes no acervo do Museu da Baronesa passaram, durante o período no qual trabalhamos como bolsistas, por processo de limpeza e classificação sendo armazenadas em pastas com identificação. As fotografias, pertencentes ao fundo criado para a família Antunes Maciel, em sua maioria, encontram-se em bom estado de conservação e identificação sendo atualmente

abastadas do Rio Grande do Sul) e das “Contas da Casa” (despesas) que se encontram no arquivo do Museu da Baronesa de Pelotas, nos valem de outros documentos para cotejo. Foram eles, os jornais diários: *Diário de Pelotas*, de 1887; *Correio Mercantil*, de 1889; *Diário Popular*, de 1916; *A Opinião Pública*, exemplares referentes aos anos entre 1903 e 1926; (Biblioteca Pública Pelotense)⁴¹, o livro “Uma linhagem Sul Rio-grandense: os Antunes Maciel” (Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas); Inventários e Testamentos de membros da família Antunes Maciel (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul), Registros de Batismo e Casamento (Mitra Diocesana de Pelotas) e Revista *La Verdad*, exemplares referentes aos anos de 1905 a 1909 (Biblioteca Nacional da Argentina).

A dissertação encontra-se estruturada em três capítulos que se configuraram a partir da proposição de – a partir de temas recorrentes nas “Cartas de Amélia” –, apresentar algumas das faces mais representativas dessa personagem, quais sejam: a da escrevente, que reafirma laços familiares; a da administradora, empenhada em bem gerir seu patrimônio e orçamento doméstico e, ainda, a da leitora de livros, revistas, jornais e curiosa em relação ao Espiritismo.

No primeiro capítulo, intitulado “Uma escrevente entre Pelotas e a capital da República”, me concentro na descrição da escritura das cartas, no lugar social

digitalizadas e aguardam catalogação eletrônica. No que tange à divisão interna do fundo, a maioria das fotos está relacionada a segunda e terceira geração da família que habitou a casa, ou seja, a Sinhá e seus filhos, sendo escassas as referentes à geração anterior.

⁴¹ A pesquisa na Biblioteca Pública Pelotense sofreu limitações decorrentes do fechamento do prédio para restauração assim como, também não foi possível a consulta de vários exemplares referentes à década de 1880, indisponíveis para a pesquisa devido ao seu estado de degradação.

prestigioso que ela e a família ocupavam, bem como na reafirmação dos laços familiares através da circulação de cartas.

Já no segundo capítulo, que chamei de “O arame no bico da pena”, o enfoque será o tratamento dado por ela aos negócios familiares, sua obstinada busca de uma casa para alugar no Rio de Janeiro, durante o ano de 1909, e a dedicação com que administrava o orçamento doméstico.

E por fim, o terceiro capítulo, que denominei “Uma leitora e sua crença espírita” tratará das leituras realizadas por ela e pela família, a assinatura da revista argentina *La Verdad* e sua crença no Espiritismo.

Os temas que surgem das páginas das cartas de Amélia, de maneira alguma, se esgotam nesta pesquisa de pouco mais de dois anos, assim como também ela não se reduz às faces que explorei e que se traduziram concretamente nos capítulos que acima descrevi. Haverá, sempre, como em suas cartas, um *espaçozinho* em branco à espera de alguma consideração esquecida. Algo que o leitor poderá descobrir e acrescentar às suas linhas.

CAPÍTULO 1 – Uma escrevente entre Pelotas e a capital da República

1.1 “Quando te escrevo, me parece estar conversando contigo e, por isso, não tenho vontade de parar!”⁴²

Era outono de 1899 quando Amélia, reunindo as duas últimas cartas enviadas pela filha, se preparava para respondê-las. O início de sua carta, e, posteriormente, as inúmeras outras que se seguiram, revelam que o que temos em mãos é apenas parte de um diálogo maior. “A tua carta de 15, já foi respondida, e é provável, que n’esta dacta, esteja em teu poder ”⁴³.

Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel, Baronesa de Três Serros, encontrava-se em Paquetá naquele mês de abril. Admirando as belezas da cidade como a “A tão decantada pedra da - “Moreninha”⁴⁴, lamentava-se por não poder contar com a presença da filha que se encontrava em Pelotas, “Comêço então a lembrar- me se poderás vir este inverno, ou se só no verão nos reuniremos!”⁴⁵

Esta separação entre mãe e filha propiciava a produção e a troca de cartas, recurso utilizado para estreitar o vínculo familiar prejudicado pela distância e pela ausência⁴⁶. Amélia e Sinhá se escreviam, e muito em determinados períodos. A

⁴² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1909.

⁴³ Carta da Baronesa. Paquetá, 17 de abril de 1899.

⁴⁴ Id. Ibid.

⁴⁵ Id. Ibid.

⁴⁶ “Distância e ausência são, ainda hoje, motores para a efetivação do ato de escrever cartas, de se corresponder.” BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chystina

escrita era interrompida quando havia o encontro das duas, seja porque Amélia viajava a Pelotas para junto da filha no verão, ou esta se deslocava para o Rio de Janeiro durante o inverno.

Pode-se dizer que Amélia era uma “escrevente”⁴⁷, que viveu na segunda metade do século XIX, e que se utilizava das palavras apenas para se comunicar. Suas cartas, em razão disso, se constituem em fonte importante para analisarmos como se dava a comunicação familiar na virada do século.

Amélia relata que o ato de escrever cartas para a filha investia-se de um significado especial: “me parece, que estou conversando contigo”⁴⁸, “Basta de prosa, não?”⁴⁹ Ela deixa evidente – e de forma recorrente nas cartas – seu propósito de “entabular conversa”, o que acaba determinando o “tom” que suas linhas adquiriam, de uma escrita solta que priorizava assuntos que ela considerava importantes. Isto, no entanto, não a impedia de tocar em amenidades que, segundo ela, não deveriam ocupar espaço nas missivas: “Espraiei-me mais n’este assumpto, minha querida filha, para conversar mais tempo contigo.”⁵⁰ Por vezes, a consciência de que narrava detalhadamente os acontecimentos, levavam-na a pedir

Venâncio. Laços de papel. In: *Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

⁴⁷ O termo escrevente é de Roland Barthes e foi criado para diferenciar do termo escritora. A (o) escrevente seria aquela (e) que usa a palavra para se comunicar, testemunhar, explicar sem a preocupação com a língua. Marina Maluf, em *Ruídos da Memória*, se utiliza deste termo para pensar suas personagens. BARTHES, Roland. *Escritores e escreventes*. In: *crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p.31-39. MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Sciciliano, 1995.

⁴⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 10 de julho de 1909.

⁴⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de junho de 1917.

⁵⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1910. Sua carta neste dia continha oito laudas.

à filha: “Não te aborreças, por estar eu a tomar-te o tempo, com essas banalidades, pois o faço, por me parecer, que estamos juntas, conversando.”⁵¹

Isto sugere que Amélia percebia o ato de escrever cartas como uma tarefa prazerosa – que se assemelhava a uma conversa – e que, por isso, alguns assuntos – mais aborrecidos – podiam ou deveriam ser deixados para o momento do encontro entre as duas. Quando considerava que alguns assuntos eram delicados – ou de ordem privada – e que deveriam ser comentados apenas com a filha, Amélia deixava isto muito claro: “e aqui para nós”⁵², “estas cousas, são só para ti”⁵³.

As cartas de Amélia não seguem um padrão rígido, algumas possuem a letra mais trabalhada, o que poderia denotar um maior tempo reservado à sua feitura, outras, porém precisavam ser acabadas ou enviadas rapidamente em função da urgência, da existência de um portador, etc. Há também aquelas em que uma última lembrança e a falta de espaço na carta, fazem com que ela escreva em algum cantinho da folha, ou então na vertical sobre o próprio texto. A separação dos assuntos é feita através de um maior distanciamento entre as frases sem recorrer a uma nova linha, o que desperdiçaria o papel e tornaria volumosa a carta. Sua escrita é bem pontuada, com destaque para o reiterado uso de vírgulas, que pausam constantemente o texto. Sublinhava as palavras para salientar e utilizava-se, com freqüência, de observações finais.

Constata-se que ela procurava não perder as oportunidades de enviar ao menos algumas linhas à filha, como nesta carta em que ela nos revela que “Estou

⁵¹ Carta da Baronesa. Pelotas, 28 de agosto de 1916.

⁵² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1909.

⁵³ Id. Ibid.

escrevendo ás carreiras, porque tenho mt^o. que fazer, e o tempo não chega”⁵⁴, “eu estou de carro na porta p^a ir ao Cemitério.”⁵⁵ Algumas cartas são respondidas tão logo recebidas: “Acabo de receber tua segunda cartinha”⁵⁶, outras recebidas enquanto escreve, “Parei esta, para lêr tua carta de 29 do passado, que n’este momento acabo de receber, e apréso-me a responder.”⁵⁷ mas há, também, cartas curtas, verdadeiros bilhetes e, ainda, outras que são escritas com o objetivo de complementar cartas anteriores: “esta será pois um complemento da outra.”⁵⁸

Através de uma de suas cartas, descobrimos que não costumava fazer cópias das cartas que enviava à família, “para escrever a Vocês, nunca faço copia”.⁵⁹ Da mesma forma, em um de seus vários “P. s.” conta que nem sempre passava a limpo, “Não me animei a passar esta a limpo, portanto adivinha o que não entenderes.”⁶⁰ Uma eventual passagem a limpo poderia melhorar a letra e tornar a carta mais bonita, mas também poderia acarretar alterações no texto. Esta escrita íntima, entre mãe e filha, caracterizada por uma linguagem muito próxima à coloquial permitia, de acordo com a própria Amélia, um maior desleixo, já que ela não suspendia o envio da carta, apesar de entender que esta necessitava ter sido refeita.

⁵⁴ Carta da Baronesa. Pelotas, 09 de setembro de 1916.

⁵⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1899.

⁵⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899.

⁵⁷ Carta da Baronesa. Pelotas, 12 de julho de 1916.

⁵⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.

⁵⁹ Carta da Baronesa. Curitiba, 06 de setembro de 1903.

⁶⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1899.

Entretanto, ela reconhecia que, por vezes, as suas cartas feriam os padrões de organização textual, parecendo-se mais com as cartas que uma de suas criadas enviaria. Mesmo assim, enviava a carta à filha, acrescentando, ao final, uma justificativa enternecedora,

Esta carta está nas condições da Véva [criada], mas tu não deixes ninguém lêr, e adivinhando os garranchos, vai dividindo os assuntos, cuja importancia, revéla somente, o desejo que tem uma mãe auzente, de conversar com uma filha tão querida, como tu.⁶¹

O início de suas cartas tende a respeitar um padrão, começando pela resposta aos assuntos abordados: “Creio ter respondido á todos os tópicos de tua carta.”⁶² Este padrão nos remete a uma leitura implícita das cartas de Sinhá, a partir das cartas de Amélia, podendo nos revelar muito sobre o que Sinhá lhe escrevia e a interpretação dada por Amélia ao tom dessa escrita: “N’ella te mostras aprehensivel pela minha estada aqui; mas não tenhas cuidado”⁶³.

O fato de Amélia não ter entendido algum comentário feito por Sinhá, como, por exemplo, em relação ao livro “Abaixo as armas!”, nos remete à maneira como ela realizava a leitura das cartas. Ela escreve à filha, dizendo que não havia compreendido, “apezar de nunca lêr as tuas cartas, ás préssas, mas ao contrario, as relêr mt.^{as} vezes.”⁶⁴ Esta leitura – feita repetidamente e com vagar – evidencia o tempo gasto por ela investido no “pacto epistolar” e que envolvia o

⁶¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1899. Grifo da Baronesa.

⁶² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1903.

⁶³ Id. Ibid.

⁶⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1918.

recebimento, a leitura, a resposta e o armazenamento das cartas⁶⁵. Algumas vezes, o recebimento e a leitura é por ela comentado: “Causou-me a sua leitura, grande contentamento, por vêr que gozam todos bôa saúde”⁶⁶,

Não imaginas, o alvorôço que houve por aqui, no dia em que chegáram as tuas cartas para a guryrada! Cada qual, queria mostrar a sua primeiro, e tudo fallava ao mesmo tempo. A Wanda então decôrou toda, e dizia de vez em quando: o que eu achei mais graça, foi no elephante! Enfim, foi um contentamento geral!⁶⁷

Após comentar a carta anterior da filha, a Baronesa passa a relatar o que havia feito, fornecendo notícias sobre os outros – familiares e conhecidos-, comentando uma série de temas e, é neste momento, que expressava acreditar que os seus assuntos “vão misturados”⁶⁸. Podemos entender essa impressão de “mistura”, a partir das próprias características das cartas, pois como coloca Gomes, elas podem – a um só tempo – ter múltiplos objetivos: informar, pedir, agradecer, perguntar, consolar, etc⁶⁹. A preocupação com a “mistura” dos assuntos – que é bastante recorrente – pode demonstrar uma dificuldade com a organização dos temas, apontando para uma característica da autora que é a de tentar compartilhar o máximo de assuntos com a filha, além de nos revelar uma constante autocrítica.

⁶⁵ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História... op. cit., p.19.

⁶⁶ Carta da Baronesa. Pelotas, 12 de julho de 1916.

⁶⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de fevereiro de 1918. Amélia se encontrava com os netos, filhos de Isabel. Wanda era a caçula de cinco anos.

⁶⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 15 de junho de 1909.

⁶⁹ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História... op. cit., p.19.

Em um risco passado no final da página, ela informa à filha que “Só agora dei, pelas repetições, mas... deixa passar.”⁷⁰.

Muito raramente Amélia se dispersava em assuntos que considerava pouco importantes. Quando isso ocorria, não deixava de revelar à filha a consciência de que estava se detendo em assuntos insignificantes, não tendo começado algo que julgava de fato mais importante, “Só agora vejo, que estou prolongando este assumpto, sem tratar dos de tua carta: passemos a elles.”⁷¹. O assunto ao qual se refere Amélia – e no qual havia se prolongado –, consta de uma página e meia das quatro páginas da carta que ela escreveu naquele dia e que começaria, como de costume, fazendo alusão à que havia recebido da filha⁷². Neste dia, Amélia comenta que uma carta remetida por Sinhá no dia 14 de Agosto havia chegado à Curitiba no dia 2 de Setembro, o que a levou a comentar em tom irônico: “Já é rapidez!”⁷³. A partir daí, segue contando para a filha sobre a prisão de um funcionário do correio que violava as cartas, apossando-se do conteúdo e vendendo os selos, não deixando de especular que isso tenha acontecido com as cartas que havia se apressado em mandar para as filhas ao chegar à cidade.

Durante a leitura que fizemos de suas cartas, percebemos sua preocupação em responder a todas as cartas recebidas, “Quanto às tuas, de 2 e 5 do actual, assim como as de Talú, e Alzira, recebi-as; e logo respondi: já devem estar de

⁷⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1917. A repetição a que Amélia se refere trata-se da afirmação – feita por duas vezes – de que a Sinhazinha Camargo estava “bem doente”. Ela deve ter percebido a repetição, provavelmente, no dia seguinte, ao retomar a escrita da carta.

⁷¹ Carta da Baronesa. Curitiba, 03 de setembro de 1903.

⁷² Esta preocupação com uma carta muito extensa poderia se dar por dois motivos: o primeiro diz respeito ao cansaço que poderia causar na filha com uma leitura longa, e a segunda está ligada ao envio. De acordo com ela, uma carta muito volumosa podia atizar a curiosidade dos carteiros.

⁷³ Carta da Baronesa. Curitiba, 03 de setembro de 1903. Grifo da Baronesa.

pósse das respostas.”⁷⁴. Pode-se entender esta preocupação a partir de trechos de uma outra carta que Amélia escreve à filha. Nela, comenta ter recebido uma carta da Mercedes – em resposta a uma outra que havia enviado – e pede que a filha lhe dê o seguinte recado: “Diz á ella que não lhe escrevo novamente, para não forçal-a a responder-me, pois avalio o quanto não estará ella atrapalhada, com os aprestes para o casamento.”⁷⁵.

Este recado de Amélia nos revela uma praxe. Nenhuma carta deveria ficar sem resposta, mesmo que, por vezes, a resposta demorasse, “Mais vale tarde, que nunca; dirá com certeza a Prima, e como eu sou da mesma opinião, não quiz apesar de tarde, deixar de cumprir o meu dever.”⁷⁶.

A única carta de Sinhá existente no acervo do museu nos fornece um indício consistente de que Amélia costumava, após ler e responder às cartas que recebia, anotar em cada uma delas que estava “Respondida”⁷⁷. Esta anotação nos exemplifica uma forma particular de organização da correspondência recebida. Talvez por não manter o hábito de fazer cópia de suas cartas respostas, ou mesmo por medo de confiar à memória a tarefa de lembrar-se de ter escrito, ela opte por registrar. Além da carta de Sinhá, uma outra carta remetida pelo filho Aníbal, no ano de 1890, nos oferece a possibilidade de identificar outras “marcas subjetivas” feitas por Amélia. Na última página da carta, junto às despedidas e com marcas de

⁷⁴ Carta da Baronesa. Curitiba, 03 de setembro de 1903.

⁷⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 1º de julho de 1909.

⁷⁶ Carta da Baronesa. Pelotas, 04 de julho de 1885. Grifo nosso.

⁷⁷ Carta de Sinhá. Pelotas, 08 de abril de 1897. Esta anotação feita na vertical na última página da carta possui muitas semelhanças com a letra da Baronesa. Além disso, a neta Zilda, possivelmente, ao entregar a carta ao museu dentro de um envelope tenha nele escrito: “Carta da mamãe à vovó, em 8. 4. 1897. notar, no canto, a anotação feita pela vovó: ‘Respondida’.” MMPB 2138.

dobras, lê-se: "Do meu querido filho." ⁷⁸. Pode-se supor, pelas marcas que o papel apresenta, mais desgastado na parte da anotação feita no canto superior esquerdo, que, ao remexer nas cartas guardadas, Amélia identificasse o remetente antes mesmo de abrir a carta. Entretanto, se Amélia procurava certificar-se de ter respondido as cartas que lhe eram enviadas, Sinhá, por sua vez, era a guardiã das que recebia de sua mãe. Sinhá, raras vezes, deixa suas "marcas" nas cartas recebidas da mãe. Feitas logo abaixo da data ou do vocativo se lê, em tinta azul: "Respondida" ⁷⁹ ou mais frequentemente "R."

Sinhá não guardava somente as cartas enviadas para sua casa em Pelotas, mas também, as remetidas de Pelotas para o Rio de Janeiro, como podemos comprovar através da correspondência de 1916. Desta forma, as dezesseis cartas daquele ano viajaram para o Rio e voltaram nas malas de Sinhá, para o lugar onde haviam sido escritas.

Em relação ao lugar usado por Amélia para responder às cartas, raramente é mencionado, mas pode-se inferir que, na maioria das vezes, escrevia no quarto, fosse ele do hotel em que estava hospedada ou da casa que estava alugando, "Estou te escrevendo do quarto da Zilda, do qual faço o meu refugio. Aqui só eu entro" ⁸⁰. Este lugar tranquilo permitia uma maior concentração para a escrita de alguém que, como ela mesma menciona, escreve à medida que se lembra das coisas, exigindo toda a atenção da filha, "Põe a tua prespicacia á próva, para decifrares estes garanchos, e botar em ordem os assumptos, pois vou escrevendo

⁷⁸ Carta de Aníbal, filho da Baronesa. Porto Alegre, 28 de novembro de 1890.

⁷⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1917. Após a inscrição "Respondida", Sinhá fez uma soma de valores em dinheiro.

⁸⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de junho de 1917. Grifo da Baronesa.

á proporção que vou me lembrando; d'ahi, essa barafunda.”⁸¹, justificativa que aparece também no meio do texto, encerrada em um parêntese: “(não repares, os assumptos estarem misturados, mas escrevo, á proporção que me lembro, pois do contrario, ficaria mt.^a cousa por dizer)”⁸². Poucas, também, são as vezes em que Amélia nos revela as condições em que está escrevendo ou o exato momento de sua escrita, o que não impede de valorizarmos ainda mais sua dedicação à tarefa: “Estou escrevendo em cima da janella e com a penna amarrada na caneta, já vês com que dfficuldade o estou fazendo.”⁸³. As dificuldades aqui relatadas e o tempo extraído da rotina para “pegar na pena” ofereciam seus “riscos”, como pôde comprovar Sinhá, segundo as palavras de Amélia:

Imagino o teu aborrecimento, ao vêr o tinteiro entornado sobre a carta que estavas terminando, inutilizando assim, um trabalho feito, com sacrificio de tempo. Felismente, não és supersticiosa, porque então, já vias n'isso, um mão agouro.⁸⁴

Amélia se queixava, algumas vezes, de problemas nos olhos que prejudicavam a sua escrita, “Já estou com os olhos a me arder, por isso n ao vou além.”⁸⁵, “Não sei si intenderás esta, pois estou com um terçol, que me tira a vista.”⁸⁶, que a levavam a interromper a escrita: “Como ando mal dos olhos, penso passar uns 8 dias sem escrever, a vêr si melhora; por isso não estrahes a falta de

⁸¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1909. Provavelmente, Amélia inverteu por engano as letras na palavra perspicácia assim como esqueceu de um “r” na palavra garranchos.

⁸² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1917.

⁸³ Carta da Baronesa. São Domingos, 20 de setembro de 1900.

⁸⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 07 de maio de 1918.

⁸⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 26 de maio de 1909.

⁸⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de abril de 1909.

cartas minhas.”⁸⁷. Deve ter sido por esta razão – exigir menos dos olhos –, que Amélia preferia escrever sob a luz do dia: “Quiz escrever-te de dia, mas não tive tempo, e agora á noite, só pude fazê-lo a esta hora [23 horas], porque a ultima visita, saíu á pouco.”⁸⁸. Em várias passagens, nos revela que escrevia pela manhã: “Vou já vestir-me, para ir vê-la. (são 8 horas da manhã)”⁸⁹, “Escrevo-te, lembrando-me que talvez a esta hora (10 da manhã) estejas”⁹⁰, ou pelo menos, começava, “Parei de escrever, para ir almoçar, e n’essa ocasião, chegou o teleg.^{ma} da Zilda ”⁹¹.

Quando estive em Pelotas, em 1916, o frio que limitava seus passeios e visitas, também é apontado como um forte empecilho para a escrita: “Eu tenho as mãos geladas, e estou te escrevendo com mt.^a dificuldade.”⁹². Esta dificuldade obrigava Amélia a fazer uma pausa na tarefa, ou até mesmo a terminá-la: “Estamos a 28, porque hontem o frio não me deixou terminar esta, e agora mesmo, me priva de continuar”⁹³, “Vou terminar esta porque estou nos meus máus dias para escrever; é um errar constante, o que mt.^o me aborrece. Fica o résto para outra vez.”⁹⁴.

Ao contrário do que poderíamos supor, de que somente após a viuvez – com mais tempo para si e distante da família – Amélia teria começado a escrever,

⁸⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1909. Amélia, provavelmente, interrompeu a escrita por mais de oito dias, já que a próxima carta que localizamos data do dia 25 de outubro e ela não faz referência à escrita de outras cartas neste período.

⁸⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1909.

⁸⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909. Referia -se a uma casa para alugar.

⁹⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de setembro de 1917.

⁹¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1917. Zilda era uma de suas netas, filha de Sinhá, que enviava telegrama pedindo à avó que comprasse dois pares de luvas de camurça.

⁹² Carta da Baronesa. Pelotas, 27 de julho de 1916.

⁹³ Id. Ibid.

⁹⁴ Carta da Baronesa. Pelotas, 07 de outubro de 1916.

encontramos registros desta prática já no ano de 1885⁹⁵. O cultivado hábito de escrever pode ser constatado na troca de cartas que mantinha com uma prima. Em duas destas cartas, Amélia nos revela que já havia escrito outras duas à prima: “Como não tive ainda contestação das duas cartas que lhe dirigi, receio não tenham elas chegado a seu destino, o que bastante me contraria.”⁹⁶. Estas cartas, porém, apresentam significativas diferenças em relação às cartas que enviaria, posteriormente, à filha Sinhá.

Em folhas de papel – com delicado adorno no canto superior esquerdo e com letra impecável – ela trata dos assuntos de forma bastante organizada. Na carta de 4 de julho, ela expressa – já nas primeiras linhas -- o objetivo da carta, que era o de agradecer a remessa das encomendas por ela feitas à prima, e de informar que estava tudo do seu agrado. Na seqüência, comenta que, através do Eliseu, havia sabido das recepções que a prima tinha oferecido e pelas quais a felicitava. A seguir, fala, brevemente, sobre a saúde dos familiares, arrematando a carta com uma despedida que reafirmava a amizade: “Prima e amiga muito grata”⁹⁷.

Assim como a mãe, Sinhá também desenvolveu o hábito e costumava escrever bastante, pois como refere Amélia: “Tenho 3 cartas tuas a responder, sendo a primeira de 5, e as outras recebidas hontem à noite do Paulino recebi

⁹⁵ Para escrever, Amélia, com certeza, escolhia o tinteiro de sua preferência dentre os três disponíveis na casa, informação a que tivemos acesso ao consultar o inventário do Barão de Três Serros. Nele descobrimos um com castiçal avaliado em cem mil réis (100\$000) e dois outros pequenos avaliados em noventa mil réis (90\$000). Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Inventário do Barão de Três Serros. N° 1071, maço 60, estante 25, ano 1887. 1° Cartório de Orphãos e Provedoria. p. 51

⁹⁶ Carta da Baronesa. Pelotas, 10 de maio de 1885. Devido à freqüência com que a menção às cartas trocadas com a “prima Chiquinha” aparece nas cartas enviadas à Sinhá, podemos pensar que era ela a prima para quem Amélia escrevia em 1885.

⁹⁷ Carta da Baronesa. Pelotas, 04 de julho de 1885.

de 16, e 17 do actual.”⁹⁸. No ano de 1899, por exemplo, Amélia remete doze cartas à filha e faz alusão a outras doze recebidas. Temos assim, bem evidenciada, uma das condições necessárias à produção e à troca de cartas: “sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo”⁹⁹.

Estes aspectos mais informativos sobre a periodicidade das cartas são, sem dúvida, de extrema importância para localizarmos e datarmos o diálogo mantido entre elas e detectarmos possíveis interrupções e demoras, como através dessa referência: “Com certeza deixastes de receber alguma carta minha, pois apesar de minha falta de memória, lembra-me bem te ter mandado contar.”¹⁰⁰. Para Amélia, no entanto, o controle que mantinha sobre quais cartas estava respondendo servia para que revelasse alguma falha ou atraso na entrega das cartas: “quero crer que haja alguma outra carta tua, antes d’êsta, e depois da de 10, que foi a ultima que me veio às mãos”¹⁰¹, bem como para criticar – o que fazia constantemente – o serviço prestado pelos correios: “A tua carta de 12, em que me fallas, na de 14, ainda cá não chegou. Mudaria de rumo? É possível, graças ao nosso correio!”¹⁰².

Este hábito de escrever cartas era mantido também com as outras filhas, embora as cartas trocadas com Sinhá pareçam ter se dado em maior número. Através delas, percebemos que diante da ausência de cartas das irmãs, era Sinhá quem fornecia notícias sobre os familiares e achegados: “Esta, [Alzira] bem poucas

⁹⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1899.

⁹⁹ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História... op. cit., p.19.

¹⁰⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1899.

¹⁰¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1910.

¹⁰² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1909.

vezes escreve, assim é, que só por tuas cartas, tenho notícias d'ella." ¹⁰³. As queixas pela ausência de cartas de parte das outras filhas era compartilhada com Sinhá e o comentário assumia, na maioria das vezes, um tom de indignação: "Da Talú, ainda não recebi uma só carta, n'estes 2 mezes, que aqui estou" ¹⁰⁴. Em outros momentos, em uma nota curta e irônica, ela expressava seu descontentamento: "Diz á Talú, que eu ainda vivo!" ¹⁰⁵. Porém, a reprimenda pela falta de cartas também era dirigida à Sinhá. Em junho de 1909, Amélia estava há quase um mês sem receber cartas da filha. A primeira linha da carta expressava um lamento: "Os vapôres se succédem, e nem uma cartinha tua!" ¹⁰⁶. Amélia começa então a levantar hipóteses para essa incomum ausência ¹⁰⁷. A primeira delas, e a que mais a preocupava, estava relacionada à saúde: "Estarás doente, ou alguns dos teus?" ¹⁰⁸. Chega a cogitar que a filha estivesse muito ocupada ou, então, e muito provavelmente, que a falta de cartas se devesse ao péssimo serviço do correio. Uma semana depois, Amélia veria esclarecida a ausência das cartas,

Vejo o que me dizes, sobre a demóra de minhas cartas, o que justamente tem acontecido com as tuas, pois a ultima que recebi, antes d'esta, foi de 3 de Maio! [...] Nas cartas que citas, não está a minha de 4. Evapôrar-se-hia? Além d'essas, escrevi-te tambem a 15, 20, e 26, (mais ou menos) do passado, que já devem estar em teu poder, si não

¹⁰³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1899.

¹⁰⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de junho de 1909.

¹⁰⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1903. Segunda carta remetida neste dia.

¹⁰⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 1º de junho de 1909.

¹⁰⁷ Ela comenta: "Sei perfeitamente, que não deixas de escrever, mas, é uma eternidade, para as cartas chegarem aqui." Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1910.

¹⁰⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 1º de junho de 1909.

seguiram outro rumo, no caminho, fazendo o mesmo, que, as que me dizes ter escripto!¹⁰⁹

Este registro – em que ela informa as datas de três cartas enviadas – nos fornece dado relevante sobre a frequência com que se dava a atividade epistolar. Das 151 cartas escritas por Amélia – e que analisamos nesta dissertação – uma delas tem como destinatários a filha e o genro juntos e duas outras foram endereçadas exclusivamente ao genro. Somam-se a estas, uma carta enviada por Sinhá à sua mãe no ano de 1897 e duas outras enviadas por Amélia a uma prima no ano de 1885.

As cartas obedecem a um ritmo descontínuo e cíclico que é estabelecido pelos missivistas, podendo ser alterado, em função da distância que separava remetente e destinatário, do momento de vida de cada um deles e de acontecimentos externos¹¹⁰: “Esta foi começada às 9 da manhã, e já tive que interrompel – a, para receber a visita da Leonidia, e da Clarinha Paiva.”¹¹¹ chegando algumas vezes a retardar o envio.

Escrevi-te a 4, mas infelizmente devido a mt.^{as} interrupções que tive, só hontem pude terminal-a, e isso mesmo, já sem tempo de alcançar o vapôr que n’esse dia partio para ahi: esta será pois um complemento da outra.¹¹²

¹⁰⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de junho de 1909.

¹¹⁰ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História... op. cit., p. 20.

¹¹¹ Carta da Baronesa. Pelotas, 30 de setembro de 1916. Ao retomar a carta, Amélia agregaria informações obtidas com as visitas que recebera.

¹¹² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.

O ato de escrever uma carta, como se pode constatar nestes trechos, dependia do atendimento de algumas condições que poderíamos denominar de ordem material, e outras de ordem psicológica. Momentos de tristeza profunda tornavam difícil a tarefa da escrevente, como se depreende dessa passagem: “Tu porem, não terás extranhado essa, falta, por que bem avalias, o quanto me é doloroso, o assumpto d’ellas.”¹¹³. Esta pausa na escrita nos revela a forma como Amélia lidava com seus sentimentos, pois ao escrever para Sinhá, teria que, além de narrar os últimos acontecimentos, tocar no falecimento de sua filha Dulce. Recolhida em sua dor e sem coragem para responder as cartas de Sinhá e de outras pessoas que tinham lhe escrito em solidariedade, Amélia escreveria à filha somente dezesseis dias depois.

As cartas endereçadas à Sinhá começam no mês de abril de 1899 e se estendem até o mês de setembro de 1918. O maior fluxo de cartas enviadas se concentra no ano de 1909, ano em que a filha não pôde viajar para o Rio de Janeiro¹¹⁴. As cartas deste ano começam a ser remetidas no dia 23 de abril, poucos dias depois de sua chegada ao Rio de Janeiro¹¹⁵, e cessam na véspera do Natal. Entretanto, não devemos tomar como parâmetro o término do ano para entender a dinâmica das cartas. Amélia seguiria escrevendo – mesmo durante os feriados do final do ano –, aguardando ansiosamente que Sinhá viajasse para o Rio de Janeiro, o que aconteceria apenas em princípios de abril de 1910. No período compreendido

¹¹³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899.

¹¹⁴ A correspondência produzida neste ano, 1909, será trabalhada com maior profundidade no sub-capítulo 2.2.

¹¹⁵ Em sua carta de 09 de setembro de 1909, Amélia nos informa que havia deixado Pelotas quando Déa, sua neta, tinha dois meses. Considerando que Déa nasceu no dia 10 de fevereiro daquele ano, deduz-se que Amélia partiu por volta de 10 de abril.

entre 23 de abril de 1909 e 30 de março de 1910 – pouco mais de 11 meses –, em que as duas não puderam se encontrar pessoalmente, foram escritas sessenta e uma cartas, do que se deduz que mais de uma carta foi escrita por semana¹¹⁶.

Outros aspectos reveladores da dinâmica da prática epistolar dizem respeito ao ritual que envolvia a escrita das cartas e o tempo de espera, a ansiedade que envolvia aguardar pelo correio, expressa já nas primeiras linhas: “Recebi ante-hontem, tua carta de 14 do corrente, já anciosamente esperada: quanto á de 9, ainda está em viagem.”¹¹⁷.

Enviar cartas implicava tempo gasto, não só na leitura da carta recebida e na escrita de uma outra, em resposta àquela. Implicava saber os horários de funcionamento do correio, de chegada e partida de vapores responsáveis por fazer estas chegarem ao seu destino. Além disso, as cartas de Amélia e Sinhá, muitas vezes, não viajavam sozinhas, seguiam na companhia de presentinhos que precisavam ser remetidos por portadores confiáveis. Uma série de lembrancinhas e encomendas eram costumeiramente enviadas junto com outras cartas para familiares. Por vezes, eram remetidas por conhecidos que se constituíam em “cartas vivas”, mas que, nem por isso, faziam Amélia abrir mão de enviar algumas linhas. Sabe-se que as notícias detalhadas costumavam ser informadas através de cartas, enquanto as mais breves eram enviadas através de telegramas utilizados, quase sempre, em situações que demandavam urgência¹¹⁸.

¹¹⁶ A fim de destacar a maior concentração de cartas no período, ver o gráfico no anexo 5.

¹¹⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1910. Grifo da Baronesa.

¹¹⁸ O jornal *Diário Popular* de Pelotas de 1916 possui um quadro especificando os valores dos telégrafos e correios. Consta sobre as taxas telegráficas que a tarifa por palavra para o interior da União variava de local para local sendo que entre Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro custava 300 réis. O serviço interno tinha ainda a

A dedicação semanal à prática e a seriedade com que Amélia encarava a leitura e a escrita de cartas parece justificar a cobrança que fazia às filhas. Afinal, o pacto epistolar se mantinha através da troca de informações e de notícias, e implicava num “dever de resposta” para estas “conversas” à distância. Mas, o que mais as cartas nos revelam sobre a Baronesa Amélia e sobre sua família? Qual era o espaço social ocupado pelos Antunes Maciel?

1.2 “Não pertencerá essa senhora, á família Maciel, de Pelotas?”¹¹⁹

Esta pergunta feita pelo “Dr. Camillo Valdetaro” e empregada de maneira apropriada, por Amélia, em uma das páginas da longa carta de quatro de maio de 1909, desvela algo importante, o reconhecimento do sobrenome Antunes Maciel fora do âmbito regional. O contexto em que a frase é proferida acaba por corroborar ainda mais essa idéia, posto que, se trata de alguém que possui uma casa para alugar no Rio de Janeiro. Valdetaro, proprietário da casa que havia deixado Amélia encantada, tinha sido coincidentemente, deputado juntamente com Conselheiro Francisco Maciel, irmão de Lourival.

taxa de 600 réis por telegrama, pagando 200 réis dentro de dois ou três estados. O correio era a forma mais barata já que as “cartas ordinárias” custavam “100 réis dentro do território da República e 200 réis para o exterior, por 15 gramas ou fração.” *Jornal Diário Popular*. Pelotas, 13 de janeiro de 1916. Nº 10. p. 06.

¹¹⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

Mas este episódio relatado nas cartas não é isolado. Ao especular sobre o possível encontro com a filha no Rio de Janeiro durante o inverno de 1899, Amélia nos informa sobre a condição social da família Antunes Maciel. Amélia Aníbal Hartley Maciel, mais conhecida como Sinhá, possivelmente por ter o mesmo nome da mãe, costumava viajar com a família para o Rio de Janeiro durante o inverno, fugindo assim do rigoroso frio sulino.

Na capital da República, Sinhá encontrava-se com Amélia que, provavelmente, após a viuvez, passava maior parte do ano nesta cidade, visitando Pelotas apenas esporadicamente. Estas temporadas no Rio de Janeiro eram habituais para outras famílias pelotenses¹²⁰ que, como os Antunes Maciel, faziam parte da pequena, porém expressiva, elite da cidade de Pelotas.

Nascida no Rio de Janeiro, Amélia Hartley de Brito tinha pouco mais de 15 anos¹²¹ quando se casou com Aníbal Antunes Maciel, filho do coronel rio-grandino Aníbal Antunes Maciel¹²².

De acordo com o Nobiliário Sul Riograndense¹²³, que dedica apenas uma frase à Amélia, ela havia nascido em dezembro de 1848, sendo filha do

¹²⁰ MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: UFPel/ Mundial, 1993. Amélia chega a comentar este fato em uma de suas cartas quando relata a filha que foi no velório de Carmensita Lemos, “Quasi toda colonia Rio Grandense compareceu. Foi esta, uma nóta triste, para para os hospedes d’este Hotel, que está cheio de pelotenses.” Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1909.

¹²¹ CARVALHO, Mario Teixeira de. *Nobiliário Sul-Riograndense*. Porto Alegre: Of. Graf. da Livraria do Globo, 1937. p. 336 a 339.

¹²² Em seu testamento aberto em 17 de janeiro de 1874 consta que deixou para os quatro filhos uma quantia vultosa, sendo o excedente de sua terça destinado aos filhos mais velho – Francisco Aníbal – e mais novo – José Aníbal, “por serem os que muito me tem ajudado para adquirir os bens que possuo.” Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Testamento de Aníbal Antunes Maciel. Nº 1814, M. 87, E. 06, Ano 1874. 1 Cart. Órfãos e Provedoria de Pelotas. Sobre a genealogia da família Antunes Maciel consultar anexo 6.

Comendador João Diogo Hartley e de Isabel Fortunata de Brito, neta paterna de John James Hartley e Maria Carolina Hartley¹²⁴.

Em agosto de 1864, Amélia e Aníbal se uniam em matrimônio, passando a residir em Pelotas numa propriedade presenteada pelo pai de Aníbal¹²⁵. O marido de Amélia, bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas¹²⁶, se dedicou, ao longo da vida, à criação de gado para abastecer as charqueadas pelotenses, ainda rentáveis, apesar da competição cada vez mais acirrada com o charque platino. Todavia, o ano escolhido para o casamento não desfrutava de total tranqüilidade, sobretudo para os pecuaristas rio-grandenses com terras no Uruguai. Ao ter suas propriedades invadidas, estes proprietários passaram a exigir do império uma intervenção no país vizinho. A intervenção se efetivou e o Brasil tornou-se aliado de Flores do Partido Colorado uruguaio e de Bartolomé Mitre da Argentina. O paraguaio Francisco Solano López, que havia lutado ao lado dos Colorados e brasileiros, ocupou a província de Mato Grosso e não podendo contar com o apoio de Mitre declarou guerra à Argentina atacando Corrientes.

¹²³ É interessante colocar que este Nobiliário Sul Riograndense utilizado na consulta pertencia à neta dos Barões, Zilda Maciel de Abreu e Silva e foi doado ao Museu. O livro possui anotações feitas à caneta nas folhas dedicadas ao Barão de Três Serros, “meu avô materno”, “vovô Aníbal”. Uma destas anotações, provavelmente feitas por Zilda, foi importante para identificar quem era a filha que a baronesa nas cartas chamava sempre pelo apelido. A

¹²⁴ A história oral do Museu da Baronesa coloca que o avô de Amélia foi sócio fundador do London & Brazilian Bank, Ltd. De acordo com o anúncio publicado na imprensa pelotense, consta que este banco havia sido fundado em 1862. Jornal *A opinião Publica*. Pelotas, de 08 de julho de 1916. N. 154. p. 04. Durante a realização da pesquisa não foi possível consultar os arquivos do Estado do Rio de Janeiro de forma que futuramente pretende-se averiguar esta questão.

¹²⁵ Foi consultado o livro de registros de casamento do ano de 1864 da Igreja Matriz São Francisco de Paula e não houve nenhuma referência ao casamento de Aníbal e Amélia. Mitra Diocesana – Setor Arquivo. Pelotas.

¹²⁶ Conforme o Nobiliário Sul-Riograndense Aníbal era Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, informação considerada equivocada por I. F. de Assumpção Santos que o coloca como bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas (Engenheiro). SANTOS, I. F. de Assumpção. *Uma linhagem Sul Rio-Grandense os “Antunes Maciel”*. Instituto Genealógico Brasileiro: Rio de Janeiro, 1957. A nota de falecimento publicada no Jornal Diário de Pelotas informa somente que Aníbal havia sido “engenheiro militar”. Jornal *Diário de Pelotas*, 22 de março de 1887, N. 217, p. 01.

Em maio de 1865 assinou-se o Tratado da Tríplice Aliança composta pela Argentina, Uruguai e Brasil, episódio no qual Aníbal tomou parte tendo se retirado da guerra antes do término devido à "incommodos de saude"¹²⁷. Aníbal foi "Comendador da Imperial Ordem de Cristo e condecorado com a cruz de bronze pela campanha do Paraguai"¹²⁸. Assim, podemos perceber que no período em que Amélia e Aníbal se casaram, o Rio Grande do Sul não usufruía de paz. Primeiramente a necessidade do último de defender suas terras no Uruguai e posteriormente a adesão a uma guerra que decorre deste episódio fez com que os primeiros anos do casamento fossem bastante conturbados. Aníbal também tomou parte na vida pública de Pelotas, tendo sido vice-presidente da Biblioteca Pública Pelotense e vereador da cidade.

Por ter libertado seus escravos, encaminhou uma petição de título e, através do Decreto Imperial de 26 de julho de 1884, foi agraciado com o título de Barão dos Três Serros¹²⁹. Aníbal não era o único na família a alcançar título de nobreza pois era irmão da Baronesa de Arroio Grande, tio da Baronesa de Sobral e primo do Barão de São Luis e do Barão de Cacequi¹³⁰. Chama a atenção, ao se construir uma árvore genealógica da família, a intensa repetição dos nomes e manutenção

¹²⁷ Jornal *Diário de Pelotas*. Pelotas, 22 de março de 1887. N. 217, p. 01.

¹²⁸ CARVALHO, Mario Teixeira de. *Nobiliário Sul-Riograndense...* op. cit., p. 336.

¹²⁹ Vários charqueadores e estancieiros pelotenses obtiveram títulos de nobreza neste momento, alguns devido a esta atitude. Silvia Moraes utilizando como critério a naturalidade, fixação ou residência na cidade e/ou desenvolvimento de atividades econômicas permanentes no município, encontrou 17 titulares o que considerou um número bastante significativo já que Pelotas era considerada uma cidade de porte médio em termos demográficos. Entretanto, seu trabalho não aponta os motivos pelos quais foram concedidos os títulos. MORAES, Silvia Beatriz Pierobom. *Os casamentos entre descendentes de nobres pelotenses na segunda metade do século XIX*. Pelotas: UFPel, 1997. (Monografia de conclusão do curso de Licenciatura Plena em História). p. 09.

¹³⁰ CARVALHO, Mario Teixeira de. *Nobiliário Sul-Riograndense...* op. cit., p. 336.

dos sobrenomes que acabam até mesmo dificultando a pesquisa. Assim, como se pode visualizar nos anexos 6 e 7, geração após geração nasciam crianças que eram batizadas como Francisco, Felisbina, Francisca e, principalmente, Aníbal¹³¹.

Entretanto, três anos após a concessão do baronato, Aníbal falece aos 48 anos de idade, deixando Amélia com oito filhos; a mais velha, Amélia, com 18 anos, e o mais novo, Edmundo, com 01 ano e 10 meses. A nota de falecimento do Barão publicada nos jornais apresenta informações bastante valiosas sobre ele, sobre a posição social da família e também sobre os valores e virtudes exaltados,

Barão de Três Serros

Sucumbiu hoje, vítima de uma antiga lesão no coração, o Dr. Anibal Antunes Maciel, a quem a munificência imperial galardoou pelos serviços prestados a humanidade com o título honorífico de Barão de Três Serros.

O falecido era um coração filantrópico e generoso.

Seguindo o preceitos do Martyr do Golgotha, era o arrimo da orfandade e da viuvez, deixando sempre em segredo os benefícios que liberalmente dispensava aos desprotegidos da sorte.

É irreparável a perda do Barão de Três Serros.

Está hoje de luto uma das mais importantes e respeitáveis famílias desta terra e com ela, pode-se dizer, a sociedade pelotense.

O Dr. Anibal Antunes Maciel era engenheiro militar e serviu na Guerra do Paraguai alguns anos, pedindo demissão do serviço por incômodos de saúde.

Militou sempre nas fileiras liberais, ocupando por muitas vezes cargo de eleição popular.

Era austero no cumprimento de seus deveres civis e políticos e um caráter que honrava o nome riograndense.

¹³¹ Andrea Reguera ao trabalhar com o “Patrón de Estancias” Ramón Santamarina também constata que, além da manutenção do sobrenome, houve uma intensa repetição dos nomes entre a família com o objetivo de assinalar os antepassados responsáveis por formar a riqueza. REGUERA, Andréa. *Patrón de Estancias*. Ramón Santamarina: una biografía de fortuna y poder en la pampa, Buenos Aires, EUDEBA, 2006.

Deixa o falecido numerosa prole, que, educada nos princípios da mais sã moral e da justiça, há de em todo tempo honrar a memória de seu ilustre progenitor.¹³²

No segundo aniversário de morte do barão, Amélia o homenageia dando seqüência a esta ligação da família com a filantropia e a generosidade,

Esmolas – Às 8 horas da manhã, hoje, á porta da Igreja Matriz, serão distribuidas esmolas aos pobres, por ordem da exma. Baroneza de Tres Serros e em homenagem á memoria de seu esposo, de cujo passamento se completa o 2º aniversario.¹³³

No testamento, escrito em agosto de 1885, quase dois anos antes de sua morte, o Barão informa que os cinco filhos mais velhos haviam recebido “dez contos de réis cada um” deixados pelo avô paterno, Coronel Anibal Antunes Maciel. Manifesta, então, que era de sua vontade, que suas duas filhas, Alzira e Dulce, bem como os demais filhos que viesse a ter, também recebessem a mesma quantia de dez contos, a fim de igualar aos demais¹³⁴.

No inventário, consta entre seus bens, a propriedade das fazendas “São Pedro”, do “Pavão”, do “Paraíso”, e a de “Três Serros” no Brasil e, também, as fazendas “Salsipuedes”, “Três Cruzes” e “Arroyo Malo” no Uruguai, além de casas na Corte (Rio de Janeiro), terrenos no centro de Pelotas, inúmeras jóias,

¹³² *Jornal Diário de Pelotas*. Pelotas, 22 de março de 1887, n° 217, p. 01. Foi atualizada a grafia.

¹³³ *Jornal Correio Mercantil*. Pelotas, 22 de março de 1889, n° 69, p. 02.

¹³⁴ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Testamento do Barão de Três Serros 11 de agosto de 1885 anexado ao Inventário. N° 1071, Maço 60, Estante 25, Ano 1887. 1° Cartório de Orphãos e Provedoria. Com a quantia de 10:000\$000, pelo que podemos levantar no inventário, era possível comprar uma casa no centro de Pelotas.

semoventes, letras e títulos¹³⁵. Uma herança descrita em dezoito páginas, que, invariavelmente, garantiria o sustento de Amélia e dos filhos sem maiores problemas. O montante a ser dividido era de 1:117:419\$698 réis (mil cento e dezessete contos, quatrocentos e dezenove mil seiscentos e noventa e oito réis) já retirados os 50 contos legados pelo avô paterno aos netos. A herança foi dividida em duas partes iguais cabendo a Amélia 558:709\$849 réis e a outra parte a ser dividida entre os oito filhos¹³⁶.

Com a intenção de resguardar o patrimônio, caso alguma de suas filhas viesse a se casar, Aníbal lança mão de uma prática que, de acordo com Denise Ognibeni¹³⁷, era bastante comum entre o núcleo charqueador da região. Em seu testamento, ele estabelece cláusulas que visavam impedir a lapidação dos bens, especialmente pelos maridos de suas filhas,

Decimo Segundo: que quando cazadas minhas filhas não poderão seos maridos de nenhum modo dispor do uzofructo que a cada um couber, pertencendo a administração do dito uzofructo ás mesmas minhas filhas. Decimo Terceiro: que os bens provenientes do uzofructo, digo, rendimentos, serão convertidos anualmente em apolices da Divida publica, enquanto forem meus filhos menores, de cujos rendimentos serão elles tambem uzufructuarios, podendo minhas filhas - quando maiores ou cazadas - constituírem por si só procurador para o recebimento dos rendimentos do uzufructo que lhes deixo, independente da intervenção de seus maridos. Decimo Quarto: que por morte de qualquer

¹³⁵ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Inventario do Barão de Três Serros. N° 1071, Maço 60, Estante 25, Ano 1887. 1° Cartório de Orphãos e Provedoria.

¹³⁶ O montante mor estava configurado da seguinte forma: Bens de Raiz: 761:250\$000; Móveis: 15:450\$000; Jóias: 23:950\$000; Pratas: 7:450\$000; Ações: 15:600\$000; Dívidas Ativas: 47:208\$198; Semoventes: 296:511\$500. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Inventário do Barão de Três Serros. N° 1071, Maço 60, Estante 25, Ano 1887. 1° Cartório de Orphãos e Provedoria.

¹³⁷ OGNIBENI, Denise. *Charqueadas Pelotenses no século XIX...* op. cit.

dos uzofructuarios, que falecer sem filhos, passará a parte do uzofructo que lhe tiver cabido, [...] a ser dividida igualmente pelos demais uzofructuarios.¹³⁸

Estas cláusulas, bem como as seguintes, visavam proteger o patrimônio familiar, e é possível notar significativa semelhança entre o testamento de Aníbal e o de seu irmão Francisco Aníbal Antunes Maciel. Francisco havia realizado seu testamento em 1877, ou seja, oito anos antes de Aníbal o que nos leva a crer que este conhecia o testamento do irmão¹³⁹.

Passado aproximadamente um ano e meio da morte do patriarca da família, a segunda filha mais velha, Izabel Hartley Maciel, se casa com o médico Tancredo Francisco de Sá. Já a filha primogênita, a Sinhá, casa-se somente em 1890, passando a residir na casa que pertencia aos pais. Sinhá uniu-se em matrimônio com o primo Lourival Antunes Maciel, filho do tenente coronel Eliseu Antunes Maciel¹⁴⁰.

A análise da documentação não revelou com precisão qual teria sido o momento em que Amélia passou a permanecer por mais tempo no Rio de Janeiro, visitando Pelotas apenas de forma esporádica. Suas viagens e as de sua família

¹³⁸ De acordo com as determinações portuguesas, ao morrer um dos cônjuges, a metade dos bens ficava com o sobrevivente e a outra metade deveria ser dividida em três partes, ficando duas com os herdeiros e uma terceira em que o testador poderia dispor como quisesse. FARIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p.257. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Testamento de Aníbal Antunes Maciel 11 de agosto de 1885 anexado ao Inventário. Nº 1071, Maço 60, Estante 25, Ano 1887. 1º Cartório de Orfãos e Provedoria. Grifo do Barão.

¹³⁹ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Testamento de Francisco Aníbal Antunes Maciel. Nº 3063, Maço 108, Estante 6, Ano 1877. 1º Cartório de Órfãos e Ausentes de Pelotas.

¹⁴⁰ OGNIBENI, ao estudar as estratégias de manutenção dos bens por parte dos charqueadores, conclui que as mulheres, através do casamento com indivíduos de sua própria família como de outra, garantiam os elos que ligavam os bens e os interesses do grupo charqueador. OGNIBENI, Denise. *Charqueadas Pelotenses no século XIX...* op. cit., p. 230.

para o Rio de Janeiro eram, contudo, noticiadas nas colunas sociais dos jornais pelotenses,

Partidas

Para o Rio Grande, afim de tomarem o Itassucê que os conduzirá ao Rio, seguiram hoje a exma. baroneza dos Três Serros e o illustrado médico sr. dr. Tancredo de Sá com sua exma. família. Ao bota fora dos distinctos viajantes compareceram muitas exmas. famílias e cavalheiros.¹⁴¹

Entretanto, o cortejo familiar não viajava sozinho, fazia-se acompanhar por empregados como copeiros, amas-de-leite e demais criados, sendo que alguns permaneceriam no Rio de Janeiro servindo Amélia. Desta forma, como coloca Perrot, possuir criados á a forma mais visível de pertencer a uma casta superior, a das “pessoas *servidas*” que podem dedicar seu tempo livre à representação e a ostentação do luxo¹⁴².

Os Antunes Maciel, sem dúvida, integrava o grupo de famílias que gozava de prestígio junto ao Império. O Rio Grande do Sul - região fronteira e fonte de disputas militares - possuía relação estreita com o centro do poder político, sendo capaz de conclamar uma guerra para defender os interesses de charqueadores e estancieiros sulinos. Além disso, a rentável economia charqueadora da região sul foi, durante muito tempo, uma das alavancas econômicas do Império.

Militantes do Partido Liberal, que na década de 1870 passou a ter incontestável supremacia na Província, os membros da família Antunes Maciel

¹⁴¹ Jornal *A opinião Publica*. Pelotas, 18 de maio de 1917. N. 112, p. 03.

¹⁴² PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, Michelle. (Org.). *História da vida privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 178.

extrapolavam o âmbito regional, chegando a ter uma ligação direta com a Corte através da atuação política de Francisco Antunes Maciel como Conselheiro do Império. Foi assim que, em 1881, a família propôs à Câmara de Pelotas construir às suas custas, em um terreno que pertencia a Câmara, uma escola municipal com o objetivo de prestar homenagem ao recém-falecido coronel Eliseu Antunes Maciel, pai de Lourival. De acordo com Mário Osório Magalhães, a proposta foi aceita e já se encontrava em fase adiantada, pois em nível nacional ocupava o governo monárquico-parlamentar do Brasil o gabinete Lafayette, tendo como líder da maioria o deputado Francisco Antunes Maciel, Barão de Cacequi, filho de Eliseu e doador do prédio¹⁴³. No ano seguinte, o governo imperial preocupado com os custos de importação da vacina anti-variólica, trazia da França o dr. Claude Rebourgeon para fabricar no Brasil a vacina. Ocorria então que, em 1883, era fundada a Imperial Escola de Medicina Veterinária e de Agricultura Practica no prédio Eliseu Maciel e sob a direção do Dr. Rebourgeon¹⁴⁴.

Em função desse prestígio, o sobrenome Antunes Maciel podia facilitar muito em determinadas situações, como é relatado pela própria Amélia que, já cansada de procurar - sem sucesso - uma casa para alugar, deparou-se com um proprietário que conhecia o Conselheiro. Em uma de suas cartas, ela relata, com detalhes, o episódio em que havia mandando Diogo negociar a casa que pretendia alugar,

¹⁴³ MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e Cultura...* op. cit., p. 238.

¹⁴⁴ Id. *Ibid.*, p. 239. A Imperial Escola de Veterinária e Agricultura deu origem à atual Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel da Universidade Federal de Pelotas.

Não pertencerá essa Senhora, á familia Maciel, de Pelotas? Sim, disse o Diogo, ella é aparentada com essa familia, e o genro, para quem é tambem a casa, e é quem dá fiador, é irmão do Conselheiro Maciel. Ao ouvir tal nome, o homem mostrou um contentamento enorme, lembrando-se do tempo em que ambos eram deputados, [...] e só dizia: sou mt^o., mt^o. amigo do Maciel!¹⁴⁵

O “tempo em que ambos eram deputados” referia-se ao período em que os liberais tinham maioria no governo imperial, situação que se alterou com a ascensão do gabinete conservador do Barão de Cotegipe e permaneceu até o final do império¹⁴⁶. De posse desta informação, potencialmente proveitosa, e não medindo esforços para alugar uma casa, a fim de que a filha pudesse passar o inverno em sua companhia no Rio, ela escreve:

fui ao Hotel Candido, fallar com o Francisco, visto o entusiasmo do Dr. Valdetaro por elle o que deu lugar e essa maldicta preferencia. Não encontrei, mas deixei um cartão pedindo-lhe para vir aqui, o que elle fez. Então expuz-lhe os factos, e pedi-lhe a sua intervenção, a vêr si o Dr. Valdetaro, mantinha o acto de seu encarregado.¹⁴⁷

Desta forma, se o sobrenome Antunes Maciel poderia ajudar a alugar uma casa, as redes sociais mantidas pela família também poderiam solucionar entraves burocráticos. Uma situação evidencia claramente as redes de influência. A demora da viagem de Lourival e de sua família para o Rio de Janeiro poderia ocasionar a perda do ano letivo do neto Rubens. A fim de que isso não se constituísse em mais

¹⁴⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

¹⁴⁶ MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e Cultura...* op. cit., p. 239.

¹⁴⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

um empecilho para a viagem, Amélia buscará, de todas as formas, solucionar o problema, indo pessoalmente até o Ginásio Santo Inácio, local onde estudaria Rubens, conversar com o padre responsável. Sabedora de que um fiscal do governo conferia a matrícula e as notas dos alunos ela arriscou: “Mas, disse-lhe eu, si pudéssemos obter um cartãosinho do Ministro, elle não me deixou acabar, dizendo: Ah! minha Sr^a. isso é tudo! Com um cartão do Ministro, tudo está sanado, e o Rubens póde vir quando quiser”¹⁴⁸.

O fato de ter aventado esta possibilidade nos acena para as relações mantidas pela família com os círculos do poder, algo que fica evidente quando ela escreve: “Já vês, minha filha, que isto não custa tanto, e que, por intermédio de pessoa amiga, póde-se obter o tal cartão. Apropria prima Chiquinha, poderá facilmente conseguil-o por intermédio da Sr^a. Do Affonso Penna”¹⁴⁹. Outra possibilidade seria ela mesma buscar o “cartão”, “Eu mesmo, si vocês quizérem, procurarei meios de obter esse cartão, apesar de não ter conhecimento, com pessoas, que se dêem com o Ministro: mas... procura-se.”¹⁵⁰.

Assim, a família, bem como a rede de relações por ela mantida, podia evitar ou contornar transtornos e, sobretudo, garantir privilégios embora Amélia não considere o fato do neto freqüentar tardiamente o colégio, sem levar em conta as faltas, como um “privilégio”.

Amélia recorrerá novamente às influências da prima para obter outro cartãozinho naquele ano,

¹⁴⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.

¹⁴⁹ Id. Ibid.

¹⁵⁰ Id. Ibid.

Diz ainda á prima Chiquinha, que, confiada na nossa amizade, animo-me a pedir-lhe, um novo cartão, para o D^r. Honório de Barros, reforçando o pedido que lhe fez, para Diogo, pois este pobre, só confia, na proteção d'ella.¹⁵¹

O cartão destinava-se a Honório de Barros, que poderia ser chamado para o cargo de "director das obras, ou cousa, que o valha", e então Diogo, protegido de Amélia, seria um dos primeiros a se apresentar¹⁵². Este cartão era apenas para reforçar um pedido já feito e que ela acreditava, não iria aborrecer à Chiquinha porque "é mt.º boa, e comprehende, que devemos nos auxilia uns aos outros."¹⁵³.

Esse "corporativismo" familiar tem, na figura de Amélia, uma das responsáveis por avivar a rede de relações da família. Não somente através das cartas carregadas de "terceiros", pessoas que "se recomendam" a Sinhá e família como também, através de sua rede social. Sua rotina diária está repleta de visitas recebidas e retribuídas e que, de acordo com Anne Martin-Fugier, "fazem parte obrigatória da administração do tempo de uma mulher da boa sociedade."¹⁵⁴. Algumas vezes, o recebimento de visitas é tão intenso que impede até mesmo a prática da escrita "Nella [carta] dizia à Alzira, que te dissesse as tentativas inúteis que fiz na 2^a feira para escrever à todas vocês, e não consegui, pois as visitas se combinaram p^a. m'ó impedir."¹⁵⁵.

¹⁵¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1909.

¹⁵² Não foi possível estabelecer ao certo quem era Diogo. Sabe-se apenas que não figura entre os netos de Amélia.

¹⁵³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1909.

¹⁵⁴ MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle. (Org.). *História da vida privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 208.

¹⁵⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1909.

Percebemos que Amélia, assim como outras mulheres citadas por ela – prima Chiquinha e Sra. Afonso Pena – através de seus contatos poderiam se auxiliar na resolução de problemas sem recorrer diretamente às redes sociais de seus maridos e genros. Por outro lado, conhecer pessoas e manter vínculos de amizade não era de todo fácil, implicava obrigações. O que ela relata ser, às vezes, um fardo bem pesado de carregar, mas que apesar disso, não deveria deixar de retribuir. Falando a filha sobre o quanto era caro morar em hotéis ela comenta: “Além disso, torna-se mt.º dispendiosa para quem como eu, tem tantos achegos, [...] e aqui para nós, vendo-me obrigada a sahir, sem ter vontade, p^a ser agradavel a quem me convida com insistencia ”¹⁵⁶.

Entretanto, não somente a Baronesa, mas sua filha Sinhá e as netas Zilda e, posteriormente Déa, foram responsáveis por dar seqüência à trajetória familiar na manutenção das redes de relações adentrando com maior ênfase o espaço público. Amélia comentava admirada a vida social da filha em Pelotas: “Já vejo que a D. Sinhá, não perde tempo: almoça féstas, janta féstas, ceia féstas, e... si mais mundo houvera, lá chegará!...”¹⁵⁷. Em 1916, ela tornava a falar, desta vez sobre a vida “agitada” de Sinhá no Rio de Janeiro, “Imagino, em que -azafama, não vives ahi, com tantas visitas, a fazer e receber; theatros, e outros divertimentos; tendo ainda que attender a fazer sobremezaz, lunch.”¹⁵⁸. Sinhá tinha uma intensa vida social e costumava relatar à mãe em suas cartas o que fazia, salientando as pessoas com as quais se relacionava: “Já vejo que os teus – recibos – estão sendo cada vez mais freqüentados, e por gente chic, e por esse motivo te

¹⁵⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1909.

¹⁵⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1909.

¹⁵⁸ Carta da Baronesa. Pelotas, 09 de setembro de 1916.

felicito, pois apesar do mt.º trabalho que tens, sei que gostas, e mt.º d’essa vida social.”¹⁵⁹. Seguindo a mãe Sinhá, Zilda também adentrou o espaço público e foi escolhida rainha do pomposo Clube Diamantinos a fim de representá-lo no carnaval de 1917. Este fato provocou enorme alvoroço no cotidiano da família, de tal forma que, durante o período em que Amélia estava em Pelotas, ano de 1916, as cartas demoram-se no relato dos concursos e preparativos para a chegada da rainha que se encontrava com a mãe na capital da República. Durante o seu reinado, Zilda organizou chás e festas de caridade e sua mãe, Sinhá, foi convidada a assumir a presidência da Cruz Vermelha Pelotense, entidade destinada a arrecadar fundos para a construção de uma secção de enfermaria local¹⁶⁰. Amélia tomou parte nas felicitações à filha e à neta,

Por carta do Rubens, e os jornaes d’ahi, sube da linda fésta de caridade, que a Zilda fez, bem como de teres sido escolhida para Presidente da Cruz Vermelha. Envio-te pois, meus dupplos parabens, pela organização da fésta, e pela próva de apreço e consideração que te dispensaram, confifando-te essa presidencia.¹⁶¹

Além de cumprimentar a filha pela presidência, ela não deixa de acautelar, “No entanto minha filha, debes estar preparada, para a lucta, com as

¹⁵⁹ Carta da Baronesa. Pelotas, 08 de novembro de 1916.

¹⁶⁰ De acordo com o jornal *A opinião Publica* “A fundação da instituição internacional da Cruz Vermelha nesta cidade, tem por fim servir à causa da humanidade sofredora; e no momento presente angariando meios pecuniarios, o faz para attender, quando julgado oportuno, à organização de uma secção de enfermaria local. A Cruz Vermelha em Santa Maria offerece os seus serviços gratuitos de enfermaria, nesta localidade, aos necessitados de todas as corporações quer armadas ou não que constituem a Defesa Nacional no período de guerra.” Jornal *A opinião Publica*. Pelotas, 05 de novembro de 1917. N. 246, p.01. Quanto ao critério para a escolha da presidente, a nota comenta somente que o voto era secreto e que o caráter do mandato era permanente.

¹⁶¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1917.

contrariedades, e encommodos, que estas cousas, sempre acarretam.”¹⁶². Em carta posterior, retoma o assunto dizendo que pedia a Deus proteção e auxílio a fim de que a filha desempenhasse a sua “nobre missão”¹⁶³. Nesta carta solicita ainda que, “assignes por mim 100\$000 para a essa associação. Isto, porque presentemente, não posso dar mais, o que farei depois”¹⁶⁴.

Sinhá, que já tinha noticiadas as suas chegadas e partidas para o Rio de Janeiro, bem como a data de seu aniversário, assumiu posição de destaque nas colunas sociais com notas mais longas,

Vida social

(...)

Chegadas

D. Amélia Hartley Maciel

Chegou do Rio de Janeiro em companhia de seu distinto esposo, sr. Lourival Maciel e gentis filhas, a exma. Sra. D. Amélia Hartley Maciel dignissima presidente da Cruz Vermelha Pelotense.

A distinta e humanitaria senhora foi recebida, à gare, por inumeras pessoas de suas relações e amizade, e membros da directoria da C. V. P. É com verdadeiro prazer que registramos a volta à sua terra natal da nobre senhora, cheia de benemerência e de carinhos por todas as causas que visam minorar a angustia dos pobres e se prendem ao engrandecimento moral de Pelotas.

“A Opinião” respeitosamente, saudando o casal Hartley-Maciel, cumprimenta vivamente a dedicada presidente da Cruz Vermelha Pelotense.¹⁶⁵

¹⁶² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1917.

¹⁶³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1917.

¹⁶⁴ Id. Ibid. Sobre o valor que ela destina à associação e que, aparentemente não considera suficiente, sabemos somente que equivalia a duas blusas femininas. “Tira também 50\$000, e dá a Zilda, para comprar uma blusa”

¹⁶⁵ Jornal *A opinião Publica*. Pelotas, 23 de dezembro de 1919. N. 294, p. 02.

Da mesma maneira, a nota de falecimento de Amélia (Baronesa) corrobora a construção de uma memória familiar ligada à filantropia e generosidade,

Necrologia

Baroneza dos Três Serros

No Rio, acaba de fallecer a veneranda senhora Baroneza dos Três Serros, vulto de real destaque social entre nós.

A sua bondade extrema, a magnanimidade de seu coração, creavam para a veneranda senhora uma atmosphaera de sincera sympathia, aureolando lhe com o pretigio das almas verdadeiramente boas o nome illustre que trazia.

A seqüência da nota faz referência às filhas, e a ocupação do cargo de presidência da Cruz Vermelha por Sinhá,

Era genitora da exma. sra. d. Amélia Hartley Maciel illustre presidente da Cruz Vermelha Pelotense e esposa do sr. Lourival Maciel; da exma. sra. d. Alzira Maciel Ribas, esposa do sr. capitão Antonio Ribas; e da exma. sra. d. Talú Maciel de Sá, viúva do saudoso clinico sr. dr. Tancredo de Sá.¹⁶⁶

Estava assegurada, desta forma, a permanência, através das gerações, do prestígio familiar sustentado, localmente, não só através envolvimento político dos homens da família, mas também pelas mulheres que participavam ativamente da vida social da cidade.

Sabendo um pouco mais sobre a posição social de Amélia e sua família, bem como, que através de sua parentela ela poderia obter vantagens fazemos a

¹⁶⁶ *Jornal A opinião Publica*. Pelotas, 15 de janeiro de 1919. N. 12, p. 03.

seguinte pergunta: para quem mais Amélia escrevia? Qual era o ritmo das trocas epistolares intra-familiares?

1.3 “Manda-me uma nóta dos dias de annos das pessoas da familia ahi.”¹⁶⁷

Com base nas cartas que dispomos para pesquisa, percebemos que o conjunto das trocas epistolares “intra-familiares” é mais amplo. As cartas nos fornecem informações que possibilitam iluminar aspectos da relação entre a parentela. Amélia e Sinhá se escrevem, mas estas são apenas duas das correspondentes, posto que Amélia remete cartas também para as outras filhas, Alzira e Isabel (Talú), assim como para os genros Lourival, Antonio (Nico) e Tancredo.

Michelle Perrot, ao pensar a escrita feminina no âmbito familiar, afirma que,

As mães, principalmente, são as epistológrafas do lar. Elas escrevem para os parentes mais velhos, para o marido ausente, para o filho adolescente no colégio interno, a filha casada, as amigas de convento. Suas epístolas circulam eventualmente pela parentela.¹⁶⁸

¹⁶⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1909.

¹⁶⁸ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 28.

No momento que Amélia escreve e tece comentários sobre para que outras pessoas escreveu, pretende escrever, ou ainda não obteve respostas embora já tenha escrito, vislumbramos o universo das trocas epistolares.

As cartas estão povoadas de terceiros, pessoas de quem se fala, especialmente familiares. À medida que os netos crescem também adentram paulatinamente o universo das trocas epistolares. Temos referência a cartas de Amélia trocadas com Zilda, Rubens, Lourival, Mozart, Déa e demais netos¹⁶⁹.

Sinhá, nos informa a Baronesa, também se correspondia com as irmãs, sobrinhos e cunhados. “Edgard cada vez mais encantado! Elle tem te escripto”¹⁷⁰. Mas como entender o largo uso das cartas feito pela família? Perrot aponta as cartas como meio utilizado para restabelecer ligações entre uma família dispersa. Entendendo esta como “um ‘ser moral’ que se diz, se pensa e se representa como um todo”¹⁷¹, comenta que há “fluxos” que mantém a unidade familiar tais como “o sangue, o dinheiro, os sentimentos, os segredos, a memória”¹⁷². A autora coloca ainda que, na Europa do começo do século XIX, as melhorias infra-estruturais como estradas e avanços no sistema de correios tornaram o ato de receber notícias freqüentes e, principalmente, “frescas” uma

¹⁶⁹ Mereceria um estudo mais aprofundado, o que não é objetivo desta dissertação, a continuação das correspondências entre os netos. No arquivo do Museu da Baronesa há mais de 100 cartas dos filhos de Sinhá que já adultos e viajando pelo mundo escreviam com freqüência. Além destas, somam-se todas as cartas trocadas entre eles e com os advogados no momento das decisões sobre o que fazer com a chácara. Para visualizar os personagens referidos ver anexo 8.

¹⁷⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909. Edgard tinha quinze anos era sobrinho de Sinhá, filho de Isabel.

¹⁷¹ PERROT, Michelle. A vida em família. In: PERROT, Michelle. (Org.). *História da vida privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.187

¹⁷² Id. Ibid.

necessidade¹⁷³. Podemos pensar que estas melhorias infra-estruturais, após chegarem ao Brasil, ocasionaram uma alteração nas sensibilidades, diminuindo a tolerância com a demora entre o envio e o recebimento de cartas. É possível interpretar, desta forma, os freqüentes comentários sobre a “anarquia nos correios” bem como as ironias utilizadas por Amélia para contar o recebimento das missivas,

Creio que d’esta vez, a tua carta de 21 do passado, veio de automovel – pois aqui chegou a 28! Na actualidade, este facto causa verdadeira surpresa, a aquelles que, como nós, estamos habituados a receber cartas, com tanta demóra, que parecem ter feito a volta do Mundo!¹⁷⁴

Esta circulação de cartas “intra-familiares” não se fazia sozinha, na maioria das vezes acompanhava-se de presentinhos, pequenos mimos remetidos a Sinhá e sua família, bem como remetidos por esta à sua mãe.

O conteúdo das cartas, riquíssimo em informações sobre a saúde e notícias dos familiares, faz com que se saiba um pouco de cada um. Temos assim uma pluralidade de pequenas informações sobre a parentela que acompanham-se de uma apreciação pessoal de Amélia: “Fiquei mais animada com o estado da Talú, cujo tumor no nariz, parece não ser de caracter assustador.”¹⁷⁵, “Realmente estou satisfeitissima com o achado do meu caixão, até por vêr, que Tancredo parece estar agora mais activo”¹⁷⁶.

¹⁷³ PERROT, Michelle. A vida em família... op. cit., p. 187.

¹⁷⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 1º de julho de 1909. Contudo, não pretendo atribuir a ironia e/ou indignação de Amélia apenas à sua sensibilidade, mas também a uma possível desorganização no sistema de correios.

¹⁷⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899.

¹⁷⁶ Carta da Baronesa. Paquetá, 17 de abril de 1899.

Entretanto, nem sempre as notícias eram boas ou esperançosas. A carta escrita em 20 de setembro de 1900 inicia-se relatando de antemão seu objetivo: “Escrevo-te estas poucas linhas, unicamente para dar-te noticias da nossa Bonéca, que estou certa estaes afflicta por saber.”¹⁷⁷. Dispensando as frases iniciais sobre cartas recebidas ou votos de bom passar de Sinhá e família, as quatro laudas da carta tratam “unicamente” do estado de saúde da filha Boneca¹⁷⁸ cujo “estado de fraqueza é grande.”¹⁷⁹. Sem rodeios e com um relato preciso e minucioso sobre os acontecimentos, Amélia intera, de uma só vez, as três filhas “(Talú e Alzira q. acceitem esta por própria)”¹⁸⁰.

Sinhá também relata o passar dos familiares que se encontravam em Pelotas naquele momento: “muito me satisfez, pelas boas noticias que me dás, não só do bom passar de todos vocês, como de Alzira e familia”¹⁸¹. Quando Sinhá não fornecia notícias da saúde de todos, Amélia solicitava: “Leopoldo já foi para o Rio? Como vai elle do nariz? Manda-me noticias de todos.”¹⁸². Notícias relativas à saúde são portanto, uma das normas ou protocolos compartilhados e consolidados pelas duas escreventes que materializam a intimidade¹⁸³. Esta norma deveria ser obedecida posto que sua ausência é rapidamente detectada e reclamada já nas primeiras linhas: “Em nenhuma d’ellas, me fallas sobre o teu estado de

¹⁷⁷ Carta da Baronesa. São Domingos, 20 de setembro de 1900.

¹⁷⁸ Boneca devia ser – por eliminação, em relação a outros mencionados nas cartas –, o apelido de Felisbina, que faleceu em 1900.

¹⁷⁹ Id. Ibid.

¹⁸⁰ Id. Ibid.

¹⁸¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1899.

¹⁸² Carta da Baronesa. Curitiba, 19 de agosto de 1903.

¹⁸³ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História... op. cit., p. 20.

saúde”¹⁸⁴. Entretanto, o fato de Sinhá não comentar seu estado de saúde, possivelmente até para não preocupar a mãe, não significava que esta não descobrisse, “mas por carta de Talú, também recebida agora, sei que estaes um pouco melhor, das colicas de fígado.”¹⁸⁵.

Assim, analisar as cartas de Amélia implica mais do que levar em conta a escrita visando um destinatário, considerar a qualidade deste¹⁸⁶. A relação, mãe remetente - filha destinatária, longe de ser dada como inata e “naturalmente” íntima, se constrói ao longo da escrita e do tempo. Na escolha sobre como e porque contar, o que relatar ou silenciar e no empenho em fortalecer o laço, ela estabelece a intensidade da relação. Amélia se constrói, através de sua escrita, como uma mãe zelosa, preocupada que buscava meios de se fazer “presente”, “Escrevendo, é possível estar junto, próximo ao ‘outro’ através e no objeto carta”¹⁸⁷. Ela escreve “advinhando os garranchos, vai dividindo os assuntos, cuja importancia, revela somente, o desejo que tem uma mãe ausente, de conversar com uma filha tão querida, como tu.”¹⁸⁸. O papel de mãe, do qual Amélia lança mão nessa passagem, satisfaz as condições socialmente construídas sobre maternidade. O amor materno, de acordo com a filósofa Elisabeth Badinter, foi um sentimento encorajado ao longo do tempo¹⁸⁹. A valorização da infância, entre o final do XVIII e de maneira mais intensa no decorrer do século XIX, fez com que a família moderna

¹⁸⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1899.

¹⁸⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1899.

¹⁸⁶ De acordo com Todorov, “o destinatário é tão responsável pelo conteúdo de um discurso, quanto seu autor”. TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América - a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 224.

¹⁸⁷ GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História...* op. cit., p. 20.

¹⁸⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1899.

¹⁸⁹ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

concedesse à mãe uma importância jamais vista¹⁹⁰. Neste sentido, Amélia comenta a preocupação da sua filha Alzira: “Essa demora, sem duvida assustou Alzira, que por duas vezes me telegraphou, pensando talvez, que o filho tivesse piorado. A pobre ha de estar sempre sobresaltada!”¹⁹¹.

O zelo e o afeto foram considerados inerentes às mulheres através do “instinto materno” sendo qualquer exceção considerada uma patologia. Amélia, em suas cartas, demonstra seus sentimentos já nas primeiras linhas: “Minha querida Filha”¹⁹², “Minha bôa e querida filha”¹⁹³, “Minha mt.º querida filha”¹⁹⁴. Mais do que indicar o destinatário, o vocativo pode ser revelador do sentimento de afeto de uma mãe. A construção de uma boa relação entre as duas fica evidenciada nos pequenos gestos, nas tentativas de satisfazer os desejos de Sinhá e evidentemente no interesse em manter a prática epistolar.

A formalidade da despedida é um momento de re-afirmação do laço “Mãe e am.ª do Coração”¹⁹⁵. A recorrência dos termos “mãe” e “amiga” acompanha-se da alternância dos adjetivos “Cérta”, “Verd^{ra}”, “do C.” para só então finalizar com a assinatura “Amélia.” ou, simplesmente “A.”.

A mãe, de acordo com Badinter, deveria, à medida que avançava em idade, aperfeiçoar-se incessantemente e crescer em bondade, sendo agradável a noras e

¹⁹⁰ A autora coloca que no final do século XVIII há uma exaltação do amor materno como um valor natural e social. BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado...* op. cit., p. 146.

¹⁹¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1917.

¹⁹² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899.

¹⁹³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1899.

¹⁹⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1900.

¹⁹⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1909.

genros a fim de permanecer próxima dos filhos¹⁹⁶. Assim, Amélia não finaliza uma só carta sem fazer referência aos netos e ao genro Lourival, “Abraços a Lourival, e com toda a -netaria- recebe milhares de beijos”¹⁹⁷. Presentinhos também são enviados aos três genros ao longo das cartas, tal como o relatado por ela neste trecho: “Remetto-te também, (não sei ainda por quem, mas te avizarei por telegramma) umas lembranças para entregares n’esse dia á Lourival, Tancredo, e Nico, na mesma ocasião que deres as das meninas. É uma recordação da - Sógra -”¹⁹⁸. Ao analisar as duas cartas que Amélia envia para o genro Lourival percebemos a diferença de tratamento concedida a filha e ao genro. Um vocativo formal “Lourival” inicia um texto direto e desprovido de maiores sentimentos e apreciações pessoais. Amélia expõe sem rodeios o objetivo de sua carta e a encerra com “Madr^a e am^a obrg.^a”¹⁹⁹ ou “Madr^a e am.^a grata.”²⁰⁰. A única carta enviada à filha e o genro juntos foi escrita em um momento de tristeza e traz em seu vocativo a idéia de maternidade estendida também a Lourival: “Queridos Filhos, Sinhá e Lourival”²⁰¹. Esta, escrita em tom de conselho, tem como objetivo manifestar pesar aos pais que haviam perdido a filhinha Dalva²⁰²: “Ferida pelo mesmo gólpe, mesmo de longe os acompanho pelo pensamento em todo esse trase doloroso, mas não encontro uma unica palavra de consolo

¹⁹⁶ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado...* op. cit., p. 259.

¹⁹⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1909.

¹⁹⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1899. As lembrancinhas enviadas eram oferecidas em alusão ao “dia 1.º do ‘Novo Século’”.

¹⁹⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1909.

²⁰⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1910.

²⁰¹ Carta da Baronesa. S. Domingos 23 de setembro de 1900.

²⁰² Dalva deveria ter entorno de três anos tendo em vista que em sua carta, Sinhá comenta com a mãe a idéia de batizar Dalva no dia 10 de abril. Carta de Sinhá. Pelotas, 08 de abril de 1897.

para enviar-Ihes!"²⁰³. Amélia dirige uma frase a cada um lembrando a Sinhá que buscasse amparo na religião que professavam e a Lourival que "é mais forte, tem a energia própria do seu sexo, e por isso estou certa, que dará á minha pobre filha, o exemplo de coragem, nas luctas da vida!"²⁰⁴. O momento era de dupla tristeza para a família visto que Boneca, irmã de Sinhá, também estava bastante doente. Ela então se utiliza da carta como uma forma de desabafo - "Não imagino o que tenho passado"²⁰⁵ - permitindo que Sinhá percebesse que ela enquanto "mãe" estava vivendo drama semelhante.

Escrever uma carta, como nos coloca Gomes, é uma demonstração de confiança²⁰⁶: "Não deixes mais ninguém lêr esta pois estas cousas, são só para ti porque assim me parece que estou conversando com tigo"²⁰⁷, e é a partir deste prisma que devemos pensá-la. A carta é um meio de comunicação que se enraíza de maneira muito profunda, na forma de viver um vínculo social, de delegar importância a ele. Notamos nas cartas, situações que demonstram o empenho em escrever, sendo relevante analisar as condições conjunturais que denotam este esforço:

Esta, não póde ser extença, por que tenho que sahir a procurar umas encommendas da Noêmia e já é tarde. Hontem quis escrever-te, mas quando ia começar, veio a Catúca pedir-me para sahir com ella, porq. O Rangel não

²⁰³ Carta da Baronesa. S. Domingos 23 de setembro de 1900.

²⁰⁴ Carta da Baronesa. S. Domingos 23 de setembro de 1900.

²⁰⁵ Id. Ibid.

²⁰⁶ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História... op. cit., p.19.

²⁰⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1909.

podia [...] Isto é só para não deixares de ter por este vapor, uma carta minha. Depois escrevei com vagar.²⁰⁸

A existência de um “portador” que forneça notícias detalhadas não torna a escrita ociosa, pois é nela e somente através dela, que a escrevente atenua suas saudades: “O portador d’esta, é carta viva, mas apesar disso, não quero deixar de dirigir-te estas linhas, para matar as saudades, que já são muitas.”²⁰⁹. A carta desloca-se de uma função mais informativa e investe-se de um sentimento de presença, de re-afirmação de afetuosidade.

Através das cartas de Amélia, percebemos que ela raramente está sozinha; junto a ela, no Rio de Janeiro, havia sempre alguns familiares. Ora uma filha ou outra, e quase sempre os netos, principalmente quando estes já estavam em idade escolar e se dirigiam a capital para continuarem os estudos. Descobrimos, desta forma, que era a avó quem tomava para si a responsabilidade de acompanhar seus estudos.

As vésperas de setembro de 1909, quando Amélia ainda não havia encontrado casa, o que julgava ter acontecido porque buscava uma zona limitada, próxima à escola do neto Edgar, ela relata a Sinhá que ele já não queria mais frequentar o colégio em que estava matriculado: “Infelizmente porem, creio que em pura perda, pois que, Edgard, creou um tal aborrecimento a este Collégio,

²⁰⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1909.

²⁰⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de março de 1918.

que não estudar.”²¹⁰. Amélia tomou para si a tarefa de passar reprimendas, algo que ela não gostava mas que se via obrigada a fazer:

Diz elle, quando eu lhe faço vêr, o papel triste, que vai fazer, e as culpas que vai acarrretar sobre mim; porque dizem logo: - são cousas d’avó, com o espiritismo, porque o Collegio é de padres - elle me responde: a Sr^a. Tem razão, vovó; mas eu não pôsso! Bóte-me em outro collegio, e eu lhe mostrarei si estudo ou não! Diz isto, e pôe-se a chorar!²¹¹

Contudo, como se pode perceber, esse aborrecimento do menino poderia ser atribuído, pelos familiares, à influência de Amélia, o que ela temia.

Seu acompanhamento da vida escolar dos netos se fazia presente não somente para passar reprimendas, como também para parabenizar e incentivar: “Vou escrever um postal a meu velho (Lourival) felicitando-o por seus progressos no collégio.”²¹².

Zilda e Déa ainda crianças compartilhavam com a mãe Sinhá o ritual das trocas epistolares, recebendo e enviando cartas à avó como podemos ler na anotação final da carta de Amélia: “Déa, (cuja cartinha mt. apreciei, e vou responder)”²¹³. Em 20 de Julho de 1909, por exemplo, Amélia escreve a Sinhá demorada carta relatando o estado de saúde do neto Edgar que, naquele momento, sofria muito de dor de dente. Ao final da carta, ela se justifica por não ter escrito aos

²¹⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1909.

²¹¹ Id. Ibid.

²¹² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1909. Através de uma outra carta enviada no dia 30 de agosto de 1909, em que ela comenta ter cumprimentado o “meu velho” por seu aniversário através de telegrama e confrontando com as datas de nascimento dos netos, temos que Lourival nasceu no dia 30 de agosto de 1901, devendo ser ele por tanto, quem recebe o apelido já que possui o mesmo nome do pai.

²¹³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917.

netos Lourival e Zilda: “Não escrevo a meu velho, e a Zilda, porque mandei buscar uns postaes, e ainda não viéram. Escreverei pelo vapor de sabbado.”²¹⁴. Os postais devem ter chegado naquele dia ou no dia seguinte já que Amélia envia um bonito postal à neta “M.^{elle} Zilda” no dia 21. O postal possui a imagem de duas meninas pequenas, porém com idades diferentes deitadas em uma cama com a inscrição Zilda no braço da maior e Déa no braço da menor²¹⁵. No verso do postal, ela comenta sua interpretação da imagem, “Á querida Zilda, a - vovó - retribue, com muito carinho, e agradecimentos, os beijos que lhe enviou. Apesar de não serem parecidas as figuras d´este, trouxe-lhe á idéa que estava ella deitada com a Déa.”²¹⁶.

O vai e vem das cartas, por volta do ano de 1910, começa a se fazer acompanhar também de cartas e recomendações dos netos que lá estão. Em maio de 1909, Edgar, filho de Talú (Isabel), já está no Rio de Janeiro morando com a avó, fato que sucederá também a Rubens a partir de março de 1910²¹⁷.

Desta forma, as cartas amarram duplamente as relações familiares: através da troca entre seus membros que muitas vezes não acontece de forma freqüente, mas contínua, e também através do conteúdo; este, permeado de terceiros, de

²¹⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1909.

²¹⁵ Zilda, segunda filha mais velha, era de abril de 1899, e Déa, a caçula, era de fevereiro de 1909. No momento da escrita do cartão postal, as duas tinham respectivamente uma 10 anos e a outra cinco meses. O cartão-postal surgiu em 1889. Feito a partir da fotografia, se identifica com a modernidade por inserir uma nova modalidade de correspondência que ultrapassa os dois tipos de fronteira a espacial – geográfica – e a da individualidade da correspondência. As palavras do emitente, livres do sigilo garantido pelos envelopes ao conteúdo das cartas, socializam-se até chegar ao destinatário. BORGES, Maria Linhares. *História e Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 61. No anexo 9 temos a reprodução do cartão postal juntamente com a fotografia de Zilda, anos depois, já como rainha do Clube Diamantinos.

²¹⁶ Cartão Postal da Baronesa. Rio de Janeiro, 21 de julho de 1909.

²¹⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 15 de março de 1910. Rubens já havia escrito carta à avó comentando a idéia de seguir para o Rio de Janeiro antes dos pais. Essa idéia recebe o apoio de Amélia que escreve à filha dizendo que se o neto fosse ainda em março teria tempo de passear pela cidade já que as aulas começavam somente em abril.

recados, recomendações, notícias torna a carta um lugar de muitas “presenças”:
 “Adeus, saudades à todos os nossos parentes, e amigos; saudosos abraços à Lourival, Talú, Alzira, Nico, e Tancredo. Muitos beijos aos queridos netinhos, e elles que repartão com todos os primos.”²¹⁸.

As cartas não se restringem ao “núcleo familiar mais próximo”, elas são portadoras de recomendações à esfera familiar mais ampla: “A boa Prima Chiquinha, Francisco, e filhos; Candóca, e filhas, Sinhá e Arthur, envio um saudoso abraço pedindo te que tambem me recomendes mt.º, à tia Flora, e todas as filhas, bem como as mais pessoas de familia e amisade que de mim se lembrarem”²¹⁹. A prima Chiquinha, aparentemente, é uma das familiares mais presentes e consideradas por Amélia e suas filhas, sendo constante a referência a ela: “Diz à Prima Chiquinha, Candóca e Sinhá Pequena, que não lhes escrevo directamente, por ter sempre noticias d’ellas por teu intermédio, e de tuas irmãs.”²²⁰ A interrupção das cartas trocadas com Chiquinha preocupava Amélia que pedia então a Sinhá que verificasse o recebimento: “Nunca me mandaste dizer; conforme te pedi, si ella, (prima Chiquinha) e a Mercêdes receberam minhas cartas. A Mercêdes escrevi duas vezes, sendo uma, no dia 24 de Maio.”²²¹.

As cartas de Amélia constituem-se em importante elo familiar onde fica evidente a preocupação não só com o núcleo familiar mais próximo – filhas, genros e netos - mas também com a parentela mais extensa – tios, primos, etc. Algo que pode se depreender de sua preocupação com datas de aniversário da família, momento importante para reatar laços frouxos pela distância: “Não te esqueças de

²¹⁸ Carta da Baronesa. Curitiba, 07 de agosto de 1903.

²¹⁹ Carta da Baronesa. Curitiba, 03 de setembro de 1903.

²²⁰ Carta da Baronesa. Curitiba, 06 de setembro de 1903.

²²¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 15 de junho de 1909.

me mandar a nota que te mandei pedir, dos aniversários das pessoas de família e amizade que estamos habituadas a mandar cumprimentos.”²²².

Devemos atentar também para os parentes que, estando fisicamente próximos a ela, não figuram entre os correspondentes. A família dita extensa tinha participação na vida de Amélia; embora não habitasse o mesmo domicílio, era comum a temporada de parentes em sua casa como a irmã e o cunhado no ano de 1885 e, posteriormente, o acompanhamento de familiares em viagens como a realizada à Paquetá e as visitas para almoço e jantar em sua casa ou no hotel no Rio de Janeiro. Assim como a viscondessa do Arcozelo, investigada por Ana Maria Mauad e Mariana Muaze, a baronesa de Três Serros também aparece como importante elemento de ligação entre a família nuclear e a mais extensa tornando-se uma das responsáveis por avivar as relações familiares²²³. O grande fluxo de cartas entre a parentela permitia que ela soubesse, a um só tempo, notícias dos remetentes e de várias outras pessoas mencionadas nas cartas. Desta forma, Amélia descobria, apesar da distância, até mesmo os assuntos silenciados pela filha Sinhá em suas missivas.

²²² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de junho de 1909.

²²³ MAUAD, Ana Maria e MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da viscondessa do Arcozelo. In: GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 197-228.

1.4. “Lembra-te que tua mãe já está bem velha, e doente, e que cuidando da tua saúde, cuidas a d’ella.”²²⁴

Faltando poucos dias para o começo do “Novo Século”, Amélia pegaria na pena, às “3 ½ horas da tarde”, para redigir as primeiras linhas de uma carta para Sinhá. A carta seria uma resposta a duas cartas que ela recebera juntas e que acabara de ler. Inicialmente, Amélia se reporta a alguns assuntos mencionados pela filha, passando, logo após, a agradecer o telegrama enviado por ocasião de seu aniversário: “Muito te agradeço, bem como á Lorival e netinhos, o telegramma de felicitações que me enviarão, no dia 17”²²⁵. Amélia comemorava, naquele dezembro de 1899, seu 51º aniversário e assinalava rapidamente o tom que possuía para ela aquela data: “dia bem difficil de passar para mim, pois só me traz recordações, cada vez mais dolorosas!”²²⁶.

Viúva há doze anos, Amélia havia decidido se transferir para o Rio de Janeiro. Analisando suas cartas em busca de informações que pudessem nos apontar razões para esta mudança, podemos elencar dois motivos. O principal deles e apontado por Amélia era “praticar um pouco, a minha santa religião, da qual ahi me vejo absolutamente privada!”²²⁷, e o segundo estava relacionado

²²⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1917.

²²⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1899.

²²⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1899.

²²⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903. Este assunto – a “minha santa religião” – será abordado no terceiro capítulo.

ao clima do Rio de Janeiro: “este é o clima que convem á minha natureza, embóra julguem outros o contrário.”²²⁸.

Viúva e com as filhas casadas, Amélia considerou o momento bastante oportuno para retornar à sua terra natal. A mudança para Pelotas, em virtude do casamento, não deve ter sido fácil para Amélia, como se depreende da carta endereçada à prima e na qual menciona que a “Côrte” oferecia “muitas distracções” e que Pelotas era “mtº triste no inverno”²²⁹.

Em suas cartas, curiosamente, não encontramos comentários sobre sua infância ou sua juventude, apesar de ter apenas 15 anos quando se casou com Aníbal. Amélia, com certeza, pertencia a uma família que valorizava a instrução feminina, o que pode ser constatado na sua caligrafia perfeita, na organização textual e nos cálculos precisos. Assim como a viscondessa do Arcozelo, Amélia também havia nascido na década de 1840, período em que a instrução feminina era valorizada para que a mãe pudesse desempenhar bem seu papel de educadora dos futuros cidadãos do império²³⁰.

Maria Helena Bastos, ao investigar o Jornal das Famílias veiculado entre 1863 e 1878 e que se destinava ao público feminino, constatou que a idade

²²⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1903.

²²⁹ Carta da Baronesa. Pelotas, 04 de julho de 1885. De acordo com Magalhães, entre as principais opções de diversão na cidade encontravam-se as festas religiosas, os saraus, os passeios no Parque Souza Soares e as apresentações no Teatro Sete de Abril, sendo este freqüentado com muita regularidade. Ainda segundo este autor, era durante o verão que os habitantes tinham maiores opções, já que o inverno era bastante rigoroso em Pelotas. MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e Cultura...* op. cit., p.166.

²³⁰ NEVES, G. Polyntea comemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino. Rio de Janeiro: sociedade propagadora das Belas Artes, 1881. Citado por MAUAD, Ana Maria e MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade... op. cit., p. 215.

recomendada à época para que as moças se casassem era entre 18 e 25 anos²³¹. Este jornal, além de fazer referência constante ao casamento, também estimulava que esta união matrimonial resultasse do amor entre os cônjuges²³².

O único registro que encontramos sobre os tempos de casamento é uma carta de Aníbal, com data de março de 1865. Na ocasião, Amélia já devia estar com três meses de gravidez, pois de acordo com o Livro de Batismos da Catedral São Francisco de Paula, em Pelotas, Amélia e Aníbal tiveram o primeiro filho em setembro de 1865, passado um ano de casamento²³³. Este seria o primeiro da prole e receberia o nome Anibal, dando seqüência à linhagem do pai e do avô paterno escolhido como padrinho.

Aníbal inicia a carta de forma carinhosa: “Minha amada Amélia”, e refere o envio de outras, como sugere a referência: “6^a, 7^a e 8^a”, sendo esta a 9^a. Nela, além de informar que Luis lhe entregaria “uma caixinha com botões de punho que como lembrança te mando.”²³⁴, Aníbal se justifica pela brevidade da carta, já que, ao contrário das anteriores, não se alongaria porque “O Guarany resolveo sahir já por aproveitar o vento e por isso não te escrevo como desejava, apesar da gr^{de} massada q̄ terás em ler as extensas cartas 6^a. 7^a e 8^a.” Um comentário

²³¹ BASTOS, Maria Helena Câmara. Leituras das famílias brasileiras no século XIX: o Jornal das Famílias (1863-1878). In: *Revista Portuguesa de Educação*. Vol. 15, n.002, Braga: Universidade do Minho, 2002. p. 169-214.

²³² Id. Ibid., p. 186. Além do amor que deveria existir entre os cônjuges, encontramos referências também à harmonia das idades e da educação que deveria existir. Este aspecto, de certa forma, chega a ser referido por Amélia anos depois “Corre por aqui (isto em resérva) que o Julhinho é pretendente da Othilia? Deus queira que assim seja, isto é; que a cousa vá avante, pois é um casamento bem igual. Ambos são tão distintos.” Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1909.

²³³ Mitra Diocesana – Setor Arquivo. Livro de Batismos nº 13 (1865-1868) da Igreja Matriz São Francisco de Paula. P. 74. O Livro de Batismos nº 12 (1863-1865) também foi consultado, sendo que neste nada consta.

²³⁴ Carta do Barão. “Cid do Jag^m 10 m.^{co} de 1865”. A caligrafia do Barão dificulta e a leitura e a compreensão, ainda mais prejudicadas pela larga utilização de abreviações.

feito por Aníbal sugere que o encontro com Amélia – que havia sido previsto – teve de ser adiado: “Nada mais te digo sobre tua vinda porq estou certo tanto como eu a desejavás e só sim q em sangradouro terei o praser de abraçar te.” Na seqüência, escreve em tom romântico: “Fico contando os dias q^e nos devem ainda separar, como conta o usurario o fructo de sua mesquinha vida.” A despedida investe-se ainda mais deste romantismo: “Adeus m^a querida Amélia e vem q^o antes dar paz a meo coração.” A troca de cartas entre Aníbal e Amélia parece nos indicar que a prática se fazia presente desde muito tempo na vida de Amélia, antes mesmo de sua viuvez.

Em carta dirigida à prima, em maio de 1885, ela solicitava um vestido para si, bem como sapatos, ressaltando que o número do seu sapato deveria ser maior, porque estava “com os pés um pouco grossos”. Ao cruzarmos este comentário com a informação contida no inventário do Barão, datado de março de 1887, de que o filho mais jovem do casal, Edmundo, tinha um ano e dez meses, pode-se concluir que, ao escrever à prima, Amélia devia estar prestes a ter o filho.

A residência do casal – chamada de Parque Aníbal ou chácara – tinha, segundo nos informa o inventário, “cento e trinta e dois metros de frente pela estrada da Costa e fundos até a estrada denominada de baixo, casa de moradia, parque, gruta, jardim, pomar, poteiros, cocheiras e demais benfeitorias”²³⁵.

Em 22 anos de casamento, Amélia – de acordo com o que conseguimos apurar – teve nove filhos. Em resposta a um das cartas enviadas por Sinhá – na

²³⁵ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Inventario do Barão de Três Serros. Nº 1071, Maço 60, Estante 25, Ano 1887. 1º Cartório de Orphãos e Provedoria. p. 08-09.

qual a filha comenta as reformas que estava fazendo na chácara, este período de sua vida será rememorado:

Para mim, minha boa e querida Filha, ella representará sempre, e com as mais vivas côres, a felicidade perdida; não havendo um só ponto, que não desperte em mim, a lembrança d'aquelles que tanto amei, e que já perdi!²³⁶

Este comentário – feito em tom saudoso sobre a chácara –, após dezesseis anos de viuvez e de morte de alguns dos filhos, parecia estar acompanhado de um desejo de que “Deus permitta, que Vocês, mais feliz do que eu, a pössão gozar por mt.os annos.”²³⁷.

Sobre seu casamento e sobre a maternidade, as cartas nos fornecem poucas informações. No testamento do Barão, descobrimos que Amélia contou com, ao menos, quatro amas-de-leite para seus filhos:

a parda livre, Anastacia ex ama de leite de meos filhos: Zulmira Edmundo e Dulce, duzentos mil reis: a Balbina digo a Bibiana, livre ex ama de leite de minha filha Felisbina, com mil reis: a Castorina, livre, ex ama de leite de meo filho Annibal – com mil reis [...] a creoula livre Jozefa dos Santos, ex ama de leite de minha filha Alzira com mil reis.²³⁸

²³⁶ Carta da Baronesa. Curitiba, 06 de setembro de 1903.

²³⁷ Id. Ibid.

²³⁸ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Testamento de Anibal Antunes Maciel 11/08/1885 anexado ao Inventário do Barão de Três Serros. N° 1071, Maço 60, Estante 25, Ano 1887. 1° Cartório de Orphãos e Provedoria, p.16.

Com a morte do Barão, em março de 1887, Amélia assume uma nova condição, a de viúva, tutora e testamenteira. Neste momento, não tinha mais os pais, nem o filho mais velho – Aníbal, – vivos, como se deduz do testamento do Barão, em que figuram como filhos herdeiros:

Amélia, dezoito annos, solteira
Izabel, dezesseis annos, dita
Felisbina, quinze annos, dita
Annibal, quatorze annos, dito
Zulmira, doze annos, dita
Alzira, dez annos, dita
Dulce, sete annos, dita
Edmundo, um anno e dez meses.²³⁹

Em seu testamento, Aníbal recomendava que Amélia não se casasse novamente, o que de fato aconteceu, já que não há nenhuma evidência de que ela tenha contraído novo matrimônio:

Vigésimo Primeiro: que espero do bom juizo de minha mulher peço-lhe nunca torne a cazar e se dedique inteiramente a boa educação e felicidade de nossos filhos, ensinando-lhes os mesmos principios que sempre me vio professar e que fazem-me legar-lhes um nome honrado.²⁴⁰

²³⁹ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Inventário do Barão de Três Serros. N° 1071, Maço 60, Estante 25, Ano 1887. 1° Cartório de Orphãos e Provedoria. p. 03. Há uma série de discordâncias com relação ao número exato de gestações que Amélia teria tido. As árvores genealógicas existentes no arquivo do museu apresentam diferentes números de filhos.

²⁴⁰ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Testamento de Anibal Antunes Maciel 11 de agosto de 1885 anexado ao Inventário do Barão de Três Serros. N° 1071, Maço 60, Estante 25 Ano 1887. 1° Cartório de Orphãos e Provedoria.

A viuvez de Amélia, aos trinta e oito anos de idade, além de decretar o fim de uma etapa de sua vida – a da vida conjugal e da geração de filhos –, provocaria profundas mudanças na estrutura da família. A guarda e a administração dos bens ficariam sob sua responsabilidade, até que os filhos recebessem, sem prejuízo, a herança a que tinham direito, por ocasião do casamento e/ou emancipação.

Com a responsabilidade de prover o sustento da prole, Amélia lançaria mão de leilões, a fim de vender animais e arrendar as propriedades. Assim, um ano após a morte de Aníbal, ela informava ao Juiz de Órfãos que a Fazenda de Salsipuedes, no Uruguai, contava com 12107 cabeças de gado, quantidade superior à capacidade do campo, que não deveria comportar mais de 1200 rezes por sorte²⁴¹. Alegando que o excesso de animais era prejudicial ao bom desenvolvimento da produção e para a engorda, ela reivindicava a autorização para venda de animais dessa Fazenda e de alguns da Estância do Pavão, pertencente aos órfãos, perfazendo um total de 3500 rezes. Em fevereiro de 1890, Amélia fez um novo pedido ao juiz, desta vez, para arrendar a mesma fazenda e o gado nela existente²⁴². Com relação à família, Amélia Aníbal – ou Sinhá –, a filha mais velha, havia alcançado a maioridade e Isabel havia se emancipado pelo casamento com Tancredo Francisco de Sá, realizado em julho de 1888²⁴³. O filho caçula, Edmundo, havia morrido, tornando Amélia herdeira deste.

²⁴¹ Sorte é uma medida agrária que equivale a 2.700 quadras.

²⁴² Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Inventário do Barão de Três Serros. N° 1071, Maço 60, Estante 25 Ano 1887. 1° Cartório de Orphãos e Provedoria.

²⁴³ CARVALHO, Mario Teixeira de. *Nobiliário Sul-Riograndense...* op. cit., p. 336 a 339.

Em novembro de 1890, o filho Aníbal encontrava-se em Porto Alegre, e escrevia à mãe, contando que esperava pela segunda chamada para prestar exame na “Escola Militar”. Aníbal manifesta sua indignação com os examinadores: “A bandalheira aqui, a esse respeito tem sido de se lhe tirar o chapéu. Os examinadôres pulam por cima de pontos, programma, etc.; e as cunhas (cartões de protecção) têm andado como cisco, quando junto.”²⁴⁴. Comentava com a mãe que tinha “inteira convicção” de que sabia a matéria para a qual prestaria exame, mas que estava com medo, porque lhe parecia que o reprovariam na primeira em que fosse examinado pois, “como sabe, não tenho padrinhos; e quem não tem padrinhos, morre pagão!” Comunicava, ainda, que caso não fosse aprovado, não estudaria mais porque era difícil ver desperdiçado um trabalho em que havia gasto tempo, dinheiro e incômodos.

Em uma das cartas de Sinhá, do ano de 1897, encontramos novas informações sobre as condições financeiras da família e sobre a gestão do patrimônio. Sinhá escrevia à mãe com o objetivo de detalhar um telegrama do marido Lourival e para informar que havia remetido “5 partes (4 suas e a do Luiz)”²⁴⁵ de uma quantia em dinheiro proveniente de Montevideú. Naquele ano, Amélia se encontrava no Rio de Janeiro, acompanhada da filha Dulce, e Sinhá tinha esperanças de seguir em maio para junto da mãe.

²⁴⁴ Carta de Aníbal. Porto Alegre, 28 de novembro de 1890. Grifo do filho Aníbal.

²⁴⁵ Carta de Sinhá. Pelotas, 08 de abril de 1897. Podemos supor que as quatro partes que cabiam à Amélia eram provenientes dos filhos que já haviam falecido mais a sua.

Desde a morte do marido, Amélia já havia perdido os filhos Edmundo, Aníbal e Zulmira²⁴⁶. O período compreendido entre a morte do Barão e o começo das cartas escritas à Sinhá transcorreu em meio à alternância de casamentos, mortes e o nascimento dos primeiros netos. É certo que, concomitantemente, Amélia vivia as modificações físicas próprias do período da menopausa, apesar de não mencionar isto em suas cartas ²⁴⁷.

Se não podemos afirmar que o hábito de escrever cartas surgiu depois da morte de Aníbal, é com a viuvez que ele se intensificará. A nova condição e o crescimento dos filhos – que estavam constituindo suas famílias – e a mudança para o Rio de Janeiro serão fatores propulsores da paixão pela escrita. É, a partir deste momento que podemos acompanhá-la mais de perto, através das cartas que escrevia, e nas quais surge desempenhando, simultaneamente, múltiplos papéis sociais. Sobressaem-se nas cartas os relacionados à família – mãe, sogra e avó – quase o “indivíduo relativo” do qual nos fala Rousseau²⁴⁸, mas há espaço também para a administradora, a consumidora, a amiga e a leitora.

Quando Amélia redige a primeira carta para a filha, no ano de 1899, as missivistas estão, respectivamente, com 51 e 30 anos de idade. Casada já havia nove anos, Sinhá tinha dois filhos, Rubens e Dalva e estava prestes a ter Zilda, nascida poucos dias depois da primeira carta. Amélia já possuía, pelo menos, mais

²⁴⁶ Zulmira estava sepultada no Rio de Janeiro, conforme uma das cartas de Amélia, em que relata despesas com a limpeza do túmulo.

²⁴⁷ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres...* op. cit., p.48. Como refere Perrot, o término da vida fértil e, talvez, do sentimento de feminilidade, era quase tão secreto quanto a puberdade.

²⁴⁸ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado...* op. cit., p. 170. Nesta obra, a autora discute como ao longo do tempo os discursos foram definindo o papel da mulher, sobretudo, em função de uma valorização da infância.

cinco netos neste período: três meninos, filhos de sua filha Talú, e outros dois, de Alzira. O ano de 1899 parecia estar predestinado para o aumento da família, pois Zilda já era a terceira neta naquele ano e a filha Dulce também estava grávida.²⁴⁹

A primeira carta do ano de 1899 que localizamos data de 17 de abril e, através dela, sabemos que Amélia estava distante da filha Sinhá, pelo menos, desde 15 de março. Nessa carta, ela relata que a filha Dulce e seu marido Leonel – a quem Amélia considerava excelente companhia, devido ao “bom humor que sempre o acompanha”²⁵⁰ – tinham estado com ela em Paquetá e que, após sua partida para a cidade, se encontrava acompanhada por “Bébé, Nico, Fernanda, e Titia, que veio hoje passar uns oito dias commigo.”²⁵¹.

A próxima carta de Amélia a que tivemos acesso será, sem dúvida, uma das mais difíceis. Sua escrita se dá em um momento de profunda tristeza pela morte da filha Dulce. Nela, Amélia procurava se justificar por não ter escrito à Sinhá: “Tu porem, não teras extranhado essa, falta, por que bem avalias, o quanto me é doloroso, o assumpto d’ellas.”²⁵². Escrever sobre os últimos acontecimentos demandava coragem e controle emocional: “Por vezes tentei escrever-te, mas as lagrimas ião apagando o que escrevia, e por isso desisti, deixando para mais tarde.”²⁵³ Amélia nos informa que havia respondido somente a carta de Lourival que, provavelmente, por seu tom distanciado, não requeria uma escrita mais emocional.

²⁴⁹ De acordo com o Nobiliário, Tancredo Maciel Ribas, filho de Alzira, havia nascido em 26 de fevereiro; Raul Maciel de Sá, filho de Talú, havia nascido em 26 de março; e Sinhá havia tido a filha Zilda, em 26 de abril, todos de 1899. CARVALHO, Mario Teixeira de. *Nobiliário Sul-Riograndense...* op. cit., p. 336 a 339.

²⁵⁰ Carta da Baronesa. Paquetá, 17 de abril de 1899.

²⁵¹ Id. Ibid..

²⁵² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899.

²⁵³ Id. Ibid.

Mais tarde, para a filha, Amélia escreveria: “Á dias escrevi á Lourival, cuja amistosa cartinha, muito me penhorou, mas não me foi possível fazê-lo á ti na mesma ocasião”²⁵⁴.

Ainda que pesassem fatores de ordem prática como a falta de tempo e as ocupações rotineiras, a tarefa de escrever à filha era para Amélia como um “abrir-se” para a atenuação de suas angústias, um “dar se a ver” dos seus sentimentos mais profundos de dor, constituindo-se em demonstração verdadeira de intimidade e confiança. Deve-se considerar, ainda, que o distanciamento temporal entre o acontecimento e a narração possibilitava um maior “equilíbrio” entre a expressão e a contenção, apesar de quase sempre precário²⁵⁵.

Entretanto, a escrita parecia não dar conta do que ela havia vivenciado, “Sobre os horrores porque passamos no dia 6, só de viva voz te poderei contar!”²⁵⁶. Horrores que provocariam em Amélia um momento de reflexão sobre sua vida e um desabafo: “Ah! Minha filha, que velhice tem sido a minha! Porque rudes provações tenho passado!”²⁵⁷. A expressão de seu sentimento se manifestava através do largo uso dos pontos de exclamação, que não apareciam de maneira tão recorrente em outras cartas. Esta seria uma possível tradução da sua subjetividade, do sentimento materializado e palpável que opera como manifestação exterior de sua experiência íntima e individual²⁵⁸, que se potencializa pelos “indícios de oralidade derivados da função *presentificadora*” que acompanha a linguagem

²⁵⁴ Id. Ibid.

²⁵⁵ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História... op. cit., p. 17.

²⁵⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899.

²⁵⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899.

²⁵⁸ FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Cartografia da sensibilidade... op. cit., p. 219.

epistolar²⁵⁹. Para demonstrar o profundo carinho que sentia pela filha e, de certa forma, antecipar, o que a ela estava destinado, ela escrevia:

Não penses porem, que tenho desesperado, não; estou resignada com a vontade de Deus, que ainda me concede a felicidade de ter filhas como tu, para ajudarem-me, a carregar o pezado fardo d'estes últimos annos de existência!²⁶⁰

Aos 51 anos, Amélia escrevia sobre si como uma mulher já velha, cansada e sofrida que, como veremos mais adiante, buscaria amparo no espiritismo para resistir aos “profundos e repetidos golpes” que a vida lhe reservaria.

Dulce havia morrido de parto, algo sempre temido pelas mulheres, por impedi-las de chegarem à quarta idade²⁶¹. A gravidez trazia consigo, além da espera, a ambigüidade entre a alegria pelo surgimento de uma nova vida e o risco de morte. Amélia observava que, assim como Sinhá deveria lembrar, Dulce tinha complicações de estômago desde solteira e que se agravaram com a gravidez. Ao ver a filha piorar com o andamento da gestação, ela se posicionava diferentemente do genro e de Rodrigues Lima que atribuíam tudo ao estado dela, “mas eu não julgava isso, e ia sempre protestando, mas elles como médicos, dizia que não, e que logo que ella tivesse a creança, tudo desapareceria.”²⁶². Amélia, talvez,

²⁵⁹ GÓMEZ, Antonio Castillo. “Como o polvo e o camaleão se transformam”: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. In: BASTOS, Maria Helena Câmara, CUNHA, Maria Teresa e MIGNOT, Ana Chystina Venâncio (Orgs.). *Destinos das Letras*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 25.

²⁶⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899.

²⁶¹ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres...* op. cit., p.42.

²⁶² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899.

confiando em seus largos anos de experiência, percebia que havia algo grave que não decorria somente da gravidez:

Ella porem ia enfraquecendo extraordinariamente, e no dia 5, apezar d'ella não querer, insistimos com Leonel para mandar chamar o Nico [marido de Talú], e este logo que a vio, julgou-a mal. Infelizmente no dia 6 ás 4 da madrugada, manifestárão-se as dôres de parto, e com elle esgotou ella o resto das forças!²⁶³

Apesar das divergências, Amélia ressaltava para a filha que não pretendia acusar os médicos de negligência e ponderava: “(Não quero dizer, que durante a gravidez, ella não estivesse em tratamento, não; ao contrario, esteve sempre em uzo de remédios, mas o estomago não supportava nem estes, nem o alimento; nada absolutamente.)”²⁶⁴. Na seqüência de sua carta, ela comenta que estava mais animada com estado de Talú, que se encontrava no Rio de Janeiro para o tratamento de um “tumor no nariz” que parecia não ser grave.

Aos cinqüenta e um anos, Amélia não só via apenas sua família crescer, com a chegada de três novos netos naquele ano, como havia experimentado a tristeza de ver sua filha Dulce morrer. Tristeza que voltava a sentir quando ia ao cemitério, acompanhada das filhas Felisbina (Boneca) e Talú para cuidar da sepultura da filha. As notícias envolvendo a família norteavam sua escrita e revelavam sua compreensão da passagem do tempo, como fica evidente nos relatos sobre os planos da filha Boneca de comprar uma casa no Rio de Janeiro, sobre a operação

²⁶³ Id. Ibid.

²⁶⁴ Id. Ibid.

de Talú – “A operação durou 1 hora e 15 minutos!”²⁶⁵ – e do nascimento dos primeiros dentinhos do netinho Raul.

As aguardadas cartas de Sinhá chegavam acompanhadas de garrafas com molho de tomate, farinhas, licores e cocadas que deixavam Amélia “contentíssima”. A baronesa não queria que a filha se incomodasse tanto com ela, mas que cuidasse de sua saúde, pois era sabedora de que a filha estava sofrendo de dores no fígado.

Em 1900, Amélia se encontrava em Pelotas, quando teve que regressar ao Rio de Janeiro, às pressas, para encontrar a filha Boneca. Amélia relataria à filha Sinhá sobre o estado em que se encontrava Boneca, após ter pedido sua filha Corália:

perturbou-lhe muito a memoria: ella tão depressa diz uma cousa como, já não tem consciência de a ter dito; outras vezes repete seguidamente a mesma cousa, e conta factos antigos, dizendo se ter passado na véspera. Imagina minha filha, que impressão tive eu!²⁶⁶

Amélia comenta que, após o falecimento de Corália, a filha havia sido acometida dos

antigos ataques hystericos, e dois dias depois do nascimento de Paulo, apoz uma lavagem uterina que lhe mandou fazer o Rodrigues Lima, com 12 litros de liquido, teve ella o primeiro accesso de febre, de 41 graus, e alguns decimos.²⁶⁷

²⁶⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1899.

²⁶⁶ Carta da Baronesa. São Domingos, 20 de setembro de 1900.

²⁶⁷ Carta da Baronesa. São Domingos, 20 de setembro de 1900.

Se não fosse a parteira “M.^{me} Morand” ainda se encontrar na casa após o parto – continua Amélia – a filha teria morrido. Sem alternativa, a parteira – para baixar a febre – recorrera à aplicação de uma injeção de éter em cada braço enquanto esperava pelo médico. A febre havia cedido, mas as injeções haviam produzido “lymphatitis”. E, mais uma vez, ela escreve à filha: “Enfim, só de viva voz, te poderei contar, o que me dizem que a pobre tem sofrido!”²⁶⁸ Amélia relata à Sinhá o que lhe dizia Boneca e o quanto ela sofria:

Quando ella está com a memoria mais clara, só me diz: Se você mamãe estivesse aqui, eu não perdia meu filho! Elle morreu, porque não teve quem o cuidasse, porque Tia Bébé estava me tratando, e não podia cuidar tanto do menino, como elle precisava, assim é que elle estava entregue as creadas, e estas no mudarem as fraldas, parece que pizirão o umbigo do menino, porque as roupas estávão com sangue, e a crença começou com convulsões. Bem sei, que eu nada poderia ter feito, mas me dói tanto ouvi-la fallar assim!²⁶⁹

Concomitantemente ao lamentável estado de Boneca, a netinha Dalva, que Amélia julgava estar quase boa quando deixou Pelotas, havia falecido. Amélia toma a iniciativa de escrever uma carta ao casal, tomando parte no luto, mas confessa não saber exatamente o que dizer: “não encontro uma unica palavra de consôlo para enviar-lhes!”²⁷⁰. Queria dividir a dor, estar presente, mas não conseguia, parecia que um “poder occulto” a afastava para longe, refugiando-se no estado de saúde de Boneca. Por fim, ela terminaria a carta desta forma: “Nem sei, o que

²⁶⁸ Id. Ibid.

²⁶⁹ Id. Ibid.

²⁷⁰ Carta da Baronesa. São Domingos, 23 de setembro de 1900.

escrevo, nem como escrevo, vocês procurem adivinhar o que não entenderem.”²⁷¹. O que escrever? O que dizer diante de tanta dor? Este “não saber o que dizer”, este não encontrar “uma única palavra” se materializariam na carta por meio dos silêncios que tomariam a forma impressa nos espaços de papel em branco, que em outros momentos seriam tão preciosos para uma anotação final.

Naquele ano haviam falecido, dentro de poucos meses, três netos e a filha Boneca. A imensa dor e a constatação de que a família estava reduzida à Sinhá, à Alzira e à Talú, devem ter levado Amélia a viajar para Pelotas, para estar junto das filhas, o que a desobrigou de escrever cartas, que seriam retomadas apenas em 1903.

A família seguia seu ritmo, contabilizando perdas e nascimentos, estes últimos, aparentemente em maior número, pelo menos em relação ao primeiro núcleo familiar, já que entre a parentela mais ampla, alguns, já mais velhos, iam encerrando seu ciclo de vida. As cartas seguiam sendo um espaço para escrever sobre as dores do corpo e da alma que alimentavam uma espécie de pacto estabelecido entre as missivistas. Inevitavelmente, havia uma tensão entre, por um lado, o desejo que Amélia tinha de compartilhar sua vida em minúcias e, de outro, a necessidade que havia de selecionar o que contar, estabelecida a partir dela ou da destinatária.

Amélia se referia a si mesma como uma “velha” que, algumas vezes, sofria de dores no estômago: “estes últimos dias têm sido para mim bem desagradáveis, trazendo como consequência, o máo passar do meu estomago,

²⁷¹ Id. Ibid..

(que tinha estado quieto) e as insomnias!"²⁷²; mas o que mais lhe afligia e gerava queixas, cada vez mais freqüentes, eram as dores nas pernas, que a faziam temer ficar entrevada: "cada vez me sinto pior das pernas"²⁷³; "apesar de continuar eu, com os joelhos cada vez mais prêsos, e sempre com a impressão de que pôsso ficar entrevada."²⁷⁴, apesar disso, ela não gostava de fazer uso de remédios, preferindo as receitas espíritas²⁷⁵. O inverno, que era tão apreciado por Sinhá, definitivamente não era uma estação que agradava à Amélia, ao contrário, lhe gelava suas mãos e dificultava o seu caminhar. Além das pernas, a sua memória também não inspirava mais confiança e ela pedia à filha as anotações com os aniversários da família porque "estou sempre em duvida, pois não confio em minha memoria, cada vez mais enfraquecida."²⁷⁶.

Aparentemente, Amélia era pouco afeita à vida social, especialmente se comparada à Sinhá. Em várias passagens, comenta não sair muito de casa, a não ser para ir às sessões espíritas, ao cemitério, olhar vitrines e retribuir visitas, nem mesmo ao cinema que gostava: "Sobre divertimentos, nada te conto, porque, como sabes, não vou a nenhum. Desta vez, nem a um cinema, pois meu espírito sempre mais ou menos atribulado, não tem prazer para coisa alguma."²⁷⁷.

²⁷² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1903.

²⁷³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de junho de 1917.

²⁷⁴ Carta da Baronesa. Pelotas, 09 de setembro de 1916.

²⁷⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1909.

²⁷⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1903.

²⁷⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 1918.

Costumava usar poucas jóias: “Esqueci -me tambem, pois deixei para bota á ultima hora, as minhas duas pulseiras de ouro de andar sempre”²⁷⁸, caçoando das que se utilizavam das jóias de maneira exagerada:

as unicas joias que queria trazer, eram os anneis, pois são as unicas que uso, [...] Sou eu a unica senhora aqui, que não uza joias; havendo algumas, que são verdadeiras tabolêtas. [...] Só não bótam anel, no dedo pollegar!²⁷⁹

Quanto ao vestuário, ela não tece muitos comentários, a não ser em relação aos requisitados casaquinhos que ela encomendava, pela filha, a “D. Eulália”, costureira da família que trabalhava na chácara. Sinhá se encarregava de supervisionar o trabalho e de enviar os casaquinhos à mãe que lhe fazia a seguinte advertência: “Apezar do que dizes, sobre o casaco rôxo, calculo, como estará bonito, a regular pelos que mandastes; mas não enfeites tanto a velha, olha que aqui tambem ha mt.^{os} velhos!”²⁸⁰.

Em relação ao falecido marido, sepultado em Pelotas, Amélia sempre menciona as datas de aniversário e de morte e refere às idas da filha Sinhá ao cemitério para levar flores. Em uma delas, Amélia parece nos sugerir a saudade que sentia do marido: “Quando viéres, traz-me o retrato de teu pae, q. está no meu quarto. Com as préssas da viagem, não o trouxe, convencida que o tinha posto na mala. Não te esqueças.”²⁸¹. As fotografias de familiares povoavam

²⁷⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.

²⁷⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1909.

²⁸⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1909.

²⁸¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1910.

amplamente a vida de Amélia, estando entre os seus preciosos guardados. Em algumas vezes, as ganhava de presente e, em outras, as requisitava:

Lembras-te q. uma ocasião, pouco antes de vir, pedi-te que tirasses um bom retrato para mim pois os que tinha, não eram bons; e tu me promettestes que sim, que tirarias aqui no Rio, e que seria o meu presente de annos? Pois bem chegou a ocasião, pois o dia de meus annos está perto, (chegarei ao outro?) e... o que é promettido, é devido.²⁸²

A foto teria ainda, neste caso, outra função, já que Amélia – saudosa – se encontrava afastada da filha há bastante tempo. Assim como nos guardados da viscondessa de Ubá, as fotografias, muitas vezes, acompanhavam as cartas, numa tentativa de manter e confirmar laços de amizade e afetividade²⁸³. Afinal, se posar diante da câmara era um ato de “invenção de si”, remeter um “*carte de visite*” tinha a dimensão de “dar um pouquinho de si”, mediante um presente que o tempo se encarregaria de tornar cada vez mais raro²⁸⁴. O ano de 1909 – em que ela pede que a filha lhe envie uma fotografia de presente – foi, como veremos no próximo capítulo, bastante frustrante para Amélia, provocando a sensação de que o tempo, em alguns momentos, se arrastava: “Como custa passar o tempo, quando se espera!”²⁸⁵.

²⁸² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1909. Amélia insiste no envio da fotografia motivada pelo fato de ter visto um retrato que Podinho mandou ao Oscar. De acordo com ela, o retrato era bom, no Rio de Janeiro não se tiravam melhores, portanto, sugeria a filha que fosse a este mesmo retratista.

²⁸³ MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Os guardados da viscondessa: fotografia e memória na coleção Ribeiro de Avellar. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010147142006000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Consultado em 05 de setembro de 2007

²⁸⁴ Id. Ibid., p. 09.

²⁸⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1909.

A Baronesa se preocupava imensamente com a saúde de todos os seus familiares, mas Sinhá, por sua vida social “agitada”, era alvo de suas maiores preocupações, devido aos excessos: “Lembra-te que tua mãe já está bem velha, e doente, e que cuidando da tua saúde, cuidas a d’ella.”²⁸⁶. Disto conclui-se que o estado emocional de Amélia e sua saúde eram diretamente afetados pelo estado de saúde de seus familiares, com especial atenção para o das filhas e de seus “queridos netinhos” – de todas as idades –, os destinatários dos desmedidos afetos da avó que procurava manter-se sempre presente. Em 1916, por exemplo, enquanto o neto Edgar completava 23 anos, um outro neto tinha acabado de nascer:

Graças ao bom Deus, Alzira já está livre e eu mais tranquilla. Domingo 23, fui, como de costume, almoçar com ella, e encontrei-a já ameaçada, mas ainda com dôres mt.º léves, e espaçadas. Fiquei lá, e á tarde foi o Tancredo. Á 1 hora da madrugada, apertaram-lhe as dôres, mas de tal fórma, que não teve mais descanso, até as 5 ¼, dando então a laz a um menino grande e gôrdo. Apezar de serem poucas horas, ella soffreu bastante, pois além de tudo, estava mt.º nervosa. Felismente, tudo passou, e ella vai mt.º bem assim como o pequenino, que, creio se chamará Ruy.²⁸⁷

Amélia não se preocupava apenas com o parto das filhas, que, quase sempre, lhe causavam bastante sofrimento. A saúde de seus netos também a preocupava, como se pode depreender do comentário que faz sobre os filhos de

²⁸⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1917.

²⁸⁷ Carta da Baronesa. Pelotas, 27 de julho de 1916.

Alzira: “as creanças d’Alzira, são tão fracas!...”²⁸⁸, mas, desta vez, parecia que tudo corria bem: “Alzira vai bem, assim como o Ruy. Ella está amamentando o filho, (o que nunca pode fazer) e tem mt.º leite, estando este, mt.º gordinho.”²⁸⁹. A informação de que não pôde amamentar seus filhos, não é acompanhada de qualquer referência explícita de que Amélia tenha se utilizado de ama seca ou ama-de-leite, o que era bastante corrente à época em que gerou sua prole em Pelotas. Cabe lembrar que, nas primeiras décadas do século XX, com a propagação dos preceitos rousseauistas, “o profeta do aleitamento materno”, se deu a valorização da amamentação dos filhos²⁹⁰. Isto pode explicar este trecho da carta de Amélia à Sinhá, que se encontrava amamentando a filha Déa: “Mt.º estimo que a Déa conseguisse uma boa ama, mas apesar d’isso, não deixes de lhe dar de mamar sempre que possas, como meio de evitar... algum transtorno.”²⁹¹. Déa já estava com quase um ano e, mamava, porém não sabemos se amamentada ainda por Sinhá ou por uma ama. Mesmo acometida pela coqueluche, Amélia considerava ser prudente manter a amamentação de Déa, tendo em vista que a netinha estava em período de dentição²⁹².

Os netos eram as alegrias e as preocupações da avó. Após seus nascimentos, Amélia queria acompanhar – passo a passo – seus progressos e

²⁸⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1909.

²⁸⁹ Carta da Baronesa. Pelotas, 28 de agosto de 1916.

²⁹⁰ DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor “comum” no século XVIII. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p.160. Neste texto, o autor investiga, através de cartas, como o leitor Jean Ranson se apropria das obras de Rousseau.

²⁹¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1909. Nas páginas dos jornais pelotenses abundavam propagandas de emulsões, regeneradores, tônicos e toda ordem de remédios para “senhoras fracas, no período da gravidez e amamentação”. O “Vinho das mães”, por exemplo, era recomendado para que as mães e amas produzissem mais e melhor leite. *A Opinião Publica*. Pelotas, 09 de janeiro de 1915, p. 02 Já os anúncios como a da “Emulsão Scott – Regenerador do sangue” chamavam a atenção por trazer a imagem de uma mãe feliz e saudável rodeada por “gorduchos bebês”. *Jornal A opinião Publica*. Pelotas, 08 de janeiro de 1909.

²⁹² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1910.

travessuras, chegando, inclusive, a cobrar da filha que reservasse um espaço nas cartas para falar sobre isto: "Reservastes para a carta seguinte, as graças dos netinhos: estou esperando-as. Á elles darás muitos beijos por mim: não te esqueças."²⁹³. Em 1909, ela escreveria: "Manda-me noticias de todos os nosso d'ahi, e com especialidade das creanças, contando-me as suas gracinhas."²⁹⁴. Na carta seguinte a esta, escrita em papel fino para não atrair a curiosidade dos carteiros, perguntava sobre cada um, se haviam gostado dos brinquedos que ela havia enviado. Ao ler o relato da filha sobre os netos, ela conclui que:

Pouco me fallas no Mozart, pois ainda estaes encantada pelo Delmar; mas a Déa vai com certeza tirar esse encanto, e elle terá que fazer companhia ao Mozart. Manda-me noticias bem minunciosas d'elles, pois quero estar ao par dos seus progressos na travessura.²⁹⁵

Como podemos perceber, também Sinhá se encantava com o desenvolvimento dos filhos: Mozart estava com quase cinco anos, ao passo que Delmar tinha pouco mais de três anos, e a pequenina Déa era bebê ainda, e contava com apenas quatro meses. Os relatos que Sinhá fazia dos filhos, divertiam Amélia, que chegava a comentar que "Parecia-me estar vendô-as!"²⁹⁶ e a avaliar as dificuldades: "Imagino, como não te verás atrapalhada, para attendel-os em tudo! Já vejo que estou fazendo mt.^a falta ahi, com a chinella, mas diz á elles, que cá os espéro com a - dita."²⁹⁷.

²⁹³ Carta da Baronesa. Curitiba, 06 de setembro de 1903.

²⁹⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 1º de junho de 1909.

²⁹⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de junho de 1909.

²⁹⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1909.

²⁹⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de fevereiro de 1910. Grifo da Baronesa.

Estes pequenos fragmentos da vida de Amélia e de sua família, em especial, dos netos, que as cartas nos oferecem nos permitem refletir sobre a afirmação de Ângela de Castro Gomes de que, “As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão.”²⁹⁸. As cartas de Amélia, sobretudo, após a morte das filhas Dulce e Boneca, concederam cada vez mais espaço para o desempenho de seu papel de avó, uma avó carinhosa e encantada pelas descobertas dos netinhos em tenra idade. O acompanhamento dos netos não se limitou, no entanto, à sua infância, já que ela se inscreveu em todas as etapas de suas vidas²⁹⁹. Assim que as crianças aprendiam a escrever, ela os estimulava para que lhe escrevessem cartas, que ela recebia e respondia, reforçando seus laços de afeto. Ao ingressarem na escola, os felicitava por seus progressos para que “continúem, causando-nos sempre, tão agradável surpresa.”³⁰⁰. Seu incentivo e preocupação com os estudos dos netos ficavam evidentes: “Vocês aqui tem um campo mais vasto, para educar, formar, ou collocar os filhos.”³⁰¹.

Morando no Rio de Janeiro, ela se tornaria a figura central para a continuação dos estudos dos netos que, gradualmente, para lá se dirigiam como Edgar, Rubens e, posteriormente, Lóca. Edgar morava com a avó desde 1909 e,

²⁹⁸ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História... op. cit., p. 13.

²⁹⁹ A antropóloga social Myriam Barros ao pesquisar a memória dos indivíduos pertencentes às camadas médias da cidade do Rio de Janeiro, na década de 1980, em suas construções sobre a representação da vida familiar, percebeu algo que nos permite fazer algumas aproximações com Amélia: “Estar perto dos netos no cotidiano de suas vidas, acompanhar seu crescimento, emitir opiniões, mesmo que relegadas a um segundo plano, mostrar sua preocupação, são elementos sempre presentes nos discursos dos avós quando falam dos netos.” BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. In: *Revista Estudos Históricas*. Vol. 02, nº 03. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

³⁰⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 17 de Dezembro de 1917. Refere-se à Lóca e Mozart.

³⁰¹ O Rio de Janeiro percebido como um lugar melhor para educar, formar e colocar os filhos é referido por ela em uma carta. Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de junho de 1909.

desde então, Amélia passou a organizar sua vida em função do neto. Como avó zelosa, cuidava de suas enfermidades, administrava seus gastos, chegando, inclusive, a procurar casa para morar nas proximidades do colégio. Quando o neto demonstrou pouco rendimento e desgosto pelo colégio Santo Inácio em que estava matriculado, Amélia ficou muito apreensiva, a ponto de pedir ajuda à Sinhá para convencê-lo a estudar e de escrever para que Tancredo formalizasse a transferência do neto para o colégio Alfredo Gomes.

Em 1917, quando a filha Talú e sua família estavam com ela no Rio de Janeiro, ela informa de maneira precisa como os sobrinhos da “Tia Sinhá” haviam se saído nos estudos:

Marina terminou o anno no Collegio, com distincção em todas as materias. Nair, fez a mesma cousa, merecendo elogios, da professora. Iwanoska, com toda sua calma tambem tirou boas notas. Gilberto está em exames. Raul tem se dedicado com o maior empenho, aos estudos de, francez, inglez, e dacthylographia. Já escreve perfeitamente á machina. Enfim, dou-te estas noticias, porque sei que te enteressas por teus sobrinhos. Elles por seu lado, não cessam de fallar na Tia Sinhá. [...] A Vandinha, sempre engraçadinha. É mt.º agarrada com o Rubens, e fica enciumada, si o vê fazer féstas, a outra creança. Este continúa bem: está mais gordo, e sempre mt.º atarefado. Renato é sempre o me smo Renato; porem mais gôrdo, e crescido.³⁰²

Desta maneira, Amélia representava não somente um ponto de ligação entre os membros da família, mas se inseria como elo vivo entre as gerações, como uma mediadora do passado vivido e as promessas de continuidade. Ela não apenas

³⁰² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1917.

celebrou a formatura de Rubens em Direito, como se orgulhou com a sua primeira causa ganha: “Avalio a tua satisfação ao receberes a noticia da primeira victoria do Rubens, como advogado, pelo que se deu comnosco. [...] Foi um contentamento geral!”³⁰³. Além disso, torcia para que Edgar, que também cursava Direito, conseguisse o emprego: “Elle está anciosissimo, pela agencia do Banco, em Pelótas. Deus permitta, que seus desejos se realizem.”³⁰⁴. Os elogios feitos às netas também a deixavam envaidecida, tal como no episódio em que Sinhá enviou retratos da Zilda para serem distribuídos a algumas conhecidas no Rio de Janeiro. Amélia fez questão de entregá-los pessoalmente: “para apreciar o entusiasmo quando abrem. [...] O Leonel, tambem ficou mt. admirado q. viu, e só dizia: Como a Zilda está ficando bonita; esta menina vai ser uma belleza! Imagina, como eu não fico faceira!”³⁰⁵. Amélia se encontrava em Pelotas quando Zilda foi escolhida rainha de carnaval pelo Clube Diamantinos, e Talú havia escrito uma peça para ser apresentada, visando angariar recursos para o clube:

Imagina a barulhada, quando chegam do ensaio, cada qual a fazer seu commentario, e isto mais gritando, que fallando. Marina, imagina a chegada da Zilda, e começa a fazer os discursos de diversos Diamantinos [...]. É uma verdadeira casa de loucos, mas eu por fim, acho graças, por vêr o entusiasmo da creançada. Felismente, não temos visinhos, a quem pôssa isso encomodar.³⁰⁶

³⁰³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de abril de 1918.

³⁰⁴ Id. Ibid.

³⁰⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1909. Leonel era provavelmente o marido viúvo de Dulce.

³⁰⁶ Carta da Baronesa. Pelotas, 28 de Agosto de 1916. Marina era a mais velha das filhas de Talú e estava com 16 anos, vindo a seguir Gilberto, com 15 anos; Renato, com 12 anos; Nair, com 10 anos; Ivanoska, com 7 anos e Vanda, com 4 anos.

Amélia planejava, como “rainha avó”, assistir a coroação da neta e seguir para o Rio de Janeiro, pois lhe parecia que “quanto mais tempo aqui estiver, pior fico, das pernas, que cada vez, estão mais prêsas: ha dias, em que não pôsso quasi caminhar.”³⁰⁷. Os netos seguiam sendo o centro de sua atenção, sendo Ismar, filho de Alzira, o que lhe causava maior preocupação por ser bastante adoentado. Ela não concordava com a decisão tomada pelo genro em relação ao tratamento do menino que, após consultar um médico no Rio de Janeiro, voltava para Pelotas, cujo clima não era favorável. Por vezes, cogitava a hipótese de ela mesma levar o menino para locais de clima seco, como Campos do Jordão e São José dos Campos³⁰⁸. Somava-se a esta preocupação com o neto pequeno, o temor pelos netos mais velhos, pois com a iminente Primeira Guerra Mundial, algum deles poderia ser convocado:

Graças á Deus, terminaram as manobras, no dia 29 do passado [...] Si o visses quando aqui chegava, fugido do acampamento, não o conheceria, pois nada tinha d'aquelle asseio e chiquismo, que o distacava; parecia antes, um - limpa chaminés - mas... sempre animado e contente, embóra um pouco mais magro. [...] Enquanto foi só isso, ia tudo bem, mas agora, a cousa é mais séria, e como tu, tambem vivo attribulada com essa idéa, de que os nosso, possam ser forçados a tomar parte n'essa horrivel hecatombe!³⁰⁹

No ano de 1918, Sinhá não foi para o Rio de Janeiro, porque viajou com o marido e a filha Zilda para a Argentina. A carta escrita para a mãe e para os dois

³⁰⁷ Carta da Baronesa. Pelotas, 02 de setembro de 1916.

³⁰⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1917.

³⁰⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1917.

filhos (Rubens e Lóca), que se encontravam no Rio de Janeiro, foi recebida com “geral aplauso”. Pois,

A discripção que fazes de Buenos Ayres, deixou-nos á todos, e a mim principalmente, com – agua na bocca – mas, como não tínhamos outro remédio, tratamos de engulil-a, e gozarmos todas as bellezas descriptas, unicamente por informações – no entanto, devo dizer-te: fiquei immensamente satisfeita com a tua viagem, pois acho que é o tempo, e dinheiro mais bem empregados, do que em divertimentos, que, passam logo, e nem sempre deixam recordações agradáveis. As viagens são sempre proveitosas, não só quanto á saúde, como ao espírito.³¹⁰

Este trecho de uma das cartas de Amélia nos parece sugerir que ela preferia – por temperamento – não se envolver em eventos e reuniões sociais próprias do meio social a que pertencia. Isto poderia explicar as razões de, apesar de se encontrar em Pelotas, no ano de 1916, não localizarmos qualquer referência a ela nas colunas sociais dos jornais pelotenses, ou mesmo antes, no período em que esteve casada. A manifestação de sua preferência pelas viagens, a afastava – de certa forma – da vida social *glamourosa* da filha. A viagem, apesar de recentemente realizada, não deveria ser empecilho para que viajassem novamente e, desta vez, para o Rio de Janeiro: “Agora, o que vocês deviam fazer, era descansar um pouco, e em começos de Julho, tocarem-se para cá. Ahi, é que faziam cousa bonita!”³¹¹.

Por meio de uma carta escrita à Sinhá, Amélia cobraria a ausência de notícias da neta Zilda que não havia lhe escrito para contar da viagem: “Diz-lhe

³¹⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de maio de 1918.

³¹¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de maio de 1918.

[Zilda] que não seja preguiçosa; e que me mande contar as suas impressões, sobre as capitaes que visitou. Quem sabe si ella não se lembra que ainda tem avó?"³¹². Amélia, cada vez com mais frequência, cobrava a atenção de todos, esboçando apelos por atenção que ficavam mais evidentes nos informes sobre o seu estado de saúde: "eu continuo com a prisão nos joelhos, o que me priva de sahir, que raras vezes faço."³¹³. Estas passagens nos remetem à reflexão sobre a velhice proposta por Barros:

Este tom lúgubre nem sempre é expresso abertamente nos discursos dos avós, mas transparece nas queixas de doenças, na dificuldade que a idade traz aos cuidados com os netos. Ele está presente, sobretudo, na preocupação em, ao usufruir o lado agradável do contato com seus netos, deixar neles impressa a sua presença.³¹⁴

Constatamos que Amélia percebia a passagem do tempo de diversas maneiras. Suas impressões acerca disto podem ser encontradas nas referências que fazia às mudanças físicas dos netos: "O facto de estar mais magro [Lóca], é natural na idade d'elle, pelo crescimento, e essa transição de menino a homem."³¹⁵; "Estão todos mt.º bonitos, e bem vestidos. Achei-os mt.º crescidos tambem, e o Mozart, mt.º mudado nas feições. Será mesmo assim, ou será devido á photographia? Em todo caso, é para melhor. Não imaginas, a satisfação que tive ao vê-los! Foi realmente, uma agradabellissima surpresa!"³¹⁶; ou na forma como encerrava as cartas, "Saudades á D. Eulália,

³¹² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1918.

³¹³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de maio de 1918.

³¹⁴ BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Memória e Família...* op. cit.

³¹⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de abril de 1918. Lóca estava com 16 anos de idade.

³¹⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1918.

Clara, e mais algum creado, do meu tempo, que ahi esteja.”³¹⁷. Ao refletir sobre as escassas visitas de um amigo da família, ela comentaria em tom saudoso:

Elle [Dr. Nicolau] afinal, não deixa de ter razão. Antigamente, o nosso viver era mt.^o diferente. Outr’ora, acabávamos de jantar, elles ião para a sala, tocar, dançar, brincar enfim; hoje porem, mal sahimos da meza, os rapazes vão para a cidade, e só voltam tarde; os menores jogão às vezes a vispora, a Marina toca um pouco, na sala d’estudo” e nós conversamos na sala de jantar, e mt.^{as} vezes fazemos serão, no que nos acompanha, a Nêna Sayão. Já vez que faltam os elementos de atração, das outras épocas. Reconhecendo isso, não levo a mal a sua auzencia, ficando satisfeita, quando elle nos apparece.³¹⁸

Nesta última carta que temos de Amélia, ela nos revela que “construía sua memória sobre o passado” com cores cada vez mais vivas. A ação implacável do tempo imprimia suas marcas, também, no corpo de Amélia impedindo que ela se locomovesse com facilidade e levando-a a substituir as raras visitas que fazia pela praticidade do telefone. Os divertimentos e as reuniões familiares haviam mudado e ela se apercebia disso, enquanto tricotava com as agulhas e lãs enviadas por Sinhá. Em companhia da filha Talú e de seus filhos, assim como dos outros netos (Edgar, Raul, Rubens e Lóca), Amélia tentava suprir a ausência de Sinhá e de sua família com as fotos espalhadas pela casa, em lugares escolhidos, como refere Barros, entre o acaso e a determinação³¹⁹: “O retrato da nossa ex-rainha, que está em moldura de gesso está figurando na nossa sala de visitas. O grupo que

³¹⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1918.

³¹⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1918.

³¹⁹ BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família... op. cit.

ella mandou, tirado em B. Ayres, está aqui, sobre a meza em que escrevo, para poder vê-los a todo momento!"³²⁰.

Ao final, pode-se dizer que a vida da Baronesa Amélia se "decompôs" em tempos e ritmos diversos, que podem ser capturados na sua "escrita de si". Em suas últimas cartas, o tempo de cuidar dos netos se sobrepôs ao tempo de cuidar do patrimônio e dos filhos. E foi neste tempo que Amélia, não somente por sua longevidade, se inscreveu de forma mais presente e definitiva na vida da família. Após sua morte, os netos continuaram a escrever cartas, mantendo a prática que os havia ligado à Amélia durante tantos anos e confirmando aquilo que refere Perrot, de que "no coração dos descendentes, é quase sempre a avó, que sobrevive por mais tempo, que é lembrada. Como a testemunha mais antiga, a ternura mais persistente."³²¹.

Dentre os assuntos abordados por Amélia nas cartas, ao longo de todo o período analisado, constata-se que entre suas preocupações cotidianas, as finanças estiveram sempre presentes, nas mais variadas formas, desde a administração de seu patrimônio ao envio de lembranças, como veremos a seguir.

³²⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1918.

³²¹ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres...* op. cit., p.49.

CAPÍTULO 2 – O Arame no bico da pena

2.1 “Não podes calcular o quanto fiquei satisfeita com esse negocio” ³²²

Amélia teve uma experiência de vida singular, que torna possível traçar uma analogia entre a sua vida e a vida das duas cidades em que morou.

No ano em que ela subiu ao altar, Pelotas vivia um momento de efervescência econômica e cultural, impulsionada pelas charqueadas. Como a historiografia ressalta, o *Fin-de-siècle* em Pelotas correspondeu ao período de sua *Belle Époque*³²³, que se estendeu entre os anos de 1860 e 1890, época em que Amélia morou na cidade, presenciando suas transformações. Ao sair à rua, ela podia ver a cidade que se modernizava, embelezando suas ruas e praças, instalando chafarizes e caixa d'água ao gosto francês, construindo prédios públicos imponentes. Dentro de casa, Amélia via o lar tomando forma: os filhos eram concebidos e cresciam, o marido recém havia adquirido um título de nobreza e o patrimônio familiar aumentava.

³²² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1909.

³²³ MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e Cultura...* op. cit., p. 12.

Quase ao mesmo tempo, Amélia teve sua vida sacudida por novos acontecimentos: Pelotas iniciou seu processo de decadência e Aníbal fechou seus olhos. Viúva, a Baronesa decidiu retornar ao Rio de Janeiro. Ao desembarcar do vapor "Sírio", ela deparou-se com o clima de modernização que caracterizava a *Belle Époque* na capital do Brasil.

Para poder instalar-se e viver no Rio de Janeiro, Amélia contava com o dinheiro proveniente do arrendamento das propriedades da família³²⁴.

Logo após ter se tornado viúva, Amélia leiloou parte dos semoventes para prover o sustento dos filhos e, em seguida, arrendou a estância do Pavão por

tres contos oitocentos noventa e oito mil reis correspondentes a tres mil oitocentos noventa e oito braças de legua de extensão que tem o dito campo, a razão de tres contos de reis por legua e mais a importancia correspondente ao numero de gado vaccum de criar que no acto da entrega se verificar e existir na dita estancia a razão de mil reis por cabeça; sendo o pagamento feito n'esta cidade e paga a respectiva Tutora a parte da renda pertencente aos orphãos Annibal, Zulmira, Alzira e Dulce³²⁵

Cabe ressaltar que a primeira carta de Amélia – remetida à filha –, a que tivemos acesso, a do ano de 1899, foi escrita num momento em que suas filhas já

³²⁴ De acordo com Michelle Perrot é na viuvez, condição que atinge necessariamente a maioria das mulheres, que a relação com o dinheiro mais se evidencia. Trata-se de um período bastante ambivalente, vivido diferentemente pelas mulheres, dependendo do seu meio social, situação de fortuna e contrato de casamento. Amélia nos descreverá, através de suas Cartas, o quão ambivalente a situação pode ser. PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres...* op. cit., p.48.

³²⁵ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Inventário do Barão de Três Serros. N° 1071, maço 60, estante 25, ano 1887. 1° Catório de Orphãos e Provedoria. p.18

havam atingido a maioria ou se emancipado pelo casamento e as propriedades já estavam inventariadas.

As estâncias Três Cruzes, Salsipuedes, Arroyo Malo e de São Pedro estavam arrendadas, assim como as casas no centro da cidade. Por carta ela comunica o recebimento dos valores: “é provavel, que n’esta dacta, esteja em teu poder (carta), e por tanto, tu sciente, de ter eu recebido de Leonel, a importancia do arrendamento.”³²⁶. Dividida igualmente em duas partes, a herança que cabia à Amélia era de quinhentos e cinquenta e oito contos setecentos e nove mil oitocentos e quarenta e nove réis (558:709\$849)³²⁷. Ao escrever para a filha, em 1899, Amélia não apenas nos informa que já havia recebido o dinheiro do arrendamento, como nos fornece pistas importantes sobre como a família administrou os bens após a morte de Aníbal.

Numa das cartas – do ano de 1897 – dirigidas por Sinhá à mãe, somos informados de que a administração do patrimônio familiar coube a “Lourival [que]

³²⁶ Carta da Baronesa. Paquetá, 17 de abril de 1899.

³²⁷ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Inventário do Barão de Três Serros. N° 1071, maço 60, estante 25, ano 1887. 1° Cartório de Orphãos e Provedoria. P.84. A herança de Amélia estava composta de: toda mobília descrita no valor de 15:450\$000, todas as jóias no valor de 23:950\$000, todas as pratas 7:450\$000, 120 ações da Companhia de Desobstrução da Foz do São Gonçalo no valor de 12:000\$000, 100 ações da Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres Pelotense com 10% do capital realizado no valor de 3:200\$000, 8 ações da Sociedade Teatral Sete de Abril no valor de 400\$000, animais no valor de 123:864\$000. Propriedades: uma data de terra no valor de 6:000\$000, “a Charqueadinha” no valor de 6:000\$000, um terreno nas “terras altas” no valor de 3:000\$000, outro terreno nas “terras altas” no valor de 2:000\$000, Parque Aníbal no valor de 40:000\$000, um terreno a rua Paisandu no valor de 1:000\$000, dois terrenos a rua Manduca Rodrigues no valor total de 2:000\$000, um terreno na rua General Osório no valor de 800\$000, um terreno no Passo dos Negros no valor de 300\$000, um terreno na rua Andrade Neves no valor de 1:200\$000, outro terreno na General Osório no valor de 2:000\$000, outro a rua Andrade Neves no valor de 2:500\$000, outro a rua Manduca Rodrigues no valor de 400\$000, outro na rua do Imperador no valor de 50\$000, uma casa térrea na rua Santa Bárbara no valor de 10:000\$000, três casas térreas na rua Vinte e Quatro de Outubro no valor total de 3:000\$000, uma casa na rua General Osório no valor de 8:000\$000, uma casa na rua Andrade Neves no valor de 5:000\$000, 2 lances de casas na rua Andrade Neves no valor de 10:000\$000, 3 lances de casas no valor de 9:000\$000, uma casa na rua Jatahy no valor de 4:000\$000, um sobrado na Boa Vista no valor de 2:000\$000, 3 prédios na cidade do Rio de Janeiro no valor de 29:000\$000, a metade da fazenda Arroio Malo no valor de 8:000\$000, a fazenda Três Cruzes no valor de 50:000\$000, a fazenda São Pedro no valor de 120:000\$000, a fazenda Santo Antonio no valor de 22:000\$000 e mais 25:145\$849 provenientes de dívidas.

no dia 5 telegraphou Ihe dizendo: 'Receba Londres. Detalhes carta' e são d'esses detalhes que elle ora me encarrega."³²⁸. A informação reafirma o já constatado por Denise Ognibeni, em seu estudo sobre o núcleo charqueador pelotense: "Os negócios de família, em geral, incluíam a participação dos genros, tanto na administração como nas sociedades."³²⁹. A Lourival, que além de genro era também sobrinho de Amélia, coube a tarefa de encarregar-se dos negócios da família. Mas, como se pode depreender do uso da expressão "detalhes" na carta de Sinhá, esta administração não se dava à revelia da Baronesa. Tanto Lourival quanto Sinhá tinham a obrigação de prestar contas e de manter Amélia informada sobre as finanças da família, o que fica bem evidente nesta carta de Sinhá:

Em minha ultima carta (não recordo bem a dacta) expliquei-Ihe que havião ficado em Montevideó algumas centenas de pesos, para serem recebidos mais tarde, tendo sido a quantia depositada, de \$ 7.189,72 que convertida á papel ao preço de 6\$300 o peso, deu... 45:295\$240 conforme nota do Banco em meu poder e que não remetto agora porque Lourival quer mostral-a ao Nico quando entregar Ihe a parte que Ihe corresponde.³³⁰

A menção feita a Montevideú diz respeito ao arrendamento de uma das estâncias que a família tinha no Uruguai, a de Salsipuedes. Em 1890, Amélia havia requerido junto ao Juiz de Órfãos o arrendamento dessa estância, bem como do gado nela existente, alegando não ser possível administrá-la devido à distância. A estância, de acordo com o inventário, era uma das mais valiosas – 266:000\$000 – e

³²⁸ Carta da Sinhá. Pelotas, 08 de abril de 1897. Grifo da filha Sinhá.

³²⁹ OGNIBENI, Denise. *Charqueadas Pelotenses no século XIX...* op. cit., p. 190.

³³⁰ Carta da Sinhá. Pelotas, 08 de abril de 1897. Grifo da filha Sinhá. O "Nico" a quem Sinhá se refere era o cunhado Antonio Ribas, casado com Alzira.

tinha “sete sortes e seis decimos de campo”³³¹. O arrendamento se daria pelo prazo de até seis anos, sendo concedido a quem mais vantagens oferecesse. No requerimento, Amélia fez questão de informar que já havia recebido a proposta de “mil e cem (1.100) pesos para cada sorte”. Pedia também para realizar a venda do gado cavalari e lanígero que, apesar de ser em quantidade relativamente pequena, de acordo com ela, o arrendamento destes animais era sempre prejudicial. Da mesma forma ocorre o arrendamento da Estância do Pavão que, indo a leilão várias vezes, foi arrendada juntamente com o gado nela existente. O dinheiro proveniente do arrendamento deveria ser entregue diretamente a Amélia, responsável pela parte que cabia aos filhos menores.

Na carta, Sinhá explica à Amélia – com riqueza de detalhes – o que foi feito com o dinheiro recebido do arrendamento de Salsipuedes:

Esses 45:295;240 divididos por 8 partes dão a cada um 5:661\$905. Lourival remetteu-lhe 5 partes (4 suas e a do Luiz) ou 28:309\$525. O Banco retirou (conforme recibos e notas em meu poder) p.^a sua comissão 141\$000, e telegramma 7\$500, ao todo – 148\$500, que deduzidos, da quantia acima, fica essa reduzida á 28:161\$025. Lourival para não complicar o telegramma com esses quebrados remetteu-lhe em vez de 28:161\$025 – 28:200\$000. Indennisei-o dos 38\$975 e debitei em sua conta essa quantia. A parte que corresponde a Luiz nas despesas do Banco é de 29\$700. Tem vossê, pois, de entregar-lhe 5:632\$205. Fiz todas essas contas e repiso-as p.^a poupar lhe o trabalho e os olhos.³³²

³³¹ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Inventario do Barão de Três Serros. N°1071, Maço 60, Estante 25, Ano 1887. 1º Cartório de Orphãos e Provedoria.

³³² Carta da Sinhá. Pelotas, 08 de abril de 1897.

Através dessas cartas, pode-se constatar que, se a Lourival cabia a administração dos bens, à sua esposa Sinhá cabia outro importante papel, o de manter Amélia informada. Essa última carta nos revela ainda a existência de uma “conta”, que, com certeza, deveria ser mantida com recursos de outros bens, como sugere esta passagem: “Como tenho esperança de poder seguir em Maio p.^a ahi e seu Joaquim tambem vai este mez p.^a Portugal já providenciei sobre as suas casas.”³³³. As casas a que Sinhá se refere, provavelmente, eram as que ficavam no centro da cidade e que, pela partilha, couberam à Amélia. A posse de terrenos e casas no centro da cidade era bastante comum entre charqueadores e estancieiros, como refere Ognibeni:

Após os anos 60 dificilmente uma família charqueadora não possuiria um bem de raiz nas imediações da cidade de Pelotas. No último quartel do século XIX haverá um forte investimento em propriedades urbanas, não somente como habitação para estas famílias, mas também como um novo empreendimento financeiro em vendas e aluguéis.³³⁴

No inventário de Aníbal estão anexados processos até o ano de 1903, quando os bens de raiz, cumprindo as determinações testamentárias, começam a ser transferidos aos netos. A determinação de Aníbal de que os filhos eram usufrutuários dos imóveis, cabendo aos netos a posse, impedia a venda dos mesmos. Esta condição imposta pelo testamento é comentada por Amélia em uma das cartas dirigidas à filha:

³³³ Carta da Sinhá. Pelotas, 08 de abril de 1897.

³³⁴ OGNIBENI, Denise. *Charqueadas Pelotenses no século XIX...* op. cit., p. 185.

Bonéca me disse que te tinha escripto, ou á Lourival, sobre uma tróca q. desejava fazer da parte que lhe pertence na Estancia do Pavão, por uma casa para ella morar aqui. Achei mt.º rasoavel o que ella deseja, e me parece possivel, porque trata- se, não, de uma venda, pois não a póde fazer, mas da tróca de um bem de raiz, o qual fica sujeito ás mesmas clausulas do outro. Tendo ella a sua casa, (que é o seu sonho dourado) com o que ganha Luiz, e os rendimentos q. tem, de Salsipuédes chega para viverem regularmente. Isto porem ella só faz com Lourival, ou Nico, pois por maneira alguma o faria com um extranho. Hoje pertence-lhe infelismente, a quarta parte d'essa fazenda, e creio que os campos tem subido de preço. Deus permitta, que ella possa realizar o que tanto deseja!³³⁵

Este usufruto, determinado por Aníbal, garantiria – como observou Amélia –, que a filhas e os genros tivessem assegurada a sua manutenção. Além disso, o usufruto, como bem observado por Amélia, não impedia a troca da herança entre familiares e, portanto, não descumpria as cláusulas do testamento de Aníbal. Porém, Boneca – pelo que pudemos averiguar – não chegou a efetuar a troca, pois faleceu um ano depois desta carta. Este “sonho dourado”, comentado por Amélia, não era apenas de Boneca, já que ela também acalentava o desejo de ter uma casa no Rio de Janeiro. Informada sobre os valores de terrenos e casas, a Baronesa não escondia sua frustração diante da impossibilidade de realizar o sonho:

Os terrenos do Hyppodromo Nacional, estão sendo vendidos, agora assim é, que se me fôr possivel, comprar algum lote, para fazer tambem uma casinha, para ter os meus trastes, e não andar com elles ás costas, farei. Preferia comprar uma feita, mas o Capital é pequeno, não dá para isso. O terreno compro, ou antes, desejo comprar, por ser mt.º bom, mas a casa só Deus sabe quando poderei

³³⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1899.

fazer! Se pudesse realizar a venda das 3 Cruzes! Mas infelizmente como com isso, eu realizaria um desejo de tantos annos, e seria para meu goso, não tenho esperança de conseguir. Agora mesmo ha casa aqui á venda, que se fizesse o negocio acima, compraria uma, mas para mim, minha bôa filha, só me está reservado, soffrimento, e dôres!³³⁶

Passado um mês dessa carta, Sinhá comunicava à mãe que o marido tencionava seguir para o Rio de Janeiro no ano seguinte, a fim de passar uns dois ou três meses do inverno. Como a viagem acarretaria o distanciamento da família de Pelotas e, portanto, dos negócios, o comportamento zeloso e controlador da Baronesa se impôs e ela chega a sugerir à filha e ao que genro o que deveriam fazer em relação ao arrendamento de uma das fazendas:

Elle (Dr. Batinga) nada tem dito sobre as Tres Cruzes? Não terminou em Agosto d'este anno, o arrendamento? Era bom Lourival fallar à elle n'isso, pois creio que não tratou de verificar o que havia, sobre a reclamação do Rosa de não haver o campo que se dizia, ou cousa q. o valha. (conféssso, q. já me não lembra do q. se tratava.).³³⁷

Na carta, Amélia insiste em saber se o prazo de arrendamento da Estância Três Cruzes já havia expirado. Estava ansiosa, na expectativa de concretizar seu desejo: "Estou afflictta por saber se pôsso ter esperança de fazer qualquer negocio com as 3 cruces, e comprar a casa aqui, para morar. Agora mesmo vai uma á praça, que talvez se venda bem barata, e é excellente!"³³⁸

³³⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1899.

³³⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1899.

³³⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1899.

Pode-se dizer que ela não se mantinha alheia à administração do patrimônio familiar e que, de certa forma, mantinha-se à frente dos negócios, utilizando-se das cartas, dentre outros meios, para deles tomar conhecimento. Com o objetivo de saber se o genro havia recebido uma carta sua, ela fez o seguinte comentário com a filha: “Esquecia-me dizer-te, que pelo vapor passado escrevi á Lourival, sobre negocios: elle recebeu?”³³⁹. Desta forma, a correspondência servia como veículo direto de comunicação entre ela e o genro, ainda que, na maior parte do tempo, esta relação parece ter sido intermediada pela filha. Era esta última que, na maioria das vezes, através das cartas, recebia o pedido de envio de dinheiro:

Peço-te me mandes com brevidade, o dinheiro que ahi tens porque quero vêr se consigo realizar aqui uma compra, como te mandei dizer em minha ultima, e para isso, falta-me ainda alguma cousa, digo, algum dinheiro. Não mandes quebrados, arredonda a conta, e depois tira dos alugueis que fôres recebendo. Si não tiveres recorre ao meu banqueiro.³⁴⁰

O banqueiro a que ela se refere era Lourival, como podemos confirmar em outras passagens: “Conto que Lourival não se negará a ser o meu banqueiro, até Março.”³⁴¹ Se o genro cumpria papel de banqueiro, Amélia também, por vezes, se tornava credora: “A vovó deu-me 60\$, importancia dos gastos feitos com a certidões do Lóca e do Mozart. Devem reembolsal-a dessa quantia.”³⁴²

³³⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1899.

³⁴⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1899. Grifo da Baronesa.

³⁴¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1916.

³⁴² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1917. Carta subscrita pelo neto Rubens.

A assessoria de Sinhá envolvia também o dinheiro que circulava internamente na família. Assim, as “encomendas” que aparecem de maneira recorrente nas cartas também se davam através dela,

Fico sciente do que dizes sobre a casa de St.^a Barbara, assim como, de teres dado á Alzira 300f000. Realmente ella tinha em meu poder essa quantia, ou antes; 400f. que não quiz receber quando justamos contas, dizendo que era, para quando me fizesse alguma encommenda. A primeira ficou justamente em 100f. restando os 300f. que lhe entregastes. Fica portanto ella devendo-me a importancia das outras encommendas que lhe mandei.³⁴³

Amélia – como podemos ver – possuía um rígido controle sobre o dinheiro que circulava, tomando nota dos valores que devia e que lhe eram devidos. Dentre seus documentos, encontravam-se recibos que eram guardados de maneira organizada, de modo que ela era capaz de fornecer – quase que de maneira exata – as coordenadas para sua localização: “Os recibos devem estar no meu armario, dentro de uma caixa de papelão (das de papel) um pouco ao fundo, da 1.^a ou 2.^a prateleira, a contar de baixo para cima”³⁴⁴.

Sua organização permitia, inclusive, detectar a ausência de algum documento, como ocorreu logo depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, em junho de 1917. Em carta à filha, Amélia perguntava sobre uma caderneta que costumava carregar consigo quando se encontrava em Pelotas, chegando a comentar que, fazendo algumas arrumações em seus papéis, havia solicitado a D. Eulália que “juntasse tudo o que ficasse espalhado pela minha escrivaninha, meza e

³⁴³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1909.

³⁴⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1917.

botasse no armario, entregando-te as chaves.”³⁴⁵. De última hora, as chaves haviam ficado no quarto de baixo e ela não a havia entregue à Sinhá, não sabendo se D. Eulália havia feito. Na carta, Amélia manifestava sua preocupação com a caderneta e pedia a ajuda da filha:

Digo isto, devido a ter procurado aqui uma caderneta que suppunha ter posto na mala, e não encontrei. Peço-te veres si ficou ahí. É a caderneta das contas do Tancredo, tendo dentro, um envelope grande e grosso maior que a mesma, com recibos, correspondentes. Causa-me transtorno, a sua perda.³⁴⁶

A preocupação com a caderneta parece se justificar diante das informações que a carta nos fornece sobre os constantes empréstimos que Tancredo, outro genro de Amélia, casado com sua filha Isabel (Talú), era obrigado a fazer, devido à sua doença. Numa carta de 1916, como veremos, Amélia se queixa da multiplicação dos “extraordinarios” que a impediam de realizar as compras que havia planejado, porque “Agora mesmo, terei que auxiliar ao Tancredo em sua viagem porque elle está sem dinr.º e eu não pôsso deixar a minha neta [...] a um mal tão cruel, por falta de recurso.”³⁴⁷. Amélia se referia à neta Wanda, que tendo sido mordida por um cachorro – que suspeitavam estar com raiva – precisava se deslocar para Porto Alegre, a fim de fazer um tratamento preventivo.

Durante todo o ano de 1916, as cartas de Amélia são remetidas de Pelotas e seu conteúdo nos permite acompanhá-la administrando as suas casas no centro da

³⁴⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1917.

³⁴⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1917.

³⁴⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de novembro de 1916.

cidade, bem como reagindo frente aos problemas que surgiam com os aluguéis. Em uma de suas primeiras cartas, ela se mostra aborrecida e recorre a uma metáfora para referir-se às conseqüências do procedimento ardiloso de seu inquilino, o que, segundo ela, a obrigava a empregar maior rigor diante do

comportamento do Ovídio para commigo, por lhe ter tirado a chupêta. Ainda não me appareceu para justar contas, nem quis entregar a chave da casa da rua A. Neves, esquina 3 de Fevereiro. Tenho procurado evitar questões, mas vejo que serei forçada a chamal-o á contas, por outros meios. Isto me tem aborrecido mt.º por vêr o abuso.³⁴⁸

Os aborrecimentos com o inquilino acompanhavam-se das reclamações sobre os “extraordinários” que não paravam de aumentar,

Aqui tambem não me tem faltado extraordinarios. Como sabes, tive que pagar o imposto de auzencia, na importancia de 12:274\$. Logo em seguida, uma conta da intendencia, de 563,800, além do concerto que estou fazendo na casa do sapateiro á rua Gal. Victorino, e outras.³⁴⁹

Como ela resumiria em outra carta, “tudo são contrariedades, minha cara filha”, para quem esperava naquele ano estar em uma situação bem mais favorável. Na carta seguinte, Amélia revelaria as suas expectativas, os seus planos para o ano de 1916 e o quanto ele lhe reservara surpresas:

³⁴⁸ Carta da Baronesa. Pelotas, 17 de julho de 1916.

³⁴⁹ Carta da Baronesa. Pelotas, 1º de agosto de 1916.

Este anno, que estava tão animada, com o augmento do arrendamento, e a venda dos terrenos, é que os extraordinarios tem apparecido constantemente! Só em installações de esgôtos, nos casebres que aqui tenho; caixas de gordura, (como elles chamam) que a Intendencia está mandando collocar nas casas, (tudo obrigatorio) e os concertos que tenho sido forçada a fazer, sóbem a uma quantia elevada. Cada installação de esgôto, custa, nada menos, que 500 e tantos mil reis.³⁵⁰

Os acontecimentos haviam se sucedido justamente ao avesso do que ela esperava, convergindo para deixá-la “apavorada”:

Os extraordinarios com q. não contava, são principalmente, o que tenho gasto com os concertos das casas que julgava em bom estado, dos esgôtos, que em cada casa gasto quinhentos e tantos mil reis; roubo do Ovidio, isto, fóra o que era impressendivel, como o concerto de nossa casa aqui. Tudo infelismamente juntou-se, para a mesma occasião; e é por isso que me afflige, pois pensava este anno, armortisar pelo menos uns 20:000\$000, da minha divida com o Dr. Rangel, e agora ... Enfim, será o que Deus quizer.³⁵¹

Em meio às contrariedades, Amélia preparava a casa para a chegada da filha. Durante aquele ano, a residência, bem como o Parque Aníbal, haviam passado por reformas internas e externas a fim de que a casa se encontrasse impecável para a chegada da *rainha diamantina*. Sinhá deveria regressar a Pelotas algum tempo antes do carnaval, já que Zilda desfilaria como rainha. Após os folguedos carnavalescos – que Amélia pretendia acompanhar em Pelotas – ela

³⁵⁰ Carta da Baronesa. Pelotas, 28 de agosto de 1916.

³⁵¹ Carta da Baronesa. Pelotas, 30 de setembro de 1916. Não foi possível apurar a origem desta dívida de Amélia.

retornaria ao Rio de Janeiro, para o clima que julgava melhor para sua saúde. Seu retorno, entretanto, não significava um distanciamento dos negócios:

O Raul quando veio, deixou as chaves da casa da rua Tiradentes, a um moço Castro e Silva, que disse a ele Raul, que communicaria por telephone, si ficava, ou não, com a mesma. O preço d'ella, e 70\$000. Elle fez a communicação? Alugou-a? Deus queira, que appareça algum comprador para esses casebres.³⁵²

Lembrando-se das desventuras do ano anterior, Amélia não deixa de avaliar a preocupação e os problemas que a filha havia tido com a fonte de seus rendimentos: "Imagino o encommodo e aborrecimento que terás tido, com as casas ahi."³⁵³. E como Sinhá não havia escrito sobre a casa, ela pergunta novamente se "O Castro e Silva, ficou com a da rua Tiradentes? O aluguel d'essa casa é 70\$"³⁵⁴, alertando que, "Todas as que botarem esgôto, debes augmentar o aluguel."³⁵⁵.

Os *chorados* "500 e tantos mil reis" que Amélia havia despendido com a instalação de esgotos nas casas, e que logo seriam repassados ao inquilino, como podemos ver, se deveram a uma medida adotada pela prefeitura face à elevada mortalidade provocada pela febre tifóide. Tratada como uma endemo-epidemia, a

³⁵² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1917. Raul era um dos filhos mais velhos de Talú, que estava com a família no Rio de Janeiro junto com Amélia.

³⁵³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1917.

³⁵⁴ Id. Ibid.

³⁵⁵ Id. Ibid.

enfermidade de origem hídrica havia matado, entre 1891 e 1916, 896 pessoas, em Pelotas.³⁵⁶

Ao comentar sobre seus inquilinos, podemos perceber não somente o perfil que Amélia traçava deles, como também o que neles valorizava. A honestidade lhe inspirava a confiança e também era capaz de suprir algum outro “defeito”.

Quanto ao Snr. Salengue, já vejo que é, o que a Tia Flóra me disia: mt.º honesto, minnuicioso, e activo. Acho que podes deixar que elle mesmo passe os recibos, poupando-te a esse trabalho tão cacete. O Costa que confiava n’elle, é porque tinha provas de sua honradez. O seu Tavares, é realmente – molleirão, mas, como bem dizes, é honesto; e antes aturar este que um activo de mais.³⁵⁷

Sinhá escrevia à mãe comentando sobre o caráter dos novos inquilinos, bem como sobre as resoluções que tinha tomado: “Mt.º estimo saber, que os inquilinos actuaes, são de 1.ª agua. Só mesmo tu, conseguirias essa tranformação! [...] Quanto a casa em que mora o Braga, d’esde que é, como te disseram, fizestes bem, em não apurares o pagamento: que paguem, quando poderem”.³⁵⁸ As iniciativas tomadas pela filha contavam com a aprovação, como se pode perceber neste trecho em que menciona a pintura de uma das casas de aluguel: “Acho que a pintura, foi contractada, por preço mt.º módico, pois a casa além de não ser mt.º pequena, está mt.º suja, e vai dar mt.º trabalho. Enfim, só tu fazes d’esses

³⁵⁶ GILL, Lorena Almeida. A cidade de Pelotas (RS) e as suas epidemias (1890-1930). In: *História em Revista*. Pelotas, nº 11, dezembro de 2005. p. 203.

³⁵⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1917.

³⁵⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1917.

milagres.”³⁵⁹; “Imagino, como estarão bonitas as casas, depois de estarem de cara lavada, e roupa nova.”³⁶⁰

O dinheiro dos arrendamentos era remetido à Amélia através de algum parente que viajasse para Rio, como por exemplo, Francisco: “Esqueci-me porem [...] diser-te que recebi do Francisco, 4:500f000”³⁶¹; ou por vale postal: “Quando receberem o dinhr.º de Salsipuêdes, remette-me 500\$000 em vale postal, pois estou na Pindaíba.”³⁶²

Quando se realizava alguma transação envolvendo uma propriedade, como a do “terreno da Charqueadinha”, que integrava a meação de Amélia, a filha lhe escrevia, solicitando o envio da procuração para que fosse lavrada a escritura. Sobre esta venda, Amélia chegou a comentar: “Não podes calcular o quanto fiquei satisfeita com esse negocio, que parece mesmo o resultado das minhas supplicas”³⁶³; e, aproveitando o ensejo, pediu a filha que: “Agradece[sse] mt.º e mt.º a Lourival, o interesse que sempre toma em meus negocios, procurando tirar para mim, o maior lucro possivel.”³⁶⁴

Sinhá, como já mencionamos, tinha sua dedicação constantemente reconhecida nas cartas. Amélia não enxergava a filha apenas como uma boa administradora, que realizava “milagres” com os negócios, visando o maior lucro.

Seu interesse investia-se de outro significado, o afetivo:

³⁵⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1917.

³⁶⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1917.

³⁶¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1899.

³⁶² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1907. De acordo com o *Popularium Sul-rio-grandense* Pindaíba significa falta de recurso, penúria. “Etim.: de *pindaíba*, caniço de pescar. De *pindá*, anzol, e *yba*, vara. Mas qual a relação entre estas duas coisas? Provirá do que vai à pescaria e é infeliz, nada colhendo? É um mero idiotismo, como muitos outros em idênticas condições.” HESSEL, Lothar. (Reorg.). *Popularium Sul-rio-grandense: estudo de filologia e folclore/ Apolinário Porto Alegre*. 2ed. Porto Alegre: UFRGS/ IEL, 2004, p.51.

³⁶³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1909.

³⁶⁴ Id. Ibid.

Já vejo minha bôa e querida filha, que apesar dos teus mt.^{os} afazes, não esqueces nunca, a tua velha mãe, interessando-te, para que ella, no fim da vida, tenha ao menos, tranquillidade de espírito: o teu teleg. sobre a venda das casas, foi mais uma prova d'isso! Deus que que abençoe, e que teus filhos sejam para ti, o que tens sido para mim!³⁶⁵

A relação de afeto se construiu ao longo dos anos e das cartas. Amélia, por sua vez, possuía a mais fina sensibilidade para ler sinais de dedicação em todos os gestos da filha:

Não sei mesmo, minha querida filha, como agradecer-te, o trabalho que, mesmo de longe, tens commigo. [...] Vejo o teu interesse por mim, d'esde a cousa mais importante, á mais insignificante. Fizestes o milagre das casas, e não te esqueceste dos casaquinhos!³⁶⁶

Os negócios misturavam-se com os afetos e ganhavam vida através dos vínculos familiares, que se constituíam – como as cartas nos mostram – em importante chave para entender a presença tão marcante de Amélia na família Antunes Maciel. Nas cartas, descobrimos que muitos destinos e sonhos foram traçados, outros tantos foram privados – inclusive os seus – de se realizarem. Por trás de tudo e de todos, Amélia parecia assumir o papel de uma Penélope, tecendo e desfazendo tramas familiares e sonhos pessoais.

³⁶⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1917.

³⁶⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 05 de outubro de 1917.

2.2 “Não podes calcular, minha querida filha, a lucta que tenho tido, a procura de casa!”³⁶⁷

Mil novecentos e nove tinha tudo para ser um ano como qualquer outro. Alguns acontecimentos, no entanto, alterariam esta percepção inicial. Recém-chegada à capital, Amélia se dedicaria, com afinco, a encontrar uma casa para alugar.

Como de costume, ela havia chegado ao Rio de Janeiro antes de Sinhá, a fim de alugar uma casa e prepará-la para a chegada da filha e de sua família. É o que parece ter acontecido em 1897, e que se depreende de uma carta de Sinhá dirigida à mãe:

Peço lhe p.^a, quando tiver certesa do vapor em que vamos, mandar pedir á sai Manoela a cama, lavatório, comoda, e cabides que deixei em casa d’ella. O colxão não precisa ella mandar pois eu peço lhe mandar fazer um novo, de palha fina, pois a lã é muito quente. Na cama, se essa se achar estragada tambem mamãe me fará o favôr de mandar dar uma pintura.³⁶⁸

Diferentemente do planejado, Amélia viu frustradas suas tentativas de localizar uma casa, manifestando seu descontentamento nas quarenta e três cartas

³⁶⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.

³⁶⁸ Carta da Sinhá. Pelotas, 08 de abril de 1897. Interessante constatar que Sinhá não viajava portando somente malas com pertences pessoais, mas também móveis, como “a caminha do Rubens.”

que escreveu ao longo do ano de 1909 e parte do ano de 1910³⁶⁹. Além da saudade dos filhos e dos netos – que haviam ficado em Pelotas – uma outra razão faria com que Amélia escrevesse ainda mais: a procura por uma casa para alugar! Já na primeira carta, escrita assim que chegou ao Rio de Janeiro, ela revelaria: “Não podes calcular, minha querida filha, a lucta que tenho tido, a procura de casa!”³⁷⁰. Amélia tinha seus motivos para mostrar-se irritada com a demora, mas a maior causa de sua apreensão era o ingresso de seu neto mais velho, Rubens, na escola ainda no período regular.

Nesta mesma carta, a Baronesa mencionaria, além das dificuldades encontradas – o valor dos aluguéis, a qualidade e a localização das casas –, sua preocupação em relação ao conforto que o vapor em que a família viajaria para o Rio de Janeiro poderia oferecer aos netos ainda pequenos: “Francisco deu-me uma noticia, que tambem me aborreceu, foi que o Camaróte de luxo, do Sirio, já tinha sido tomado em Porto-Alegre, para esta 1.^a viagem, e que era justamente, a em que vocês devem vir.”³⁷¹.

São preciosas as informações que Amélia nos dá sobre as acomodações do vapor escolhido por seus familiares e sobre as condições em que fariam a viagem:

Realmente, os outros camarótes pequenos é um horror, com tantas creancinhas. Os Camarótes de luxo, dos outros vapôres, tambem são maos, porque o ‘guindaste’ fica junto, e nos portos, é insuportavel, mas em todo caso, é

³⁶⁹ O número de cartas enviadas entre 23 de abril de 1909 e 30 de março de 1910 impressiona. Ao total, são sessenta cartas dirigidas à filha e uma ao genro, perfazendo quase a metade do total de cartas existentes no acervo. Em termos de comparação, para o período de junho de 1917 a junho de 1918, o acervo conta com 36 cartas, ou seja, 25 cartas a menos do que as remetidas entre abril de 1909 e março de 1910.

³⁷⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.

³⁷¹ Id. Ibid..

mt.º melhor que os pequenos: pelo menos, podes estar com todos reunidos.³⁷²

As cartas revelam que Amélia preocupava-se com todos os detalhes da viagem e preparava tudo de antemão, esforçando-se para que a filha não tivesse o menor trabalho quando chegasse ao Rio de Janeiro. Quando não se ocupava desses preparativos e a filha permanecia em Pelotas, a rotina de Amélia girava em torno das idas às sessões espíritas e aos cemitérios, da retribuição de visitas recebidas e de olhar algumas vitrines. Ao ser informada de que Sinhá planejava ir ao Rio, envolvia-se na exaustiva procura de casas para alugar, despendendo nisso a maior parte de seu tempo, indo pessoalmente verificar suas condições. Para tanto, lançava mão de anúncios divulgados nos jornais: “Neste momento porem, acabo de receber [...] uma carta, oferecendo-me uma casa na rua Voluntarios da Patria, que diz, estar nas condições do meu annuncio.”³⁷³; “Tinham-me mandado offerecer (devido ao meu annuncio) uma casa [...]”³⁷⁴; e contava com a ajuda de conhecidos e empregados: “O Conrado [empregado], tambem, não me sahe da porta. Elle me tem trazido mt^{as}. indicações de casas.”³⁷⁵.

Amélia percorria o Rio de Janeiro em busca de casa e em suas andanças constatava que a população crescia em ritmo acelerado³⁷⁶. Ela acompanhava as

³⁷² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.

³⁷³ Id. Ibid.

³⁷⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.

³⁷⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.

³⁷⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909. De acordo com Weid: “Entre 1872 e 1890, a população da capital teve crescimento de 90% e o Rio concentrava, no final do século XIX, mais de metade da população urbana do Brasil.” VON DER WEID, Elisabeth. Bota Abaixo! In: *História Viva*. Fevereiro de 2004, p.78-83.

transformações de uma cidade que, sob a administração Pereira Passos, vivia tempos eufóricos para uns e tempos difíceis para outros, como os trabalhadores urbanos pobres analisados por Sidney Chalhoub³⁷⁷. Nomeado por Rodrigues Alves, em 1903, o prefeito Pereira Passos incumbiu-se da tarefa de modernizar a cidade do Rio de Janeiro, tornando-a atraente aos olhos europeus mediante a instauração de uma nova ordem compatível com a *Belle Époque*³⁷⁸. Os olhos de Amélia já percebiam as mudanças ocorridas naquele ano: “Creio que o Rio, com os melhoramentos que vai tendo, se tornará para o futuro, um verdadeiro Paraíso!”³⁷⁹ Seu olhar, apesar de identificar outras causas para o crescimento da população urbana, parecia concentrar-se nos “melhoramentos”, valorizando-os a despeito de seus custos sociais ,

Neste último ano [1906], o Rio de Janeiro era a única cidade do Brasil com mais de 500 mil habitantes [...] Este crescimento populacional acelerado está estreitamente vinculado à migração de escravos libertos da zona rural para a urbana, à intensificação da imigração e a melhorias nas condições de saneamento.³⁸⁰

Aliás, neste ano, 1906, Amélia já havia encontrado dificuldades para alugar casa e sugeria ao genro que seguisse para o hotel onde estava hospedada:

³⁷⁷ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

³⁷⁸ RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: UFRJ/UNICAMP, 1993. p.39.

³⁷⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1903.

³⁸⁰ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim...* op. cit., p. 43. Mas é sobre as habitações populares que a especulação imobiliária vai incidir com maior ênfase. A todos estes que tiveram suas pequenas casas ou peças colocadas abaixo pela desapropriação da prefeitura restou as escolhas entre pagar aluguéis ainda mais altos por essas casinhas ou peças em casas de cômodos, mudar-se para os subúrbios aumentando a distância até o emprego, ou então, habitar os morros que rodeavam a cidade.

Desanimada completamente, de encontrar casa, fóra mesmo das condicções que combinamos, telegraphei hontem á Lourival, animando-o a que viésse mesmo para este Hotel, até que appareça alguma casa que nos convenha, o que póde succeder de um momento para outro, talvez mesmo durante os dias de viagem de vocês.³⁸¹

Amélia fazia questão de destacar que estava empregando todos os meios possíveis para conseguir uma casa, e que as dificuldades vinham crescendo em relação aos anos anteriores:

Eu continúo a empregar todos os meios possiveis para obter a casa. Lourival que se anime e venha, que estou certa mt.º gostará, vendo as bellezas do nosso Rio de Janeiro. Sei que o Francisco tambem não encontrou casa, mas dizem que um amigo offereceu-lhe uma na praia de Botafogo; não sei si é real. O testemunho d'elle, da falta de casa, é o melhor attestado a meu favôr.³⁸²

Em 1909, a situação parece ter atingido proporções ainda maiores. A carta enviada por Amélia refletia seu desânimo:

As poucas que tenho encontrado na zona que convem, e que nos podem servir, estão em concerto; umas, para o dono morar; outras, já vencendo aluguel, mesmo em obras outras finalmente só ficam promptas n'estes 2, ou 3 mezes! Quero tomar uma provisoria, para depois vêr se obtemos uma na rua S. Clemente, mas não tem sido possivel, porque ou querem que se compre os trastes, pelos quaes exigem um despropósito, (um pedio-me 6:000f. por

³⁸¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.

³⁸² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.

uns cacarecos) ou contracto, e mil exigencias pela conservação dos moveis³⁸³

As dificuldades encontradas por Amélia – minuciosamente relatadas em suas cartas – nos informam sobre o tipo de casa que a família pretendia alugar e sobre sua localização preferencial. Além da “zona que convem” – a Rua São Clemente era a preferida de Sinhá – Amélia descreve as características que a casa deveria ter e algumas preferências:

Agora mesmo, estou esperando resposta de uma casa, que, a não ser as circunstancia especiais em que estamos, não nos serveria, porque, alem de outras faltas, é pequena para nós; mas tem 2 grandes vantagens; é, não ter vizinhos em frente, nem ao lado, e passa o bond de Humaytá na porta, e portanto os meninos, não tem necessidade de mudar de bond. É na rua Marquez de Olinda. Apesar de ruim, Deus queira que se arranje, porque ao menos, os que vão deixal-a, estão de perfeita saude.³⁸⁴

Deve-se ter em conta que, mais do que sinônimo de comodidade e de status para a população que não dispunha de veículos próprios³⁸⁵, ter bondes à porta de casa acarretava, como alerta Nicolau Sevcenko, grande especulação imobiliária, aumentando significativamente o valor dos aluguéis.

A referência que Amélia faz à saúde dos moradores que estavam deixando a casa sugere que, apesar de todos os “melhoramentos” sanitários e o combate às

³⁸³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.

³⁸⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.

³⁸⁵ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: *História da Vida Privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. SEVCENKO, Nicolau. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 548.

epidemias, o episódio da Revolta da Vacina em 1904 estava ainda muito presente e mantinha vivo o medo do contágio. Apesar de o bairro não contar com um conglomerado de casas populares, Amélia temia as epidemias – a varíola, o tifo, a febre amarela e a peste bubônica – que tinham devastado a população urbana carioca.

Diante das dificuldades para alugar uma casa, cabe a pergunta: por que Amélia não comprava uma casa para si e seus familiares? Poderíamos supor que ela preferisse ficar em hotéis: “Este Hotel, (onde estou parando) é só de famílias, mt.º socegado, a casa é boa, e o tratamento. A comida, é bem feita, e igual á das nossas casas, pois não uzam aquelle temêro proprio dos hotéis.”³⁸⁶ O hotel a que Amélia se refere era, como lemos no timbre na parte superior da carta,

O Grande Hotel
 Casa de primeira ordem para Famílias e Cavalheiros.
 F. Campos, Garcia & C.
 1, Rua Visconde Maranguape, 1
 Largo da Lapa³⁸⁷

Entretanto, este não parece ser um motivo determinante. Se nas cartas escritas em 1906, Amélia elogiava o hotel, o mesmo não pode ser dito sobre sua hospedagem durante o ano de 1909: “Este hotel ultimamente está cozinhando tão mal, que até n’esse sentido tenho soffrido.”³⁸⁸ A situação parece ter se

³⁸⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.

³⁸⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906. De acordo com Amélia, o hotel ficava em frente à Igreja da Lapa. No anexo 10 encontram-se um anúncio e uma fotografia do Grande Hotel.

³⁸⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

agravado durante o tempo em que esteve hospedada, a ponto de provocar uma curiosa irritação em Amélia:

Imagina, que ha 136 dias, que cômô sópa de verduras! Por tres vezes, mandei buscar de outras, mas achei-as insuportavel, e voltei à mesma. A unica differença, é que cada dia, traz um nome; é esta a nomenclatura: sôpa de verduras, Juliana, Paisana, e Jardineira! A sôpa que para mim, é o primeiro prato!. E este, (Hotel) podes crêr e o em que, melhor se cosinha, pois é essa a opinião geral, excepção feita à Catuca, q. não acha. Calcula pois, o que serão os outros!³⁸⁹

Além disso, os gastos com a hospedagem em hotel vinham se tornando maiores, ano após ano: “Felismente já estou fóra do Hotel, que, apesar de ser mt.º bom, de alguma fórmula constrange, e sobre tudo fica mt.º dispendioso para quem como eu, tem sempre visitas, e portanto, mt.ºs extraordinarios.”³⁹⁰. Este comentário parece indicar que, além do custo elevado que acarretava, sua permanência em hotéis não lhe agradava muito. Sua queixa constante nas cartas era a de que não tinha dinheiro para comprar a casa: “Vê minha filha, o q.º seria bom, si eu tivesse podido comprar a minha casa aqui, como tanto desejava! Não estaríamos agora n’essas dificuldades.”³⁹¹.

Como vimos no subcapítulo anterior, o capital de Amélia provinha da meação e estava bastante subdividido. Desta forma, para dispor de uma quantia que permitisse comprar uma casa no Rio de Janeiro – nas condições que ela desejava – ela precisaria vender alguma das propriedades de maior valor, como ela mesmo

³⁸⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1909.

³⁹⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903.

³⁹¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

refere: “Se pudesse realizar a venda das 3 Cruzes!”³⁹². Esta propriedade estava arrendada e valia, à época do inventário, 50:000\$000. Para comprar a casa, Amélia teria que vender as Três Cruzes e agregar algum dinheiro: “Agora mesmo, si eu tivesse dinh.º, comprava uma na rua S. Clemente, pela qual pedem, 88:000f., mas isso é o primeiro preço.”³⁹³.

Diante disso, Amélia encarava – não sem reclamações – a procura por casas para alugar. Numa das cartas, ela relata a visita que havia feito a uma casa na Rua Marquês de Olinda e à outra na Rua Voluntários da Pátria, descrevendo os efeitos da especulação imobiliária:

Bem poderás avaliar o meu desapontamento, com o canalhismo do dono da 1.^a casa que lhes communiquei, fechando o negocio com outro, quando me tinha promettido a casa; isto unicamente, porque esse outro tambem afflicto por encontrar casa, offereceu-lhe 6:000f. pelos trastes!³⁹⁴

Assim, percebemos que, embora estivesse aflita por não encontrar casa para alugar, havia preços que ela não estava disposta a pagar. Ao final da carta, porém, ela se mostrava mais animada por ter encontrado uma casa que lhe havia aparecido de forma “providencial” pois,

é bem certo que “Deus escreve direito por linhas tortas” e quando eu estava mais afflicta, e desanimada, ante a falta de casas que ha, vieram-me offerecer uma, que immediatamente tomei, e que acabo agora de lhes avisar.

³⁹² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1899.

³⁹³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

³⁹⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de abril de 1909.

Foi este, como um lance de romance, que só depois te explicarei.³⁹⁵

Ao descrever a casa, Amélia ressalta seu bom estado e o espaçoso pátio, para apenas ao final, informar sobre o valor do aluguel:

Esta [...] é grande, completamente reformada (era para o dono) com todas as condições higienicas, com bastante terreno para as creanças, um só pavimento, como deseavas, e finalmente, na rua de S. Clemente! Todas estas vantagens, custam porem mais caro, penso porem, que Lourival, assim como eu, preferirá pôpar em qualquer outra cousa, mas ter uma boa casa, para que, as creanças, não soffram, a differença. Além d'isso, os preços das casas, são agora elevadissimos, dizendo elles, que os deputados do Nórte não olhão o preço. Esta mesmo, depois que o dono fechou-o negocio conmigo, veio um sujeito dizer-lhe, que um deputado do Nórte, Dr. Lyra, queria a casa, não olhando à preço; ao que elle respondeu, que a casa já estava alugada. Á tudo isto, esquecia-me dizer o preço: 700f. Felismente, não há onus alguns, e si Lourival quizer, depois passaremos para outra de menor preço, caso nos appareça. A differença d'este preço, para a do Durão, é de 150f. o que quer dizer, 75f. mensaes, parecendo-me, que ficamos melhor servidos. Todo meu interesse, é pelas creanças, pois eu alem de ser só, já estou velha, e nada inflúe o tamanho da casa.³⁹⁶

Pareciam estar removidos todos os empecilhos para a viagem da filha, já que, apesar de cara, Amélia, finalmente, havia conseguido encontrar uma casa adequada para a família. Agora ela poderia voltar à sua rotina e escrever cartas para as pessoas como a prima Chiquinha e Mercedes. A procura e a visita às casas

³⁹⁵ Id. Ibid.

³⁹⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de abril de 1909. A expressão “150f. o que quer dizer, 75f.” revela como a família se organizava com relação à sua “economia doméstica”. As despesas decorrentes da estada de Sinhá e de sua família no Rio de Janeiro eram divididas igualmente em duas partes, entre Amélia e Lourival. No Arquivo do Museu Municipal Parque da Baronesa encontramos 44 anotações referentes às despesas mensais, sob o título “Contas da Casa” e que, pela letra, foram escritas por Amélia.

anunciadas nos jornais a cansavam muito, a ponto de ao chegar ao hotel sem ter “coragem para nada”, interrompendo inclusive a correspondência, com exceção das cartas escritas à filha Sinhá.

Quando recebeu, no dia 29, a carta da filha datada de 21 de abril, Amélia não fez como de costume, deixou-a sem resposta, afinal, estava certa de que a resposta, levando uns oito dias, não encontraria a filha ainda em Pelotas. “Mas... assim não foi!” e isso fará com que Amélia passe o mês de maio escrevendo para a filha, praticamente de quatro em quatro dias. A primeira carta do mês – datada de 04 de maio – tem longas 18 laudas que foram terminadas, devido às interrupções, somente no dia 5. A preocupação em não cansar a filha com a leitura – manifestada em cartas anteriores – nesta, foi abandonada e cedeu lugar aos detalhes de suas inúmeras tentativas e ao intento de convencer a família de seu empenho.

Ela iniciaria seu relato, destacando o azar que vinha tendo e evidenciando sua irritação e aborrecimento. Este, segundo ela, se dava duplamente, já que além do seu próprio aborrecimento, carregava também aquele que calculava provocar na filha e no genro:

D’esta vez, não sei que – aza negra – me persegue que só tenho lidado com canalhas! Só Deus sabe, minha boa filha, o que tenho passado, d’esde que, forçada pelas circunstancias, tive que passar esse ultimo teleg.^{ma} a Lourival, pois calculava, o transtorno, contrariedades, e talvez prejuizo, que lhes ia causar! Para poupar-lhes tudo isto, quiz até, tomar a mim, sem que vocês soubessem, esse onus tão pesado, mas vi que as minhas forças não davam para tanto! Foi depois d’essa lucta, que me resolvi a passar esse telegramma-carta, e confesso-te, que apesar de reconhecer que esse contracto, é uma loucura, para um, mas tornava-se menos penoso entre dois; eu conservava

ainda uma pequena esperança, que desapareceu, com a resposta de Lourival! Imagino o quanto elle encommudou-se, e com justissima razão; sentindo eu profundamente, ter para isso concorrido, embóra involuntariamente: e só o que lhe pôsso garantir, é que não se encommudou mais do que eu, que tanto me esforcei para vêl-os aqui. Vou contar-te, o q. se deu com essa casa.³⁹⁷

Como podemos ver, Amélia “carregava nas tintas” ao expressar seus sentimentos de contrariedade diante do telegrama resposta de Lourival e que minava qualquer esperança que ela pudesse estar alimentando sobre a viagem da família ao Rio de Janeiro. Teremos acesso à informação sobre o que aconteceu somente na terceira lauda, momento em que ela passa a relatar que, antes de arranjar a casa situada na Rua Marquês de Olinda, havia visitado uma – que a havia encantado, apesar de estar em reforma – localizada na Rua São Clemente. Como não sabia se estava alugada ou não, havia decidido ir até a casa do proprietário, Sr. Camillo Valdetaro, na Gávea. Pelo adiantado da hora, por sentir-se muito cansada – “por ter passado todo o dia caminhando, subindo e descendo escadas” – e pela distância da casa em relação ao portão, pediu a Diogo³⁹⁸ que fosse falar com ele. O proprietário, adoentado, havia mandado preparar a casa para si e, portanto, não a alugaria, o que fez Amélia voltar para o hotel bastante aborrecida. Logo após, ela havia encontrado a casa da Rua Marquês de Olinda cujo “dono d’esta casa, que é um negociante fôrte, de Café, procedeu canalhamnete commigo como já sabes.”³⁹⁹. Ela relata que no mesmo dia em que lhe haviam aprontado tal

³⁹⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

³⁹⁸ Como referimos anteriormente não foi possível estabelecer a relação de Diogo com a família.

³⁹⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

“canalhice”, lhe ofereceram uma outra casa, mas, que por estar “tão aborrecida com o facto que se tinha dado pela manhã” com a da Rua Marquês de Olinda, havia pedido a Diogo que fosse vê-la e que arranjasse tudo para que pudesse visitá-la na manhã seguinte. Amélia continua compartilhando com a filha seu contentamento diante da informação trazida por Diogo:

Imagina tu, minha bôa filha, o meu contentamento, quando Diogo me disse: O Dr. Perdigão, veio, em nome do Dr. Valdentaro, dizer-lhe, que, os médicos ase oppõem, a que elle venha para baixo; e que, á vista d’isso resolveu-se a alugar a casa, dando-lhe a preferencia, por se tratar de pessôas da familia do Conselheiro Maciel (referia-se a Lourival).⁴⁰⁰

O aluguel da casa estava fixado em 700\$000 e Valdentaro não aceitava negociação, embora ela houvesse tentado. Apesar do alto valor pedido, Amélia ponderaria que “na quadra actual, não encontrariamos outra casa igual, por menos preço, pois actualmente, as casar bôas, ou antes, regulares, pedem 600f. 700f e 800f. além de que, todas com contractos mais ou menos longos”⁴⁰¹, e acreditando que Lourival não “levaria a mal” o aumento de 75\$000 em relação ao aluguel que pagavam antes, havia mandado dizer ao representante do proprietário que a casa era dela.

A fim de obter as chaves, Amélia pediu que Diogo fosse, juntamente com o representante do proprietário, à casa do empreiteiro. Este, no entanto, informou que

⁴⁰⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909. Como vimos no capítulo anterior, Camilo Valdetaro havia sido deputado juntamente com Francisco Maciel, tendo se tornado seu amigo.

⁴⁰¹ Id. Ibid.

a Junta de Higiene havia exigido a mudança de “qualquer cousa, nas latrinas”, o que retardaria a entrega das chaves para o dia 30 de maio.

A casa, continua Amélia, havia encantado também

o Dr. Lyra de Castro, deputado do norte, [que] queria a casa, e que mandava dizer, não olhar a preço; (com certeza não tinha tenção de pagar) ao que respondeu o Dr. Perdigão: É tarde, a casa está alugada, a Snr.^a B. de T. Serros, e aprésse isso.⁴⁰²

Amélia revela que pretendia avisar à filha sobre a casa somente quando tivesse as chaves na mão, e que, lembrando-se de que Lourival não queria vir em outro vapor que não fosse o Sírío e que a chave só seria entregue no dia trinta à noite porque “ainda tinha que ir á Hygiene, para que o médico desse o tal - habite-se”, o que era mais certo que acontecesse a primeiro de junho, temia que não houvesse tempo para que Sinhá e a família se arrumassem sem atrapalhação. Por conta disso, mandou Diogo novamente ao encarregado do proprietário a fim de apressar o máximo possível as reformas, alegando que a família embarcava naquele dia para o Rio “(p.^a dar mais força)”. Diante disso, o encarregado teria dito ao empreiteiro:

“Seu Paixão, a Baroneza tem mt.^a pressa da casa, a familia já embarcou, ande, deite fogo na canjica” ao q. o sugeito respondeu: sem falta nenhuma, no dia 30, antes é impossível; pois bem, entregue as chaves aqui ao Snr.^o que é encarregado da Baroneza.⁴⁰³

⁴⁰² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

⁴⁰³ Id. Ibid.

Aparentemente, tudo corria conforme o previsto. O Dr. Perdigão, no entanto, alteraria o rumo da história, levando Amélia a perguntar à filha: “Agora diz-me minha querida filha, á vista d’isso, devia, ou não, considerar a casa alugada? Por um ter sido canalha, commigo, devo julgar que todos o seirão?” Amélia havia encarregado Diogo de buscar as chaves no dia combinado, não contando com a surpresa que lhe reservava o Dr. Perdigão:

o Dr. Valdetaro, tem tido propostas para fazer contractos, sendo o do Dr. Lyra de Castro, de 4 annos, elle resolveu, não alugar, sinão com contracto de 4 annos, e 800f000 por mez! Mas Snr. Dr. a casa já estava alugada, pelo Snr. q. garantio-me; sim, disse elle, mas o dono agora quer isso, e é um homem que está gravemente doente, e não se póde contrariar; diga isso mesmo, a Snr.^a Baroneza. Diogo já mt.^o indignado, disse: Não, Snr. Dr., eu não levo tal resposta: o Snr. mesmo, há de ir dal-a, e vai commigo! Elle quis esquivar-se por todos os modos, mas Diogo não o deixou, trazendo até cá.⁴⁰⁴

O Dr. Valdetaro, beneficiado pela especulação imobiliária, havia conseguido uma forma de obter maiores lucros e por mais tempo. Após relatar à Sinhá o que havia ouvido de Diogo – visivelmente constrangido por ter sido o portador da desastrosa notícia – ela passaria a descrever o que havia sentido ao ser informada sobre as novas condições de aluguel da casa:

Agora calcula o abalo que tive, ao ouvir o tal Dr.! Não sei como não tive um ataque, todo o sangue me foi a cabeça, ficando com as mãos e pés tão frios, como os tenho ahi no inverno; todo o corpo me tremia. Fiz-lhe ver o seu proceder

⁴⁰⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

incorreto, e elle só dizia, mas minha Snr.^a, a casa não é minha; mas o Snr.^o é o representante do dono. Enfim, minha filha, nem sei já o que disse ao tal Dr. Perdigão⁴⁰⁵

Amélia tentava expressar a dimensão de sua cólera e o que ela havia lhe provocado fisicamente, de maneira que, ao ler, Sinhá pudesse colocar-se em seu lugar. Mas tal desgosto não a teria paralisado, levando-a a recorrer a Francisco, a quem o proprietário considerava amigo, para que este intercedesse por ela. Sua contraproposta foi um contrato de três anos e “o bruto nada cedeu”, levando Francisco a sugerir que ela telegrafasse ao genro, já que não havia outra solução. Amélia sabia dos incômodos que isto iria causar e, procurando amenizá-los, lembrou ao genro que os contratos previam que os aluguéis podiam ser transferidos: “Casa boa; podemos depois passar contracto”. Para ela, havia sido o deputado Lyra de Castro que havia mudado as cláusulas do contrato de aluguel: “Elle [proprietário] não pensava em contracto, mas o tal Dr. Lyra, com o fim de garantir-se durante os 4 annos de legislatura, foi despertar no velho, essa idéa:”⁴⁰⁶.

Ressaltando as dificuldades que ela vinha encontrando, Amélia não se cansava de frisar que muitas casas se encontravam em reforma, só ficando prontas em fins de maio ou junho, e que muitas “pessoas que se retiram para Europa, e que alugam suas casas mobiliadas, por 6 mezes, a um anno, mas a todas que

⁴⁰⁵ Id. Ibid.

⁴⁰⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

fui, só deixavam as mesmas, no fim de Maio, principios de Junho, razão porq., não as podia alugar.”⁴⁰⁷.

Ela menciona as saudades que sentia de todos, lembrava-se das crianças que, de acordo com ela, muito aproveitariam a mudança. Lamentando não ter sua casa, o que evitaria todos os transtornos, ela tece um comentário – feito em tom confidencial – que, portanto, deveria ficar somente entre mãe e filha:

É pena que Lourival não queira fazer isso (comprar casa), porque os preços de venda, não estão em relação com os alugueis. Em quanto estivessemos aqui, eu pagaria a metade do aluguel, e elle recolheria tambem em seu bolço, a parte que lhe correspondia, tendo assim, os juros de seu dinheiro garantido. Quando fôsse para ahi, alugava, o que é mtº. facil, visto q. a população cresce de dia a dia, e a edificação, e diminuta. Isto é apenas uma conversa entre nós, pois não estou no caso de dar conselhos.⁴⁰⁸

O crescimento populacional e a já escassa oferta de casas são argumentos utilizados por Amélia para que o genro comprasse uma casa. Na troca de correspondência com a filha, ela fornecia pelo menos três fortes argumentos para que Sinhá, em uma eventual conversa com o marido, pudesse tentar convencê-lo. Receando as reações do genro e temendo desgostá-lo, Amélia chegou a escrever para Sinhá: “Não quis telegraphar á elle novamente, pedindo -lhe que revogasse esse proposito, para não aborrecê-lo ainda mais, com os meus telegramas”⁴⁰⁹.

⁴⁰⁷ Id. Ibid. Estas famílias que, de acordo com Jeffrey Needell, retiravam-se para longas temporadas em Paris e Londres, ao retornar, poderiam exibir uma personalidade social distinta de evidente inspiração franco-inglesa, sendo isto, cada vez mais, um sinal de “status elitista”. NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.153.

⁴⁰⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

⁴⁰⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.

O “propósito” a que Amélia se refere neste trecho da carta era o de cancelamento da viagem, algo que a entristecia muito: “Não, porque não reconheça, que elle tem toda, toda razão, e que era justamente o q. eu podia esperar; mas que queres, minha filha, não me pôsso conformar com a idéa de não vires!”⁴¹⁰. Esta passagem sugere que ela conhecia bem a personalidade do genro, prevendo qual seria a sua reação diante do ocorrido. Amélia decidiu não telegrafar imediatamente, esperando, ardorosamente, que ele relevasse o contratempo.

Lourival deve ter, possivelmente, telegrafado à Amélia, comunicando que havia lhe escrito uma carta, que ela torcia estivesse em conformidade com suas expectativas. Ao comentar com a filha que aguardava pela carta do genro com as deliberações sobre o aluguel da casa, ela parece “segredar” por meio do recurso de parênteses: “(Deus permitta, que estejam ellas [decisões], em harmonia, com os nossos desejos. Digo - nossos - porque supponho, que os teus, sejam iguaes aos meus.)”⁴¹¹. Mais do que uma sintonia – de desejos – entre Amélia e a filha, este trecho nos revela que a decisão final cabia ao genro.

Mas nem por isso, Amélia desistiu de seus intentos e, buscando uma solução para o problema do colégio do neto, dirigiu-se ao Ginásio Santo Inácio, no qual Lourival havia matriculado o filho Rubens, através de carta. Preocupada em garantir a admissão do neto, ela procurou o diretor e sugeriu que, caso fosse necessário, conseguiria – por meio de seus contatos – um “cartãozinho” do ministro que permitira que o neto ingressasse na escola assim que fosse para o Rio, conforme vimos no subcapítulo 1.2. O diretor, no entanto, mostrou boa vontade, dizendo que

⁴¹⁰ Id. Ibid.

⁴¹¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.

poderiam tentar primeiro sem o tal cartão: “Rubens que venha, e para não pedir socorro antes da desgraça, nós verêmos primeiro se pudemos conseguir sem isso”⁴¹².

Isto amenizava a sua maior apreensão e Amélia renovava suas esperanças de ver a família brevemente reunida no Rio de Janeiro, já que tinha ofertas de casas que vagavam no final do mês de maio e início do próximo, como a da Rua Silveira Martins. Esta seria desocupada no dia 20 e após os reparos solicitados pela Higiene ficaria pronta no final do mês, e seu valor era “si nós quizessemos fazer os reparos que a Hygiene mandar, pagariamos 500f. mensaes, e mandando elles fazer, ficanos por 600f.”⁴¹³. De acordo com Diogo, que havia falado com a proprietária – o que inspirava em Amélia “maior fé” – tratava-se de uma casa boa, rodeada por jardim. Amélia pedia que lhe avisassem da vinda por telegrama que chegava mais rápido, a fim de que ela pudesse ter tempo para tratar desta casa ou de uma outra na mesma rua a fim de evitar “novo desastre”. Mesmo que Lourival mantivesse sua decisão de não viajar, ela pedia que telegrafassem a fim de que ela obtivesse uma “casa pequena” para si, visto que gastava muito permanecendo no hotel.

Quatro dias depois de enviar carta à filha, Amélia recorreria à diplomacia para escrever ao genro. Sob a alegação de que não havia recebido sua carta, escrevia com o objetivo de pedir para “revogar essa resolução, tomada em momentos de tão grande contrariedade, aliás, muitíssimo justa.” Assim, adulando o genro e expondo que as maiores dificuldades – o colégio e a casa -

⁴¹² Id. Ibid.

⁴¹³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.

estavam praticamente sanadas, Amélia procurava ganhar a simpatia do genro e convencê-lo a comprar uma casa.

Considerando que o poder de decisão sobre os negócios da família cabia ao genro, ela, sutilmente, exploraria um outro argumento: a saúde de Lourival e dos netos, afinal, um pai zeloso não correria riscos; “Enfim, você fará o que entender, mas lembre-se que o inverno d’ahi lhe póde prejudicar a saude, aggravando a sua bronchite, e que as creanças mesmo soffrem bastante, com esses frios. Anime-se pois, e venha.”⁴¹⁴.

Mas as coisas não andavam mesmo favoráveis para Amélia e poderiam piorar ainda mais, como ela expõe na carta para a filha:

Agora, para completar a serie de contrariedades, a Rosa, em um dos dias em que estava mais afflicta e aborrecida, com o que me tinha feito o tal Dr. Perdigão, veio com todo o espalhafato, atirou-se de joelhos, chorando, e com mil exclamações, pedindo para que a mandasse embóra, porque não se dá aqui, que está muito doente, e que quer ir morrer lá. Eu fiquei indignada, mas nada lhe disse, a não ser, que ella podia ir quando quizesse, e que no dia 5, (isto foi a 3) tinha um vapor da Costeira, que seguia para ahi. Ella porem declarou, que queria ir em vapor do Lloyd, e no Sírrio!⁴¹⁵

A espalhafatosa Rosa – com quem Amélia parece ter ficado bastante indignada – era uma empregada que ela havia trazido de Pelotas. Apesar da justificativa – a doença -, Amélia não acreditava que houvesse tanta gravidade e atribuía o desejo que Rosa tinha de retornar ao fato de “não conhecer ninguém aqui, a não ser as creadas do hotel, e dos hospedes; uma das quaes, já a levou

⁴¹⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1909. Carta endereçada ao genro Lourival.

⁴¹⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.

ao theatro. Como sabes, ella é mt.º andeja, e ahi mesmo vivia de casa d'ella, para a da filha, indo a cidade constantem.^{er} 416.

A relação que Amélia e a família mantinham com a “criadagem” fica bem evidenciada na troca de correspondência e ocupará lugar de destaque nas cartas escritas quase que diariamente⁴¹⁷. As descrições da relação que a Baronesa Amélia mantinha com a empregada Rosa – e, por consequência, as queixas que fazia nas cartas – parecem reforçar o afirmado por Michelle Perrot, de que “o servidor dedica [va] o corpo, o tempo e o próprio ser a seus senhores”⁴¹⁸. A “andeja” Rosa – tema constante das cartas trocadas entre Amélia e Sinhá – ao ser informada de que não se reuniria com as outras empregadas – suas prováveis amigas – que deveriam viajar com Sinhá “decidiu-se a ir embóra, e fez toda essa scena.”⁴¹⁹. Se, inicialmente, Amélia havia se calado, limitando-se a dizer que ela retornasse quando quisesse, mais tarde ela teria lhe dito: “eu não me contive, e perguntei: mas si voce sentia-se assim tão doente, porque veio; porque não disse lá? Porque pensei melhorar; me disse ella, mas não me dou aqui.”⁴²⁰. Ao comentar seus problemas com a criada Rosa, Amélia nos revela o hábito de muitas famílias – à época – de viajarem acompanhados do copeiro, das amas-de-leite, da cozinheira,

⁴¹⁶ Id. Ibid.

⁴¹⁷ Reconhecemos que estas relações entre a família Antunes Maciel e as pessoas que para eles trabalhavam carece de um estudo mais aprofundado, o que será feito em outra oportunidade, já que isto não se constitui em objetivo deste sub-capítulo.

⁴¹⁸ PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: *História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. PERROT, Michelle (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.179.

⁴¹⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.

⁴²⁰ Id. Ibid.

além de outros que chamados apenas pelo nome não se consegue saber a ocupação: "Si trouxeres o seu Pedro, talvez não seja necessario o Cypriano"⁴²¹.

Amélia manifesta toda sua indignação com a decisão tomada por Rosa e desabafa com a filha, voltando a mencionar a onda de azar: "Vê agora, minha bôa filha, si não é uma - aza negra - que me acompanha."⁴²². Ao mencionar os gastos que havia tido para que esta estivesse apenas um mês com ela no Rio de Janeiro, ela reclama que no hotel, Rosa "nada fazia, porque até o meu quarto, era a sia Eugenia que arrumava!"⁴²³. Ainda assim reconhecia que Rosa lhe faria falta porque era "fiel, e eu estava descançada por esse lado."⁴²⁴ Esta passagem parece nos revelar a ambigüidade de que nos fala Perrot, ao comentar a posição assumida pelos criados e que "deriva do fato de estarem simultaneamente dentro e fora, integrados e excluídos da família, no centro da intimidade da casa"⁴²⁵. Certamente, era a confiança que a família tinha em seus empregados que a levava a deslocar alguns de Pelotas para o Rio de Janeiro. A casa que seria alugada por Sinhá era algo esperado também por aqueles ex-empregados da família ou de conhecidos desta, que viam na viagem para o Rio de Janeiro uma chance de obter trabalho.⁴²⁶

⁴²¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de abril de 1909.

⁴²² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.

⁴²³ Id. Ibid.

⁴²⁴ Id. Ibid. A fidelidade, tão prezada por Amélia, teria que ser testada em uma nova empregada, o que a deixava bastante ansiosa.

⁴²⁵ PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: *História da vida privada 4...* op. cit., p.180.

⁴²⁶ Chalhoub afirma que 48% da população não branca, economicamente ativa, empregava-se em serviços domésticos.

Mas, retornando ao tema principal da correspondência trocada durante o ano de 1909 – a procura por uma casa para alugar - Amélia logo contaria à filha um fato que lhe havia causado muita surpresa:

ha poucos dias, quando eu menos esperava, apresenta-se aqui o Dr. Perdigão, offerecendo-me novam.^e a casa, em nome do Dr. Valdetaro; e o que mais é, com os 4 annos de contracto, mas por...500f.! Não é o caso para dizer-se como a Véva: “que tal da gaita”?⁴²⁷

Diante de todos os problemas que a família vinha encontrando para alugar, Lourival chegou a considerar a possibilidade de comprar uma casa no Rio de Janeiro, o que parece ter deixado Amélia bastante contente, torcendo para que “Deus queira que não desanime.”⁴²⁸. Ela procurou, por diversas vezes, encorajar o genro para que tomasse essa decisão, argumentando que o Rio de Janeiro oferecia um campo de possibilidades maior para os estudos dos netos.

Passava já da metade do ano e Amélia escreve que ainda se encontrava hospedada no hotel: “Infelizmente, não consegui ainda casa, o que bastante me contraria, pois a vida de Hotel só serve para os que vêem por pouco tempo, e só querem se divertir.”⁴²⁹. Entre outras de suas dificuldades, estava a limitação da

⁴²⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 1º de junho de 1909. Véva era uma empregada que havia viajado com a Baronesa para o Rio de Janeiro. Mencionada constantemente nas cartas de Amélia, Véva era referida por seus “casos” e “ditos” engraçados, e, também, por seus pedidos para que alguém escrevesse – por ela – uma carta à Sinhá.

⁴²⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de junho de 1909.

⁴²⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1909.

zona de procura de casas para alugar, decorrente da localização do colégio do neto Edgar⁴³⁰, e o caráter dos locadores. Ela narrava indignada:

O que me tem feito pasmar, é o rebaixamento de character, d'este povo. Ha dias, aluguei uma casa no Cattête, que estavam acabando, mas como a chave tinha de ir para a hygiene, não recebi logo, marcando o dono o prazo, para trazer-me pessoalmente, e levar a carta de fiança. Aproximando-se este, mando lá, e a casa já tinha outro morador! (Que tal, da gaita?) Como se póde agora confiar no que se contracta aqui? Felismente, como se tratava agóra, só da minha pessoa, não me deu isso abalo; mesmo porque, já não confiava mt.º.⁴³¹

Ela voltará a comentar sobre suas decepções tão freqüentes ao final da carta, informando que "A casa que acima fallo, é a 4.^a que alugo, e me faltão com ella! Procedimento este, de homens de diversas classes sociaes! Em que acreditar pois?"⁴³².

Ao ressaltar todas essas dificuldades para encontrar uma casa, Amélia procurava apressar a decisão de Lourival, pois desejava – mais do que ninguém – uma casa para ter os seus "trastes, e não andar com elles ás costas", chegando, inclusive, a propor ao genro o pagamento de aluguel. A idéia de possuir uma casa no Rio de Janeiro deveria, muito provavelmente, agradar também à Sinhá, pois além de não precisar levar tantos objetos e móveis na viagem, se veria livre das constantes queixas feitas pela mãe em suas cartas. Somava-se a tudo isso, um

⁴³⁰ Edgar estudava no Colégio Santo Inácio, fundado em 1903, e que se localizava na Rua São Clemente, no número 132, passando, posteriormente, para o número 226, recebendo a partir dessa mudança a denominação de Externato Santo Inácio. Site <<http://www.santoinacio-rio.com.br/>> Consultado em 19 de fevereiro de 2008.

⁴³¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de agosto de 1909.

⁴³² Id. Ibid.

fator que já havia sido ponderado por Amélia: o Rio de Janeiro oferecia campo propício para a continuação dos estudos dos netos que estavam crescendo⁴³³.

Para comprar uma casa, Lourival contava com o apoio da sogra, que deveria visitar pessoalmente as residências anunciadas e informá-lo sobre suas condições.

O negócio, porém, seria fechado somente quando ele pudesse vê-la:

Logo que a veja [casa], lhe farei sciente das condições da mesma, só elle póde fazê-lo porque, si não agradar, toma-se outra, mas comprar, é muito arriscado. Eu pôsso gostar da casa e do local, e succeder á elle, justamente o contrario. Ora tratando-se de um capital grande, só o proprio dono poderá ver si lhe convem ou não. Eu nesse caso não tomo a responsabilidade da escolha.⁴³⁴

Esta demonstração de prudência de parte de Amélia recebeu a aprovação da filha, que, em carta posterior, comentaria: “Mt. estimo, que tenhas concordado com o que mandei dizer a Lourival sobre as casas para comprar, pois tratando-se do emprêgo de um Capital avultado, acho que só o dono deve escolher.”⁴³⁵. Amélia temia desagradar o genro e por isso tomava todos os cuidados para não ter que “aguentar a buxa”⁴³⁶. Ela sabia que as opiniões podiam divergir bastante de uma pessoa para outra e uma decisão errada poderia causar-lhe problemas futuros. Amélia continuava a lamentar a ausência de Sinhá e Lourival já que este, decidido a comprar casa, poderia ter feito negócios bastante vantajosos naquele momento, pois, “ha muitos prédios bons, e nas ruas que mais gostas,

⁴³³ Rubens, o filho mais velho de Sinhá, estava com 14 anos em 1909. Além dele, o outro neto, Edgar, de 16 anos, já estava morando com Amélia no Rio de Janeiro.

⁴³⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1909.

⁴³⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1909.

⁴³⁶ Id. Ibid.

como S. Clemente, Voluntarios da Patria, Senador Vergueiro, e Praia de Botafogo; hoje um dos lugares mais bonitos d'aqui." ⁴³⁷. Consciente de que não conseguia fazer negócio – a compra da casa – com o valor resultante da venda de suas propriedades, Amélia apelava, muitas vezes, para a sorte:

Eu sempre compro o meu bilhete, nas loterias grandes, a vêr si Deus me permite realizar unica aspiração que tenho, (em relação ao meu bem estar pessoal) nos ultimos annos de minha vida, mas... não tem de sêr! Que ao menos o Lourival o faça.⁴³⁸

Os passeios de Amélia durante aquele malogrado ano de 1909 haviam se restringido às sessões espíritas. Algumas vezes, "Catúca", provavelmente filha de sua cunhada Flora, havia insistido para que ela a acompanhasse ao cinema, em passeios de automóvel e nas compras: "ella insiste, e eu a acompanho, tendo assim ido a cinematographos (dizem que agora não é chic, ir-se á cidade, e não ir ao cinema)" ⁴³⁹. Mas como "nunca faltam contrariedades na vida!", seu neto Edgar, como veremos no próximo capítulo, lhe causará aborrecimentos ao querer mudar de colégio, o que passaria a ocupar todo o tempo de Amélia naquele final de setembro.

O final do ano se aproximava e as cartas espelhavam a dor que Amélia sentia pela ausência da filha. Projetando a vinda de Sinhá para antes do calor de janeiro, Amélia voltaria a empenhar-se na procura de uma casa para alugar, mesmo

⁴³⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1909.

⁴³⁸ Id. Ibid. Em sua carta de 10 de novembro de 1903, ela relata que havia ganhado na loteria, tendo tirado um conto de réis em um bilhete que havia custado 1,500, e exclama: "Se eu advinhasse!"

⁴³⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1909.

que as dificuldades encontradas nos meses anteriores fossem as mesmas. Ao escrever no início de novembro, Amélia chega a propor:

diz-me, si em ultimo caso, pôsso alugar em qualquer outra, até que se encontre no ponto desejado? Tem se feito aqui perto, na nova avenida - Mem de Sá - e na outra - Gomes Freire - casas mt.º bonitas, e boas, mas que, absolutam.º não nos servem. Para Haddock Lobo porem, ha casas esplendidas. Pode servir ahi? (em ultimo caso, bem entendido). Hoje todos os bonds, inclusive os Carris Urbanos, são eléctricos. O estado sanitario aqui, é o melhor possível, como verás pelo jornal que vai separado, junto com os das creanças.⁴⁴⁰

Amélia, ainda hospedada no hotel em frente à Igreja da Lapa, manifestava seu encantamento com as casas que eram erguidas nas novas avenidas abertas por Pereira Passos, como a Mem de Sá, por exemplo, que tinha em sua extremidade uma *place-carrefour*, bem ao gosto de Haussmann⁴⁴¹. Porém, Sinhá queria morar na zona sul, em Botafogo, e Amélia empreendia todos os seus esforços para satisfazer a filha. Comentava que na Rua São Clemente estavam sendo erguidos – e concluídos – muitos prédios, porém todos contavam com poucos e pequenos quartos, além de não terem quintal. Ela escreve sobre uma tentativa de negócio:

⁴⁴⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1909.

⁴⁴¹ As *places-carrefours* - praças para onde várias ruas confluíam - faziam parte do programa de modernização implantado pelo administrador Haussmann, em Paris, entre 1853 e 1870. Pereira Passos, que havia estado em Paris neste período, foi fortemente influenciado pelo projeto de Haussmann que previa demolição para posterior construção. NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical*...p.51. Durante a administração de Pereira Passos, avenidas foram abertas, como a Avenida Central que cruzava a parte mais antiga da cidade, ruas foram alargadas para propiciar a ventilação e iluminação, melhorando o estado sanitário, como comentou Amélia em muitas de suas cartas. Entretanto, o custo social das transformações também foi grande. VON DER WEID, Elisabeth. Bota abaixo! In: *História viva*. Fevereiro de 2004. p. 78-83.

Sabendo que havia uma casa boa, que ia vagar, mandei incontinentemente a Irêne saber quais as condições, e pediram de aluguel 800f. mobiliada, e 700f. sem mobília. Tendo a Irene dito, que o mais que eu daria, seria 600f. a dona disse, que eu mesmo fôsse fallar com ella, no dia seguinte, que provavelmente, chegaríamos a um accordo. Fui, mas ella disse-me logo, sem mesmo me offerer para vêr a casa: hontem depois que a snr.^a [referia-se a Irene] sahio, veio o filho do Visconde de Moraes, e alugou-me a casa. É casa q.^{do} mt.^o p.^a 500f. Já vez, que a cousa continúa, no mesmo, e que os alugueis são exageradissimos.⁴⁴²

Decidida a alugar a primeira casa que “nos pôssa servir provisoriamente, afim de voces ficárem garantidos, e poderem vir; e continúo a procurar.”⁴⁴³, Amélia procurava superar a decepção que tinha vivido no início daquele ano. Ao final da carta, se dispõe a dar início aos preparativos para receber a família e consulta Sinhá sobre “Quaes são os creados que trazes?”. Esta informação, provavelmente, a ajudaria a ter uma idéia do tamanho que a casa, bem como se haveria necessidade de contratar mais algum empregado. Além dos preços, considerados sempre excessivos, sua maior queixa recaía sobre os contratos, que já não eram mais feitos por mês como antes, estendendo-se por até cinco anos, o que não era vantajoso para a família.

Ao final de novembro, depois de muita aflição ela havia conseguido alugar uma “casa provisória” na zona sul – localizada na “rua Senador Vergueiro n.º. 167.”⁴⁴⁴ – deixando claro que esta era “(só para garantir a vinda de vocês)”⁴⁴⁵

⁴⁴² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1909. Irene era uma outra empregada que estava com ela no hotel.

⁴⁴³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1909.

⁴⁴⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1909. Atualmente a Rua Senador Vergueiro pertence ao Bairro do Flamengo.

⁴⁴⁵ Id. Ibid. Grifo da Baronesa.

mas, ressabiada, ela havia decidido que, desta vez, só telegrafaria para contar a Lourival quando já estivesse instalada. Após visitar a casa, ela comentaria:

A casa não séve absolutamente, para morarmos, porque é mt.º pequena, mas como não tem contracto, o que é extraordinario, continuarei a procurar outra maior. Procurarei, não; procuraremos juntas, não é assim? Dizem-me, que de Janr.º em diante, será mais facil obter uma bôa casa. A que aluguei, tem a vantajem de estar em bôa rua, bonds á pórtã e um pequeno terreno para as creanças. O jardinsinho que tem na frente, e menor q. um dos canteiros do nosso ahi. Enfim, veja eu vocês aqui, q. tudo o mais se remediará. Manda-me sem demóra a nóta do que precisares mais.⁴⁴⁶

Nas próximas cartas, Amélia se mostraria mais animada e passaria a fazer planos, agora no plural, juntamente com a filha. Embora a casa não apresentasse as condições ideais, oferecia algo que Amélia apreciava muito, um jardim. Isto se confirmaria na correspondência do ano de 1916, referente ao período em que esteve em Pelotas, e na qual faz várias referências ao estado – e aos cuidados necessários – dos amplos jardins que circundavam a chácara.

A chácara em Pelotas oferecia um amplo espaço para as brincadeiras das crianças, e a casa no Rio de Janeiro deveria contar com algum espaço aberto – por menor que fosse – a fim de que elas estranhassem o mínimo possível a mudança.

No início de dezembro, Amélia se encontrava às voltas com a casa, arranjando tudo para que a filha ficasse se não completamente, ao menos regularmente acomodada. Não havia encontrado casa de um só pavimento, como

⁴⁴⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1909.

queria Sinhá, sendo que esta possuía quatro quartos em cima. Para evitar ter que subir as escadas, Amélia informa à filha que, “colloquei um biombo na sala, e fiz uma divisão com uma janella, e arranjei ahi o meu quarto, que ficou mt.º bom.”⁴⁴⁷, o que a levaria a comentar, posteriormente, que “A sala, com o biombo, parece - casa de commodos.”⁴⁴⁸. A casa, ela insistiria em várias cartas, era pequena e os netos tinham ficado muito mal acomodados:

O Rubens e Edgard, é que ficão peiores, si quizérem estar juntos, pois só tem para elles, um pequeno quarto, no corredor da sala de jantar para a cosinha. Para esse quarto, acho melhor botar camas de vento, bôas, mesmo porque, não comportam maiores. Como é tudo provisório, logo que encontrarmos casa boa, elles terão também bom quarto, e camas correspondentes, não achas?⁴⁴⁹

Isto, de certa forma, fez com que Amélia se empenhasse em encontrar – além do jardim – algumas outras vantagens: a casa era ventilada e também não era “devassada pelos visinhos”. A vizinhança, como refere Perrot, se constitui no “olhar do outro”, do qual era preciso não apenas defender-se como conquistar sua estima: “O olhar da vizinhança pesa sobre a vida privada de cada um e o que dela aflora: ‘O que dirão?’”⁴⁵⁰

⁴⁴⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1909.

⁴⁴⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1910.

⁴⁴⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1909.

⁴⁵⁰ PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: *História da Vida Privada 4*, op. cit., p. 177. As referências que Amélia faz à vizinhança também aparecerão na correspondência escrita durante o ano de 1916, quando se encontrava em Pelotas. Nestas cartas, ela comenta que, felizmente, não tinha vizinhos perto a quem a bagunça dos netos pudesse incomodar. Carta da Baronesa. Pelotas, 28 de agosto de 1916.

Para conseguir alugar a casa, Amélia teve que ceder à teimosia do proprietário e deixar sua prática habitual de pechinchar de lado, o que parece ter feito somente por receio de não encontrar outra nas condições que desejava:

Esteve desalugada 4 mezes, porq. o dono, mt^o pirronico, não queria alugal-a, por menos de 480f. e só offereciam 450f., (o q. eu tambem offereci, mas cedi, com receio que não apparecesse outra, até vocês virem) assim é, que estava tudo, em petição de miséria, como vulgarmente se diz.⁴⁵¹

Ela faz questão de descrever o estado deplorável em que se encontrava a casa, para que a filha, com certeza, valorizasse o trabalho que estava tendo ao prepará-la: "O jardinsinho, em matto, os marmores da cosinha, e banheiro, negros, os lustres e arandellas, nem bicos tinham, enfim, tenho feito o possivel, para podermos estar um pouco melhores." ⁴⁵².

Mas, se havia cedido ao pagar 30f. a mais pelo aluguel da casa, o valor do aluguel dos móveis lhe parecia um despropósito. Ao narrar o valor que seria cobrado por eles, Amélia nos informa sobre a mobília que pretendia colocar na casa:

O que não me confórmo, é com os preços dos trastes para alugar, pois por uma ½ mobilia mt.^o chinfrim, (1 sofá, 2 cad.^{as} de braço, 6 pequenas, e um porta bibêlot, { q. quasi não apparece,} para sala de visitas, 1 meza de jantar, e 12 cadeiras austriacas, 45f000. por mez! E todos os outros trastes, por quanto nos ficará? ⁴⁵³

⁴⁵¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1909.

⁴⁵² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1909.

⁴⁵³ Id. Ibid.

Com o nítido propósito de economizar e, ainda assim, deixar a casa bonita, com uma mobília menos ordinária, ela calcula que o mais lucrativo seria:

Si eu pudesse dispôr de 2:000f., comprava os trastes, pois ficam mt.º mais baratos, principalmente, si vocês ainda estão no proposito de demorar; e quando fôssemos embóra, mettia tudo em leilão, e a diferença que houvesse para menos, seria justamente o aluguel. Assim ficaríamos com a nossa casa mais decente, e por mt.º menos.⁴⁵⁴

A necessidade inevitável da compra de alguns móveis faria com que Amélia nos relatasse a busca que empreendeu por toda a Rua do Carioca, entre outras, atrás das camas e roupeiros solicitados por Sinhá.

Quanto ao guarda roupa grande, só achei um, em segunda mão, mas esse não é armario, pois não tem prateleiras, mas é uma peça bôa, e está perfeita. Os guarda roupas agora, são todos mt.º pequenos, e regulam avulsos, de 130f. para fóra esse pore, em q. fallo, é de 80f. Acho que não convem alugar trastes, pois os alugueis são tão altos, que no fim do tempo, tem-se pago, 3 ou 4 vezes o valôr dos mesmos, e fica-se sem elles. Como a casa é provisoria, só nos convem, ter os trastes mais necessarios, e quando nos mudarmos, arranclaremos então a nossa casa bem chic, não é assim? Por agora, não te encomodes, porque eu arranclarei, o que fôr de mais urgencia. Manda-me só dizer, quantas camas queres que compre aqui, pois não sei, quantas trazes, incluindo a de Edgard.⁴⁵⁵

⁴⁵⁴ Id. Ibid.

⁴⁵⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1909.

Sinhá, ao que parece, consentiu na compra de alguns móveis; Amélia, porém, recomendou que ela trouxesse os colchões “pois é artigo, que não se póde aqui confiar.”⁴⁵⁶, o que nos leva a inferir que ela estivesse se referindo aos de “segunda mão” como o roupeiro.

Enquanto acertava com a mãe sobre os móveis e os objetos que precisava comprar ou levar, Sinhá se encontrava também às voltas com a coqueluche dos filhos e com a procura de uma ama para a filha Déa. Depois de haver contratado a ama, esta não quis seguir viagem, fazendo com que a família retardasse novamente a partida. Amélia chega a comentar que a neta de 10 meses já era bastante esperta: “E a Déa, pegará em outra ama, viva como ela é?”⁴⁵⁷, consolando a filha: “confia em Deus, que Elle tudo faz pelo melhor, embóra no primeiro momento, não nos pareça isso!”⁴⁵⁸. Este atraso reforça o que já foi referido anteriormente: a viagem da família de Sinhá para o Rio de Janeiro mobilizava e/ou dependia também dos empregados que os acompanhariam.

Valendo-se de sua grande habilidade com as palavras, Amélia demorava-se na descrição da casa que havia – finalmente – alugado, de maneira que, a filha – assim como já havia feito anteriormente – quase pudesse visualizá-la internamente. Fazia também sugestões sobre como ocupá-la da melhor forma, salientando, contudo, que caberia à filha decidir quando chegasse:

⁴⁵⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1909.

⁴⁵⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1909.

⁴⁵⁸ Id. Ibid.

A nossa casa tem: entrada, (donde parte a escada do sótão) tendo á direita, sala de visitas; e á esquerda, a de jantar. Segue-se corredor onde tem: cópa, banheiro e latrina, um quarto, e cosinha, tendo alem d'esta, mais 2 quartos, que servem: um para a Dina engomar, e o ultimo para algum creado que tragas, e o Conrado. Tudo porem, bem claro e arejado. O sobrado, consta de 4 quartos, mas um da frente, é dependente do outro, e por isso, fica para vocês, e os 2 dos fundos, que tambem são bons, fica para a creançada. Isto é o que me parece ser melhor, mas tu depois, dividirás como entenderes. Para mim, fiz uma divisão na sala de visitas [...]. Para o Edgard e o Rubens, só tem o quarto que fica antes da cosinha, (isto caso queiras, que fiquem juntos) que é pequeno, e só cabem duas camas de vento, (q. p.^a o verão, são bem frêscas) ou então, fazer d'este, só quarto de vestir, e á noite, faz-se as camas na salla de visitas; isto como entenderes. Em cima, tambem tem água, e latrina.⁴⁵⁹

A casa alugada contava, portanto, com 13 peças e nela deveriam se instalar, além de Amélia, Sinhá, Lourival, os netos Edgar, Rubens, Zilda, Lourival (Lóca), Mozart, Delmar, Déa, e os empregados: Véva, Irene, Conrado, Dina, a ama da Déa, e mais algum empregado de Pelotas, ou seja, 16 pessoas⁴⁶⁰.

Amélia insistia para que a filha mandasse antes o “grosso” da bagagem, a fim de evitar transtornos e que, “o que vires q. póde servir, para enfeitar a nossa casa, não deixes de trazer, pois tenho fé, que Lourival agora demóre algum tempo.” Como podemos perceber pelas anotações sobre as despesas da família no Rio de Janeiro, Amélia estava certa, e o genro acabaria se demorando até novembro de 1911. Acreditamos que a família tenha morado, durante todo este

⁴⁵⁹ Id. Ibid.

⁴⁶⁰ Ainda poderia se encontrar entre os moradores da casa, o já mencionado Diogo, que, lamentavelmente, não consegui identificar se era parente ou empregado.

período, nesta mesma casa, já que o valor do aluguel pago foi de 480.000, correspondendo à soma dos valores mensais cobrados⁴⁶¹.

Sob o calor dos dias de janeiro de 1910, Amélia esperava ansiosa a chegada da filha. Embora a casa fosse “bem fresca” como a de Pelotas, porém sem mosquitos, ela sentia falta da alegria da Lapa: “Tenho achado mt.^a diferença no ponto: aqui é triste, em relação ao largo da Lapa.”⁴⁶².

Enquanto esperava, Amélia dedicava-se a escrever para a filha. Suas cartas carregavam insistentes perguntas: “Adeus: até... quando?”⁴⁶³, “Quando te verei aqui?”⁴⁶⁴, até que, ao final de março, em resposta a uma carta de Sinhá, Amélia nos revelaria que sua espera havia chegado ao fim: “pela qual vejo, que já estaes ahi atarefada com as arrumações de viagem”⁴⁶⁵.

A “conversa epistolar” – que, durante tanto tempo, havia suprido a falta da presença física da filha – seria interrompida para o longo abraço que as duas se dariam, logo após a chegada da família no tão aguardado vapor Sírio. Havia sido meses difíceis, cheios de fatos inesperados, vividos num misto de expectativa, esperança e desânimo que eram renovados a cada nova carta que Amélia escrevia.

A espera e a ansiedade, assim como, a escrita das cartas, cederiam espaço para as longas conversas com a filha e para os passeios em sua companhia a fim de vistoriar as transformações da cidade e admirar as vitrines que expunham a

⁴⁶¹ Estes papéis avulsos, que se encontram sob o título “Conta da Casa”, eram elaborados mensalmente por Amélia. Nestas contas, a Baronesa discriminava todos os gastos da casa e, ao final, os dividia por dois, sendo que uma parte deveria ser paga por Amélia, e outra, por Lourival.

⁴⁶² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1910.

⁴⁶³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1910.

⁴⁶⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1910.

⁴⁶⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de março de 1910.

última moda em chapéus e tecidos. Amélia, finalmente, teria tempo para observar de perto as mudanças na fisionomia dos netos – referência constante em suas cartas – já que um deles, Rubens, já era um “senhorito” e, principalmente, para poder acompanhar as brincadeiras e os “progressos na travessura” dos menores, como Delmar e a pequenina Déa, que muito “engraçadinha” já dava seus primeiros passos.

Após termos acompanhado Amélia em seus percalços durante o ano de 1909, nos deteremos na maneira como ela administrava seu orçamento e como lidava com “seu” dinheiro e com suas despesas.

2.3 “Tem que ir tudo mt.º tentiadinho.”⁴⁶⁶

Amélia passava parte do tempo escrevendo cartas e a outra parte, fazendo contas. O dinheiro – ou a ausência dele – perpassam quase todas as suas missivas, às vezes, com o intuito de informar, outras vezes, de pedir. As cartas escritas por Amélia possuem a particularidade de nos fornecerem mais que informações sobre os valores gastos – como os que encontramos nas “Contas da Casa” – ao trazerem sua apreciação pessoal sobre o que ela considerava barato ou caro. Além disso, ao

⁴⁶⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1903.

administrar seu orçamento ela estabelecia prioridades, observava questões conjunturais e procurava reservar dinheiro para as “lembrancinhas”.

A Amélia que emerge das cartas é uma mulher que estava sempre atenta e preocupada com as despesas, e com cálculos bastante precisos, controlava seus gastos no “bico-da-pena”, tentando prever se teria dinheiro suficiente para as despesas até o recebimento do próximo arrendamento. Entretanto, esta preocupação com as contas não era uma particularidade da Baronesa, pois sua contemporânea, a viscondessa do Arcozelo pesquisada por Ana Mauad e Mariane Muaze, também anotava suas despesas de maneira minuciosa: “O registro detalhado do custo do trabalho e do preço das mercadorias compradas e vendidas denota o controle rigoroso que a viscondessa exercia sobre as finanças domésticas.”⁴⁶⁷. Maria Isabel, viscondessa do Arcozelo, tomava nota de suas finanças em um caderno intitulado “Diário de Lembranças”, juntamente com uma pluralidade de outras informações relativas ao seu cotidiano, governo da casa e cuidados com a família. Amélia, por sua vez, organizou de forma diferente suas anotações sobre o dinheiro, destinou cadernos em que especificava os gastos menores - “Compras avulsas, como: peixes, ovos, etc. especificadas em caderno 213,700”⁴⁶⁸ - e também cadernetas em que constavam suas dívidas ativas e passivas, como a do genro Tancredo já referida no sub-capítulo 2.1. Estes apontamentos em cadernetas, cadernos e folhas avulsas, por se tratarem das

⁴⁶⁷ MAUAD, Ana Maria. MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade... op. cit., p. 206

⁴⁶⁸ Contas da Baronesa. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1910. Os apontamentos de Amélia relativos à economia doméstica da família são extremamente ricos, porém, devido à demanda de um estudo mais aprofundado, optei por analisá-los num trabalho posterior.

despesas da família, foram entregues à filha Sinhá quando a família esteve reunida no Rio de Janeiro, com a preocupação de evitar que fossem esquecidas. Como já observado por Mauad e Muaze, registros desta natureza têm como objetivo prático o desenvolvimento de estratégias cotidianas que impeçam o esquecimento e garantam o controle da informação⁴⁶⁹. Isto fica evidente no hábito que Amélia tinha de guardar todos os seus recibos:

O que eu não me lembro porem, mas que deve constar da nota que acompanhou as costuras, é, se erão só as frônhas, ou se tinha lençóes. Não sei que deva nada mais ao Azylo, pois as outras cousas que lá mandei bordar [...] tenho consciencia que as paguei, e os recibos devem estar na gavetinha da minha escrivaninha, ou na gavêta de dentro, do armario. Os Recibos de lá, são pequeninos pedaços de papel.⁴⁷⁰

Além de garantir um maior controle, a prática possibilitava que fossem comprovados os pagamentos já realizados, caso fosse feita uma nova cobrança: “O melhor é pagar, com a condicção de que, se mais tarde se encontrar outro recibo, elles me darão em fazendas, essa importancia.”⁴⁷¹. Amélia fazia questão de apresentar-se como alguém que pagava suas contas em dia, aspecto que fica evidente na menção a uma despesa feita na loja de tecidos “Casa Martins” e na recomendação de que a dívida deveria ser saldada: “mas ao João mesmo

⁴⁶⁹ MAUAD, Ana Maria. MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade... op. cit., p. 198.

⁴⁷⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1903. O asilo ao qual Amélia se refere era, provavelmente, o Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição que se destinava a abrigar meninas deixadas na Roda de Expostos da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. No asilo, as meninas eram alfabetizadas e tinham aulas de trabalhos manuais, como bordados, costuras, etc. Após o aprendizado, elas se dedicavam a atender as encomendas feitas ao asilo. Parte do dinheiro arrecadado ficava com o asilo para custeio das despesas e outra parte cabia às internas, que com ele formavam seu dote. O dinheiro era entregue a elas somente quando deixavam o asilo para se casarem.

⁴⁷¹ Carta da Baronesa. Curitiba, 06 de setembro de 1903.

recommendei mt.º, e por mt.^{as} vezes que não me deixasse conta nenhuma por pagar, e elle sempre me disse, que estava tudo pago." ⁴⁷². Ela temia, sobretudo, o pagamento de multas pelo não pagamento das dívidas:

Por estes dias, te remetterei 500\$000, para pagamento das minhas contas meúdas. Em minha ultima te dizia, que pedisses a Lourival para pagar o imposto predial, taxa sanitária, e água, da casa ahi, este mez, porque depois é com multa. Manda-me depois a conta de tudo para enviar-lhe a importancia. Esta, nada tem com as nossas contas.⁴⁷³

Por não ter recebido notícias relativas ao pagamento através de Sinhá, Amélia escreve que estava disposta a telegrafar porque, "Até agora porem, nada recebi, e estou afflicta, com receio que tambem não tenhas recebido a minha, e que tenha ainda, que pagar multa." ⁴⁷⁴.

Começamos desta forma, a traçar um perfil de Amélia com relação às suas finanças. Em alguns momentos dos dois sub-capítulos anteriores – nos quais tratamos da herança que Amélia recebeu após a viuvez – já referimos o interesse que ela manifestava pelos negócios e por economia. Isto pode ser constatado nas apreciações que fazia dos valores dos aluguéis no Rio de Janeiro, nas reclamações que dos preços e nas queixas de falta de dinheiro. Estas queixas – que aparecem de maneira recorrente – servirão como justificativa para a pausa que a Baronesa fará no envio de presentinhos:

⁴⁷² Carta da Baronesa. Curitiba, 06 de setembro de 1903.

⁴⁷³ Carta da Baronesa. Pelotas, 09 de setembro de 1916.

⁴⁷⁴ Carta da Baronesa. Pelotas, 19 de setembro de 1916. Na carta seguinte ela pede à filha que agradeça a Lourival pela providência do pagamento das contas.

Tambem não me foi possível mandar-lhes, nada d'esta vez, mas a razão é que, como o cóbre é pouco, quero primeiro concertar as joias que fôrão da nossa cara Bonéca e outras despêzas que tenho a fazer de extraordinario, para vêr o que sóbra. Tem que ir tudo mt.º tentiadinho.⁴⁷⁵

As expressões “cóbre” ou “arame” eram comumente por ela utilizadas para se referir a dinheiro e, geralmente, eram acompanhados dos adjetivos “pouco” ou “escasso”. Ao ressaltar que tudo tinha que ir muito “tentiadinho”, ela pretende frisar que todos os seus gastos eram calculados com cuidado, para que não lhe faltasse dinheiro, e, ainda assim, por vezes, solicitava o envio de quantias porque estava na “Pindahyba”⁴⁷⁶. A vida que levava hospedando-se em hotéis era caríssima e fazia com que ela, sobretudo, no ano de 1909, andasse “com o prumo na mão”⁴⁷⁷, controlando ainda mais os extraordinários, ou seja, despesas que estavam fora do orçamento. A falta de dinheiro lhe provocava medo: “Não te esqueças, me mandar o - arame - pela Chiquinha, pois preciso comprar alguma cousa para mim, e não me animo, com mêdo que o que tenho, não chegue até Março.”⁴⁷⁸. Apesar de ter recebido dinheiro – “1:700f000” – poucos dias depois de ter escrito a carta, e com o qual afirma ter feito “muito bom arranjo”⁴⁷⁹, ao final de setembro ela já estava novamente temerosa: “Não imaginas o mêdo que tenho de que o - arame - não chegue, e me veja aqui sem recursos. Como

⁴⁷⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1903.

⁴⁷⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1907.

⁴⁷⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1909.

⁴⁷⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1909.

⁴⁷⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1909.

sabes, em Hotel gasta-se mt.º, pois tudo se vai em extraordinarios, havendo alguns, a que eu não póssó fugir.”⁴⁸⁰.

Amélia relatava à filha que por ter tantos “achegos”, se sentia obrigada a sair sem ter vontade, apenas para ser agradável com aqueles que a convidavam com insistência. As despesas elevadas com a hospedagem em hotel, no entanto, a levavam a constatar – pesarosa – que não estava preparada para isso: “O meu vestido de crêpre [...] já está mt.º feio, pois há 3 mezes, que so saio com elle: o novo, e mt.º quente, e me fica mt. grande; não me animei ainda a vestil-o.”⁴⁸¹. Em uma das cartas, Amélia confidenciava que estava retardando os gastos com a compra de um vestido mas, “O que de todo não pude evitar, foi a compra de um chapéo.”⁴⁸².

Ela orientava a filha de que suas queixas e sua situação financeira não deveriam ser compartilhadas com mais ninguém, devendo fazer parte daquelas conversas que as duas tinham quando estavam sozinhas: “Não deixes mais ninguem lêr esta pois estas cousas, são só para ti, porque assim me parece que estou conversando comtigo.”⁴⁸³. As despesas domésticas de Amélia eram assuntos segredados entre as duas, e ela não se cansava de reforçar o pedido de vigilância da filha sobre a cartas que tratavam desse assunto de forma mais minuciosa. Sua sovinice – somada ao gosto pela minúcia – era tamanha, que ela mesma supunha que provocaria risos ao fazer cálculos e projeções, prevendo as

⁴⁸⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1909.

⁴⁸¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1909.

⁴⁸² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1909.

⁴⁸³ Id. Ibid.

despesas que envolveriam a viagem da filha e da família para o Rio e a permanência na casa que ela estava alugando:

O seu aluguel, é de 350f00, mas creio conseguiria-a pelos 300f00. se pudesse demorar! A nossa despeza aqui seria pequena, pois tínhamos o Chico para copeiro, e a Rosa (que foi ama da Coralia) para cosinheira, ganhando cada um, 50f000. Gastei este mez de gaz, 20 mil e tantos reis, dando mais que o dobro, são 50f000: temos pois, 500f000, com outro tanto para comedorias, fica-nos por um conto de reis, ou um conto e duzentos mensaes (600f000 para cada um) Tudo o mais, serão extraordinarios. [...] Com certeza estaes a rir do meu orçamento; não é assim?⁴⁸⁴

Em carta de 1910, sua preocupação com a manutenção no Rio de Janeiro ficará, mais uma vez, bem evidente, ao relatar à filha quais haviam sido suas despesas mensais:

Infelizmente, não pôsso deixar de telegraphar a Lourival, a vêr si elle me adianta até Março, uns 2, ou 3 contos de reis, pois não sei, quando vocês poderão vir, e estou sem dinr.º. Imagina que todo dinr.º que tenho em casa, são 225f000., e ainda tenho que tirar d'estes, 60f000. para pagar a Academia de linguas, onde está o Edgard (3 mezes) Só hontem, gastei 1:260f. com aluguel da casa, creados, armazem, aluguel de trastes, e algumas contas miudas. Não deixes outros lêrem esta, pois estes assumptos, são só para nós.⁴⁸⁵

Da carta infere-se que as despesas de Amélia – quando Sinhá e a família não se encontravam no Rio de Janeiro – giravam em torno de 1:300\$000. A vinda

⁴⁸⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1903.

⁴⁸⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1910.

dos netos ao Rio – a fim de continuarem os estudos – implicava que ela gerisse também o dinheiro dos mesmos. Após tomar nota do valor enviado pelos pais de Edgar para custear suas despesas, ela registrava e descontava as despesas do neto.

A maior renda de Amélia provinha do arrendamento das estâncias administradas por Lourival, sendo a ele, portanto, que ela recorria em busca de adiantamentos. Lembramos que o valor cobrado pelo aluguel de alguns de seus “casebres” nas proximidades do centro de Pelotas era de 70\$, ou seja, quase o mesmo valor pago, no Rio de Janeiro, à sua cozinheira 60\$⁴⁸⁶. Vejamos o que ela escreve a filha após ter se enganado sobre o valor que precisava:

pareceu-me no momento, que isso [dois contos de réis] me chegaria, mas depois, fazendo as contas mais ou menos, das despesas, vi que não davam, para dois mezes, e por isso, resolvi-me a telegraphar a Lourival pedindo 3:000f. em vez de 2. [...] Enfim, em quanto vocês não viérem, não pôsso fazer as minhas despesas, mensaes, e particulares, com menos de 1:500f., por isso, que se fôr possível, manda-me mais algum dinr^o.⁴⁸⁷

Ao analisarmos o montante das cartas redigidas por Amélia, constatamos que no período compreendido pelo ano de 1909 e o início do ano seguinte sua preocupação com a falta de dinheiro aparece de forma mais acentuada. A dispendiosa hospedagem em hotel, somada à conjuntura política instável, deixava Amélia assustada:

⁴⁸⁶ Contas da Casa. Rio de Janeiro, 1º de agosto de 1910. Conta relativa ao mês de julho.

⁴⁸⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de fevereiro de 1910.

vivo assustadissima, com a idéa, de que me póde faltar o dinheiro aqui. Já te tinha escripto n'esse sentido, pedindo-te para vêr si Lourival me podia adeantar até Março 3:000f., mas á vista do negocio feito, rasguei a carta. Peço-te pois, logo que Lourival realize o negocio, me remettas o dinr.º na primeira occasião; isto porque, falla-se aqui mt.º em qualquer movimento no mez de Novembro, (pela bocca pequena, bem entendido: mas às vezes, são ao que mais acertam.) Imagina se tal se der, e eu sem dinheiro que chegue para as, eventualidades proprias d'essas occasiões! Deus há de permittir, que tal não succeda, mas... é sempre melhor prevenir que remediar!⁴⁸⁸

Amélia se mostrava apreensiva, sobretudo, em relação às eleições presidenciais de 1910, quando se travava uma disputa entre as oligarquias regionais pela presidência. Naquele ano, havia se rompido a alternância no poder e, de um lado, se encontravam Minas Gerais e Rio Grande do Sul, apoiando o marechal Hermes da Fonseca e, de outro, São Paulo e Bahia, simpáticos à Campanha Civilista encabeçada por Rui Barbosa. Ao escrever ao genro para agradecer o empréstimo, a questão política ganharia destaque e revelaria seu posicionamento:

Quanto à penna, póde mandal-a ao Hermes, por que talvez isso o anime a escrever um manifesto, desistindo da sua tão antipathisada candidatura! Aqui, o entusiasmo pelo Ruy, toca ao delirio! Os animos estão exaltadissimos! Só se houve dizer por toda parte: 'a revolução está á porta.' Constantemente ha 'rôlos' por que qualquer um garôto lembra-se de dar um viva, (se razão de ser) ao Ruy, e já se pegam,... é um horror. [...] Há dias, em uma loja, um sujeito, conversando, ou antes gritando, dizia: "si o Hermes fôr eleito, garanto que não subirá as escadas

⁴⁸⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1909. Grifo da Baronesa.

do Cattête." Imagine, cmo está isto! Este pobre, com certeza, é preso antes das eleições, sobre qualquer pretexto.⁴⁸⁹

Este posicionamento arrebatado da Baronesa pela candidatura de Rui Barbosa parece advir do engajamento familiar, como podemos depreender da especulação que ela faz,

Dizem, que o Ruy vai dezistir, e que o escolhido será o Francisco. Parece que este boato, partio mesmo dos Hermistas. Que assim seja! Li hoje um telegramma, dando a chegada do Francisco ahi, e a bonita recepção que teve. Peço-lhe dar-lhe os meus parabens.⁴⁹⁰

Sentindo-se insegura em relação às conseqüências do incerto quadro político, ela tornaria a pedir adiantamento ao genro, temendo qualquer "movimento revolucionário"⁴⁹¹ que, cortando as comunicações, a deixaria sem dinheiro. Além disso, menciona os gastos extraordinários tidos naquele mês, devido ao falecimento de sua irmã, que havia implicado na aquisição de um outro vestido, "Ia fazer um vestido rôxo, e agora vou fazer de lucto, o que vai além do meu orçamento, pois tudo o que é p.^a lucto é mais caro."⁴⁹²

Amélia considerava um *despropósito* o valor do aluguel dos "trastes", *dispendiosa* a permanência em hotéis, *caros* os aluguéis das casas, mas a sua reação frente a isso não se resumia aos lamentos compartilhados com a filha, para

⁴⁸⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1910. Carta ao genro Lourival.

⁴⁹⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1910. Carta ao genro Lourival. Como já exposto anteriormente, o engajamento político da família se dava através do Conselheiro Francisco Maciel, irmão de Lourival.

⁴⁹¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de fevereiro de 1910.

⁴⁹² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1910.

depois pagar suas despesas, honrando sua condição de boa pagadora. Como percebemos nos sub-capítulos anteriores, ela sempre aventava a possibilidade de pagar menos, afinal, tudo era apenas o “primeiro preço”⁴⁹³. Pechinchar era algo que ela fazia corriqueiramente e não somente em relação a casas e móveis, mas também em relação a jóias: “Comprei um anelzinho [...]. Era de 250f. mas tirei-o por 230f.”⁴⁹⁴; leques, “Comprei um léque mt.º bonitinho, e dei a Izolina em teu nome, conforme tua ordem [...] Custou, com abatimento 3,,200.”⁴⁹⁵; e diárias de hotel: “A diaria é de 9,000, e os creados, de 5,500. Poderei talvez, obter ainda por menos.”⁴⁹⁶. Fazer negócio com Amélia não devia ser nada fácil, como parecem sugerir estas passagens: “Não tendo chegado a um accordo quanto ao preço, embrulhei-as novamente”⁴⁹⁷; “Estou porem em vista de uma mobilia, que mandei fazer uma offerta: não sei si aceitarão.”⁴⁹⁸. As encomendas de Sinhá à mãe também não eram feitas sem que fosse olhado o preço: “Comprei só 4, dos 6 lençoes que me encommendastes, e isto porque fiquei horrorizada com os preços dos mesmos, que vão mt.º alem dos que paguei (e por artigo superior) quando fiz o enxoval para Dulce”⁴⁹⁹. Amélia escreve que estava atenta para o início das aguardadas liquidações de fim de ano: “Em Novembro começa a liquidação do

⁴⁹³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

⁴⁹⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de maio de 1909.

⁴⁹⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de abril de 1918. Referia-se ao valor da casa na Rua São Clemente.

⁴⁹⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.

⁴⁹⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1903. Amélia escreve sobre o extravio das jóias que haviam pertencido à Boneca, as quais havia levado à Casa Luiz de Resende. Ela pretendia fazer os brincos “bichas” iguais às outras peças do adereço de pérolas, tendo em vista que eram diferentes, bem como fazer de um pregadorzinho, um anel.

⁴⁹⁸ Carta da Baronesa. Pelotas, 08 de novembro de 1916. Amélia relata que havia procurado, junto com a filha Alzira, uma mobília para a sala de visitas da casa de Sinhá, não tendo encontrando nada novo, pois achou tudo caríssimo.

⁴⁹⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903.

fim do anno, e então se poderá comprar com abatimento de 20 ou 25%.”⁵⁰⁰. Em suas saídas para atender aos pedidos de Sinhá, das outras filhas ou da prima Chiquinha, ela nos revela quais eram as ruas que percorria para fazer as compras, tais como a Rua do Ouvidor, Rua da Carioca, Rua Gonçalves Dias e a Rua Uruguaiana. Nesta, informa ter comprado o “collète” de Sinhá, um “Devant Droit aperfeiçoado. Comprei-o em uma casa importantissima d’esse genero, que se abriu á pouco tempo, na rua Uruguayana.”⁵⁰¹.

Também a filha Sinhá aguardava ansiosamente pelas liquidações de final de ano, como sugere esta passagem:

Tambem queria, como tu, aproveitar os baratilhos de fim de anno, mas tenho tido tanta despeza, q. receio me falte o dinr.º. Aqui, um conto de reis, vai -se sem quasi se saber como, e este mez tive mt.^{as} despêzas com a mudança. (isto parece historia, mas é a pura verdade) e em fim de anno, sempre se gasta mais.⁵⁰²

Amélia costumava valer-se da expressão “mas é a pura verdade” para conferir veracidade aos seus relatos e para que, sobretudo Sinhá e Lourival, acreditassem que suas despesas “realmente” tinham se excedido por conta da mudança do hotel para uma casa. Podemos supor que esta necessidade de reafirmação, tenha se dado devido a uma mudança de comportamento de Sinhá, que

⁵⁰⁰ Id. Ibid.

⁵⁰¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1903. Estes espartilhos eram anunciados em Pelotas, embora sem a denominação “aperfeiçoado”: “Droit devant. Elegantes e finissimos espartilhos D. João e Luiz XV. Os mais chics e modernos em todo o mundo culto. Aconselhado pelos mais notáveis médicos hygienistas às Exmas. Senhoras e senhoritas por facilitarem a completa circulação do sangue e o perfeito funcionamento do estomago. Elegantes, commodos e baratos. Permanente deposito na Torre Eifel.” *Jornal A opinião Publica*. Pelotas, 21 de julho de 1903. N. 166, p.01.

⁵⁰² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1909.

passou a não conferir mais tanta importância a estas queixas constantes.

Corroborando essa suposição, encontramos esta outra passagem:

Tu dirás, que me queixo de falta de - *arame* - e no entanto estou a fazer-te encomendas, mas, o que fazer si ha cousas a que não nos podemos furtar: a ocasião é má, mas não podemos transferir - a, e... faço tanto gosto n'isso! E o anel para o Rubens? Olha, que eu faço questão, que seja meu o presente.⁵⁰³

Amélia nos revela que “conhecia” muito bem a destinatária, a ponto de conseguir prever o que a filha falaria ou pensaria a respeito de seus gastos e encomendas, tratando de convencê-la a enviar o dinheiro, como nesta ocasião – a formatura do neto Rubens em advocacia –, em que o ato de presentear deveria se sobrepor ao problema do dinheiro.

Em pouquíssimas cartas Amélia não faz referência a dinheiro, não se podendo deduzir disso que nas em que não era feita qualquer menção, ele não estivesse em falta. Pode-se supor que a gravidade de algum assunto ou mesmo o esquecimento possam ter provocado a ausência. Há que se considerar, devido à própria natureza da fonte, que as cartas se constituíam em veículo de comunicação entre o administrador dos arrendamentos – o genro – e a proprietária – a Baronesa –, portanto, o assunto “finanças” não nos deve surpreender. O que nos chama

⁵⁰³ Carta da Baronesa. Pelotas, 29 de novembro de 1916. Em relação aos presentes a serem dados a Rubens – por ocasião da sua formatura em Direito (o anel) – e também ao “*Aranha e o Chico Sá*”, Amélia registrou que achava mais apropriado um tinteiro, pois: “Como advogados, terão sempre que escrever.” Carta da Baronesa. Pelotas, 06 de dezembro de 1916. Sobre as profissões no início da República ver COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

atenção, no entanto, é que ela não menciona – em nenhum momento – se encontrar em uma situação financeira estável que lhe permitisse ter tranquilidade em relação às suas despesas, de tal maneira que esta frase parece resumir constantemente o seu presente: “Não imaginas, como vivo apavorada, vendo que, o dinr.º que tenho, não dá para as despesas até março”⁵⁰⁴.

Quando embarcou no vapor Itassucê, com a filha Isabel e sua família, rumo ao Rio de Janeiro, em maio de 1917⁵⁰⁵, Amélia trazia consigo “15:000\$”. Em agosto, ela informava que todo o dinheiro que possuía era “2:500\$” para sustentar-se até março. As despesas de Amélia giravam em torno de – como ela mesma informa –: “3:000\$ mais ou menos, assim é, que com pagamentos de impostos de água e seguro, que já paguei, e o imposto predial que vou pagar, não sei como me haver! Só Deus o sabe!”⁵⁰⁶. Ao relatar suas despesas à filha, ela não deixava de expressar seu descontentamento em relação aos elevados impostos que tornavam seus gastos ainda mais altos, a ponto dela comentar que: “vamos passando com a maior economia [...] Aqui, nem a um cinema, ainda fui! Calcula a minha atribulação!”⁵⁰⁷. A situação havia se agravado, sobretudo, em decorrência da Primeira Guerra Mundial, que provocou o aumento dos preços – e a diminuição do peso – dos alimentos:

⁵⁰⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1917.

⁵⁰⁵ *Jornal A opinião Publica*. Pelotas, 18 de maio de 1917. N. 112, p. 03.

⁵⁰⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1917. Neste momento, a família já possuía uma casa no Rio de Janeiro, que havia sido comprada em 1915, já que o último registro nos apontamentos “Contas da Casa” relativos ao pagamento de aluguéis é do mês de agosto. Em setembro, aparecem novas despesas como compra de caixa para correspondência, ferramentas para jardineiro e carroças de barro e estrume para jardim. Contas da Casa. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1915.

⁵⁰⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1917.

Aqui também fomos ameaçados da falta de pão, mas felizmente tal não sucedeu: mas diminuiu tanto, que um d'estes dias veio do tamanho de um botão grande. [...] Isto faz com que a despêza seja dobrada, porque um biscouto d'estes, não satisfaz a ninguém.⁵⁰⁸

No ano seguinte, em março, o mês em que, provavelmente, era feito o pagamento dos arrendamentos, ela escreve avisando que ainda não havia recebido o cheque com a importância, “o que me tem feito grande diferença.”⁵⁰⁹. Revelando a permanente situação de crise, Amélia chegou a escrever à filha dizendo que “vivo economizando o mais que pôsso, para vêr se chego ao fim, a salvamento.”⁵¹⁰. Apavorada, ela escreve que os preços dos tecidos, entre eles, as chitas, estavam altos, mas ainda assim nada superava o preço dos gêneros de armazém:

É simplesmente um horror! O que não fez grande aumento no preço, diminuiu no tamanho, o que causa até riso! Houve quem levasse á redação de um dos nossos jornaes, um pão, dentro de uma caixa de phosphoro! Lá esteve mt.º tempo em exposição. Não sei o que nos espéra, si as cousas assim continuarem!⁵¹¹

Em razão dos altos preços, Amélia revela que se utilizou da seguinte estratégia para amenizar os gastos:

⁵⁰⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1917.

⁵⁰⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de março de 1918.

⁵¹⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de maio de 1918.

⁵¹¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1918.

Eu mandei o jardineiro plantar nos canteiros do fundo do jardim, entre as flôres, alfaces, pimenta, tomates, alem de xuxú q. já se havia plantado, o que mt.º nos tem servido, pois alem de poupar, come-se a verdura fresquinha.⁵¹²

Sabe-se, assim, que Amélia tratou de mandar plantar algumas verduras e alguns legumes, misturados às flores dos canteiros do jardim, o que faria com que não fossem percebidos pelos visitantes menos atentos. A existência da horta e a preocupação em mantê-la longe dos olhos dos transeuntes e dos visitantes mais curiosos, por um lado, nos revela uma prática bastante usual à época – em termos de economia doméstica –, por outro, nos informa sobre a real situação financeira em que ela se encontrava.

Embora a situação financeira nunca fosse apontada como favorável, o ato de presentear fazia parte do cotidiano de Amélia. Tentando enquadrá-los em seu orçamento, ela os registrava como presentes para retribuir os recebidos, para serem dados por ocasião de formaturas, casamentos, aniversários e no Natal, ou mesmo para deleite próprio. Tudo nos leva a crer que através dos “presentinhos” e das “lembrancinhas”, Amélia reafirmava laços familiares e sociais⁵¹³. Para ela, o

⁵¹² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1918.

⁵¹³ Os estudos sobre a dádiva – numa perspectiva antropológica – realizados por Marcel Mauss apontam para a complexidade que envolve o ato de presentear. Maria Claudia Coelho, em seu livro “O valor das intenções”, dedicou-se, no primeiro capítulo, a acompanhar a trajetória percorrida pelo estudo da dádiva partindo de Bronislaw Malinowski, passando por Marcel Mauss, Claude Lévi-Strauss, Pierre Bourdieu e Maurice Godelier. A partir da crítica feita por Lévi-Strauss a Mauss, Bourdieu centra sua discussão no intervalo de tempo entre a dádiva e a contradádiva, como o cerne entre as duas verdades: o presente como obrigatório e calculista (visão externa de Lévi-Strauss) e por outro lado, como espontâneo e desinteressado (visão interna de Mauss). O conceito fundamental para entender a troca de presentes seria o de “disposição” que integra o conceito de *habitus*. Godelier, por sua vez, preocupa-se com o imaginário; os objetos trocados seriam as “materializações” do imaginário, ou seja, de como os homens imaginam suas relações entre si e com a “natureza”, a reciprocidade para ele estaria enraizada no fato de que a coisa dada não se afastaria totalmente de seu doador, não tendo o “dar de volta” o mesmo sentido de “devolver”. COELHO, Maria Claudia. *O valor das intenções: dádiva, emoção e identidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

presente, apesar de não “ser de valor” podia retribuir uma delicadeza, como no caso da “lembrança” enviada à Sinhá para ser entregue a Leopoldo Antunes Maciel: “Podinho foi mt.^o delicado commigo, pois logo que tratou casamento, telegraphou-me participando, e por isso, não quiz deixar de enviar-lhe um presente embóra insignificante: mais não comportava a minha bolça.”⁵¹⁴. A lembrança deveria ser preparada para ser entregue juntamente com um cartão, tratando-se de “um serviço p.^a sorvête, que achei bonitinho, embóra não seja de valôr. Abre para vêres, e arrumar, com flôres, para fazer a entrega. Diz-me com franqueza, si o achas bom.”⁵¹⁵. Temos ilustrado neste episódio o impasse que se criava para Amélia: entre a intenção de presentear e o valor a ser pago pelo presente escolhido, entre “o que” presentear e o “quanto” custava presentear. Por ocasião do aniversário da filha Alzira, em 1909, Amélia fez o seguinte comentário em relação ao presente que havia comprado: “É uma columna (pequena) com vaso, que achei bonitinha, e barata. Custou 50f000, e Alzira tem comprado ahi, por esse preço, só o vaso de cima.”⁵¹⁶. Em outro momento, uma intenção de presentear não concretizada também é referida:

Vi outro dia um [chapéu] tão bonito, que cedi á tentação, e entrei na loja, disposta a compral-o para ti, embóra caro, mas... tinha acabado de ser vendido á uma fregueza, que ainda ali se achava! Sahi bem contrariada. Ah! Minha querida filha, se eu pudesse comprar todos os chapéus e vestidos bonitos, que aqui vejo, para ti, como ficaria contente!⁵¹⁷

⁵¹⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1909. O valor do presente, de acordo com comentário feito na carta seguinte, foi de 60f000.

⁵¹⁵ Id. Ibid.

⁵¹⁶ Id. Ibid.

⁵¹⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1903.

Esta passagem nos revela como Amélia se sentiu diante da impossibilidade de realizar seu propósito, o de presentear Sinhá, “embóra [fosse] caro” o chapéu. O valor monetário do presente, neste momento, tal como constatou Maria Claudia Coelho, pode ser apontado como expressão de afeto.⁵¹⁸ Como já referido, Amélia procurava presentear a família em diversas ocasiões. Pois vejamos os presentes que ela enviava:

Talú te entregará umas lembranças para ti e creanças, bem como uma caixa de charutos para Lourival, que dizem ser especiaes. A camisóla de sêdinha é para Dalva, que, pelo que dizes, é a personificação da faceirice, e a de nanzuk, é para Zilda. Vai uma roupinha de jersey á marinheira, para Rubens: comprei-a pela idade, mas parece-me um pouco grande. Em todo caso, podes guardar para mais tarde, caso seja grande para elle. Para ti vai um vestido para as tuas idas á cidade á noite.⁵¹⁹

Lourival, assim como Tancredo e Antonio, recebia costumeiramente presentes da sogra e os apreciava, segundo carta escrita por Sinhá a sua mãe: “Mt.º estimei saber, ter elle gostado do – preparo – que lhe mandei, para fazer a barba [...] Além d’isso, Lourival foi roubado, em uma lada de dôces seccos que não coube no caixão”⁵²⁰. Porém, em carta posterior, comentará sobre a gafe que teria cometido ao ter lhe enviado charutos: “Tambem depois que mandei os charutos para Lourival, foi que me lembrei que elle só fuma cigarros. Enfim,

⁵¹⁸ COELHO, Maria Claudia. *O valor das intenções...* op. cit., p. 97. Em suas pesquisas, a autora constatou que os presentes de maior valor são destinados aos filhos, havendo, também, uma preocupação da mãe em dar presentes iguais a fim de evitar ciúmes entre eles. Este último aspecto é apontado por Amélia em uma de suas cartas.

⁵¹⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1899.

⁵²⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1910.

elle q. acceite a intenção.”⁵²¹. Apesar da expectativa de que o genro, ao menos os aceitasse, como demonstração de seu afeto, ela não deixa de manifestar seu pesar em relação ao equívoco: “Lourival é que levou espiga porque na ocasião não me lembrou, que elle só gosta de cigarros.”⁵²².

As “datas do presentear”, como refere Coelho⁵²³, têm seu lado coercitivo, provocando aborrecimento em Amélia, quando não podia enviar os presentes: “Os netos hão de dizer, que eu já não me lembro d’elles, pois pela primeira vez, deixei de lhes dar um brinquêdo, embóra insignificante, no dia de Natal!... Confêssô-te, que tive com isso mt.º pezar!”⁵²⁴. Os netos eram o centro das atenções dela quando se tratava de presentes. Sempre que podia, lhes enviava pequenos mimos como “lembrança da vósinha”. “Fui hontem à noite a um baratilho de brinquedos, e comprei uns que remetto as creanças: vai tudo marcado com os nomes.”⁵²⁵. Em uma das cartas, ela descreve o funcionamento de um dos brinquedos, de uma das “lembranças insignificantissimas” que enviava aos netos:

vai uma roupinha para meu velho ir ao collegio; (elle há de gostar, porque tem calças compridas) uma cadeirinha de viagem, para o Mozart sentar-se à bórdo, quando vier; uma gravatinha para o Rubens, e 4 borbolêtas para Zilda, Lóca, Mozart, e Delmar. Estas borboletas, torce-se bem a cabeça, e solta-se no ar, e ellas esvoaçam. Á falta

⁵²¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1899.

⁵²² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1899. Este foi, porém, um caso esporádico, já que em algumas cartas a Baronesa chega a mencionar as que havia recebido de Sinhá e nas quais a filha comentava que o marido havia gostado do presente.

⁵²³ COELHO, Maria Claudia. *O valor das intenções...* op. cit., p.54.

⁵²⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1910.

⁵²⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de maio de 1909.

de - arame - priva-me de mandar cousas mais importantes, mas... aceitem a bôa vontade!⁵²⁶

Como podemos perceber, Amélia distribuía os presentes de acordo com a faixa etária, algo que também aparece nesta passagem: “Peço-te dar tambem, ao Rubens, e Ribinhas, 20f000. a cada um, pois nada lhes mandei, no dia de seus annos.”⁵²⁷. A opção pelo envio de dinheiro a dois de seus netos é assim explicada: “Elles como rapazes, hão de gostar mais do cobre, porque gastão com theatro, corridas, do que qualquer cousa que lhes pôssa mandar d’aqui, visto não poder ser cousa importante.”⁵²⁸.

De acordo com Maria Claudia Coelho, as trocas de presentes entre pessoas podem ser vistas como recurso por elas empregado para falarem de si, de seus sentimentos, de como se vêem e de como querem ser vistos⁵²⁹. Também Amélia elaborou uma imagem de si através dos presentes que enviou, valorizando em suas cartas a frequência com que presenteava e a “intenção” do gesto, dada a situação financeira em que se encontrava. Conciliando a necessidade que sentia de presentear – de expressar afeto – com as despesas que tinha – e que, minuciosamente, registrava e controlava –, Amélia jamais deixou de enviar as “lembrancinhas” para sua extensa família.

Diferentemente da impressão que poderíamos ter se analisássemos somente o inventário do Barão, seu marido, e que lhe reservava, como vimos anteriormente, vultosos quinhentos e cinquenta e oito contos setecentos e nove mil oitocentos e

⁵²⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1909.

⁵²⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 05 de outubro de 1909.

⁵²⁸ Id. Ibid. Rubens e Ribinhas (Antonio) haviam nascido em julho de 1895.

⁵²⁹ COELHO, Maria Claudia. *O valor das intenções...* op. cit., p. 101.

quarenta e nove réis, a face de Amélia que estas cartas nos revelam é a de uma mulher que controlava rigidamente seus gastos, temia a falta de dinheiro e sofria com isto.

Entretanto, a nossa escrevente não se voltou exclusivamente para as questões materiais. Sua escrita nos revela também uma preocupação com o espírito e uma busca de sentido e explicação para a vida.

CAPÍTULO 3 - Uma leitora e sua crença espírita

3.1 “Já comecei a lê”⁵³⁰

O vai e vem das missivas de Amélia pelos vapores eram acompanhadas de livros, almanaques, revistas e jornais. Nossa escrevente é também uma leitora e, através de suas cartas, podemos espreitá-la, comentando assuntos publicados nos jornais, bem como mencionando a existência de uma biblioteca. Amélia também nos revela uma prática, a de fazer circular o material impresso que chega a suas mãos. Mais do que informar sobre o que ela lê ou envia e recebe para ler, essa prática evidencia uma atribuição de importância à leitura. Maria Helena Bastos comenta que, na segunda metade do século XIX, período que Amélia estava se alfabetizando, houve um crescimento no número de escolas femininas, escolas públicas, mercado editorial de livros e periódicos, gabinetes de leitura e bibliotecas e também do público leitor masculino e feminino⁵³¹. Porém, este acesso não foi homogêneo entre a população, “o hábito da leitura e o acesso ao livro” ainda era

⁵³⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1918.

⁵³¹ BASTOS, Maria Helena Câmara. Leituras das famílias brasileiras no século XIX... op. cit., p. 171.

“restrito a um pequeno segmento abastado da sociedade: o público leitor” era “composto pela burguesia e aristocracia”, mas havia “um recrutamento de novos leitores” que provinham da “pequena burguesia urbana.”⁵³². Amélia e sua família faziam parte dos 550 mil habitantes alfabetizados ou 14% da população de 4 milhões de habitantes que tinha o Brasil em 1870⁵³³.

Há, entre as coisas lidas, uma circulação, pois jornais e revistas do Rio de Janeiro são remetidos para a família em Pelotas e desta para o Rio de Janeiro “Por um dos ‘Correios Mercantis’ que me mandastes, sube que o Juca do Arthur, tinha voltado com o Leopoldo: porque foi?”⁵³⁴. Amélia mantinha-se a par sobre o que acontecia em Pelotas e também informava a família sobre o que acontecia no Rio de Janeiro. Ao enviar os jornais, Amélia também nos informava sobre o que provavelmente a filha gostava de ler no jornal remetido: “Remetto jornais. Tens apreciado os versinhos do Seabra?”⁵³⁵. Aliás, este gosto por versos era, aparentemente, compartilhado com a filha: “‘O Carteiro de Momo’ fez uma esplendida distribuição de versos. Parece que o ‘Pitta’ foi o poeta; pelo menos, o que diz, que a lua vem nascendo, redonda como um botão, é d’elle, com certeza.”⁵³⁶.

Assim, ao final de suas cartas ou em um “P. S.”, ela escrevia algumas linhas sobre os jornais que estava enviando e a quem se dirigia: “Envio por segunda vez,

⁵³² BASTOS, Maria Helena Câmara. *Leituras das famílias brasileiras no século XIX...* op. cit., p. 171.

⁵³³ Id. *Ibid.*

⁵³⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1903.

⁵³⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1903. Seabra, provavelmente, chamava-se Bruno Seabra, um literato que havia integrado, juntamente com Machado de Assis e outros escritores, o jornalzinho *A Marmota na Corte*, de Francisco de Paulo Brito. Mais do que tratar de literatura, o jornal havia se configurado como um ambiente onde eram discutidos diversos assuntos. Veja-se, MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 63.

⁵³⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 07 de maio de 1918.

os Correio da Manhã, e outros jornaes illustrados, para Lourival se entreter. Manda depois, os ultimos para Talú e Alzira verem.”⁵³⁷. Talú, ao que parece, era apreciadora dos jornais caricatos, “remette o que fôr para Talú; a quem envio tambem jornaes caricatos.”⁵³⁸.

O hábito de se enviarem jornais, após terem sido lidos, não só para familiares como para conhecidos, e o fato de a família pertencer a um seletto grupo de pessoas que costumeiramente fazia parte das colunas sociais nos jornais pelotenses, amenizavam a apreensão de Amélia com a falta de cartas da filha:

Por minha vez estava disposta a telegraphar-te, quando a Florinda, e a Maria José que aqui estavam, me disséram, que moléstia, com certeza não era o motivo, porque itnham lida na “Opinião Publica” d’ahi, a descripção de uma fésta em casa da Candóca, que vocês tomaram parte: então fiquei mais animada. Depois ellas me mandaram o jornal, apreciando eu mt.º a – “Senhorita Zilda!”⁵³⁹

Ao analisar a atitude de Amélia de enviar jornais, revistas e almanaques, percebemos que estes estão distribuídos diferentemente entre a parentela. Há por parte de Amélia uma preocupação em inserir também os netos na leitura. Desta forma, a neta Déa de oito anos recebia o “Almanak do TicoTico”⁵⁴⁰, “Diz-Ihe tambem, que tirei a pagina do concurso do Tico-Tico que vai para fazer, e mandar em nome d’ella, porque tem mt.ºs premios bons.”⁵⁴¹; “Mozart, e Delmar,

⁵³⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903.

⁵³⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de maio de 1909.

⁵³⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de junho de 1909. Não nos foi possível traçar uma árvore genealógica mais ampla da família, entretanto, até onde foi possível levantar, Florinda e Maria José não figuram como familiares.

⁵⁴⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1918.

⁵⁴¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1917. Não será possível, neste sub-capítulo, aprofundar o estudo sobre todos os livros, jornais e revistas trocados pelos missivistas, aspecto que levaria à

teêm gostado das revistas que lhes tenho mandado? E os outros jornaes caricactos, tem chegado com regularidade?"⁵⁴². Entretanto, não somente a avó estimulava os netos à leitura, como esta parecia ser também uma prática comum à família: "O Rubens tem recebido as 'Revistas das Semanas'. Só lhe mando esta, porque supponho, que não comporam ahi."⁵⁴³.

No que concerne à leitura dos jornais, podemos dividi-los em dois grandes grupos: os noticiosos e os espíritas. Figuram entre os noticiosos, os jornais do Rio de Janeiro, *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio*, *Gazeta*, *O Paiz*, *Jornal do Brazil* e *A Tribuna*, além dos jornais que ela chama de ilustrados e caricatos.

Constata-se que ao enviar os periódicos do Rio de Janeiro, Amélia não visava somente a informar a família sobre os acontecimentos políticos e de maior destaque na capital da República – com a finalidade de manter a distinção social/familiar –, já que, em alguns momentos, ela se utiliza dos jornais para corroborar os assuntos que comenta nas cartas: "Hontem á noite, houve aqui um temporal medonho. Remetto-te a Gazeta que traz a descripção do mesmo."⁵⁴⁴.

Em carta de 1909, ela refere que se utilizou da fonte jornalística para encontrar uma casa para alugar: "Neste momento porem, acabo de receber [...] uma carta, offerecendo-me uma casa na rua Voluntarios da Patria, que diz,

realização de outro trabalho, mas sim fornecer um panorama geral sobre o material impresso que circulava entre a família. Nesse, sabemos que a revista Tico-tico foi "o marco da imprensa infantil: sua primeira edição data de 11 de outubro de 1905". Segundo Mayra Fernanda Ferreira, essa revista, "organizada em bases racionais [...] tornou-se leitura para crianças por mais de meio século". FERREIRA, Mayra Fernanda. *Jornalismo infantil: por uma prática educativa*. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 29 de agosto – 02 de setembro, 2007, Disponível em <<http://www.adevento.com.br/intercom/2007/resumos/R0769-1.pdf>>. Acessado em 13 de novembro de 2007.

⁵⁴² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1918. Os netos Mozart e Delmar tem respectivamente 13 e 11 anos.

⁵⁴³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1909.

⁵⁴⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de fevereiro de 1918.

estar nas condições do meu annuncio. Vou já vestir-me, para ir vê-la.”⁵⁴⁵ Na correspondência mantida durante este ano, constata-se que o jornal também tinha como função respaldar o que ela escrevia à filha, sobretudo em relação à dificuldade de encontrar boas casas: “Ha casas aqui, que andam annunciadas á mt.º tempo (como verão vocês, plo J. do Commercio) e que não se alugam, apesar da grande procura que ha;”⁵⁴⁶.

Amélia não deixa de inquirir a filha sobre o recebimento dos jornais por ela enviados: “Tenho mandado os jornaes caricatos, do Commercio, e o Polichinello. Recebem?”⁵⁴⁷; “Lourival tem apreciado os jornaes?”⁵⁴⁸. Em vários momentos, revela-se uma profunda conhecedora do que o genro gostava de ler:

Diz á Lourival que d’esta vez lhe mandei tambem a ‘cidade do Rio’ porque sei que elle gosta da prósa do Patrocínio, e elle agora está escrevendo, dizem, que bons artigos contra o Murtinho, Alcino Guanabara. Isto por cá, parece não andar bem.⁵⁴⁹

Cabe ressaltar que mais do que evidenciar que ela conhecia o gosto do genro pela política, o envio desses jornais nos revelam seu conhecimento sobre as diferentes tendências políticas dos jornais :

Aqui tambem, o povo está indignado com a tal candidatura, como verás pelos jornaes.Tenho manda sempre a Gazeta, e o Jornal do Brazil, q. tratam da

⁵⁴⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.

⁵⁴⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1909.

⁵⁴⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1917.

⁵⁴⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1903.

⁵⁴⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1899.

politica actual; trazendo bons artigos, e sei que Lourival aprecia estas cousas. Diogo também tem mandado a "Tribuna" para Lourival; elle tem recebido? Esta, é toda Hermes!⁵⁵⁰

Este material impresso que Amélia enviava aos familiares era acompanhado de pequenos presentes que comprava para a família. Ao contar a filha sobre uma roupinha que havia comprado para o neto Lourival, Amélia expõe a forma inusitada do pagamento: "Comprei-a e sabes com que a paguei, com o recibo da assignatura do O Paiz! Assigna-se o jornal e com o recibo compra-se o que se quer."⁵⁵¹. Com esta informação, tivemos acesso à denominação do jornal que Amélia assinava no Rio de Janeiro. O jornal *O Paiz*, assim como o *Jornal do Comércio* e, possivelmente, inúmeros outros, traziam em suas páginas notícias referentes ao Espiritismo. A particularidade do jornal *O Paiz* residia no fato de ter contado, dentre seus colaboradores, com o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcante, espírita declarado desde 1886. Bezerra de Menezes foi responsável pela coluna "Estudos Filosóficos", publicada no jornal entre os anos de 1886 e 1893⁵⁵² e, no ano seguinte, passou a presidir a Federação Espírita Brasileira (FEB), cargo que ocuparia até sua morte, em 1900⁵⁵³. Neste período, Amélia já se encontrava residindo no Rio de Janeiro.

De Pelotas, como informava Amélia, a filha remetia "jornaes, e revistas".⁵⁵⁴

Entre os jornais são mencionados o *Correio Mercantil* e o *Opinião Publica*, com

⁵⁵⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 18 de junho de 1909.

⁵⁵¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1909.

⁵⁵² COLOMBO, Cleusa Beraldi. *Idéias sociais espíritas*. São Paulo/Salvador: Editora Comenius e IDEBA, 1998, p. 57. p. 62. Dirigido por Quintino Bocaiúva, o jornal foi fechado com a Revolta da Armada, em 1893.

⁵⁵³ Id. Ibid.

⁵⁵⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1909.

ênfase para este último. Os comentários de Amélia nos fornecem pistas sobre o que ela lia, preferencialmente, nesses jornais: “Com os meus jornaesinhos, veio a ‘Opinião’ que traz a descrição do casamento da Nenê, que, realmente foi um casamento principesco!”⁵⁵⁵; “Vejo pelos jornaes d’ahi, que se estão organizando grandes festas, exposições, sendo a Mercêdes uma das da comissão organisadôra.”⁵⁵⁶. A vida social ocupava lugar de destaque no jornal *Opinião Publica* e, considerando que a família Antunes Maciel era seguidamente referida por suas viagens, aniversários ou festas, entendemos o porquê do envio do jornal. Além disso, como refere Beatriz Loner, fundado em 1896, e sobrevivendo a inúmeras trocas de direções, o jornal havia se convertido em um “órgão tradicional, incorporado aos costumes da cidade – entre eles o de ler o jornal”⁵⁵⁷. Amélia, ainda tomada pela euforia em relação aos festejos do carnaval de 1917, quando a neta havia sido rainha pelo Clube Diamantinos, manifesta sua ansiedade em relação ao que seria comemorado em 1918: “Estou anciosa pelos jornaes d’ahi, para lêr as festas carnavalescas.”⁵⁵⁸. Entretanto, o clima carnavalesco a decepcionou, fazendo-a comentar que “Vejo não só por tua carta, como pelos jornaes, que o carnaval ahi, foi mt.º inferior ao do anno passado. Isto não me surprehende, porque era de esperar.”⁵⁵⁹. O comentário de Amélia pode ser justificado pelo acirramento da Primeira Guerra Mundial que trouxe dificuldades econômicas – que acabaram por prejudicar a confecção dos carros alegóricos – e determinou que dos dois clubes

⁵⁵⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1909.

⁵⁵⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de setembro de 1903. Percebe-se que Amélia apropria-se, no sentido dado por Roger Chartier, do conteúdo do jornal, a partir de seus interesses de leitura, que eram determinados pelas práticas sócio-culturais nas quais se encontrava inserida.

⁵⁵⁷ LONER, Beatriz Ana. Jornais pelotenses na República Velha. vol. 02, nº 1. In: *Ecos Revista*. Pelotas: UCPel, Abril de 1998. p. 14.

⁵⁵⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1918.

⁵⁵⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 07 de maio de 1918.

carnavalescos representantes da elite pelotense – Diamantinos e Brilhante – o último optasse por não desfilar⁵⁶⁰.

Mas seu olhar não se circunscrevia exclusivamente à coluna social. Amélia voltava sua atenção para as notícias em destaque. Durante vários meses o jornal *Opinião Pública* trouxe diariamente em suas páginas o chamado “Processo Ramos”, relativo às fraudes cometidas pela firma Ramos & C. Assim noticiou o jornal, “Continua hoje a phase publica do processo crime que a justiça move aos srs. Antonio e Álvaro Ramos e Dr. Carlos Ferreira Ramos, sócios da firma Ramos & C.”⁵⁶¹. Através desse mesmo jornal, sabe-se que um dos réus encontrava-se preso e através de seu advogado, Francisco Maciel Junior, solicitava *hábeas corpus*. Amélia, sabedora das diferenças entre seu finado marido e um dos acusados, escreveu à filha,

Tenho acompanhado todo o processo Ramos (pelos jornaes, bem entendido) e ainda uma vez vemos confirmadas as palavras do Christo: ‘Quem com fêrro fêre, com ferro será ferido’! Elle que dizia, que havia de ter o gosto de metter teu pae na cadêa por ladrão, não o conseguiu; porque Deus não permittio tal injustiça, mas vai com as suas proprias mãos abrir as portas d’essa mesma cadêa, para n’ella expiar, alem de outros, esse crime que elle procurava lançar sobre o outro, maculando assim a honra alheia! Eis pois, minha boa filha, mais uma próva da justiça de Deus! Ella ás vezes tarda, mas é infallivel!⁵⁶²

⁵⁶⁰ BARRETO, Álvaro. *Dias de Folia*. O carnaval pelotense de 1890 a 1937. Pelotas: Educat, 2003, p. 68.

⁵⁶¹ Jornal *A Opinião Publica*. Pelotas, 26 de setembro de 1903. N. 222. p. 02.

⁵⁶² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1903.

Acreditando na inocência do marido nesta contenda, ela acompanhava com expectativa o processo, a fim de comprovar sua crença na “justiça de Deus”.

Ao longo dos anos, a remessa de jornais foi prática mantida também por Sinhá, que não somente os enviava para serem lidos pela mãe, como também pelo seu filho Rubens. Sabe-se, através de carta de Amélia, que Rubens dedicava pouco ou nenhum tempo à leitura de jornais:

Não te encommodes a mandar jornaes, a não ser quando tragam alguma cousa que nos interesse, como o que diz respeito a nossa Zilda, Diamantinos, porque o Rubens diz que não tem tempo para os lêr, e que já te havia pedido para não mandar.⁵⁶³

Mas, passadas algumas semanas, a Baronesa reconsiderou sua afirmação numa nota final: “Em minha ultima, disse-te que não mandasses mais os jornaes, isto porque o Rubens não os lia; mas agora, dou o dito por não dito, e peço-te que continúes a mandar, pois nós lemos, e depois mando para as Candiótas, que são apreciadoras.”⁵⁶⁴.

Entre os jornais citados, sabe-se que um deles dedicava-se a assuntos sobre moda. Dentre os jornais de modas, entre eles, *A Estação*:

Logo q. esta recebas manda comprar um n.º (dos ultimos) do jornal de modas, ‘A Estação’ e remette-me pelo correio caso ainda demores. Isto é apenas, para provar o que digo. Quis comprar aqui, um n.º d’esse jornal, e em todas as casas em que Diogo foi procurar diziam: não existe este jornal em portuguez; só há em francez – ‘La Saison’. Diogo

⁵⁶³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1917.

⁵⁶⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1917.

suppõe q. eu me tenha enganado, e eu quero provar, q não phantasiei.⁵⁶⁵

Entre os jornais mencionados pela Baronesa encontravam-se também os espíritas, que ela, contudo, não nomeia. Depreende-se que era uma leitora habitual destes, pois em uma das cartas escritas durante o período em que permaneceu em Curitiba, escreveu em um “P. S.”: “Manda-me os jornaes espiritas que ahi tenho ido, para mim.”⁵⁶⁶. Sinhá parece ter prontamente atendido ao pedido da mãe, que informa em carta posterior: “Recebi os jornaesinhos”⁵⁶⁷, reafirmando o recebimento em outra carta: “Tambem já está aqui o caixão das línguas, que tem sido mt.º apreciadas; assim como os jornaesinhos spiritas.”⁵⁶⁸. Cabe a pergunta: que “jornaesinhos” Amélia poderia estar lendo naquele momento?

Sabe-se que em 1903, no Rio de Janeiro, circulava o jornal *Reformador*, posteriormente órgão oficial da Federação Espírita, fundado em 1883⁵⁶⁹. De acordo com Colombo, o *Reformador*, “mensário religioso do Espiritismo cristão”, publicou, em dezembro de 1903, notícias relativas a perseguições contra espíritas, chegando a referir o espancamento e apedrejamento de seguidores⁵⁷⁰. Colombo faz referência a fundação de dois outros jornais, *O Eco d’Além Túmulo*, criado em 1869, e *O Clarim*, fundado em 1905. Porém, é a revista argentina *La Verdad*, abordada

⁵⁶⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de março de 1910. A Biblioteca Publica Pelotense não dispõe de nenhum número deste jornal.

⁵⁶⁶ Carta da Baronesa. Curitiba, 07 de agosto de 1903. A frase de Amélia dificulta nossa interpretação. Ela tanto poderia ter querido dizer “que aí tenho”, com o sentido de ter guardado, como “que aí têm ido”, ou seja, jornais que estavam sendo remetidos para a casa de Sinhá.

⁵⁶⁷ Carta da Baronesa. Curitiba, 19 de agosto de 1903.

⁵⁶⁸ Carta da Baronesa. Curitiba, 03 de setembro de 1903.

⁵⁶⁹ COLOMBO, Cleusa Beraldi. *Idéias sociais espíritas...* op. cit., p. 57.

⁵⁷⁰ Id. *Ibid.*, p. 59.

posteriormente, que nos informará, ao noticiar os jornais recebidos, a existência de outros jornais espíritas em circulação no período: “ – “Aurora Espírita”, Pernambuco, [...] “Verdade e Paz”, Maranhão. – Luz Mental. – “Tribuna Espírita”, Rio de Janeiro. [...] “Aurora”, Pontal, (Brasil) [...] “A Revelação”, Pará [...] “O Espiritualista Moderno”, Rio de Janeiro. – “O Semeador” Parintins, (Amazonas).”⁵⁷¹.

Além de seus jornais, Amélia também possuía livros e folhetos, que eram guardados de maneira organizada e à chave: “mas a chave está com a do meu armario dos livros, e que te entreguei.”⁵⁷². Anos depois, em julho de 1909, ela escreveu dizendo precisar de alguns livros, descrevendo com detalhes para a filha a localização destes na estante:

Como me estão fazendo aqui mt.^a falta, alguns dos meus livros espíritas peço-te para me mandares o mais bréve que puderes, todos os que se acham no meu armario, mas na 3.^a prateleira, os outros, não precisa. D’estes mesmo, não precisa mandares os –folhêtos – mas sómente os encadernados. Conta as prateleiras, de cima para baixo, porq. não me lembra se, debaixo para cima, tem mais alguma. A pratelleira de cima, tem o naviosinho do Rubens; na outra, ha tambem livros, mas os que estão, na pratelleira abaixo, é que eu peço.⁵⁷³

A fim de frisar que eram apenas os livros da “3.^a prateleira”, ela sublinha o termo e, para não incomodar a filha, sugere que esta peça à D. Eulália, costureira da casa, que suba até o sótão para pegá-los. O sótão da casa era uma peça bastante iluminada, possuindo dez janelas. Para chegar até ele, era necessário passar por

⁵⁷¹ Revista La Verdad. Buenos Aires, 1º de janeiro de 1908. Nº 33, p. 333

⁵⁷² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.

⁵⁷³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1909.

dois lances de escada, já que entre este e a parte térrea havia outra peça, bastante baixa e sem janelas, voltada à parte interna da casa⁵⁷⁴. Amélia pediu à filha que colocasse tudo em uma caixa pequena, que deveria ser entregue aos cuidados do Chico para que este então lhe remetesse. Advertia que, como se tratava de encomenda pesada, não pediria que a prima Chiquinha a levasse.

Em relação aos livros espíritas que a Baronesa possuía, depreende-se através de suas cartas, que costumava emprestá-los:

O 'Congresso Spirita' era para mandar ao Costa, e eu tinha dado com outros livros á Rosaria para fazer o embrulho, que depois te entreguei, mas com certeza ella deixou esse, e depois juntou aos que estavam na mezinha. Manda-o pois ao tio Costa.⁵⁷⁵

Nesta breve passagem, temos acesso ao nome de um deles, situação que não se repetirá em relação aos outros livros espíritas que possuía, com exceção feita ao livro "Do Paiz da Luz". Acreditamos que, muito provavelmente, encontravam-se entre eles traduções dos livros de Allan Kardec como *O Livro dos Espíritos*, traduzido para o português brasileiro pela Garnier e que se encontrava à venda no Brasil já desde 1875⁵⁷⁶.

Amélia tinha dificuldades para reaver os livros que emprestava. Assim, em carta de julho de 1909, ao enviar lembranças a várias pessoas, entre elas, Julinho,

⁵⁷⁴ Segundo relatos orais disponíveis para consulta no Museu, esta peça era a sala de costuras que, posteriormente, foi transformada em quarto. Dados do Banco de História Oral do Museu da Baronesa. Entrevista realizada por Carla Rodrigues Gastaud com Magali Antunes Maciel - bisneta da Baronesa - em 07 de dezembro de 2001 no Museu da Baronesa.

⁵⁷⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.

⁵⁷⁶ COLOMBO, Cleusa Beraldi. *Idéias sociais espíritas...* op.cit., p. 53.

escreveu: "(este, si te fallar nos livros meus, que estava lendo, diz-lhe que tens ocasião de me mandares agora, que elle t'os póde entregar. Esses livros, me são muito necessarios, mas não quero mandar pedir-os)"⁵⁷⁷. No mês seguinte, Amélia retornou ao assunto: "Julinho não te fallou nos meus livros?"⁵⁷⁸. Passado algum tempo, Amélia recebeu os livros que havia emprestado a Julinho porém, detectou a ausência de um, que já não tinha certeza para quem havia cedido para leitura:

Os livros que tio Costa te entregou, são justamente, os que estavam com o Julinho. Falta-me a obra - 'Do Paiz da Luz' que emprestei ahi, não sei si mesmo a tio Costa, ou si ao Ovídio Baptista. Ao primeiro, não toques n'isso, mas ao segundo pódes perguntar, dizendo-lhe, que é unicamente para saber com quem está: são 2 volumes.⁵⁷⁹

Cruzando os dados obtidos nas cartas da Baronesa com o *Nobiliário Sul Riograndense* e com os dados trazidos pela monografia de Sílvia Moraes⁵⁸⁰, podemos inferir que, muito provavelmente, o "tio Costa" a que Amélia se referiu seja Francisco Antunes Gomes da Costa. A dedução se dá pelo nome da outra destinatária da carta enviada a 30 de julho de 1909, o de "tia Flóra", irmã do Barão de Três Serros e, portanto, cunhada de Amélia. Francisco Antunes Gomes da Costa também havia alcançado o título de Barão de Arroio Grande, tendo sido deputado provincial pelo Partido Liberal e um dos fundadores do Banco Pelotense⁵⁸¹. De

⁵⁷⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1909.

⁵⁷⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1909.

⁵⁷⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1910.

⁵⁸⁰ MORAES, Sílvia Beatriz Pierebom. *Os casamentos entre descendentes de nobres pelotenses ...* op. cit.

⁵⁸¹ Id. Ibid.

acordo com Moraes, o Barão de Arroio Grande “Tinha gosto apurado pela poesia e letras, tendo fundado a revista *Araribá*, considerada a segunda revista literária surgida no Rio Grande do Sul”⁵⁸². Em relação a “Julinho”, de quem Amélia cobrava a devolução de seus livros, obtivemos – da própria Amélia – a seguinte informação: “Corre por aqui (isto em resérva) que o Julinho é pretendente da Othilia? Deus queira que assim seja, isto é; que a cousa vá avante, pois é um casamento bem igual.”⁵⁸³. O casamento “bem igual” a que Amélia se referia, efetivou-se pois, conforme Moraes, o Segundo Barão de São Luís (Leopoldo Antunes Maciel) teve sua filha Otilia Antunes Maciel casada com José Julio de Albuquerque Barros (Julinho), filho do Barão de Sobral e neto do Barão de Arroio Grande⁵⁸⁴. Desta forma, percebemos que entre as pessoas com as quais Amélia dividia suas leituras espíritas e, possivelmente, sua crença, pelo menos duas pertenciam à família que passara a integrar em função do casamento.

A residência fixada no Rio de Janeiro ampliava as possibilidades de acesso a livros tanto para Amélia, quanto para a família, principalmente para Sinhá, que parecia compartilhar com a mãe o gosto pela leitura. Em dezembro de 1917, Amélia comentou sobre um livro solicitado por Sinhá: “Depois de correr todas as livrarias, Diogo foi encontrar em uma – manhosa- o livro que pédes, em segunda mão. Por alguns trechos que li, deve ser realmente mt.º bom. O seu custo foi de 2,500.”⁵⁸⁵. Duas cartas depois, embora não se possa precisar se estava fazendo

⁵⁸² MORAES, Sílvia Beatriz Pierebom. *Os casamentos entre descendentes de nobres pelotenses ...* op. cit.

⁵⁸³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1909.

⁵⁸⁴ MORAES, Sílvia Beatriz Pierebom. *Os casamentos entre descendentes de nobres pelotenses ...* op. cit., p.20.

⁵⁸⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de Dezembro de 1917. Interessante destacar que neste período em que Amélia escrevia suas cartas, o Rio de Janeiro possuía já um grande número de livrarias. De acordo com Machado, em 1850, o Rio de Janeiro já contava com 15 livrarias situadas, sobretudo, nas melhores ruas como a Rua do Ouvidor e da Quitanda. MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo...* op. cit., p. 55.

referência a este livro comprado no Rio, Amélia escreveu: “Quanto ao livro, ‘Abaixo às Armas’, tens realmente razão: eu é que não compreendi, apesar de nunca lêr as tuas cartas às prèssas, mas ao contrario, as relêr mt.^{as} vezes. Já comecei a lêr, e na verdade, parece q somos nós, que o escrevemos!”⁵⁸⁶.

O livro *Abaixo as Armas*, como pode-se perceber, havia sido lido por Sinhá, que o indicava para a mãe. Amélia limita-se ao comentário de que havia iniciado a leitura, não voltando a fazer referência ao livro em cartas posteriores, razão pela qual não é possível saber se realizou a leitura até o final. A obra de Bertha de Suttner, que parece ter agradado às duas leitoras, deve ter chegado ao conhecimento de Sinhá pela imprensa pelotense, que assim o anunciou em 1916:

Novidade Sensacional
 Abaixo as Armas!
 Die Waffen Nieder
 Obra laureada com o premio Nobel em 1905
 Por Berta de Suttner
 Traduzida em muitas línguas, e publicada com grande sucesso na
 Allemanha e na Áustria
 A obra é de toda a actualidade
 -1 vol. 3\$000
 Livraria Universal
 Echenique & C.
 Pelotas e Rio Grande⁵⁸⁷

Conforme o anúncio, a obra remetia à atualidade, marcada inegavelmente pelos efeitos da eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Talvez tenha sido

⁵⁸⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1918.

⁵⁸⁷ Jornal *A Opinião Publica*. Pelotas 08 de julho de 1916. N. 154. p. 04. Cabe ressaltar que, concomitantemente ao anúncio do livro, os jornais noticiavam a criação da Cruz Vermelha Pelotense neste período. Jornal *A Opinião Pública*. Pelotas, 05 de novembro de 1917, N. 246, p. 01.

esta – ocorrência do conflito mundial – a motivação de Amélia para “agora” – 1918 – ter “maior oportunidade” de lê-la:

Tem agora, a maior oportunidade, e déve ser lido por todos estes entusiastas da guerra, que nem admittem, a menor observação contra ella. Pobre mocidade, que tudo esquece, para correrem ao – matadouro! Mas Deus é infinitamente misericordioso, e ha de ouvir as supplicas d’aquellas que como nós, só lhe rôgam a paz! Tem fé, minha bôa filha, que o nosso Brasil, e as outras nações, que não tomaram ainda parte na guerra, serão poupadas á essa horrivel carnificina!⁵⁸⁸

O livro *Abaixo as Armas*, sobre o qual Amélia comenta que “parece q somos nós, que o escrevemos”, trata-se de um romance escrito pela Baronesa Bertha de Suttner. Narrado na primeira pessoa, o livro conta, ao longo de suas 360 páginas, a vida de Martha Althaus e as tragédias que lhe sucederam em decorrência das guerras. No começo do livro, a personagem expõe suas reflexões acerca das diferenças entre homens e mulheres, sendo que os primeiros podiam ir às batalhas e voltar como heróis, enquanto que às mulheres, cabia a “Inferioridade irritante”⁵⁸⁹. Já nas primeiras páginas, a escritora diz: “É a história que infiltra e desenvolve na juventude a admiração pela guerra, quem inculca á crença, desde tenra idade, a ideia de que o ‘Deus dos Exercitos’ decreta as batalhas”⁵⁹⁰. Esta idéia parece ter

⁵⁸⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1918.

⁵⁸⁹ SUTTNER, Bertha de. *Abaixo as armas!* Tradução Ernesto Alves. Rio de Janeiro: Flores e Mano editores. 3ª edição Sd. p. 06. A autora foi a primeira mulher a receber um Prêmio Nobel de Literatura. Escrito com claros objetivos anti-militaristas, numa linguagem simples e sem parágrafos muito longos, o livro destinava-se a um publico mais amplo. O livro ainda pode ser encontrado no mercado e em livrarias virtuais.

⁵⁹⁰ SUTTNER, Bertha de. *Abaixo as armas!*... op. cit., p. 07.

sido corroborada por Amélia, ao fazer a exclamação: "Pobre mocidade, que tudo esquece, para correrem ao - matadouro!"⁵⁹¹

A obra, de caráter nitidamente antimilitarista, estava em consonância com o pensamento pacifista de Amélia e Sinhá – que também se evidencia em outros momentos de agitação política e social interna no Brasil, como registra Amélia nesta passagem:

Em compensação, a D. Política, tem se encarregado de trazer este pobre povo, em continuo sobresalto, receiando sempre o dia de amanhã. Que estas apreensões, não são despidas de fundamento, tivemos a próva no dia 31, com as eleições! Das janellas do Hotel, assistimos a fórte tiroteio na porta da Bibliothéca Nacional! Imagina agora, o que será a eleição de Março! Dizem que o Presidente está tratando de organizar féstas para o dia 15, com o fim de distrahir o povo, e evitar os - succéssos - que se annunciam. Permitta Deus, que elle o consiga!⁵⁹²

Além do pensamento pacifista, mãe e filha também compartilhavam leituras semelhantes como pôde ser notado nas páginas acima. Porém, em suas leituras, as apropriações se davam de forma diferente uma vez que, conforme Chartier, "a leitura como um espaço próprio de apropriação jamais" é "reduzível ao que é lido"⁵⁹³. Se, por um lado, há a intenção do autor em exprimir um pensamento e tentar condicionar a sua recepção, expressa também na disposição gráfica do texto, por outro, há o espaço de apropriação feita pelo leitor. Torna-se por isso interessante, a fim de analisar a recepção do livro por parte das duas leitoras, a seguinte afirmação

⁵⁹¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1918.

⁵⁹² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1909.

⁵⁹³ Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. A leitura: uma prática cultura. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 243.

de Bourdieu: “entre os fatores que predispõem a ler algumas coisas e a ser ‘influenciado’, como se diz, por uma leitura, é preciso reconhecer as afinidades entre as disposições do leitor e as disposições do autor.”⁵⁹⁴.

Martha, a personagem do livro, havia perdido o marido em uma batalha pouco tempo depois de ter se casado, ficando com um filho ainda pequeno. Ao lermos o comentário de Amélia sobre o livro – “parece q somos nós, que o escrevemos” –, parecem evidentes as aproximações que ela fez com a sua vida. Também ela, logo após ter se casado, veria seu marido Aníbal participar de uma guerra, a do Paraguai. Os ferimentos resultantes do envolvimento no conflito o levaram a uma morte prematura aos 49 anos, deixando Amélia viúva e com filhos ainda pequenos. Agora, diante de um novo conflito e do temor de que os netos pudessem dele tomar parte, as duas – mãe e filha – rogavam pela paz.

O Acervo do Museu da Baronesa não dispõe de qualquer livro ou jornal assinado por Amélia, apesar de, através das cartas, termos a certeza de que ela os leu e assinou. Acreditamos que isto se deva às orientações dadas à filha – como as próprias cartas referem – que os enviasse em caixotes, para o Rio de Janeiro, para que lá pudesse realizar suas leituras e continuar seus estudos.

A Amélia leitora que as cartas nos revelam também pode ser encontrada em um quadro pintado por sua filha Sinhá, no qual ela é representada sentada, sozinha, lendo um livro⁵⁹⁵. Acreditamos que este livro possa ter sido *Do Paiz da Luz* ou então qualquer outro livro espírita existente no armário do sótão. Seria possível, ainda,

⁵⁹⁴ Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier... op. cit., p. 244.

⁵⁹⁵ Consultar no anexo 11 a reprodução do quadro pintado por Sinhá.

especular que se tratasse do livro *Abaixo as Armas!* por ter sido o indicado pela filha-pintora à mãe.

Assim, a leitura era um hábito cotidiano de Amélia. As cartas, jornais e revistas satisfaziam à necessidade que sentia de ter informações sobre o universo das relações familiares e sobre a vida política, social e cultural brasileira. Amélia demonstrava, ainda, grande interesse pelo lançamento de produções literárias, pelas descobertas mais recentes da ciência e pelos novos hábitos e modas europeias expostas nas lojas cariocas.

Também publicações de caráter filosófico-místico-religioso atraíram a atenção da Baronesa, como se pode depreender da assinatura que fez de uma revista argentina, a *La Verdad*, e das menções que fez à “santa religião” e às sessões espíritas nas cartas que enviou para Sinhá. As reflexões sobre religião e espiritualidade presentes nas cartas de Amélia serão tratadas no próximo sub-capítulo.

3.2 “Satyat nasli paro dharmah (Não ha religião mais elevada que a verdade)”⁵⁹⁶

Era abril de 1909 e Amélia regressava ao Rio de Janeiro, esperançosa de conseguir uma casa para alugar. Recém chegada de Pelotas, para onde havia

⁵⁹⁶ Jornal *A Opinião Publica*. Pelotas, 29 de agosto de 1903. N. 199. P. 01.

viajado para acompanhar o nascimento da neta Déa – que completara já dois meses –, ela procurava por uma casa, afim de que Sinhá e a família pudessem viajar para o Rio. Entretanto, o tempo foi passando e, apesar de todos os esforços, “Deus não quiz!”⁵⁹⁷. Sem nenhuma das três filhas por perto e não aventando a possibilidade de viajar novamente para Pelotas, Amélia pede que seus livros – cuidadosamente guardados no armário – lhe sejam enviados para que possa continuar seus estudos. Na ocasião, pede também que seja suspensa a assinatura de uma revista,

Recommenda-me mt.º a elle [Sr. Sebastião], e péde-lhe para indagar, da viuva do Horta, ou do D.ª Requião, quem é o encarregado agora, de receber a importancia da assignatura da revista ‘La Verdad’, em Buenos Ayres, (Elle que veja si o D.ª Requião se encarrega de fazer esse pagamento) e dá-lhe a importancia que fôr, (depende de cambio) da minha assignatura d’este anno, que ainda não foi, penso eu, e péde-lhe para mandar suspender a m.ª, pois me é difficil estes pagamentos.⁵⁹⁸

O cancelamento da assinatura seria abordado em outras duas cartas, sendo agregada somente uma única nova informação “sobre o pagamento da minha assignatura da revista ‘La Verdad’, que costumava ser paga, pelo Horta, e eu não sabia, si alguém o tinha feito este anno.”⁵⁹⁹. Diante dessas informações, nos perguntamos: Que revista argentina era esta que Amélia assinava?

⁵⁹⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 1º de junho de 1909.

⁵⁹⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1909.

⁵⁹⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1909.

Em consulta à Biblioteca Nacional Argentina⁶⁰⁰, constatamos que existiam vários exemplares de revistas com o mesmo nome – *La Verdad* –, razão pela qual optamos por restringir a busca por seus números ao período referido pela própria Amélia ao solicitar que a assinatura fosse cancelada.

A Revista *La Verdad*, fundada em 1905, na Argentina, tinha como subtítulo a seguinte inscrição: “Revista de Altos Estudios” e abaixo dela constava uma outra relevante informação: “Ciencia – Filosofía – Religión comparada y ocultismo”⁶⁰¹. Em número publicado a 1º de maio de 1905, a Revista expõe, em primeira página, seu objetivo, “La revista *LA VERDAD* viene, pues, a facilitar esos estudios, a todo aquel que desee hallar resumidos enseñanzas y conocimientos que para adquirir-los tendría que leer numerosas obras de gran volumen.”⁶⁰².

Publicada no dia primeiro de cada mês, tinha seus números começados sempre no mês de maio de cada ano e dispunha inicialmente de 20 páginas, passando, posteriormente, para 32 para melhor desenvolver os temas⁶⁰³.

As páginas eram numeradas seqüencialmente e o mês de maio continha um índice com todos os assuntos publicados durante o ano anterior e que havia se encerrado em abril. Desta forma, a assinante Amélia – como menciona em uma de

⁶⁰⁰ A consulta realizada ao acervo da Biblioteca Nacional Argentina, mais especialmente ao acervo da Sala de publicaciones periódicas antiguas Roberto Arlt, somente foi possível devido ao convênio mantido pelo Programa de Pós-Graduação da Unisinos e a Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires. Agradecimentos sinceros à Prof^a. Dr^a. Andrea Reguera pela ajuda na localização do acervo.

⁶⁰¹ Revista *La Verdad*. Buenos Aires, 1º de maio de 1905. Ano 01. Número 01. Biblioteca Nacional da Argentina. Sala de publicaciones periódicas antiguas Roberto Arlt. Buenos Aires. p. 01. Os números mais antigos da revista existentes na biblioteca datam de 1905 e as encadernações da revista foram feitas de dois em dois anos respeitando o começo do ano no mês de maio. No anexo 11 encontra-se a reprodução de uma página da revista.

⁶⁰² Revista *La Verdad*. Buenos Aires, 1º de maio de 1905. Ano 01. Nº 01. p. 01.

⁶⁰³ Revista *La Verdad*. Buenos Aires, 1º de junho de 1905. Nº 02. p. 52.

suas cartas –, poderia facilmente encadernar os exemplares, após completarem um ano, quando recomeçava a contagem das páginas: “não precisa mandares os – folhêtos – mas sómente os encadernados.”⁶⁰⁴.

Podendo ser assinada tanto na Argentina, quanto no exterior, a revista fornecia, também, números avulsos de publicações anteriores. O valor da assinatura anual para assinantes não argentinos era de 15 francos e poderia ser pago por “giro postal o con billetes de sus respectivos países siempre que se coticen á la par.”⁶⁰⁵. Em abril de 1906, ao completar um ano, a editoria da revista advertiria aos seus subscritores que, em caso de não ser informada sobre a suspensão da assinatura, continuaria enviando os exemplares. Pedia também que os assinantes da revista remetessem o valor da assinatura relativa ao ano que se iniciava em 1º de Maio, a fim de evitar a interrupção no envio da revista⁶⁰⁶. Comunicava também sobre a existência de agentes: “*LA VERDAD*, no tiene todavia agentes en la Argentina ni en el Exterior, si se exceptúan las ciudades de Tucumán (R. Argentina) y Pelotas (Brasil).”⁶⁰⁷.

Segundo informação que consta na primeira página do número de maio de 1905, a criação da *La Verdad* decorria da demanda por uma revista com estas características, dada a condição de centro intelectual de Buenos Aires, para qual afluíam muitos estudantes de ciência, filosofia e religião. O artigo inaugural tecia uma forte crítica à sociedade e à ciência da época, apontando para suas poucas

⁶⁰⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1909.

⁶⁰⁵ Revista La Verdad. Buenos Aires, 1º de maio de 1905. Nº 01. p. 02.

⁶⁰⁶ Revista La Verdad. Buenos Aires, 1º de abril de 1906. Nº 12. p. 372.

⁶⁰⁷ Revista La Verdad. Buenos Aires, 1º de abril de 1906. Nº 12. p. 372.

conquistas e para as muitas mistificações. A filosofia, segundo o artigo, encontrava-se restrita às reflexões de Spencer e de Balme, com seus conceitos errôneos sobre a vida e Deus. Para estes, a evolução se realizava somente na matéria, e não no espírito, que nem ao menos existia.

A crítica mais áspera, contudo, foi dirigida à religião, sobretudo à Igreja Católica, que, segundo o articulista, havia causado a disseminação da descrença. Os sacerdotes, segundo ele, não se ocupavam da leitura da maior fonte de sabedoria que era a Bíblia e o cristianismo se encontrava nas mãos do Papado que era “un comercio y un partido politico.”⁶⁰⁸. Afirmava, ainda, que a superstição e o fanatismo – na ciência, na filosofia ou na religião – conduziam sempre ao erro, que era o melhor alimento da ignorância.

A revista se apresentou como aquela que se destinava aos de “espíritu amplio, que convencidos de que los fines de la existencia no son los de vivir por la materia y para la materia buscan para su intelecto un alimento más nutritivo que el que nos da la lectura de los diarios y del romance.”⁶⁰⁹ Seu primeiro exemplar contou com artigos distribuídos entre quatro tópicos: **Ciência**, com um artigo de quatro páginas de Helena P. Blavatsky; **Filosofia** (Filosofia Esotérica Índia), a partir de um texto de A. P. Sennet traduzido do inglês; **Religião**, com um texto intitulado “El cristianismo esotérico o los misterios menores” de Annie Besant; e **Ciência Secreta**,

⁶⁰⁸ Revista La Verdad. Buenos Aires, 1º de maio de 1905. Nº 01. p. 04.

⁶⁰⁹ Revista La Verdad. Buenos Aires, 1º de maio de 1905. Nº 01 p. 04.

com o título de “La doctrina secreta” de León Denis⁶¹⁰. Em consulta a outros exemplares, pudemos constatar a marcante influência – desde este primeiro número – exercida por duas usuais colaboradoras, Helena P. Blavatsky e Annie Besant.

Desvendada a natureza da revista, nos cabe descobrir como esta chegou às mãos de Amélia em Pelotas? No número de Julho de 1905, *La Verdad* trazia uma informação que pode nos ajudar a esclarecer a assinatura feita por Amélia:

Sección Sud-Americana de la Sociedad Teosófica
En el próximo mes de Julio quedará constituida en esta capital la Sección Sud-Americana de la mencionada Sociedad.
Esta sección comprenderá las Ramas de la Argentina, Chile, Perú, Uruguay y Centro Teosófico de Pelotas, Rio Grande del Sud, (Brasil).⁶¹¹

A criação da seção tinha como objetivo estreitar os vínculos entre os teosofistas dos países citados e, também, ativar o movimento teosófico na América do Sul. Na mesma página, a revista anunciava a criação de uma nova Rama – “Rama Hiranga” – a segunda fundada em Montevideú, e que contaria com quinze membros.

Mas é no mês de Agosto de 1905 que encontramos maiores informações sobre a ligação entre Pelotas e a revista. Nas últimas páginas, com o título de “Movimiento Teosófico”, lemos:

⁶¹⁰ Segundo Moreira, León Denis – socialista e maçom – teria assumido – muito provavelmente –, após a morte de Kardec, em 1869, a *Revue Spirite*. MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Os cativos e os homens de bem: experiências negras no espaço urbano*. Porto Alegre – 1858-1888. Porto Alegre: EST Edições, 2003. p. 138.

⁶¹¹ Revista La Verdad. Buenos Aires, 1º de julio de 1905. N° 03. p. 83.

El Centro Teosófico <Dharmah> de la ciudad de Pelotas, Estado de Río Grande del Sud, en el Brasil, fundado el 29 de Junio de 1902, y que no se había incorporado todavía á la Sociedad Teosófica, ha solicitado con este fin, su carta constitutiva, y será en breve una Rama de dicha Sociedad.⁶¹²

A existência de um Centro Teosófico em Pelotas – não estudada pela historiografia, até o presente momento – aponta para a potencialidade de pesquisas relativas à divulgação e apropriação de outras crenças e filosofias entre os moradores da cidade. Sabe-se que maçonaria e a homeopatia, por exemplo, obtiveram ampla rede de seguidores, como revela os jornais que traziam diariamente em suas páginas informações sobre as lojas maçônicas, bem como anúncios do laboratório Homeopático do dr. José Álvares de Souza Soares fundado em 1874⁶¹³.

Na continuidade, o artigo – ao referir-se à cidade de Pelotas – tece considerações que deixariam envaidecido o leitor pelotense:

Los habitantes de Pelotas, se distinguen entre los del Brasil, por su amor al estudio, por la noble ambición del saber y muy particularmente por la cultura superior. La relación entusiasta que nos ha hecho un distinguido diplomático extranjero, que acaba de visitar los Estados del Sud del Brasil, de la cultura intelectual en dicha ciudad, nos ha sorprendido agradablemente; y así se explica que una ciudad de 25.000 habitantes, como es la que hemos citado, posea un Centro de altos estudios, compuesto en su totalidad de hijos del país. Y lo que decimos de Pelotas, lo podemos aplicar á Campinas⁶¹⁴

⁶¹² Revista La Verdad. Buenos Aires, 1º de agosto de 1905. Nº 04, p. 114

⁶¹³ MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e Cultura...* op. cit., p. 190.

⁶¹⁴ Revista La Verdad. Buenos Aires, 1º de agosto de 1905. Nº 04, p. 114

A penúltima página deste exemplar nos traz ainda mais informações sobre a ligação entre a revista *La Verdad* e Pelotas:

pero la tarjeta postal que hemos recibido de la ciudad de Pelotas (Estado de Río Grande del Sud, Brasil), nos hace romper nuestro acostumbrado silencio, no sólo por la espontánea sinceridad que expresan sus líneas, sino también, porque se ha honrado á un artículo de *LA VERDAD*, traduciéndolo al portugués y publicándolo en el más importante diario <A Opinião Pública>, de la citada ciudad.

La postal recebida, trae las líneas siguientes, cuyo texto original conservamos:

<Saudações cordaes. Pelo correio de hoje lhe remettemos o número da <Opinião Publica> onde fisemos publicar a tradução de seu magnifico artigo 'El Alma de Oriente' pelo que lhe enviamos muitas felicitações. – J. Horta. – Pelotas, 12-7-1905.>⁶¹⁵

Cabe lembrar que este Sr. "J. Horta", que havia se ocupado de publicar a tradução – para o português – de um artigo da revista, trata-se do mesmo referido por Amélia em suas cartas. A publicação da versão do artigo nos leva, ainda, a deduzir que Pelotas tinha entre seus habitantes, pessoas que se interessavam pelo estudo do ocultismo, esoterismo, teosofia e espiritismo. Este parece ter sido o caso de Meovel das Neves e do Capitão Francisco de Jesus Vernetti, que requeriam seu ingresso na Sociedade Teosófica, conforme informava a própria revista.⁶¹⁶ Sabe-se

⁶¹⁵ Id. Ibid., p. 115. Foi mantida a grafia da revista.

⁶¹⁶ "Sociedad Teosófica

Han solicitado su ingreso á esta sociedad, los señores Cárlos Dalmazzone y Vicente Daroqui, de esta capital, [...] y los Sres. Meovel das Neves y Capitán Francisco de Jesús Vernetti, de la ciudad de Pelotas, Estado de Río Grande del Sud, Brasil." Revista La Verdad. Buenos Aires, 1º de setembro de 1905. Nº 05, p. 146.

que Pelotas não era a única cidade no estado a possuir um Centro Teosófico, pois havia um também em Bagé⁶¹⁷.

Ainda de acordo com a revista *La Verdad*, este Centro Teosófico de Pelotas se incorporaria à Sociedade Teosófica, tornando-se uma Rama. Em consulta ao *Jornal Opinião Publica*, encontramos a seguinte informação em nota sob o título *Espiritismo*, e que nos esclarece a respeito:

Depois de um anno de modesta existencia, apresenta-se para as luctas grandiosas do – Bem – o Centro Theosophico Dharmah, cujo fim é o estudo da sábia doutrina que teve sua origem nos grandes Templos do Oriente, e que graças á bôa vontade de altas illustrações de toda a parte do mundo, veio até nós.

O Centro Dharmah não vem fazer innovações, nem abrir luctas em um meio como o nosso, onde já se vê tão desenvolvidas e radicadas as idéas liberaes philosophicas, vasto caminho de luz e esperanças. Ao apresentar-se, espera ser acolhido com benevolencia, pois tem por lemma – Ampla tolerancia -, respeitando todas as convicções, o que tambem deseja para si, visto que abraça com effusão d'alma este provérbio Oriental – Satyat nasli paro dharmah (Não ha religião mais elevada que a verdade).

Para chegar ao fim almejado, o Centro Dharmah só deseja as luctas pacificas da intelligencia no estudo accurado desse vasto escrinio que constitue a Doutrina Esotérica, habilmente coordenada pela inolvidavel e venerada Mme. Blavatsky.

O Centro Dharmah acolherá com fraternal amizade todos aquellos que, de bôa vontade, a elle se queiram filiar.

Interpretes dos sentimentos do Centro Dharmah, os abaixo-assignados, membros da directoria empossada em sessão de 4 do corrente, saúdam a imprensa em geral, bem assim todos os irmãos que combatem no mesmo

⁶¹⁷ “Centro Teosófico en Bagé. – Rio Grande del sud – Brasil

La idea teosófica se difunde en la provincia de Rio Grande, pues existe constituído en Bagé un centro de estudios teosóficos, fundado y dirigido por hombres ilustrados, cuya elevación de alma y pensamiento les ha hecho comprender que el sendero trillado por la humanidad, no es el de la verdad y mucho menos el que ha de conducirla á a la alta meta de su progreso moral y espiritual. Los que están al frente de ese movimiento en Bagé, son los señores Gumersindo Rodríguez, doctor Francisco Cabeda y Enrique Piaggio.

La idea teosófica se difunde pues en el Sud del Brasil, y hace fundar felices presagios respecto de su futuro.” *Revista La Verdad*. Buenos Aires, 1º de dezembro de 1905. Nº 08, p. 242.

terreno, em busca dessa – Luz- que se occulta no incognoscível, quer sejam Espiritas, Theosophistas, Occultistas, etc, etc.⁶¹⁸

Apresentando-se como do “Bem”, e frisando que não propunha “inovações” e “lutas”, o Centro expressava seu desejo de ser acolhido pela comunidade pelotense e comprometia-se em exercer a tolerância em relação às crenças de qualquer pessoa que quisesse se filiar. É somente ao final da nota que encontramos a ligação entre Amélia e o Centro – que se tornaria Rama por volta de 1905 – através da referência aos membros que compunham a sua diretoria, dois deles também referidos em suas cartas:

A directoria:

Delegado José Sebastião de Oliveira **Horta**.

Presidente – Dr. Domingos Alves **Requião**.

Secretario – Antonio Luiz Machado.

Nota – Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario, rua Marechal Deodoro nº 208, nesta cidade.⁶¹⁹

Não conseguimos, entretanto, aprofundar o estudo da ligação entre Amélia e a Rama, visto que ela não faz qualquer referência em suas cartas. Sabe-se, contudo, que Amélia estudou e “praticou” os princípios do espiritismo em um momento em que ele não somente procurava se afirmar no exterior e no Brasil,

⁶¹⁸ Jornal *A Opinião Publica*. Pelotas, 29 de agosto de 1903. N. 199, p. 01. O acervo da Biblioteca Publica Pelotense não dispõe de material referente ao Centro Teosófico.

⁶¹⁹ Id Ibid. Grifo nosso.

como lutava contra as divergências que surgiam em relação ao rumo a ser tomado pelo movimento⁶²⁰.

O fato de o espiritismo ter encontrado terreno fértil no Brasil se deve, sem dúvida, à identificação estabelecida entre a doutrina e alguns elementos da cultura popular, especialmente, daqueles ligados às práticas curativas, às intervenções milagrosas, aos exorcismos e aos feitiços, sobretudo daqueles praticados pelos indígenas e pelos africanos. Não era desconhecida, portanto, a comunicação com os espíritos, especialmente pela população escrava. Este contato com as manifestações religiosas de matriz africana pode ser acentuado quando tratamos de Pelotas, cidade conhecida pelo amplo emprego de trabalhadores escravizados nas charqueadas⁶²¹.

Mas qual seria a relação entre o Espiritismo e a Teosofia – ou a Sociedade Teosófica – neste período em que Amélia assinava a revista *La Verdad*?

De acordo com Daniel Omar de Lúcia⁶²², por volta de 1870, os ensinamentos de Kardec começaram a ser divulgados na Argentina e, na última década do século XIX, foram fundadas algumas lojas filiadas à Sociedade Teosófica dirigida desde Madras (Índia) por Annie Besant e Henry Steel Olcott.

⁶²⁰ COLOMBO, Cleusa Beraldi. *Idéias sociais espíritas...* op. cit., p.58.

⁶²¹ Marco Mello, ao trabalhar a resistência escrava nas últimas décadas do século XIX aborda, em seu primeiro capítulo, a prática do batuque e as manifestações religiosas de matriz africana. Tendo como fonte principal os jornais, o autor investiga o imaginário da elite e a repressão sobre estas manifestações religiosas. MELLO, Marco Antônio Lírio de. *Revirás, batuques e carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas*. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 1994.

⁶²² LUCIA, Daniel Omar de. Luz y verdad. La imagen de la revolución rusa en las corrientes espiritualistas. In: *El Catoblepas*. Nº 07, set. 2002. Ao contrário do espiritismo, que constitui tema de inúmeros trabalhos publicados, sobretudo de antropologia e daqueles vinculados à história da medicina, não encontramos trabalhos que tratem sobre Teosofia ou sobre a Sociedade Teosófica.

Este autor coloca que, tanto espíritas quanto teósofos, compartilhavam da idéia de reencarnações sucessivas, ambas eram científicas e acreditavam que o progresso nas ciências físicas e biológicas confirmaria suas crenças. O que diferenciava os espíritas dos teósofos era que os primeiros procuravam estabelecer uma comunicação com os mortos – mediunidade -, enquanto os teósofos, em geral, mostraram certa desconfiança com relação a esta experiência de comunicação com o além.

Embora a Sociedade Teosófica tenha reconhecido certa validade nas práticas mediúnicas, na Argentina, a maioria das lojas e Ramas ficou alheia a este tipo de atividade. Os pequenos círculos teosóficos *criollos* constituíram grupos dedicados ao estudo comparado entre as religiões históricas, visando descobrir verdades ocultas e realizar uma síntese das tradições espirituais de todas as civilizações do planeta. Por isso, a teosofia conferia maior peso ao elemento mítico que se manifestava na apropriação de crenças, lendas e esquemas de pensamento provenientes especialmente das religiões orientais como o budismo e o hinduísmo.

O âmbito das discussões teosóficas era significativamente menor que o ocupado pelo espiritismo, que na segunda década do século XX teve significativa expansão⁶²³. Ao contrário do espiritismo, que já havia alcançado bastante autonomia da guia doutrinária de seus correligionários europeus, as lojas teosóficas continuavam muito ligadas às inspirações dos líderes internacionais do movimento, ainda que os líderes *criollos* da corrente houvessem começado a elaborar

⁶²³ Em 1900 foi fundada a “Confederación Espiritista Argentina”, visando a maior articulação entre as sociedades autônomas. LUCIA, Daniel Omar de. Luz y verdad. La imagen de la revolución rusa en las corrientes espiritualistas... op. cit.

interpretações doutrinárias próprias. As revistas teosóficas *criollas* reproduziam abundantemente artigos de Annie Besant e de outros líderes teósofos europeus. Lucia não faz referência, em nenhum momento, à revista *La Verdad*, entretanto, esta se enquadra no perfil por ele delineado – publicações com base nos textos traduzidos do inglês, francês e alemão.

Em Setembro de 1907, a revista *La Verdad* noticia que Annie Besant era a nova presidente da Sociedade Teosófica, sucedendo ao presidente fundador, coronel Henry S. Olcott⁶²⁴. Mudanças também ocorreram na presidência da então chamada “Logia Dharmah” de Pelotas. Em maio de 1909, a revista publica: “Presidente: Doctor José Pedro Franz. Secretario: Antonio Luis Machado. 208, Marechal Deodoro.”⁶²⁵. A previsão de troca na presidência pode ter sido a razão da incerteza de Amélia em relação a quem pagaria a assinatura da revista, expressada meses depois, ao escrever para a filha: “péde-lhe para indagar, da viuva do **Horta**, ou do D.^r **Requião**, quem é o encarregado agora, de receber a importancia da assignatura da revista ‘La Verdad’”⁶²⁶.

Em relação aos assuntos abordados pela revista, constatamos que não houve significativas mudanças ao longo dos anos de 1905 a 1909. O índice nos revela títulos como “Las enseñanzas orientales y la Geologia”, “La Teosofia en la ciencia moderna”, “El porvenir que nos espera”, “La razón de ser de la vida”⁶²⁷.

⁶²⁴ Revista La Verdad. Buenos Aires, 1º de setembro de 1907. Nº 29, p. 145.

⁶²⁵ Revista La Verdad. Buenos Aires, 1º de maio de 1909. Nº 01. p. 04.

⁶²⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1909. Grifo nosso.

⁶²⁷ Revista La Verdad. Buenos Aires, 1º de maio de 1909. Nº 01. p. 06.

As cartas de Amélia nos informam que a assinatura da revista *La Verdad* se estendeu por mais de um ano, e que seus exemplares foram cuidadosamente guardados e, posteriormente, encadernados. Informam-nos, ainda, que Amélia desejava tê-los consigo no Rio de Janeiro para poder relê-los, conforme comentário feito em carta dirigida à filha Sinhá. É possível que Amélia desejasse respostas às suas ansiedades diante da solidão sentida pelo fato de saber que a filha não mais viajaria à capital. As cartas, no entanto, pouco revelam sobre a apropriação – e tradução em sentimentos e comportamentos – do que era lido ou trazem apreciações sobre os artigos lidos. Afinal, o que a teria levado a ler a revista *La Verdad* em 1909? O que a teria levado a querer reler seus exemplares passados tantos meses?

Robert Darnton nos sugere uma possível explicação, ao definir as funções da leitura:

A leitura não se desenvolveu em uma só direção, a extensiva. Assumi muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas. Homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, [...] para tomar conhecimento dos acontecimentos do seu tempo⁶²⁸

Estes motivos apontados por Darnton poderiam ser os de Amélia ao subscrever a revista: buscar uma “verdade” ou – como ele insiste – tentar satisfazer a ânsia por encontrar significado no mundo que nos cerca e dentro de nós

⁶²⁸ DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 212.

mesmos⁶²⁹. Desse modo, Amélia buscava encontrar, através de suas leituras sobre o Espiritismo, um sentido para sua vida e a solução para seus problemas existenciais.

3.3 “Eu felizmente, abraçada às minhas crenças, não me assusto”⁶³⁰

Ah! Minha filha, que velhice tem sido a minha! Porque rudes provações tenho passado! Não penses porem, que tenho desesperado, não; estou resignada com a vontade de Deus, que ainda me concede a felicidade de ter filhas como tu, para ajudarem-me a carregar o pesado fardo, d’estes ultimos annos de existencia!⁶³¹

Um desatento passar de olhos nestas linhas – que exclamam com intensidade o sofrimento que Amélia sentia –, poderia nos levar a pensar que se tratava de uma de suas últimas cartas. Naquele momento, sentir-se uma velha, como alguém em seus últimos dias de vida, não estava relacionado às restrições físicas impostas pelos seus 50 anos. Referia-se ao cansaço, ao envelhecimento em decorrência da morte de mais um de seus filhos, uma perda que tornava a existência um fardo pesado a carregar.

⁶²⁹ DARNTON, Robert. História da Leitura... op. cit., p.234.

⁶³⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 01 de fevereiro de 1910. Neste trecho da Carta, a Baronesa afirma não assustar-se com os rumos que a disputa presidencial entre Hermes da Fonseca e Rui Barbosa estava tomando.

⁶³¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899. Esta Carta, como já referido anteriormente, trata da morte da filha Dulce que se encontrava com ela no Rio de Janeiro.

As palavras tão pungentes buscam expressar não somente seu sentimento de dor, mas também uma reflexão sobre sua vida. A forma de narrar a morte da filha não obedece ao racional, revelando uma percepção que brota dos sentidos, que, nas palavras de Sandra Pesavento, “vêm do íntimo de cada indivíduo”⁶³². A carta é um flagrante de desabafo, resultando da necessidade que sentia de escrever sobre o que havia acontecido e, assim estabelecer um equilíbrio emocional para si⁶³³. Amélia refere à busca da serenidade na “religião”, sugerindo que nela encontrava alguma esperança: “Além disso, a religião que profêssamos, nos ensina a sofrer, e a esperar com paciencia, o momento da nossa reunião, na outra vida, à aquelles que nos são caros, e que partirão antes de nós.”. A crença em “algo além da matéria” parece ampará-la diante dos infortúnios: “Se não fôra essa crença, eu não teria resistido aos profundos e repetidos golpes porque tenho passado”. Amélia chega a admitir que a resignação se torna muito difícil diante da intensidade da dor da alma: “pois confêss-te que a minha primeira idéa é sempre má, e só a fé, a muita fé, me tem valido, acalmando o meu espirito atordoadol!”⁶³⁴.

⁶³² PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*, nº 4, 2004, disponível em <www.ehess.fr/Revue>, acessado em 24 nov. 2007.

⁶³³ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História... op. cit., p.19.

⁶³⁴ Escrita em duas páginas, nas quais as laudas externas possuem na borda uma tarja preta, esta é a única que possui evidentes marcas de gotas. Estas devem ter caído sobre a carta, provavelmente depois de a tinta já ter secado, já que não borraram muito a letra. Uma infinidade de situações poderia ter produzido estas marcas, como por exemplo, seu manuseio sobre uma superfície molhada. Por outro lado, o penoso assunto da Carta – a “morte” – não foi, como pudemos constatar, tratado com distanciamento, tendo assumido tom doloroso. Não podemos afirmar que os pequenos borrões do texto tenham sido provocados por lágrimas de Amélia ou da filha, mas nos parece bastante plausível, especialmente, diante das primeiras linhas da Carta: “Por vezes tentei escrever-te, mas as lagrimas ião apagando o que escrevia, e por isso desisti, deixando para mais tarde.” Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899.

A *crença* de que Amélia nos fala em 1899, não era a da maioria da população brasileira, tendo chegado ao país há cerca de 50 anos⁶³⁵. Fruto de um século voltado para o racionalismo e o cientificismo, o XIX viu emergir vários movimentos filosóficos, entre eles o Espiritismo. Criado por Allan Kardec, o Espiritismo se diferenciava do espiritualismo e apresentava-se como:

ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações.⁶³⁶

Além disso, o Espiritismo “enquadrava-se perfeitamente nas doutrinas do século XIX que tratavam da hegemonia da razão e do progresso, do individualismo do evolucionismo”⁶³⁷. Por assentar-se em idéias que estavam em conformidade com as aspirações da elite, a explicação racionalista ganhou seus seguidores, sobretudo porque não propunha um choque com as outras crenças, mas assumia uma posição de tolerância⁶³⁸.

⁶³⁵ O Espiritismo, segundo Colombo, chegou à Corte pelo francês Casimir Lieutaud, que publica o primeiro livro de divulgação espírita – “*Les temps sont arrivés*”–, em francês, no ano de 1860; já o “Livro dos Espíritos” de Allan Kardec de 1857 foi traduzido para o português somente por volta de 1875. O Espiritismo não chegou ao Brasil de forma isolada, já que a maçonaria se fez presente, pelo menos desde 1801, assim como a homeopatia. COLOMBO, Cleusa Beraldi. *Idéias sociais espíritas...* op. cit., p.53.

⁶³⁶ KARDEC, Allan. *O que é Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1979, p.50

⁶³⁷ MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Os cativos e os homens de bem...* op. cit., p. 138.

⁶³⁸ A posição assumida por Kardec, ao estudar outras religiões, foi sempre a de tolerância. A tese da reencarnação – por ele levantada – é encontrada nas tradições celtas, nas Gálias, Irlanda e Escócia, assim como também na cultura grega, nas linhas órfica, pitagórica e platônica. O Espiritismo pretendia apoiar-se historicamente “na linha judaico-greco-cristã, juntamente com a herança céltica, tipicamente ocidental.” COLOMBO, Cleusa Beraldi. *Idéias sociais espíritas...* op. cit., p.39.

O Espiritismo surgia, portanto, como uma tentativa de resolver a crise entre ciência e religião e, também como uma reação ao materialismo do século XIX. Sylvia Damazio expõe que,

A vida humana, efêmera e sem sentido se vista descontextualizada, provia-se de significado quando colocada contra o pano de fundo construído por um universo eterno e imutável, fantástico mecanismo organizado, onde a existência do homem – longe de iniciar-se e acabar-se no mundo terreno – preexistia e continuava além da morte física, num plano espiritual diferente do das religiões tradicionais por seu aspecto cognoscível e comprovável.⁶³⁹

Acreditando nisso, na continuidade da vida, Amélia buscava forças para aguardar pacientemente o momento do reencontro com seus entes queridos. Ao refletirmos sobre a conversão de Amélia ao Espiritismo, nos valem de Damazio, para quem, geralmente, “a conversão à doutrina dos espíritos se fazia dessa forma gradual e pouco conflituosa, pelo menos no âmbito ideológico”⁶⁴⁰. Talvez, por esta particularidade, não possamos precisar em que momento Amélia aderiu ao Espiritismo, decisão que pode ter sido tomada lentamente, em suas estadas no Rio de Janeiro, ou mesmo em Pelotas, que naquele período não se encontrava tão longe das idéias européias.

⁶³⁹ DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p. 30.

⁶⁴⁰ Id. *Ibid.*, p.73.

Teriam sido as sucessivas mortes de pessoas – por ela muito estimadas – que a teriam levado ao Espiritismo? Estaria sua conversão vinculada a uma necessidade de conferir significado à vida?

Gomes nos alerta para o fato de que o “eu” do indivíduo não é contínuo nem harmônico”, razão pela qual “as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas⁶⁴¹. Apesar de buscar o conforto e a resignação, isto parece não ter sido sempre tão fácil, pois Amélia chega a mencionar seu atordoamento e uma certa revolta.

Os sofrimentos acarretados por perdas e que não obedecem a uma suposta “ordem natural” da vida parecem testar a mulher que se pretende resignada. Ao relatar a morte de uma tia, a “santa tia Maria Amélia”, Amélia nos revela sua admiração pela forma resignada como esta havia vivido:

Eu que conhecia á fundo, a sua vida, é que avaliava bem as suas virtudes! Morreu, como tinha vivido, com a maior resignação! Ninguém lhe ouviu um lamento, uma só queixa! Não podes imaginar a falta que ella me faz! Enfim, foi bem longo o seu martyrio n’este mundo, Deus sem duvida, lhe dará a compensação no outro.⁶⁴²

A crença na existência de um “outro mundo”, no qual a tia seria recompensada por seus martírios terrenos, lhe servia como um consolo. O apego a esta crença e o consolo na religião não parecem ter sido exclusivos de Amélia. A

⁶⁴¹ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História... op. cit., p.13.

⁶⁴² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1899.

Princesa Isabel, a quem, Amélia provavelmente, conheceu pessoalmente⁶⁴³, parece ter compartilhado com ela muito mais do que títulos de nobreza.

Casadas no mesmo ano, a Baronesa Amélia e a Princesa Isabel, buscaram na religião o amparo diante das difíceis situações da vida. De acordo com Barman, o catolicismo de Isabel teria se fortalecido com o passar do tempo: “O que mais ocupava o tempo e a atenção da princesa era a religião católica: a missa, o confessionário e a participação em devoções como a Adoração da Eucaristia”⁶⁴⁴. Neste mesmo período – por volta de 1870 – no qual Isabel revelava um apego cada vez maior ao catolicismo, Amélia estava batizando seus filhos⁶⁴⁵. Apesar de as famílias de Amélia e de Aníbal serem provavelmente católicas, o que era tradição, não há qualquer registro de que a residência deles possuísse uma capela, diferenciando-se de outras casas abastadas da cidade.

Tentando interpretar o apego cada vez maior da Princesa Isabel à Igreja Católica, Barman refere alguns momentos de sua vida:

Três fatos - a morte da irmã em fevereiro de 1871, o aborto de outubro de 1872 e a filha nascida morta em julho de 1874 – fizeram da fé um apoio

⁶⁴³ Em 1885, foi realizado, em Pelotas, o Baile do Paço em homenagem à Princesa Isabel e ao Conde d’Eu: “Depois de uma permanência de cerca de três semanas em Pelotas, na noite de 21 de fevereiro, a filha do imperador compareceu ao prédio da Câmara Municipal acompanhada do marido. [...] Dando início ao baile, o conde dançou a primeira quadrilha com a sra. Ribas (da família anfitriã), a segunda, com a Baronesa do Arroio Grande” MAGALHÃES, 1993, p.147. A suposição de que Amélia e Isabel tenham se encontrado pessoalmente, mesmo que protocolarmente, encontra respaldo em duas informações: a de que a nobreza pelotense se fez presente nesta homenagem e a de que Baronesa do Arroio Grande, com quem o Conde d’Eu dançou, era irmã do Barão de Três Serros, o que reforça a presença da família no Baile.

⁶⁴⁴ BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: Unesp, 2005, p.181.

⁶⁴⁵ Consultando os livros de Batismo da Igreja Matriz São Francisco de Paula, constatamos que o primeiro filho batizado – Aníbal – nasceu em 03 de setembro de 1865 e foi batizado em 29 de novembro de 1865, na residência do Cel. Aníbal Antunes Maciel, tendo por padrinhos os avós paternos. Mitra Diocesana – Setor Arquivo. Livro 13 (1865-1868), p.74.

indispensável a D. Isabel. [...] Sobretudo depois da perda da filha, entregou-se à religião, na qual encontrou grande consolo, refúgio e uma fonte de sentido para a vida.⁶⁴⁶

“A fé é a única consolação para semelhante perda!”⁶⁴⁷. Esta passagem, escrita por Isabel à mãe Teresa Cristina, bem poderia ter sido escrita por Sinhá à Amélia, no momento da morte de irmãs Dulce e Boneca. Entretanto, a fé católica, que tanto auxiliou Isabel, não parece ter sido suficiente para ajudar Amélia a encontrar um sentido para a vida. O Espiritismo, recém chegado da França, ao propor a continuação da vida no plano espiritual, parece ter conseguido aquietar o “espírito atordoado” de Amélia: “Enfim, minha bôa filha, o facto deu-se, porque se tinha de dar, e eu já estava prevenida, de que teria de passar por um desgosto profundo, este anno: cumprio-se a prophecia!”⁶⁴⁸.

A divulgação do Espiritismo no Brasil, em sua tendência mais mística do que científica, se deveu ao fato de a doutrina de Kardec encontrar solo fértil entre as crenças religiosas populares, nas quais a comunicação com os espíritos não se constituía fato novo. Sabe-se, também, que por adotar posições moderadas no que tange à questão social, e por enfatizar a possibilidade de unir razão e ciência, o Espiritismo acabou por penetrar nas camadas letradas da população⁶⁴⁹, razão pela qual o Rio de Janeiro já contava com a Federação Espírita Brasileira (FEB), desde

⁶⁴⁶ BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil...* op. cit., p. 326.

⁶⁴⁷ Id. *Ibid.*, p. 173. Nesta Carta, Isabel está se referindo à morte de sua irmã D. Leopoldina.

⁶⁴⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899.

⁶⁴⁹ Moreira coloca que a caridade defendida pelos espíritas, em detrimento da Justiça Social, era compatível com o abolicionismo, proposta presente nas primeiras associações espíritas. Desta forma, a “participação da iniciativa privada nessas sociedades – expressão dos ideais de caridade e filantropia de seus membros – demonstra a vontade de imputar aos ex-escravos obrigações morais que os prendessem se não aos seus ex-senhores, pelo menos aos homens de bem que auxiliaram na passagem para a condição de livres. MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Os cativos e os homens de bem...* op. cit., p. 147.

1884⁶⁵⁰. A fundação da FEB resultou, como referimos no sub-capítulo anterior, de uma tentativa de reunir os espíritas que, desde cedo, discordavam sobre os rumos do movimento, dividido entre “místicos”, “científicos” e “espíritas puros”, que não pertenciam a nenhum dos dois grupos. Importante papel na moderação dessas disputas internas foi exercido por Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcante, que presidiu a FEB entre 1894 e 1900, período em que Amélia se encontrava no Rio de Janeiro, conforme informação obtida numa das cartas de 1897 escritas por Sinhá.

Considerando as disputas internas e as ásperas discussões com padres e médicos, o clima que Amélia deve ter encontrado dentro da Sociedade espírita carioca, possivelmente, não era dos melhores. A inexistência de uma política de saúde pública vinha consolidando o prestígio da filantropia espírita, através das receitas gratuitas, mediunicamente receitadas⁶⁵¹, posto que o atendimento individual aos doentes só começaria a funcionar na administração de Pereira Passos, a partir de 1903. Além disso, um dos artigos do Código Penal de 1890 – o artigo 157 –, de um ano antes, portanto, de a primeira Constituição garantir a liberdade religiosa a todos os cultos e crenças, considerava crime a prática do Espiritismo⁶⁵².

Entretanto, Amélia, como pudemos observar pelas cartas, não se restringiu a apenas conhecer o Espiritismo, tendo decidido “praticar um pouco, a minha santa religião”:

⁶⁵⁰ COLOMBO, Cleusa Beraldi. *Idéias sociais espíritas...* op. cit., p. 57. A primeira sociedade espírita do Brasil foi criada em 1865, na Bahia, e chamava-se Grupo Familiar do Espiritismo. A segunda foi fundada no Rio de Janeiro, em 1873, e chamou-se Sociedade de Estudos Espiríticos Confucius.

⁶⁵¹ LEWGOY, Bernardo. O sincretismo invisível: um olhar sobre as relações entre catolicismo e Espiritismo no Brasil. In: ISAIA, Artur César. (Org.). *Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea*. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 211.

⁶⁵² DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo...* op. cit., p. 120. O texto integrava o capítulo de crimes contra a saúde pública.

da qual ahi me vejo absolutamente privada! É esse, minha querida, e bôa filha, o pão do meu espirito; o meu unico consôlo nas horas de amargura; o brilhante pharol que alumando-me o Caminho da Eternidade, me faz encaral-o sem pavôr, mas com o coração cheio de esperança, porque me dá a certeza, de que lá encontrarei todos aquelles, que na vida tão caros me fôrão!⁶⁵³

Estranhamente, Amélia afirmava – nessa Carta de 1903 – sentir-se privada de poder praticar sua religião em Pelotas, cidade que possuía, já desde dezembro de 1901, o Centro Espírita União, seu mais antigo centro, e ainda hoje em funcionamento. Podemos extrair duas hipóteses: a primeira refere-se à possibilidade de o Centro União de Pelotas não seguir as orientações da Federação Espírita Brasileira, ocasionando um confronto de idéias⁶⁵⁴; a segunda está relacionada à desaprovação do Espiritismo por uma parcela da sociedade pelotense e também pelos genros de Amélia, que a ele se referiam como “cousas d’avó”⁶⁵⁵ – acusando-a de não gostar de padres. No Rio de Janeiro, Amélia costumava freqüentar a Federação, ponto de referência para os espíritas do país.

A mudança de Amélia para a capital da República e a possibilidade de nela poder “praticar a santa religião”, a teria tornado, nas palavras de Kardec, uma

⁶⁵³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903.

⁶⁵⁴ A Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), bem como a Liga Espírita Pelotense (LEP) não dispõem de arquivos, bibliografias e/ou informações referentes à fundação e funcionamento do Centro Espírita União, o mais antigo de Pelotas. Apesar de várias tentativas de contato, por e-mail, com a Federação Espírita Brasileira (FEB), também não obtivemos êxito.

⁶⁵⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1909.

“espírita cristã”⁶⁵⁶. Nas Cartas, ela relata à filha as idas às sessões e o que sentia quando delas participava:

Tenho pois ido às sessões, na Federação, onde são ellas admiráveis em seus ensinamentos! João, apesar de suas idéias positivistas, é quem me acompanha, e leva a sua condescendencia à ponto de assistil-as até o fim, mostrando n’isso, a melhor boa vontade. Acredita, que os poucos momentos que ali pássso, orando, e ouvindo a explicação do Evangelho, em Espirito e Verdade, julgo-me bem feliz!⁶⁵⁷

A partir desta referência ao Evangelho, conseguimos saber qual era a tendência de Amélia, dentro das diferentes linhas seguidas pelos espíritas naquele momento, isto porque “para os espíritas místicos era fundamental a leitura atenta de O Evangelho segundo o Espiritismo”⁶⁵⁸. Como comentamos anteriormente, havia os científicos, os místicos e os espíritas puros. Dentre as três linhas, destacavam-se as duas primeiras, sendo que a denominada “mística”, de orientação evangélica, considerava toda a obra de Kardec. Esta era a corrente imprimida por Bezerra de

⁶⁵⁶ A fim de situarmos Amélia entre os seguidores do Espiritismo, nos utilizamos da divisão proposta pelo próprio Kardec, em sua obra “O que é Espiritismo”, de 1859: “uns que se limitam a crer na realidade das manifestações e que procuram, antes de tudo, os fenômenos; [...] Os segundos vêem outra coisa além dos fatos, compreendem o seu alcance filosófico, admiram a moral que deles decorre, mas não a praticam; [...] Os terceiros, finalmente, não se contentam de admirar a moral: praticam-na e aceitam-lhe as conseqüências [...] são esses os verdadeiros espíritas, ou melhor, os espíritas cristãos”. KARDEC, Allan. *O que é Espiritismo...* op. cit., p. 111.

⁶⁵⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de Outubro de 1903. O comentário de Amélia sobre João – que, apesar de suas idéias positivistas a acompanhava –, nos revela a relação que o positivismo mantinha com o Espiritismo. Contemporâneas, as duas correntes de pensamento compartilhavam a idéia de que o progresso humano aconteceria através de etapas sucessivas e necessárias. Entretanto, para Comte a evolução do homem começa e termina no plano físico, enquanto que para Kardec ela transcende a matéria continuando no plano espiritual. DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo...* op. cit., p. 31.

⁶⁵⁸ DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo...* op. cit., p. 105. O Evangelho segundo o Espiritismo data de 1864.

Menezes aos trabalhos da Federação, durante sua gestão, e foi mantida, após sua morte em 1900, por seu substituto, Leopoldo Cirne, até 1913⁶⁵⁹.

Amélia utilizava-se dos termos “espírita” ou “Espiritismo” para designar sua crença, sem mencionar, em nenhum momento, a palavra “kardecista”. Vale lembrar que a cisão entre científicos e místicos fez com que estes últimos fundassem, ainda em 1880, a Sociedade Espírita Fraternidade. Nesta Sociedade, por sua vez, houve uma subdivisão entre kardecistas e rustanistas, sendo que os primeiros optavam pelo Espiritismo cristão presente nos livros de Kardec, especialmente no *Evangelho segundo o Espiritismo*, e os segundos, os rustanistas, defendiam o Espiritismo cristão na forma mais revolucionária de Roustaing. O livro do advogado – convertido ao Espiritismo – J.B. Roustaing chegou ao Brasil pouco depois dos de Kardec, não tendo obtido a mesma acolhida. Publicado em 1866, os três volumes de sua obra, *“Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação. Os Quatro Evangelhos; Seguidos dos Mandamentos Explicados em Espírito e Verdade pelos Evangelistas Assistidos pelos Apóstolos e Moisés. Recebidos e Coordenados por J.- B. Roustaing”* geraram tumulto no meio espírita. Entre as afirmações de sua polêmica obra encontramos a de que Jesus Cristo teria apenas um corpo fluido durante a sua passagem pela terra, e a de que a gravidez e o parto de Maria haviam sido psicológicos, fruto de uma sugestão de espíritos superiores⁶⁶⁰.

⁶⁵⁹ DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo...* op. cit., p. 136.

⁶⁶⁰ “Kardec, apesar de reconhecer que Os Quatro Evangelhos não entravam em contradição com a doutrina revelada em O Livro dos Espíritos, mostrou-se reticente quanto às teses revolucionárias – heréticas no entender da Igreja Católica – defendidas por Roustaing” DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo...* op. cit., p. 107.

Sabe-se que Roustaing enviou, em 1870, um exemplar de seu livro a Teles de Menezes, proprietário do jornal *O Eco d'Além Túmulo*, já referido anteriormente. Após anos de ostracismo, a obra foi retomada por Francisco Bittencourt Sampaio, que também publicou livros espíritas e converteu a um outro colega advogado chamado Antônio Luiz Sayão⁶⁶¹. Este passou a integrar o Grupo dos Humildes que, posteriormente, foi chamado de Grupo do Sayão e Grupo Ismael. De acordo com Damazio, os rustanistas eram um grupo inicialmente pequeno, profundamente místico e voltado para a prática da caridade. O grupo cresceu significativamente, tendo contado com Bezerra de Menezes – o mesmo que presidiu a FEB⁶⁶² – entre seus seguidores. Seu substituto foi o seu vice, Leopoldo Cirne, também rustanista e que presidiu a FEB de 1900 até 1913⁶⁶³. Em 1914, com a derrota nas eleições, Cirne

⁶⁶¹ Amélia, em suas cartas de 1918, comenta algumas vezes que recebeu a visita da senhora Nêna Sayão, não tendo comentários que possibilitassem inferir se a conhecia das sessões na Federação.

⁶⁶² DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo...* op. cit., p. 109.

⁶⁶³ Durante a presidência de Cirne, houve um significativo aumento de associados, que em 1890 era de 200, passando para 1080, em 1911. Além disso, o Serviço de Assistência aos Necessitados cresceu, passando a abranger novos auxílios. DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo...* op. cit., p. 131. Amélia chega a mencionar este sobrenome em suas cartas: “Como a casa do Cirne é mt.º pequena, como sabes, e estavam pintando os quarto de dormir, eu convidei-os a virem dormir aqui, enquanto se pintava os mesmos, ao que elles, mt.º gratos acederam; e passaram commigo 6 dias. Foram estes bem agradaveis, mas, para compensar, veio em seguida o pezar! Mt.º fallava Mariëtta em ti, fazendo préces para que sejas feliz em tua vinda.” Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de março de 1910. Devemos comentar que há uma referência interessante a Amélia e Cirne na obra de Francisco Cândido Xavier quando em uma psicografia intitulada *Diário de um Médium* comenta que, ao chegar na casa de Alfredo Lúcio que se encontrava em processo de desencarnação em 1959 o Irmão X encontrou seu diário: “23 de outubro 1923 – Tentei a mediunidade escrevente e consegui. Maravilhoso! A idéia me escorria da cabeça com a mesma rapidez com que a frase escrita saia da mão. Recebi confortadora mensagem assinada por D. Amélia Hartley Antunes Maciel, a Baronesa de Três Serros, que foi companheira de infância de minha mãe. Aconselhou-me a aperfeiçoar a mediunidade, a fim de cooperar na evangelização do povo. [...] 26 de outubro – Avistei-me hoje com o Sr. Leopoldo Cirne e sua estimada Esposa, na residência deles próprios. Foram amigos de D. Amélia. Oramos. A baronesa comunicou-se, exortando-me ao cumprimento do dever. Convidou-me a estudos sérios.” XAVIER, Francisco Cândido. *Contos desta e Doutra vida*. Rio de Janeiro: FEB, 1964, p. 86.

afastou-se da FEB, assim como outros seguidores. O vencedor das eleições foi Aristides Spínola, também rustanista, tendência da Federação ainda hoje⁶⁶⁴.

É muito provável que para não estender-se nas disputas doutrinárias entre as correntes, Amélia simplesmente se autodenominasse espírita e não kardecista. Coordenada ininterruptamente por homens, a FEB contou também com a participação de mulheres. Segundo Damazio, a quantidade de mulheres era pequena, porém significativa, sendo solicitadas, principalmente, nas reuniões de estudos da doutrina, bem como nas sessões de efeitos físicos⁶⁶⁵. Estas aconteciam à noite e, muitas vezes, eram seu único passeio: “Quando sahir (este mez ainda não sahi, senão para os Cemitérios, e as minhas sessões à noite) vou vê”⁶⁶⁶ “Se não fôsse a Catúca, eu creio que não sahiria a não ser para as minhas sessões”⁶⁶⁷.

Suas participações nas sessões da FEB permitiram que tivesse contato com receitas espíritas passadas por “médiuns receitistas”⁶⁶⁸, por ela mencionadas numa de suas cartas:

Dou graças á Deus, por já se acharem os queridos nêtinhos bons da coqueluche, para o que, estou certa, mt.º concorrerão as préces que aqui fiz por elles. Se não fôsse o reccear, que Lourival não gostasse, tinha-te enviado uma

⁶⁶⁴ DAMAZIO ao inventariar os principais envolvidos no movimento espírita no Rio de Janeiro encontra entre eles advogados, médicos, engenheiros ou militares. DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo...* op. cit., p. 139.

⁶⁶⁵ Id. *Ibid.*, p.140. A autora coloca que, neste aspecto, o Espiritismo se aproximava do positivismo, ao conceder às mulheres, papel de destaque na formação das novas gerações.

⁶⁶⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1903.

⁶⁶⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1909.

⁶⁶⁸ De acordo com Damazio, a clientela destes médiuns era bem heterogênea, incluindo pessoas pobres e pessoas de destaque nacional como, por exemplo, Prudente de Moraes e Quintino Bocaiúva, que após constatar a cura de um familiar por um médium abriu as colunas do jornal *O Paiz* para os artigos doutrinários de Bezerra de Menezes. DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo...* op. cit., p. 90.

receita espirita, porq. muitas creanças (até de 3 mezes) se teem curado por esse meio. Tem se dado aqui curas verdadeiramente milagrosas! Há dias, um menino de 12 annos, foi atacado da péste, e a familia com mêdo que fizessem retirar o menino, não quizêrão chamar médico, e o esconderão, tratando-o pelo espiritismo; os tumôres fôrão baixando (êrão enormes) e a creança já se acha em convalescença!⁶⁶⁹

Os receios em relação ao genro nos informam que este possivelmente não acreditasse no poder de cura das receitas espíritas ou que, talvez, não simpatizasse com o Espiritismo. Apesar dessa possível restrição e oposição familiar, Amélia sugere, em carta de 1900, que não comungava sozinha das idéias espíritas. Ao dirigir uma carta de pêsames à Sinhá e a Lourival, pela perda da neta, Amélia parece consolar a filha, ao dizer: “limito-me a lembrar-lhe a *nossa* pura, e santa religião, pois só ella, *nos dá* a força precisa, para soffrêr com resignação, as desgraças que *nos* sobrevivem!”⁶⁷⁰. Uma fé compartilhada pode ter estreitado ainda mais os laços entre mãe e filha, explicando também a incumbência dada à Sinhá de enviar os livros de Amélia para o Rio de Janeiro. Além de Sinhá, havia outros familiares, como o “tio Costa” e o “Julinho” que, se não se apresentavam como espíritas, eram – ao menos – simpatizantes, já que realizavam as leituras indicadas por Amélia⁶⁷¹.

⁶⁶⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1903.

⁶⁷⁰ Carta da Baronesa. São Domingos, 23 de setembro de 1900. Amélia refere -se à morte da netinha Dalva.

⁶⁷¹ O “tio Costa”, Barão de Arroio Grande, havia sido presidente do Asilo de Mendigos de Pelotas e ocupou o cargo de provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas em dois momentos de 1887-1890 e 1909-1910. De acordo com Tomaschewski, “O Barão de Arroio Grande parece não ter sido muito bem sucedido nas trocas de doação/serviço por prestígio na Santa Casa” porque “sua velhice o havia impedido” entretanto, de acordo com a autora, “o Barão de Arroio Grande não conseguiu ter o nome ligado a uma obra, mais bem sucedida foi sua mulher. [...] Desde 1909, a Baronesa de Arroio Grande [cunhada de Amélia] vinha contribuindo para a construção do pavilhão de tuberculosos. Ao todo ela doou 80 contos de réis para a obra. Como as doações já vinham sendo feitas há alguns anos e, a mesa, mais prudente com as construções, não tratava de iniciar a obra, em 1915, após a doação de 20 contos de réis, a baronesa sugeriu que fosse colocada a pedra fundamental do

Em relação aos médiuns receitistas de que nos fala Amélia, eram “indivíduos que, inspirados pelo ‘espírito’ de um médico já falecido, diagnosticavam doenças e prescreviam um tratamento baseado em medicamentos”⁶⁷². Antes de 1899, atuavam em suas casas, sendo que a partir deste ano, passaram a atuar um “gabinete clínico” montado pela FEB, onde atendiam cinco ou seis médiuns. No ano seguinte, a Federação instalou uma farmácia para que os freqüentadores pudessem aviar ali mesmo as receitas de medicamentos que eram, em sua maioria, homeopáticos⁶⁷³.

Por temer desagradar o genro, Amélia considerara prudente o não envio da receita, razão pela qual havia recorrido somente às preces para livrar os netinhos da coqueluche: “Deus sempre Misericordioso ouviu a minhas préces, e tal não permittio. Rendamos pois, minha cara filha, graça à Elle!”⁶⁷⁴. Parece-nos que assim como Lourival, também outros membros da família mostravam pouca simpatia pela crença espírita. Ao escrever à filha sob a resistência do neto Edgard em freqüentar o colégio no qual estava matriculado, ela parece se antecipar ao prever os comentários:

Diz elle [Edgard], quando eu lhe faço vêr, o papel triste, que vai fazer, e as culpas que vai acarretar sobre mim, porque dizem logo: - são cousas d’avó, com o espiritismo, porq. O

edifício, que foi inaugurado somente em 1925 como ‘Pavilhão Baronesa de Arroio Grande’.” TOMASCHEWSKI, Cláudia. *Caridade e filantropia na distribuição da assistência: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas – RS (1847-1922)*. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação de Mestrado em História, 2007, p. 143.

⁶⁷² GIUMBELLI, Emerson. Espiritismo e medicina: introjeção, subversão, complementaridade. In: ISAIA, Artur César. (Org.). *Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea*. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 287.

⁶⁷³ GIUMBELLI, Emerson. Espiritismo e medicina... op. cit., p. 289. Este autor comenta que: “Em 1905, as estatísticas acusam cerca de 146 mil consultas e 174 mil receitas aviadas; em 1914, 287 mil consultas e 625 mil receitas”. GIUMBELLI, Emerson. Espiritismo e medicina... op. cit., p. 293.

⁶⁷⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1903.

Collegio é de padres – elle me responde: a Snr.^a tem razão, Vovó; mas eu não pôsso!”o que a deixa com pena pq parece “uma força superior, que o afasta d’ali, pois o seu comportamento, é o melhor possível ⁶⁷⁵

Resignada diante da situação, ela exclama “Enfim, d’esta vez, tudo me tem sahido às avessas: paciência!”⁶⁷⁶. Paciência e resignação são palavras que Amélia utiliza com bastante freqüência e para tudo que não lhe saía como o esperado: “Mas... parece que Deus não quer! Paciencia, curvemo-nos à Sua divina vontade!”⁶⁷⁷. As cartas sugerem que Amélia se conformava diante de suas “provações” e aconselhava a filha a proceder da mesma forma: “nos devemos conformar sempre, com o que nos acontece, e que nos parece um mal; porque depois vêmos que foi um bem, pois nos livrou assim de um mal maior!”⁶⁷⁸. Esta recomendação parece ter sido efetivamente acatada pela filha, como podemos perceber no episódio que impossibilitou a viagem ao Rio, em 1909, conforme o previsto. Já nas primeiras linhas, Amélia exprime sua admiração pela atitude tomada pela filha, escrevendo que

mais uma vez admiro a tua conformidade, a tua fé, na protecção do alto! Sim, minha boa filha, eu tambem creio, que fôsse esse o meio, de desvial-os de um mal qualquer, pela fórma porque as cousas se passara! Enfim, só Deus o sabe, e a Elle rendamos graças, por toda a eternidade. Entretanto, atrazada como sou, sinto ainda, que não pudessem vir; além do pezar profundo, de embóra involuntariamente, ter lhes causado, tanto transtorno,

⁶⁷⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1909. Edgard era o neto mais velho, filho de Isabel (Talú) e do médico Tancredo Francisco de Sá.

⁶⁷⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1909.

⁶⁷⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.

⁶⁷⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1909.

quando justamente eu me esforçava, para que tudo saísse a teu contento. Curvemo-nos pois á vontade de Deus.⁶⁷⁹

Ao descrever-se como “atrazada”, Amélia parece sugerir que se considerasse ainda não totalmente curvada à vontade de Deus. Para Kardec, a “encarnação” era necessária a fim de que o espírito evoluísse, contudo, era assegurado o livre-arbítrio e, com isso, o processo evolutivo era acelerado ou retardado. A reencarnação sucessiva vinha ao encontro das explicações para a aparente “injusta ordem social”⁶⁸⁰ e também para as provações terrenas, entre elas, a perda de pessoas amadas⁶⁸¹.

É preciso realmente, ter-se mt.^a fé na misericórdia do Pae, para não desesperar, de tão duras, e sucessivas provações: e esta, já nos pôde vir, da pura e santa doutrina do Espiritismo, que nos explica, com toda a clareza, a razão dos nossos soffrimentos! Enfim, que a vontade de Deus se faça, por toda a eternidade; e que o caro espirito que partio, pôssa encontrar no – Além – a recompensa do mt.^o que aqui soffreu! ⁶⁸²

O Espiritismo oferecia à Amélia a explicação para os sofrimentos e problemas que tivera e tinha que enfrentar, na medida em que os atribuía às vidas passadas, como sugere este trecho de uma carta de 1903: “Enfim, tudo são provações,

⁶⁷⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1909.

⁶⁸⁰ DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo...* op. cit., p.34.

⁶⁸¹ “Por que a perda das pessoas queridas nos causa um desgosto tanto mais legítimo quanto irreparável e independente de nossa vontade? – Esse motivo de desgosto atinge tanto o rico quanto o pobre: é uma prova ou uma expiação, é a lei comum.” KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: Petit, 1999. p. 308.

⁶⁸² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1910. Amélia se refere à morte de uma irmã.

minha querida filha, e Deus que m'as dá, é porque grandes são as minhas culpas passadas!"⁶⁸³.

Em várias cartas, Amélia refere às preces que fazia para "que Deus véle por ti, e os teus, é o que Lhe peço todos os dias"⁶⁸⁴, e nas quais pedia por resignação frente às perdas, pelo restabelecimento dos doentes e, também, por bênçãos à família. Na carta que envia após o aniversário de Sinhá, ela reafirma a crença nas preces:

Enfim, tu bem sabes, que esse dia não podia ficar esquecido por mim, nem pelos que me acompanham. O que peço á Deus, é que as préces que a Elle dirigi n'esse dia, supplicando-Lhe a tua vida, saúde, e felicidade, tenham sido, digo, chegado á Seus bennictos pés; e que sobre ti baixe, a Sua sagrada bençam.⁶⁸⁵

Amélia revela uma grande confiança, quase uma certeza, em relação à eficácia de suas preces, no que também era acompanhada pela filha. Respondendo a uma carta que Sinhá havia lhe escrito, e na qual lhe havia contado que a irmã tinha tido um bom parto, Amélia confirma esta cumplicidade:

Isto, minha boa filha, vêm mais uma vez me convencer, que a préce, quando é sincéra, é sempre ouvida do alto; pois eu d'esde que desconfieei, que Talú estava grávida, orava todos os dias por ella, para que tivesse um parto feliz, e se restabelecesse completamente, ficando bem fórtel Isto te conto, porque sei, que também acreditas, na efficacia da préce.⁶⁸⁶

⁶⁸³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1903.

⁶⁸⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1917.

⁶⁸⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 07 de maio de 1918.

⁶⁸⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1909.

Em 1909, Amélia queixava-se de dor em uma das pernas, decorrente, provavelmente, das caminhadas em busca de uma casa para alugar. Após tentar vários tratamentos para amenizar as dores, ela recorre ao tratamento espírita, e numa das cartas, chega a comentar que já sentia uma significativa melhora:

Graças á Deus, tambem eu tenho melhorado mt.º da dor q. tinha na perna, e dos olhos, com o tratamento espirita, que estou seguindo, ou antes; que há dias comecei; pois já estava cansada de friccionar com q.ºs remedios me aconselhavam, tendo até comprado uma machina vibratória p.a dores. 'Veedee' que aqui é mt.º preconisada, [...] mas que não consegui nada, absolutam.º.⁶⁸⁷

Em carta de dezembro de 1909, Amélia relata que já se achava quase boa, quando ao caminhar por uma calçada, não percebera – pelo “encommodo dos olhos” – uma elevação e, apoiando-se novamente na perna, recalcara o nervo, o que lhe trouxera muitas dores: “parei com o tratam.º Que estava seguindo, appareceu-me de novo o encommodo dos olhos; mas felizmente, não me priva por enquanto, de escrever. Tudo isto, m.ª bôa filha, é a velhice, e eu dou graças á Deus, por que podeia ser peor.”⁶⁸⁸.

Além da saúde, outras questões também motivavam suas preces, como a disputa presidencial em 1910: “Aqui, como ahi, o assumpto é o mesmo: revolução – Hermes – Ruy. Eu, felizmente, abraçada às minhas crenças, não me assusto, mas sinto que não possamos estar juntas e receio que cortem as

⁶⁸⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1909.

⁶⁸⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1909.

comunicações!"⁶⁸⁹, devido à possível entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial:

Enfim, minha querida filha, no meio de tudo isto, anima-me a minha crença na misericórdia de Deus, confiando, que Ele, por Sua infinita bondade, não permitirá que o nosso Brasil, concorra para essa horrível carnificina. Antes d'isso, a guerra terminará: tenho fé.⁶⁹⁰

O tempo imprimia suas marcas no corpo de Amélia, mas a velhice não lhe fazia temer a morte. Seu crescente apego ao Espiritismo e seu – cada vez mais freqüente – fraquejar, são temas recorrentes nas cartas, sobretudo, nos amargos tempos em que perdeu os filhos e os netos. Agora, diante das limitações físicas, ela se dizia conformada: "Eu é que não consegui ainda libertar-me da ferrugem dos joelhos, mas estou conformada com esses sofrimentos, lembrando-me, que podia ser pior! Enfim, confiemos na misericórdia do Pai."⁶⁹¹. Seu problema nos joelhos dificultava sua visitas aos cemitérios: "Não me foi de todo possível ir n'esse dia ao Cemitério, mas foi o Rubens, e levou flôres."⁶⁹²; "Hontem, não me foi possível ir ao cemitério, mas hoje vou levar ao Francisco, as flôres, pelas meninas."⁶⁹³. Assim como Amélia, Sinhá também costumava ir ao cemitério, tradição familiar mantida ao longo dos anos, em especial no dia de finados:

Na primeira [carta] me dizes, ter chegado do cemitério, onde fostes em piedosa visita, levar flôres a teu irmão, que sem

⁶⁸⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 01 de fevereiro de 1910.

⁶⁹⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1917.

⁶⁹¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 1918.

⁶⁹² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1918.

⁶⁹³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1918.

duvida, pedirá ao Senhor, para trocal-as por flôres de Sua Misericórdia, que cairão sobre ti! Avalio o trabalho que tivestes no dia 2, com a ornamentação das moradas dos nossos queridos mórtos, o que de todo coração te agradeço, calculando a belleza d'esse trabalho⁶⁹⁴;

"Assim como tu, tambem eu fui ao cemitérios e cobri de flôres as sepulturas dos que me são tão caros, e a maior parte d'ellas, foram do nosso jardim"⁶⁹⁵.

As visitas ao cemitério também ocorriam nas datas de aniversário, como se depreende deste trecho: "Escrevo -te, lembrando -me, que talvez a esta hora (10 da manhã) estejas no cemitério, cumprindo o piedoso dever de levar a teu pai, algumas flôres, de seu jardim: não é assim?"⁶⁹⁶. E nos aniversários de falecimento, como nesta passagem de uma de suas cartas: "Talvez que à esta hora, (10 da manhã) estejas em piedosa visita, ao tumulo de teu pai; e elle te abençoando, pela tua piedade filial, e rogando a Deus por tua felicidade. Que assim seja!"⁶⁹⁷.

Como podemos perceber, Amélia buscava nortear seus sentimentos pela resignação diante dos fatais golpes que a vida lhe impunha. A tarefa nem sempre era fácil, pois apesar de acreditar num "reencontro no plano espiritual" e na importância das provações para a evolução do espírito, Amélia alternava períodos de crença com momentos de fraqueza. A sua fé, por exemplo, reforçada a partir da crença nas pregações do Espiritismo foi constantemente colocada à prova: nos momentos de dor perante a morte, Amélia referiu ser sua primeira idéia "sempre

⁶⁹⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1903.

⁶⁹⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1917.

⁶⁹⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de setembro de 1917.

⁶⁹⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de março de 1918. De acordo com O Livro dos Espíritos, a visita ao túmulo é uma maneira de mostrar que se pensa no espírito ausente. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos...* op. cit., p. 143.

má”, necessitando de tempo para recompor seus pensamentos, sua concentração e sua fé.

A morte era encarada, à luz do Espiritismo, como o início da verdadeira vida – a do plano espiritual – tanto que Amélia fez referência às bênçãos do Barão destinadas à piedosa filha Sinhá. A morte, afinal, libertava para a vida no além, após um período de estada na Terra.

A baronesa Amélia, assim como ela mesma escreveu, ao referir-se a uma conhecida sua, “abriu a marcha para o além”⁶⁹⁸, “terminou o seu tempo, partio;”⁶⁹⁹ junto às belezas do seu Rio de Janeiro, num dia, também de janeiro, de 1919.

⁶⁹⁸ Carta da Baronesa. Pelotas, 27 de julho de 1916.

⁶⁹⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909. Amélia referia-se à morte de “M.^{me} Gastal”, proprietária de um colégio para meninas no Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Os sentidos, agora, não vêm antes, vêm depois, depois a história e a vida passam, o instante avança na sua duração, e a dúvida se infiltra em grande traço, como um pedaço que não conseguimos mais cortar com o aço das nossas metáforas: o ar, ora pesado, ora leve, que suspiramos ou respiramos, dependendo da situação dos desejos de vida e de morte que sempre nos cercam.”⁷⁰⁰

Antonio Paulo Rezende

A escrita de Amélia se efetivou em meio a uma alternância destes “instantes” que, ora leves, ora pesados, imprimiram marcas em seu corpo, sua alma e nas formas de sentir a vida e o tempo que passava.

Amélia mantinha uma relação de intimidade com o papel e com a pena, escrevendo por necessidade e prazer. As cartas apresentam uma escrita fluente, sem uso de repetições, ritmada pelas vírgulas, responsáveis por pausar a leitura, e que nos dão a impressão de que Amélia “conversava” com a filha. A escrita acompanharia a Baronesa em diferentes momentos de sua vida, levando-a a expressar o prazer que sentia em ser mãe – e, mais tarde, avó –, a reafirmar os vínculos com a família e parentes, a desabafar sobre suas “contrariedades” e “aborrecimentos” e a se divertir ao contar os casos da empregada Véva ou as gracinhas dos netos.

⁷⁰⁰ REZENDE, Antonio Paulo. As seduções do efêmero e a construção da história: as múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo. In: ERTZOGUE, Marina e PARENTE, Temis (orgs.). *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 35.

Alternando a distância e a proximidade, Amélia foi se consolidando como o elo entre as gerações da família, o que se deveu, em parte, à sua longevidade. O passar do tempo veio acompanhado da velhice, dos nascimentos e crescimento dos netos, cada vez mais presentes em sua vida. A conturbada república do café-com-leite, assim como a iminência da Primeira Guerra Mundial, lhe causariam também profunda apreensão. Além disso, Amélia vivia no Rio de Janeiro – capital efervescente, cenário de profundas transformações urbanísticas, culturais e sociais – que recebia ansiosamente as novidades e incorporava novos valores e idéias, dentre as quais, o Espiritismo.

Amélia buscava nele a superação das suas angústias e o consolo para as dores e os sofrimentos decorrentes das doenças e das perdas de familiares que tivera ao longo dos anos. Foram as leituras que Amélia fez sobre Espiritismo que a puseram em contato com a existência do mundo dos espíritos e com a crença na inexistência da morte, o que acabava por consolá-la e confortá-la num período da vida em que lhe faltavam, inclusive, forças físicas para suportar a saudade que sentia, especialmente dos outros filhos que haviam morrido tão precocemente.

A “nova crença religiosa” de Amélia pode ser constatada em muitas das cartas que escreveu, na importância atribuída às preces, às receitas espíritas para a cura das enfermidades, aos conselhos de resignação que ela enviava à filha, e às lições do Evangelho, ouvidas nas sessões que freqüentava na Federação Espírita.

A leitura da revista *La Verdad* deve ter servido para satisfazer, em parte, essa busca por conforto espiritual e o seu gosto por leituras místicas, já que nela Amélia

encontrava artigos sobre ocultismo, relativos a avanços “científicos” e sobre filosofias – as mais diversas – que debatiam sobre as verdades da existência.

Apesar da independência financeira, garantida pela herança deixada pelo Barão – patrimônio formado durante os áureos tempos das charqueadas – Amélia queixava-se, com bastante frequência, de problemas de ordem financeira. O mesmo bico de pena que narrava sentimentos e trivialidades era o que registrava rigorosamente todos os gastos e ressaltava o alto custo de vida no Rio de Janeiro à época. Sua preocupação em administrar o orçamento doméstico – de modo a economizar nas despesas cotidianas – tinha, sem dúvida, uma grande motivação, a manutenção de uma prática de que não abria mão, a de presentear.

Embora o genro Lourival fosse o administrador das estâncias e o responsável pela remessa de dinheiro, Amélia e a filha também tratavam ativamente dos negócios. Era Amélia e, em sua ausência, a filha, que cuidavam da manutenção e recebimento dos aluguéis das casas localizadas no centro de Pelotas, assim como também das minúcias da partilha. Com a divisão do espólio legado pelo Barão, antes virada do século XX, diminuiu consideravelmente o patrimônio de que Amélia podia dispor. A necessidade de conter gastos diante da falta de recursos em espécie se tornou, a partir de então, tema recorrente nas cartas, tendo se somado à preocupação com a administração das “contas” dos netos, que se encontravam no Rio de Janeiro, a fim de continuarem seus estudos.

No tempo em que morou no Rio de Janeiro, muitas foram as dificuldades encontradas pela “velha” Baronesa – como se depreende das mais de quarenta

cartas escritas no ano de 1909 – sendo a principal delas, a que relata a procura por uma casa para alugar. Morar na capital da República também conferia prestígio e a possibilidade de acompanhar as modernidades da *Belle Époque*, num momento em que Pelotas – outrora comparada às grandes capitais – declinava em termos econômicos e culturais. Desde o início do século XX, o espaço urbano do Rio de Janeiro vinha se embelezando e ganhando novos ares, que procuravam atender aos gostos mais requintados e exigentes da elite intelectual e dos visitantes estrangeiros. A movimentação das ruas e a agitada vida social e cultural aumentavam o desejo de Amélia pela presença de Sinhá no Rio de Janeiro, a fim de que pudessem compartilhar a vida e o crescimento dos netos.

Por outro lado, as mudanças tão evidentes no espaço urbano acabaram ocasionando uma incontrolável especulação imobiliária, fazendo com que Amélia tivesse dificuldades em encontrar uma casa que fosse ampla e bem localizada para morar – e acomodar a família quando se encontrasse no Rio –, e, principalmente, para poder deixar a vida dispendiosa em hotéis.

Pouco tempo antes de morrer, Amélia regressou a Pelotas e, novamente, – como nos velhos tempos – voltou a desempenhar a função de administradora do solar, seu antigo lar, contando com o apoio e consentimento da filha. Ausente durante tantos anos, ela se dedicaria à realização de reformas na casa, à contratação de empregados e à remodelação do jardim a seu gosto. Nestes últimos anos de sua vida, a proximidade entre Amélia e Sinhá reforçaria, e até intensificaria, o afeto que sentiam uma pela outra, tão evidente nas cartas que trocaram entre si.

A Amélia que se descortinou para mim nesta dissertação não foi apenas a mulher representante da elite pelotense, detentora de um título de nobreza, mãe de uma prole numerosa e a proprietária daquela espaçosa casa que abriga hoje o Museu da Baronesa. Suas cartas me fizeram vê-la através de uma outra perspectiva, a da *"construção de si"*, que não ficou imune às ambigüidades e às tensões íntimas e cotidianas, que se expressam, por exemplo, na contraposição entre o seu apego às coisas materiais e a sua espiritualidade, entre o rígido controle dos gastos e o hábito incontrolável de presentear familiares e parentes.

Essa *"construção de si"* será – como pudemos constatar e demonstrar nesta dissertação – também e, em grande medida, determinada por uma espécie de acordo entre a remetente e a destinatária de suas cartas, a filha. A expressão usada pela baronesa para concluir as cartas dirigidas à filha – *"Da mãe e amiga Amélia"* – parece nos revelar toda a intimidade e a cumplicidade existentes entre elas, expressas nas confidências que trocavam entre si e na expressão da saudade que sentiam uma da outra.

Ao final dessa investigação, é preciso reconhecer que corremos riscos e ousamos muito ao penetrar no universo das *"Cartas de Amélia"* e ao lidar com as *"suposições subjetivistas controladas"* que, apesar de fascinantes, não deixaram de nos provocar medo, o mesmo que devem ter sentido os membros da família Antunes Maciel – assim como a própria Amélia – ao deixarem a terra firme para embarcar no *"vapor Sirio"* rumo ao Rio de Janeiro.

Os receios e os cuidados, no entanto, não nos imobilizaram ou impediram que nos debruçássemos sobre as cartas de modo fascinado e demorado. Fascínio e dedicação que permitiram que encontrássemos nelas uma Amélia mais humana, uma mulher que, assim como a retratada por Veermer, ansiava e desfrutava – intimamente – do prazer da leitura de uma simples carta.

O tempo foi, por vezes, também nosso inimigo, pois o prazo de dois anos para a conclusão do mestrado tornou impossível a busca de novas fontes – como, por exemplo, aquelas localizadas nos arquivos do Rio de Janeiro –, a leitura de algumas obras e a discussão mais aprofundada de alguns pontos dessa dissertação.

Por outro lado, o período de estudos em Tandil (Argentina), em função do intercâmbio acadêmico firmado entre o Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos e a Universidad Nacional del Centro, possibilitou que pudéssemos localizar e saciar a curiosidade em relação à revista *La Verdad*, a partir da qual entramos em contato com uma face da baronesa totalmente desconhecida dos pesquisadores. Uma Amélia com interesses mais amplos, sobretudo pelo espiritismo, pelas filosofias e religiões orientais.

Muitos dos preciosos temas que surgem das linhas escritas por Amélia não puderam ser explorados nesta dissertação, tais como a medicina doméstica, as relações mantidas com a criadagem, os hábitos alimentares da família e a existência de um Centro Teosófico em Pelotas. Muitas dessas questões ficaram para ser desvendadas, oferecendo-nos a possibilidade de investigações futuras. Por hora, me valho de Amélia para dizer: Adeus: o papel vai se acabando, e eu termino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-ALAM, Caiuá. *A negra força da princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)*. São Leopoldo: UNISINOS. Dissertação de Mestrado em História, 2007.

ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed. UFPel, 2000.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: Unesp, 2005.

BARRETO, Álvaro. *Dias de Folia. O carnaval pelotense de 1890 a 1937*. Pelotas: Educat, 2003.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. In: *Revista Estudos Históricos*. Vol. 2, nº 3, Rio de Janeiro: FGV, 1989. p. 29-42.

BARTHES, Roland. Escritores e escreventes. In: *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1982. p. 31-39.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chystina Venâncio. Laços de papel. In: *Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 5-9.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Leituras das famílias brasileiras no século XIX: o Jornal das Famílias (1863-1878). In: *Revista Portuguesa de Educação*. Vol. 15, nº 002, Braga: Universidade do Minho, 2002. p. 169-214.

BELCHIOR, Elysio de Oliveira e POYARES, Ramon. *Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Senac, Departamento Nacional, 1987.

BORGES, Maria Linhares. *História e Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: RERREIRA, Marieta M. e AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

CARVALHO, Mario Teixeira de. *Nobiliário Sul-Riograndense*. Porto Alegre: Of. Graf. da Livraria do Globo, 1937.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CHARTIER, Roger. Préface. DAUPHIN, Cécile; LEBRUN-PÉZERAT, Pierrette e POUBLAN, Danièle. *Ces bonnes lettres: une correspondance familiale au XIX^e siècle*. Paris: Albin Michel, 1995.

_____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

_____. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

COELHO, Maria Claudia. *O valor das intenções: dádiva, emoção e identidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

COLOMBO, Cleusa Beraldi. *Idéias sociais espíritas*. São Paulo/Salvador: Editora Comenius e IDEBA, 1998.

DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor "comum" no século XVIII. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 231-253.

_____. História da Leitura. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas* São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1992.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de Escrever, Maneiras de Viver: Cartas Familiares no Século XIX. In: *Destinos das Letras: História, Educação e Escrita Epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 75-87.

Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. A leitura: uma prática cultura. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

EXTERNATO SANTO INÁCIO. Site <<http://www.santoinacio-rio.com.br/>> Consultado em 19 de fevereiro de 2008.

FARIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FERREIRA, Mayra Fernanda. Jornalismo infantil: por uma prática educativa. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 29 de agosto – 02 de setembro, 2007, Disponível em <<http://www.adevento.com.br/intercom/2007/resumos/R0769-1.pdf>>. Acessado em 13 de novembro de 2007.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Cartografia da sensibilidade: a arte de viver no campo do outro (Brasil, séculos XVI e XVII). In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder e PARENTE, Temis Gomes. (Orgs.). *História e sensibilidade*. Vol. 01, Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 217-247

FONSECA, Godim da. *Biografia do jornalismo carioca*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1941.

GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádya Battella. *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GILL, Lorena Almeida. A cidade de Pelotas (RS) e as suas epidemias (1890-1930). In: *História em Revista*. nº. 11. Pelotas, dezembro de 2005. p. 191-210.

_____. *O mal de século: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890-1930*. Pelotas: EDUCAT, 2007.

GIUMBELLI, Emerson. Espiritismo e medicina: introjeção, subversão, complementaridade. In: ISAIA, Artur César. (Org.). *Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, A. de C. (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-24.

_____. Nas malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados. In: *Estudos Históricos*. Vol. 11, nº 21. Rio de Janeiro, 1998.

GÓMEZ, Antonio Castillo. "Como o polvo e o camaleão se transformam": modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. In: BASTOS, Maria Helena Câmara, CUNHA, Maria Teresa e MIGNOT, Ana Chystina Venâncio (Orgs.). *Destinos das Letras*. Passo Fundo: UPF, 2002. p.13-55

GONÇALVES, Ladi Maria da Silva. *Os Barões de Três Serros*. Pelotas: UCPel, 1984. (Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Católica de Pelotas).

GUTIERREZ, Ester. J. B. *Barro e sangue: mão de obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)*. Porto Alegre: PUCRS. Tese de Doutorado, 1999. Id. *Negros, charqueadas e olarias*. Um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: ed. UFPel, 2001.

HESSEL, Lothar. (Reorg.). *Popularium Sul-rio-grandense: estudo de filologia e folclore/ Apolinário* Porto Alegre. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS/ IEL, 2004.

KARDEC, Allan. *O que é Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1979.

LEAL, Noris. *Museu da Baronesa: acordos e conflitos na construção da narrativa de um Museu Municipal – 1982 a 2004*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. (Dissertação de Mestrado em História).

LEMOS, Renato (Org.). *Bem traçadas linhas: a história do Brasil em cartas pessoais*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

LEWGOY, Bernardo. O sincretismo invisível: um olhar sobre as relações entre catolicismo e Espiritismo no Brasil. In: ISAIA, Artur César. (Org.). *Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Universitária, 2001.

_____. Jornais diários na República Velha. *Ecos Revista*. Pelotas: UCPel, v.2 , nº 1, abril/1998, p. 5-34.

LUCIA, Daniel Omar de. Luz y verdad. La imagen de la revolución rusa en las corrientes espiritualistas. In: *El Catoblepas*. Nº 07, set. 2002.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: UFPel/Mundial, 1993.

MALUF, Marina. *Ruídos de Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle. (Org.). *História da vida privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 193-261.

MAUAD, Ana Maria e MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da viscondessa do Arcozelo. In: GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 197-228.

MELLO, Marco Antônio Lírio de. *Reviras, batuques e carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas*. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 1994.

MIGNOT, Ana C; BASTOS, Maria H; CUNHA, Maria T (Orgs.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MORAES, Silvia Beatriz Pierebom. *Os casamentos entre descendentes de nobres pelotenses na segunda metade do século XIX*. Pelotas: UFPel, 1997. (Monografia de conclusão do curso de Licenciatura Plena em História).

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Os cativos e os homens de bem: experiências negras no espaço urbano. Porto Alegre – 1858-1888*. Porto Alegre: EST Edições, 2003.

MOURA, Rosa M. Garcia Rolim de. *Habitação Popular em Pelotas (1888-1950) entre políticas públicas e investimentos privados*. Porto Alegre: PUCRS, Tese de Doutorado, 2006.

MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. *Os guardados da viscondessa: fotografia e memória na coleção Ribeiro de Avellar*. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010147142006000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Consultado em 05 de setembro de 2007.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OGNIBENI, Denise. *Charqueadas Pelotenses no século XIX: Cotidiano, estabilidade e movimento*. Porto Alegre: PUC, 2005. Tese de doutorado.

OLIVEIRA, Luciene Guimarães de. *A bela e a fera, de Jean Cocteau: cinema e artes plásticas*. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-04/trabalhos/09.htm>>. Acesso em 28 de agosto de 2007.

PAULA, Débora Clasen de. *O desejo de ritmar o escoamento do tempo: as correspondências como fonte e objeto da história*. Pelotas: UFPel, 2007.

PERROT, Michelle. A vida em família. In: PERROT, Michelle. (Org.). *História da vida privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 419-501.

_____. Figuras e papéis. In: PERROT, Michelle. (Org.). *História da vida privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 121-186

_____. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*, nº 4, 2004, disponível em <www.ehess.fr/Revue>, acessado em 24 nov. 2007.

REGUERA, Andréa. *Patrón de Estancias*. Ramón Santamarina: una biografía de fortuna y poder en la pampa, Buenos Aires, EUDEBA, 2006.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: UFRJ/UNICAMP, 1993.

REZENDE, Antonio Paulo. As seduções do efêmero e a construção da história: as múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo. In: ERTZOGUE, Marina e PARENTE, Temis (orgs.). *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 35.

SANTOS, I. F. de Assumpção. *Uma linhagem Sul Rio-Grandense: os "Antunes Maciel"*. Instituto Genealógico Brasileiro: Rio de Janeiro, 1957.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História Unisinos*. Vol. 08, nº 10, São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 137-139.

SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: Nicolau Sevcenko. (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: da Belle époque à era do rádio*. 3ª ed. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 513-619.

SUTTNER, Bertha de. *Abaixo as armas!* Tradução Ernesto Alves. Rio de Janeiro: Flores e Mano editores. 3ª edição Sd. p. 06.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TOMASCHEWSKI, Cláudia. *Caridade e filantropia na distribuição da assistência: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas – RS (1847-1922)*. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação de Mestrado em História, 2007.

VON DER WEID, Elisabeth. Bota abaixo! In: *História viva*. Fevereiro de 2004. p. 78-83.

XAVIER, Francisco Cândido. *Contos desta e Doutra vida*. Rio de Janeiro: FEB, 1964.

FONTES PRIMÁRIAS

Acervo do Museu Municipal Parque da Baronesa

Carta do Barão. "Cid do Jag^m 10 m.^{co} de 1865".

Carta de Aníbal. Porto Alegre, 28 de novembro de 1890.

Carta de Sinhá. Pelotas, 08 de abril de 1897.

Carta da Baronesa. Pelotas, 10 de maio de 1885.

Carta da Baronesa. Pelotas, 04 de julho de 1885.

Carta da Baronesa. Paquetá, 17 de abril de 1899.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1899.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1899.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1899.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1899.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1899.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1899.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1899.

Carta da Baronesa. São Domingos, 20 de setembro de 1900.

Carta da Baronesa. São Domingos, 23 de setembro de 1900.

Carta da Baronesa. Curitiba, 07 de agosto de 1903.

Carta da Baronesa. Curitiba, 19 de agosto de 1903.

Carta da Baronesa. Curitiba, 03 de setembro de 1903.

Carta da Baronesa. Curitiba, 06 de setembro de 1903.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1903.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1903.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1903.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1903.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1903.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1903.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1907.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de abril de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de maio de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 26 de maio de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 1º de junho de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de junho de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 15 de junho de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 18 de junho de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 1º de julho de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de agosto de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 05 de outubro de 1909.

Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1909.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1910.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1910.
Carta da baronesa. Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1910.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1910.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1910.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1910.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 01 de fevereiro de 1910.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de fevereiro de 1910.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1910.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1910.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de março de 1910.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 15 de março de 1910.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de março de 1910.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de março de 1910.
Carta da Baronesa. Pelotas, 12 de julho de 1916.
Carta da Baronesa. Pelotas, 17 de julho de 1916.
Carta da Baronesa. Pelotas, 27 de julho de 1916.
Carta da Baronesa. Pelotas, 1º de agosto de 1916.
Carta da Baronesa. Pelotas, 28 de agosto de 1916.
Carta da Baronesa. Pelotas, 02 de setembro de 1916.
Carta da Baronesa. Pelotas, 09 de setembro de 1916.
Carta da Baronesa. Pelotas, 19 de setembro de 1916.
Carta da Baronesa. Pelotas, 30 de setembro de 1916.
Carta da Baronesa. Pelotas, 07 de outubro de 1916.

Carta da Baronesa. Pelotas, 08 de novembro de 1916.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1916.
Carta da Baronesa. Pelotas, 06 de dezembro de 1916.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de junho de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de setembro de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 05 de outubro de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1917.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 1918.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1918.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1918.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de fevereiro de 1918.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1918.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1918.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 12 de março de 1918.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de março de 1918.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de abril de 1918.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1918.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 07 de maio de 1918.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de maio de 1918.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1918.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1918.
Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1918.

Cartão Postal da Baronesa. Rio de Janeiro, 21 de julho de 1909.

Contas da Baronesa. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1910.

Contas da Casa. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1915.

Entrevista realizada por Carla Rodrigues Gastaud com Magali Antunes Maciel - bisneta da Baronesa - em 07 de dezembro de 2001 no Museu da Baronesa.

Acervo fotográfico da família Antunes Maciel

Mitra Diocesana de Pelotas – Setor Arquivo

Livro de Batismos n. 12 (1863-1865) da Igreja Matriz São Francisco de Paula.

Livro de Batismos n. 13 (1865-1868) da Igreja Matriz São Francisco de Paula.

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul

Inventário do Barão de Três Serros. Nº 1071, Maço 60, Estante 25, Ano 1887. 1º Cartório de Orphãos e Provedoria.

Testamento de Aníbal Antunes Maciel. Nº 1814, Maço 87, Estante 06, Ano 1874. 1º Cartório de Orphãos e Provedoria de Pelotas.

Testamento de Francisco Aníbal Antunes Maciel. Nº 3063, Maço108, Estante 06, Ano 1877. 1º Cartório de Orphãos e Ausentes de Pelotas.

Testamento de Anibal Antunes Maciel 11 de agosto de 1885 anexado ao Inventário do Barão de Três Serros. Nº 1071, Maço 60, Estante 25, Ano 1887. 1º Cartório de Orphãos e Provedoria.

Biblioteca Pública Pelotense

- Jornal A Opinião Publica. Pelotas, 21 de julho de 1903. N° 166.
Jornal A Opinião Publica. Pelotas, 29 de agosto de 1903. N° 199.
Jornal A Opinião Publica. Pelotas, 26 de setembro de 1903. N° 222.
Jornal A Opinião Publica. Pelotas, 08 de janeiro de 1909.
Jornal A Opinião Publica. Pelotas, 09 de janeiro de 1915.
Jornal A Opinião Publica. Pelotas, de 08 de Julho de 1916. N° 154.
Jornal A Opinião Publica. Pelotas, 18 de maio de 1917. N° 112.
Jornal A Opinião Publica. Pelotas, 05 de novembro de 1917. N° 246.
Jornal A Opinião Publica. Pelotas 15 de janeiro de 1919. N° 12.
Jornal A Opinião Publica. Pelotas, 23 de dezembro de 1919. N° 294.
Jornal Diário de Pelotas. Pelotas, 22 de março de 1887. N° 217.
Jornal Correio Mercantil. Pelotas, 22 de março de 1889. N° 69.
Jornal Diário Popular. Pelotas, 13 de Janeiro de 1916. N.10.

Biblioteca Nacional Argentina – Sala de publicaciones periódicas antiguas Roberto Arlt.

- Revista La Verdad. Buenos Aires, 1° de maio de 1905. Ano 01. N° 01.
Revista La Verdad. Buenos Aires, 1° de junho de 1905. Ano 01. N° 02.
Revista La Verdad. Buenos Aires, 1° de julio de 1905. Ano 01. N° 03.
Revista La Verdad. Buenos Aires, 1° de agosto de 1905. Ano 01. N° 04.
Revista La Verdad. Buenos Aires, 1° de setembro de 1905. Ano 01. N° 05.
Revista La Verdad. Buenos Aires, 1° de dezembro de 1905. Ano 01. N° 08.
Revista La Verdad. Buenos Aires, 1° de abril de 1906. N° 12.
Revista La Verdad. Buenos Aires, 1° de setembro de 1907. N° 29.
Revista La Verdad. Buenos Aires, 1° de janeiro de 1908. N° 33.
Revista La Verdad. Buenos Aires, 1° de maio de 1909. N° 01.

Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas

SANTOS, I. F. de Assumpção. *Uma linhagem Sul Rio-Grandense: os "Antunes Maciel"*. Instituto Genealógico Brasileiro: Rio de Janeiro, 1957.

ANEXOS

ANEXO 1



Solar da Baronesa antes da reforma. Acervo: MMPB 2184



Foto atual do Museu da Baronesa

ANEXO 2

do com que fico, quando o Edgard vai
ao Collegio, parcendo-me sempre que
elle vitta doente, mas graças a Deus
vai indo bem, e não se queira de mt.
Calor. O pobre do Ceará, e que foi
infeliz em seus exames, e que sente
Acantante, pois elle estudou, e não o re-
spar de trocas, H. Elle nas reflexões
do exame, me disse, que se se dançasse
bem, seria panta. Comtigo, o que
mt. me lembrou, pela ex. potanidade,
(eu já tinha dito, que ia Comidal. o n. n.
se dia, arranjar um jantarinho melhor,
enfaticamos a mesa, (para encobrir a
tas H.) e a esperamos, até as 7 horas, e me-

20
Rio de Janeiro: 22 de Jani.
Minha querida filha.
Como passas? Como são Lou-
rival e querido neto? Tuam. melhora-
do, si que estão com Coque buche? Ca-
ta. Hilda por saber, poi não me sabem
na idia. E nada de Amia? Tem je-
to ahí mt. Calor? Aqui é inaporta-
vel, a certas horas do dia, depois refra-
ca um pouco. Confesso-te que é um
dos vícios que Mais Calor tanto anti-
do: já tem havido Saicos. Casos de
mortação! Mas imaginas o me-

ANEXO 3

termino esta, e beijando aos queridos
 netos, emma-te e a Lourival, saudo:
 aos abraços a -
 Mãe e Am. do C.
 Amélia.
 Abraços de Edgard,
 Irene, Viva e saudações de Diego.
 Adeus: até... quando? A.

A carta p. D. Eulália, via por outro
 vapor, porq. não tive tempo para es-
 crever-lhe.

MPE 1265

elle ao pai no dia seguinte, e mt. de-
 sabentado: ammei-o mt. Que el-
 le, que não vai o Sul, com modo da...
 -prim a Chequinha! A D. Eulália,
 não tem accastado bem, agora, com os me-
 -us Casaguiños, por isso escrevo-lhe apli-
 cando as medidas. Já mt. que não
 tenho cartas d'Alvira: Como são ellas?
 Também não tenho tido, nem o Edgard
 de Lulu. Negrophei ao Lancudo, e este
 respondeu-me! Regularmente? Tem
 havido por lá alguma louca?
 Eu comecei de novo o tratam ento
 -me mt. melhor. Pedindo
 ao bom Deus, saúde para ti, e os teus,

ANEXO 4



Busto da Baronesa. Incrições; Inglez / Tavares Sobrinho / Sucessor de Carneiro & Gaspar 54 Rua de Gonçalves Dias, 54, Rio de Janeiro. Acervo: MMPB 1901

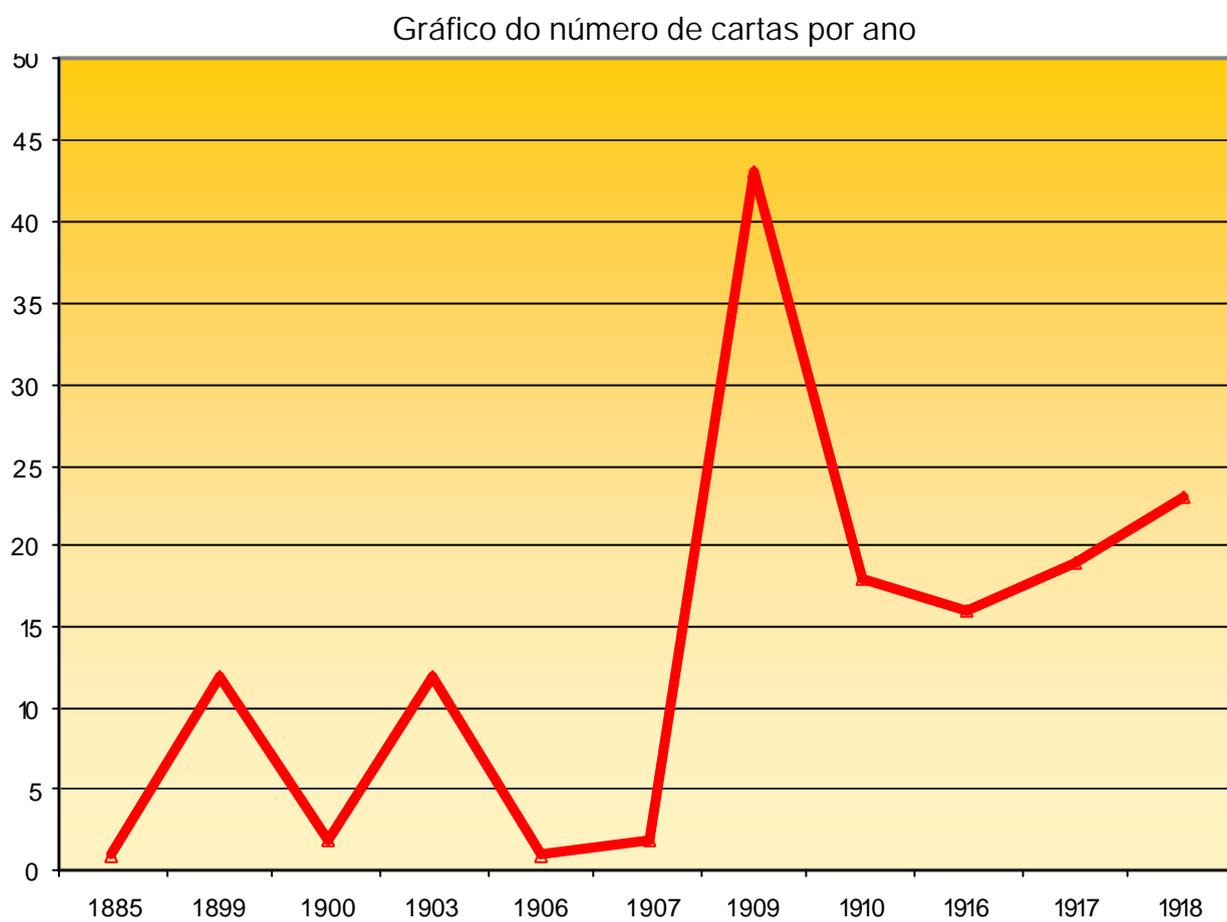


Barão de Três Serros. CARVALHO, Mario Teixeira de. Nobiliário Sul-Riograndense. Porto Alegre: Of. Graf. da Livraria do Globo, 1937. Acervo: MMPB

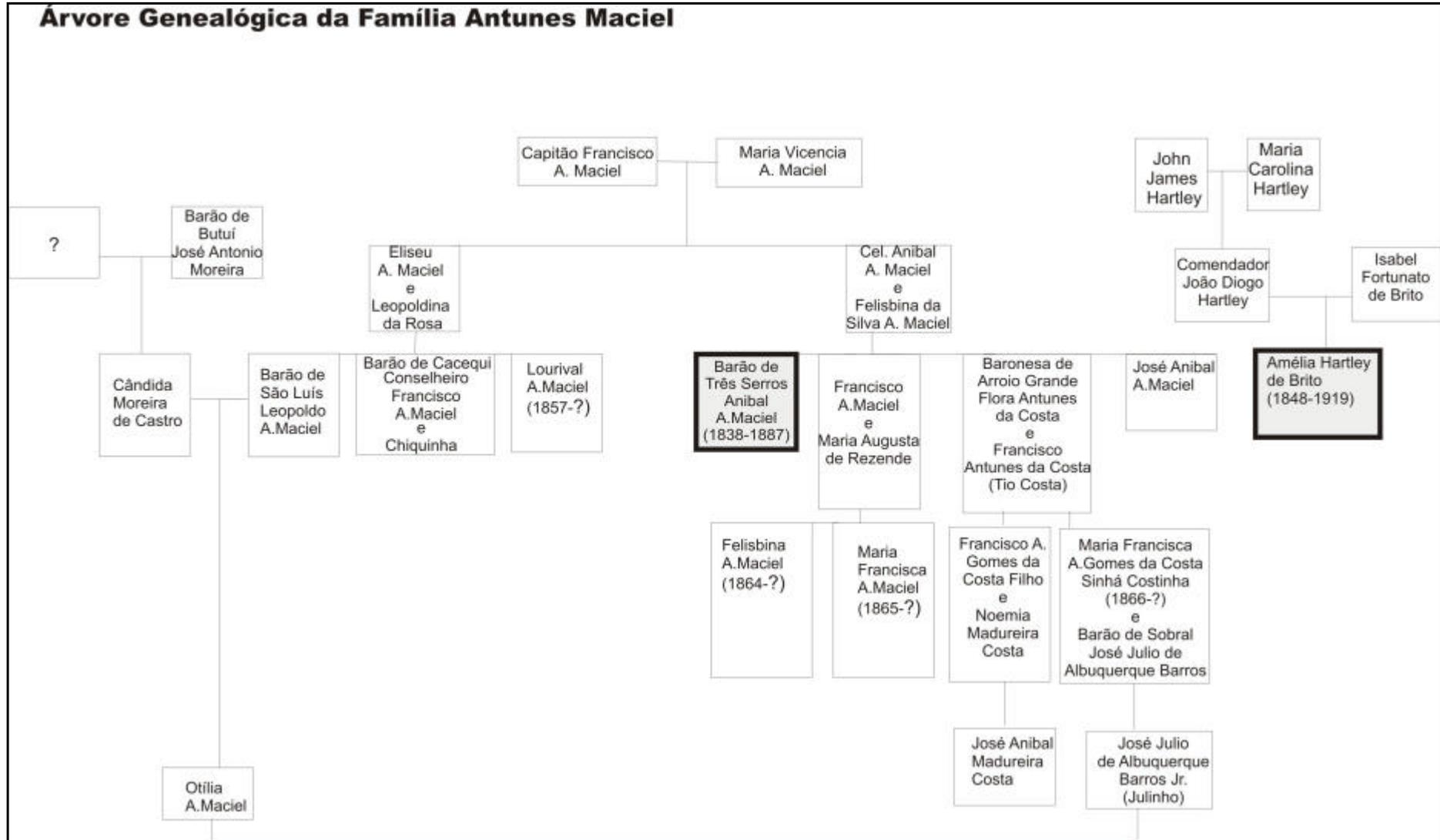


Lourival Antunes Maciel, a Baronesa Amélia e sua filha Sinhá. A Baronesa de Três Serros – Amélia Hartley Antunes Maciel entre sua filha Sinhá Amelinha e seu genro Lourival Antunes Maciel. Incrições: Post Card. Acervo: MMPB 1882

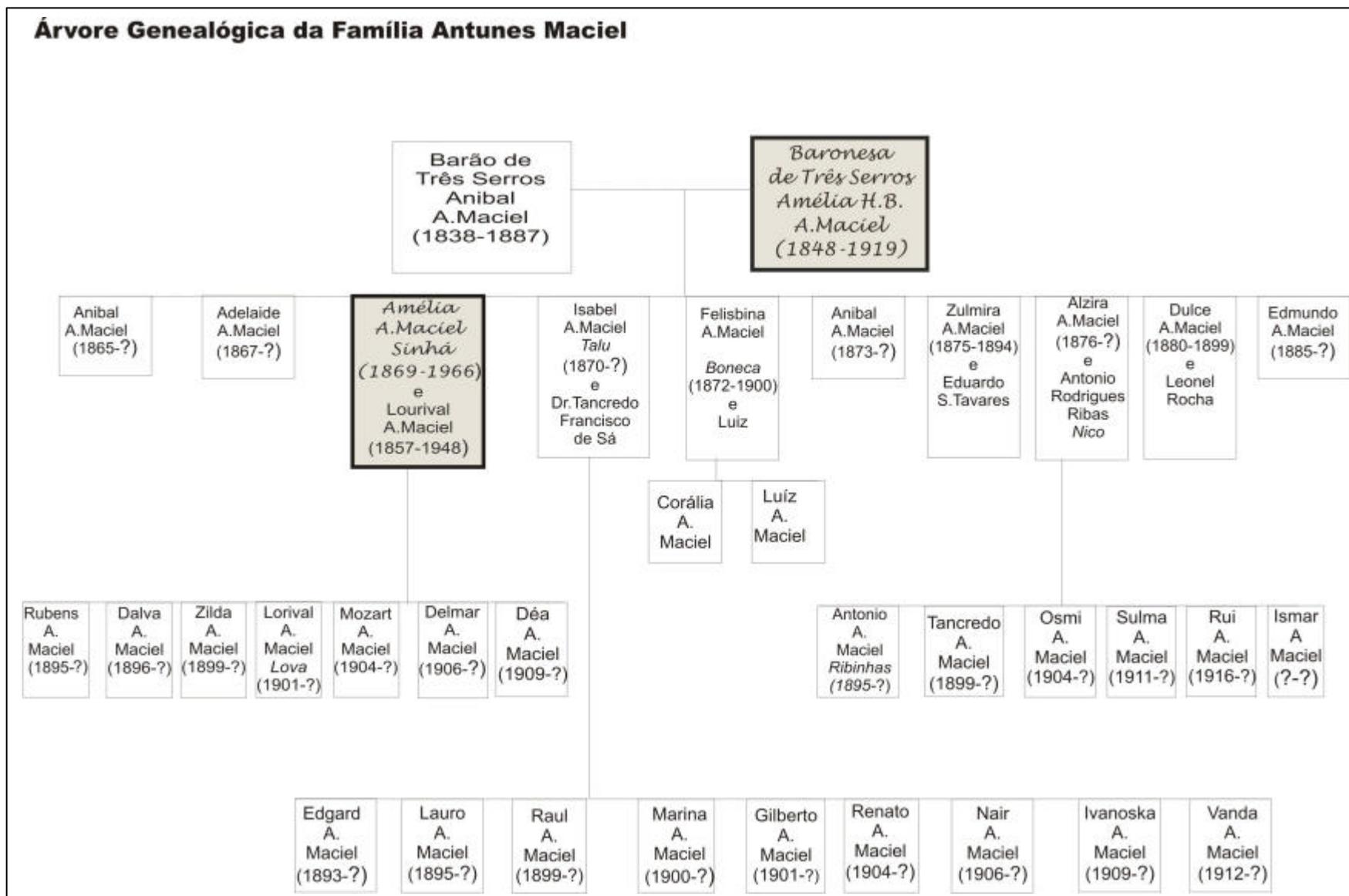
ANEXO 5



Árvore Genealógica da Família Antunes Maciel



Árvore Genealógica da Família Antunes Maciel



ANEXO 8



Fotografia tirada da família de D. Sinhá e Lourival em Pelotas, no dia 31 de março de 1923. Inscrição: Em pé, da esquerda para a direita: Rubens, Lourival (Lóca), Delmar, Mozart. Sentados esquerda para a direita: Déa, Vovó Sinhá, Vovô Lourival e Zilda. 31.03.1923 L. Lanzettas Pelotas. "Fotografia 14 dias antes do meu casamento. Em 14.04.1923" Zilda Antunes Maciel. Acervo: MMPB 1975.

ANEXO 9



Cartão postal enviado por Amélia a neta Zilda. MMPB 1321



Desfile de Zilda Antunes Maciel, Rainha do carnaval de 1917 pelo Clube Diamantinos. Acervo: MMPB

